

1

DUOLOGIA IRMÃOS BELLINI

Sintonizado em você

UM ROMANCE ESCRITO POR

LIZ FERRER

1 DUOLOGIA IRMÃOS BELLINI

Sintonizado em você

UM ROMANCE ESCRITO POR

LIZ FERRER

Copyright © 2023 Liz Ferrer
SINTONIZADO EM VOCÊ

Capa: Genevieve (@gbdesigneditorial)
Revisão: Maria Paula Emery (@revisamaria)
Leitura Crítica: Maria Paula Emery (@revisamaria) e
Danielly Cardoso (@mulherdoslivros)
Diagramação: C. Oliveira (coliveiraportfolio)

Esta é uma obra literária de ficção. Todos os nomes, personagens, lugares e acontecimentos retratados aqui são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência. Todos os direitos são reservados à autora. São expressamente proibidas a distribuição ou reprodução de toda e qualquer parte desta obra por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a prévia permissão da autora.

Este livro é dedicado a todos que
desejam um amor que liberta.

Sumário





NOTA DA AUTORA
PLAYLIST
EPÍGRAFE
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
CAPÍTULO QUARENTA E UM
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
CAPÍTULO QUARENTA E SETE
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS

Nota da autora

Por incrível que pareça, esse é o meu livro com menos gatilho.

Quem diria que eu, Liz Ferrer, teria a capacidade de escrever 300 páginas de uma obra e não colocar nenhum tema necessariamente pesado, hein? Um Pouco Demais está chorando nesse exato momento!

KKKK, mas brincadeiras à parte, ainda que se trate de um romance água com açúcar, levinho e apaixonante, vai aí os possíveis gatilhos que podem sentir durante a leitura:

1. Assédio sexual em ambiente de trabalho;

2. Luto.

E esse aqui, que foi o que mais me pegou enquanto escrevia:

3. Casal feliz.

Aos solteiros, recomendo passarem longe! Kkkkkkk.

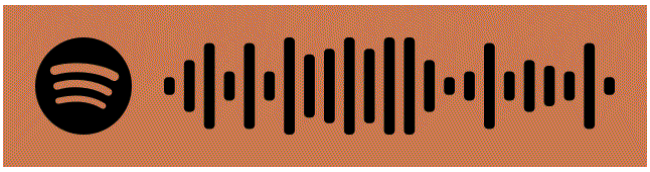
No mais, isso é só. Espero, de coração, que possam se apaixonar por Faith e Aiden como eu me apaixonei carinha com corações. Posso demorar um pouquinho para responder, mas minha DM está aberta para surtos, ok??

Com amor, Liz.

Playlist

Ouça minha playlist:

Sintonizado em você.



Epígrafe

É loucura odiar todas as rosas
porque uma te espetou.
O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry

01

Faith Mackenzie



Eu odeio o meu chefe.

Sem eufemismo. Esse cara consegue ser a pessoa mais insuportável que já pisou na terra e que eu tive o *des*prazer de conhecer.

Além de ser obrigada a conviver com ele, o que torna tudo ainda pior.

O mais irônico é que ninguém me obrigou a aceitar o cargo de garçonete em uma das maiores — e famosas — cafeterias de Seattle, com franquias em todo o país, mesmo eu sabendo que, no lugar de CEO, a Bellini’s Café possui um diabo sentado na cadeira de couro a uma escada de distância, vestindo terno e gravata. Acontece que quando se está precisando de dinheiro, o ser humano comete as maiores loucuras.

Sinceramente? Estou começando a me perguntar se não vale mais a pena fazer empréstimos bancários todos os meses até a minha formatura, do que passar por esse estresse e humilhação só para conseguir pagar minha faculdade.

— Lá vem ele — Sloane, minha melhor amiga e parceira de trabalho, cochicha no meu ouvido. — E parece bem bravo, por sinal.

Gemo, frustrada.

— E quando ele *não está*, Slo?

— Você tem razão. — Uma risada nervosa escapa de seus lábios. — O que eu quero dizer é que… hum… ele parece estar bravo particularmente com *você*.

— O quê? *Comigo?!* — sussurro-grito, engolindo em seco quando o rosto frio e irritadiço de Aiden entra no meu campo de visão. — Droga.

— Srta. Patrícia, acompanhe-me até a sala. — Sua voz rígida estremece minha espinha. — *Agora*.

De recado dado, ele simplesmente vira e sai, abotoando o paletó conforme sobe os degraus.

— Você está ferrada, *Patrícia*. — Sloane ri e eu reviro os olhos.

Cansei de tentar explicar ao amargurado lá em cima que meu nome é Faith, não Patrícia, Jéssica, Hannah ou qualquer outro que ele decida me chamar. Nunca sei se isso é uma das diversas formas de deixar claro o quão insignificante eu sou ou se ele realmente não se lembra de como me chamo. Considerando sua idade, eu não duvido de que se trata da segunda opção, mas, poxa, ele tem um relatório com as informações até dos antepassados de cada funcionário.

— Será que ele vai adiantar minha demissão? — digo, camuflando meu medo com um leve tom divertido.

— Pare de gracinhas, Faith. Nós duas sabemos que ficar desempregada é a última coisa de que precisa agora.

Bem, ela está certa.

— Certo. — Desfaço o laço do avental vermelho e o dobro, guardando num compartimento debaixo do balcão. — Vou lá ter uma

conversinha com o di… nosso chefe.

Embora eu tenha a plena convicção de que não fiz nada de errado, os passos trôpegos que dou ao andar pelo corredor, em busca de sua sala, deixam explícito para qualquer um o quanto estou nervosa. Não pelo sermão que provavelmente irei levar, mas pelo *nível* do sermão. Bobo o bastante para não passar de um aviso ou grave o suficiente para me levar à demissão?

Não, não, não. Não posso ser demitida, não agora. Não com tanta coisa que ainda preciso estabilizar na minha vida.

Posso odiar Aiden o quanto for, porém não posso dizer que sua idiotice o leva a tratar os funcionários como escravos. Na verdade, ainda que eu odeie admitir, ele é bem… justo? Temos uma carga horária flexível ao nosso dia a dia e recebemos bem. *Muito* bem. Tão bem que eu não me dou ao luxo de me demitir só por não simpatizar com o nosso superior.

Suando frio, enxugo as palmas suadas na saia e ergo a mão em punho, batendo na porta e anunciando minha chegada. Faço isso por quatro vezes seguidas antes de constatar que não há ninguém no escritório.

Estranhando, já que não faz nem cinco minutos que me chamou, giro a maçaneta, relutante, e me dou a liberdade de adentrar nos aposentos do meu chefe e esperar por ele sentada no sofá.

Quer dizer… *era* o que eu estava planejando fazer, até ter o belo deslumbre de uma estante, ao lado de sua mesa, recheada por livros. Não livros de autoajuda, negócios ou Direito. Livros *mesmo.* Daqueles que te fazem emergir na leitura e só dá vontade de parar quando acaba.

Uh, não sabia que Aiden Babaca Bellini é um amante da arte literária e que tem um gosto tão bom.

Passo o olhar pelas lombadas, aparentemente sem nenhum resquício de poeira, o que diz muito sobre a importância que esse cantinho tem para o

sr. Rabugento. Paro de averiguar as centenas de livros quando minha visão pousa sobre um exemplar antigo de “O Pequeno Príncipe”. Deslumbrada e sem conseguir me conter, me aproximo das enormes prateleiras, apanhando, com cuidado, o livro em mãos.

É o meu favorito dentre tantos que já li. Tenho sempre a sensação de que, não importa quantas vezes eu leia, sempre vou sentir a mesma emoção da primeira vez.

— Acha que bisbilhotar o escritório do seu chefe é uma boa maneira de se manter neste emprego?

Uma série de coisas acontecem após a voz profunda, cortante, autoritária e grave dispersar meu momento de admiração:

Sofro um sobressalto severo, daqueles que acarretam a queda de qualquer que seja o objeto que você esteja segurando;

Engasgo violentamente ao ponto de começar a tossir de forma descontrolada;

Tropeço nos meus próprios pés ao tentar resgatar o livro do chão;

Tenho a sensação de que estou caindo;

Hum… Braços fortes me alcançam antes que eu caia feito um pato no tapete italiano que deve ter custado todos os meus órgãos.

— Por Deus! O que deu em você?! — Aiden esbraveja, me levantando como se eu fosse um peso de papel e me “ajudando” a firmar os pés. Nada delicado, ele toma o livro das minhas mãos, checando se amassou ou algo pior aconteceu.

Pela expressão aliviada, creio que continua impecável, e quase choro por isso.

— Você me assustou.

— Ah, é claro que se assustou. Aconteceria a mesma coisa comigo se meu *chefe* tivesse me pegado mexendo nas coisas dele.

Aiden passa por mim, a fim de recolocar o exemplar no seu devido lugar, e eu travo. Assim, tão de perto, tenho perfeita consciência do seu perfume amadeirado, seus músculos ridiculamente fortes repuxando o paletó que havia sido feito sob medida, o maxilar quadrado e cerrado com uma força descomunal, despontando um osso da mandíbula.

Aiden Bellini não deveria ser tão atraente, mas ele é. No entanto, tenho certeza que meus joelhos estarem tremendo feito gelatina agora não têm nada a ver com sua beleza, e sim com o que o homem por baixo de toda essa beldade pode fazer. Se eu não tinha dado nenhum motivo aparente para comparecer à sua sala, *agora* isso mudou. Se ele quiser me demitir, tenho certeza que há bons motivos para isso.

Aliás, se “bisbilhotou minha estante e derrubou um dos meus livros” for um bom motivo para demitir alguém.

— E-eu não estava mexendo nas suas coisas — gaguejo diante de suas íris azuis e penetrantes.

— Não? Então me diga, Patrícia, o que estava fazendo?

— É *Faith*. — Suspiro, resistindo à ânsia de rolar os orbes quando o homem esboça um sorriso ladino, debochado. — O senhor me chamou, eu vim, mas quando cheguei aqui, não estava. Decidi entrar e sentar, só que… eu não consegui quando vi a estante. Adoro ler, e nutro um carinho especial por “O Pequeno Príncipe.” Notei que esse exemplar é bem antigo… Acabei me interessando e quis dar uma olhada.

— Ou seja, mexendo nas minhas coisas — rebate, cruzando os braços.

Bufo.

— Assim faz parecer que eu cometi algum tipo de crime.

— *Crime* não, porém infringiu, sim, uma regra bastante importante do contrato.

Só mais dois anos, Deus, repito mentalmente. *Só mais dois anos.*

— Certo, desculpe-me. Não irá mais acontecer. — Pigarreio. — Por que me chamou?

A carranca do homem se aprofunda. Seus lábios ficam estreitos e as sobrancelhas faltam se fundir uma à outra. Sério e sem nenhum traço de diversão no semblante ao sentar-se na cadeira acolchoada, eu começo a me preocupar.

Cacete, o que eu fiz de errado?!

Procuro não ficar intimidada com o jeito que ele me encara, como se pudesse enxergar além do que estou mostrando. Sua intensidade me faz querer sair correndo o mais rápido que posso. É sufocante ter que ficar sob a mira de Bellini. Aterrorizante, até. Porque nunca se sabe o que ele pode fazer ou falar depois de seus escrutínios.

— Na última semana, recebi *reclamações* de alguns clientes sobre algo que eles vêm presenciando há algum tempo aqui, na lanchonete — começa pausadamente, como se quisesse me testar. Tento não deixar óbvio a tensão que toma meu corpo.

— Reclamações? Sobre mim? — solto, incrédula. — Jesus! Eu dou o meu melhor nesse lugar e tenho certeza de que sou a garçonete favorita de muitos clientes. Não estou entendendo.

Aiden ignora meu mini-surto e volta a falar:

— Como essa situação estava ficando recorrente, decidi ir atrás e procurar saber o motivo da insatisfação de tantas pessoas em relação a você. — Ele tomba a cabeça para o lado, correndo o olhar pelo meu rosto. — E descobri.

Pisco, sem acreditar.

— Mesmo? O que eu fiz então para gerar tanta revolta por parte da clientela? — debocho, impaciente.

Aiden se esparrama na cadeira giratória, Sem. Nunca. Tirar. Os. Olhos. De. Mim.

Por que isso está me desconcertando tanto, droga?!

— Descobri que anda tendo interações *íntimas* demais com um homem no meu estabelecimento. — Ergue uma sobrancelha. — Eu pensei que tinha lido o contrato antes de assinar e aceitar trabalhar conosco, srta. P…

— *Faith*.

— Patrícia. — Dá um sorriso curto. *É real, ele faz isso na intenção de me provocar.* — Mas, pelo visto, não. Caso contrário, saberia que é terminantemente proibido ter qualquer tipo de interação romântica, afetuosa ou sexual entre funcionários e clientes durante o trabalho. — Eu não consigo segurar a risada descrente que foge da minha garganta. — O que é tão engraçado?

— Hum… tudo? Principalmente a parte em que você intitula beijar a *bochecha* de alguém, apenas uma única vez, na semana *passada*, como algo fora do normal. — Respiro fundo. — Ele é meu irmão, sr. Bellini. Tinha acabado de passar no curso dos sonhos. Peço perdão se gerei tanto desconforto em *tantas* pessoas ao partilhar da felicidade que ele estava sentindo na hora e eu, como irmã, também.

O que eu digo o desnorteia. Sei disso pela sua testa enrugada, confusa; as íris, antes afiadas, estão perdidas, questionadoras; a postura tão confiante e cheia de si, agora se assemelha como se carregasse mil toneladas de perguntas nas costas.

— Seu irmão?

— Sim, meu *irmão*. O que achou? Que fosse meu namorado?

Uma sombra perpassa o rosto do homem, mas é tão rápido que nem tenho certeza se algo em sua feição mudou.

— Alguns… alguns clientes acharam que sim. — Limpa a garganta, empertigando a coluna na cadeira. — Foi um engano.

— Iria me demitir por causa de um engano?

— Eu não iria demitir você — diz, e parece sincero.

— Não?

— Não.

— Ah. — Enrolo meus cachos nos dedos, ponderando, tão feliz que não serei demitida que é provável que eu compre uma caixa de fogos de artifício quando sair daqui. — Certo, bem… Posso voltar para o meu trabalho?

— Fique à vontade. — Ele aponta em direção a porta, abaixa o rosto para os papéis que recém pegou e, simples assim, minha presença se torna inválida.

Eu saio sem esperar por uma segunda ordem.

Mais um dia intacta das mãos do diabo.

02

Faith Mackenzie



Chegar em casa depois de uma manhã cheia na faculdade e uma tarde corrida no trabalho poderia ser considerado a primeira maravilha do mundo, antes mesmo da Grande Pirâmide de Gizé, o Mausoléu de Halicarnasso, o Templo de Ártemis… Sério, absolutamente nada pode ser comparado com a beleza de uma caminha quente e arrumada te esperando após um dia intenso.

De banho tomado e pronta para pedir um delivery enquanto estou muito bem jogada entre os lençóis e travesseiros, ligo, primeiramente, para Thomas, meu irmão. Ele está morando a algumas quadras daqui com a namorada, que, como ele, está cursando direito em uma das universidades mais disputadas de Seattle. São aquele tipo de casal que já têm a vida planejada, cada passinho dela, e que crescem juntos no desejo de serem bem-sucedidos.

Eu os admiro, de verdade. Em algum momento até cheguei a sentir inveja.

Depois que descobri a traição de Hawking e terminei com ele, passei a me questionar sobre como seria ter um parceiro que te apoia, tem os mesmos planos de vida que você, te completa e te põe para cima. Com vinte e um anos, um relacionamento fracassado, diversos encontros que não deram certo e um irmão que fala da namorada como se estivesse falando sobre uma joia preciosa, fica difícil não pensar no meu azar para homens e que é bem provável que eu morra sozinha.

Thomas Mackenzie atende no quarto toque, seu sorriso contagiante preenchendo a tela.

— *Fala, maninha.*

— Só liguei para confirmar se ainda está vivo — brinco, virando no colchão.

— *E por que eu não estaria, pirralha?*

Reviro os olhos.

Sou apenas um ano mais nova do que ele, mas Thomas insiste em agir como se eu fosse a criança da relação.

— Sabe, ainda é difícil acreditar que é seu sétimo dia morando sozinho e que continua intacto. Estava esperando sair nos noticiários que você pôs fogo no apartamento tentando cozinhar ou que teve queimaduras de terceiro grau depois de exagerar no banho quente, coisas assim. Pelo visto, está sabendo se virar sozinho sem mim.

— *Ha-ha-ha* — desdenha. — *Seu humor é realmente questionável. E só pra constar, eu moro com Stacy, não sozinho.*

— Aposto que é ela quem está te mantendo nas rédeas.

Thomas dá de ombros.

— *Não vou negar.*

— Por falar nisso, onde minha cunhada está?

— *Trabalhando, chega daqui a pouco.* — Suspira. — *Se apaixonar é uma benção e uma maldição ao mesmo tempo. Stacy não pode sair por dez minutos que eu sinto um vazio enorme e uma vontade louca de ir naquele telemarketing só para trazê-la para casa.*

— Vocês são fofos — digo.

— É, nós somos. — Passa a língua nos lábios. — Como foi seu dia?

— Puxado. — Saio da aba da ligação e entro no aplicativo de delivery. — Acredita que meu chefe me chamou na sala dele para reclamar que eu estava tendo momentos *íntimos* com você?

Thomas se engasga com a saliva, esbugalhando os olhos.

— *COMO É?! COMIGO?*

— Pois é. — Dou risada, deslizando a tela à procura de algo que mate minha fome. — Expliquei a ele que o tal cara é meu irmão, que o simples beijo na bochecha foi uma maneira de comemorar sua aprovação na faculdade dos sonhos, e ele agiu de uma forma bem… estranha. Não sei explicar.

— *Eu achei que nosso laço sanguíneo fosse bem óbvio* — murmura.

Sorrio.

Meu irmão diz isso porque, se não tivéssemos nascido em anos diferentes, poderíamos facilmente ser gêmeos.

Assim como eu, ele é negro; possui cabelo cacheado, rosto angular, lábios grossos, olhos de chocolate, sorriso brilhante e, como alguns dizem, *vibrante*. Thomas é, digamos, uma cópia masculina minha. Então, sim, chega a ser um absurdo, para nós, acharem que somos outra coisa senão parentes.

— Meu chefe é complicado, você sabe. Acho que ele nem se deu ao trabalho de checar antes de me comunicar isso — falo, satisfeita ao fazer o pedido e aparecer na tela que será entregue em vinte minutos.

— *Genuinamente, sabe o que eu acho?* — indaga.

— Hum?

— *Que esse cara, Aidan, Aiden, Ricardo, ou seja lá qual for seu nome, nutre alguma paixãozinha por você.*

Solto uma gargalhada baixa, balançando a cabeça.

— Não, Thomas. Ele não nutre nenhum tipo de paixão por mim. — Estalo a língua no céu da boca. — Sendo sincera, acho que Aiden não é capaz de nutrir sentimentos por ninguém, quem dirá por mim, uma simples funcionária.

— Você se rebaixa demais, pirralha. Já se olhou no espelho? Além de linda, é legal, divertida, carismática, gentil…

— As quatro últimas qualidades são coisas que, com certeza, ele não procura em uma mulher. Pelo contrário, imagino que ele se interesse por aquelas da alta sociedade, que saibam usar salto agulha, ostentam uma bolsa da Dior para cima e para baixo e se portam com elegância e seriedade. Fala sério! Eu amo demonstrar afeto sempre que posso, e Aiden definitivamente é do tipo recluso, nada de beijinhos e abraços a qualquer instante. Ele nunca se apaixonaria por alguém como eu.

— *Quantos julgamentos.* — Meu irmão estala a língua. — *Vocês mal conversam, Faith. Como pode achar que sabe tanto?*

É um ótimo argumento, contudo não se encaixa na minha situação.

— A questão é que eu convivo com ele. Tipo, todos os dias. Posso não conhecer seus segredos mais obscuros, mas sei bastante coisa pelo pouco que conversamos e pelo seu comportamento. Pode apostar, se você estivesse no meu lugar entenderia. Além do mais, o homem é insuportável, boa sorte para quem for a escolhida para passar a eternidade amarrada ao diabo.

A cara que Thomas faz enquanto fica em silêncio é hilária. Deve estar me chamando de burra em todas as línguas que conhece.

— *Tá*. — Bufa. — *Só não esqueça de que foi assim que eu consegui chamar a atenção de Stacy: implicando com ela. E só não se esqueça também de que quem muito desdenha, quer comprar, maninha.*

— Aiden tem trinta e seis anos, pelo amor de Deus! Sem falar que não é do feitio dele implicar como uma criança do sexto ano com a garota que gosta. Soa infantil.

— *Você se surpreenderia se soubesse até onde um homem é capaz de ir quando se está louco por alguém.*

— Não é à toa que são tão desprovidos de inteligência. — Com preguiça, sento na cama, calço meus chinelos e levanto, escutando o som da campainha.

— *Burrice seria deixar a mulher dos seus sonhos escapar só porque não está disposto a cometer alguns sacrifícios e loucuras.* — Thomas devolve. — *Além do mais, a vida é feita disso, não é? De sacrifícios e loucuras. E eu posso te garantir, pirralha, que nós, homens, faríamos tudo de novo, se fosse preciso, para vivermos com quem amamos pelo resto da vida.*

Seu monólogo me acerta com uma sensação nada bem-vinda de choro.

Eu vejo, escuto e leio sobre isso todos os dias. Homens que enfrentam o mundo no intuito de conquistar a mulher de seus sonhos. Homens que procuram alguma forma de chamar a atenção de suas parceiras. Homens que são tão perdidamente apaixonados que não têm olhos para nenhuma outra que não sejam *ela*. Homens que se doaram inteiramente para reconquistar suas amadas porque a ideia de viver uma vida sem elas é insuportável.

Tantos relatos, tantos filmes, documentários, textos, livros.

E, ainda assim, eu acho que isso, o amor, o puro e verdadeiro, é algo que nunca chegará até mim.

Não que eu não acredite que ele exista. Eu sou a maior consumidora de romance do mundo! Passo meu dia de folga inteirinho assistindo vídeos de casais de velhinhos que falam sobre como fizeram um relacionamento durar tanto. Até choro quando percebo que eles se amam com muito mais força do que se amavam quando eram mais jovens.

Só não acho que seja algo que eu vá viver algum dia.

É impossível imaginar que um homem irá me amar tanto ao ponto de cometer loucuras por mim, como Thomas disse. Ou que enxergue que sou alguém por quem vale a pena lutar.

Não sei, apenas… apenas não consigo me ver dividindo um futuro com outra pessoa.

— Você anda estranhamente sentimental esses dias. Obrigada! — Agradeço ao entregador e fecho a porta, pegando a sacola com dois hambúrgueres gigantes e colocando na mesinha de centro. Sinto meu estômago roncando. — Agora, se me der licença, irei desligar. Acabou de chegar a comida e eu estou morrendo de fome.

— *Eu não chamaria essas porcarias que você janta de* comida, *Faith.*

— Ouvi dizer que fanáticos por academia não chamam de comida qualquer coisa que não seja folhas, frango e ovo — retruco, deixando o celular no sofá e abrindo a embalagem do hambúrguer, dando uma abocanhada generosa. — E vocês não sabem o que estão perdendo.

— *Hum… Gordura, calorias, conservantes, sódio e açúcar em quantidades exageradas… O que mais?*

Rolo os orbes com força, pena que ele não pode ver.

— Tem alface, tomate e cebola também, ok? Várias coisas que fazem bem.

— *Você não parece uma estudante de enfermagem falando assim.*

— Eu esqueço que sou uma quando dá nove da noite, chego em casa cansada, morrendo de fome, e não há nada para comer. — Me defendo. — É sério, vou desligar e colocar alguma coisa para assistir enquanto como.

— Não tem aula amanhã?

— Nãããão, Thomas. — Libero o ar pesado pelo nariz. — Dá pra parar de bancar o irmão mais velho preocupado?

— *Jamais, maninha.* — Mesmo não vendo, posso sentir o sorriso na sua fala.

Entorto os lábios.

— Tchau, Thomas! Boa noite. — Aperto no botão vermelho, encerrando a chamada, e me jogo de costas no sofá.

Termino de comer o primeiro sanduíche e parto para o outro, me entupindo de Coca-Cola e Fini. Não é lá a melhor combinação do mundo, mas, nessa fase da vida, eu não estou me preocupando com muita coisa.

Boto Crepúsculo para rodar na TV e me encolho nas almofadas. O bom de morar em Seattle é que os dias estão quase sempre chuvosos ou nublados, o que quer dizer que posso assistir minha saga de filmes favorita a qualquer momento e ainda me sentir como se estivesse dentro dele.

Não sei quanto tempo se passa até minha maratona ser atrapalhada por um toque no celular. Olho o horário. Duas e trinta da madrugada. *Quem está mandando mensagem a essa hora?*

Suspirando e com leves indícios de sono, tateio o sofá à procura do aparelho, sem querer mexendo minhas pernas em um ponto específico e derrubando-o no chão.

— *Merda* — chio baixinho, me agachando para pegá-lo.

Estralo as costas, me esparramo no sofá outra vez, e desbloqueio a tela.

É uma notificação via e-mail.

Cerro as pálpebras.

Quem usa e-mail para se comunicar hoje em dia? Por Deus. Será que é algum assunto de trabalho? Ou talvez não houvesse outro horário para mandar o que quer que seja?

Decido clicar na correspondência, visto que, pela barra de notificações, não dá para saber do que se trata.

De: anônimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Você estava tão linda essa tarde.

Não sei expressar outra reação que não seja franzir o cenho e ler e reler várias vezes a mensagem. *Mas que…?*

Mordo o lábio inferior e empertigo a coluna. Um ponto de exclamação cresce na minha testa quando me atento aos detalhes do e-mail.

Bellinicafe.com.

Cacete, foi alguém da lanchonete que me enviou isso?!

Umedeço os lábios com a língua.

Tudo bem, não preciso ficar tão eufórica e genuinamente interessada e encucada com isso. É só uma mensagem, talvez de alguém que me ache bonita, nada tão grave, eu costumava receber algumas cartinhas no ensino médio.

Ainda assim, é estranho.

Somente seis homens trabalham conosco e eu não falo praticamente com nenhum. E basicamente *nenhum* fala comigo.

Quer dizer, tirando Matthew, o cara do caixa.

Pouco provável, na verdade. Nas poucas interações que tivemos, ele foi apenas gentil. Sem falar que… ele não namora?! Céus, que loucura! Óbvio que não é ele.

O que me deixa entre Anton e Nash.

Será que toda aquela estranheza de Anton em relação a mim quer dizer alguma coisa? Quando evita conversar ou mal me olha nos olhos… Já ouvi dizer que homens não sabem se portar quando estão próximos de quem gostam. Sem falar que parece muito algo que Anton enviaria.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com
Para: anônimo@bellinicafe.com
Desculpa, de quem se trata?

Tamborilo os dedos nos lábios, ansiosa.

De: anônimo@bellinicafe.com
Para: faithmackenzie@bellinicafe.com
Eu não teria criado um e-mail anônimo para enviar-lhe essas mensagens se o intuito fosse revelar minha identidade, princesa.

Engulo em seco.

“Princesa.”

De: faithmackenzie@bellinicafe.com
Para: anônimo@bellinicafe.com
Certo, admirador secreto (será que posso te chamar assim?), você tem um ponto.

Mas o que levou você a enviar essa mensagem? Será que não estou linda todos os dias?

Escolho um emoji sorrindo e envio.

Eu deveria simplesmente bloqueá-lo, certo? *Certíssimo.* Só que algo de muito forte está me atraindo nessa conversa. Provavelmente a adrenalina de flertar com um desconhecido-não-tão-desconhecido-assim misturada à curiosidade de saber onde isso vai dar.

De: anônimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Pode me chamar como quiser, Mackenzie.

E não, não me entenda mal.

Você está absolutamente deslumbrante todos os dias. Apenas hoje que tive coragem de manifestar minha admiração por você em palavras.

Fico vermelha. Meu coração bate mais forte.

Há mesmo alguém que me admire? Que loucura.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anônimo@bellinicafe.com

Não vou mentir, estou surpresa com essa declaração.

É bem bizarro pensar que existe alguma pessoa nesse mundo que me ache tão deslumbrante ao ponto de enviar uma mensagem só para ressaltar isso.

E aliás, ainda acho que se trata de uma brincadeira.

De: anônimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Acredite, princesa, não há nada de brincadeira quando digo que você me pôs de joelhos.

E que eu não sou o único.

Anda tão despercebida que sequer nota o efeito que tem sobre os homens sem fazer qualquer esforço.

Eu meio que perco o ar, como se ele tivesse ficado preso nos meus pulmões e se recusasse a sair. Quão louca eu sou por estar gostando tanto dessa conversa? Trocando e-mails com alguém que não faço a mínima de quem seja.

Pode ser Anton, mas há outras cinco possibilidades.

E se não for ele? E se for Kennedy, o garçom? Ele terminou um namoro recentemente, pode estar carente e em busca de distração.

Tá, não gostei muito dessa hipótese.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anônimo@bellinicafe.com

Você é bom com as palavras, devo admitir.

Mas tem certeza que não está fazendo isso só porque levou um pé na bunda?

Sabe, ouvi dizer que homens ficam sensíveis quando terminam um relacionamento.

Quais as chances de você estar bêbado e não lembrar de nada do que está acontecendo daqui a algumas horas?

De: anônimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Ha-ha-ha, engraçadinha.

Absolutamente, princesa.

Estou 100% sóbrio e nem lembro a última vez que fiquei com alguma mulher.

Sorrio, sabe-se lá por qual razão.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anônimo@bellinicafe.com

Não vai me culpar por isso, vai?

De: anônimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Pode apostar, eu vou, porque é o seu rosto que sempre vejo quando dão em cima de mim e confundem gentileza com convite.

Um gemido angustiado escapa da minha garganta.

Que injustiça. Um cara, que trabalha *comigo*, está dizendo essas coisas e eu não posso saber quem é?

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anônimo@bellinicafe.com

Espero que saiba que isso que está fazendo é injustiça, sr. Anônimo.

Diferente das outras mensagens, essa demora mais a chegar e, quando finalmente o faz, cerca de seis minutos depois, eu já estou com metade das unhas de uma mão toda roída.

De: anônimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Injustiça é ter que te ver todos os dias e saber que eu nunca poderei te ter, princesa.

Isso me mata.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anônimo@bellinicafe.com

Por escolha sua, certo? Se você revelasse sua identidade, poderíamos conversar, nos conhecer… Certeza que não deve ser tão difícil.

De: anônimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Eu não posso, Faith.

Comprimo os lábios.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anônimo@bellinicafe.com

Por que não?

Mas, dessa vez, sua resposta não vem.

E acho que é melhor assim.

03

Faith Mackenzie



— Ca-ce-te, como você é sortuda — Sloane praticamente grita quando mostro a ela todos os e-mails do cara misterioso assim que chego na lanchonete. Ela toma o celular de minhas mãos. — Nossa, eu desmaiaria e depois iria até o inferno para descobrir de quem se trata.

— Confesso que a curiosidade está me corroendo, mas se ele não se identificou, é porque não quer que eu descubra, certo? Não vou desrespeitá-lo assim — murmuro, chateada. — O que me resta agora é prestar atenção em cada homem desse lugar e captar alguma atitude suspeita. Além do mais, isso tudo é meio bizarro, sabe? Quem me garante que ele não é um maníaco?

Minha amiga ri.

— Não seja tão paranoica, Faith. Vamos focar nas opções. Já pensou no Anton? Ele parece ser caidinho por você.

— Já — exclamo baixinho. — Inclusive ele está em primeiro na minha lista de suspeitos.

— Hum… Mas você imagina ele chamando alguém de “princesa”? Sei lá, ele parece ser tão culto.

Fico pensativa e chego à conclusão de que ela está certa. Anton é certinho demais para colocar apelidos assim nas mulheres. Ele tem cara de quem as chama pelo nome completo e é super formal.

— Vou ter que descartar ele da lista, então?

— Nah, acho que não. Vai que ele incorporou outra pessoa justamente para você não desconfiar. A mente dos homens é meio esquisita.

Rio anasalado.

— Tem razão.

— Mas, bem… Tem Kennedy.

— Ele terminou um namoro faz pouco tempo, o cara da mensagem disse que não lembra a última vez que ficou com alguém. — Suspiro. — Talvez ele esteja mentindo, mas…

— Nem vem com essa de “mas”. Você tem que parar de achar que todo homem vai mentir pra você só porque teu ex babaca fez isso! Qual a dificuldade de aceitar que você é, tipo, maravilhosa?

— Muita — resmungo. — Beleza, vamos considerar a ideia que ele, de fato, não fica com ninguém há eras. Quem, daqui, faz meses que não sabemos de uma fofoca envolvendo mulheres e confusão?

Sloane abre um sorriso largo.

— Começa com A e termina com Bel-li-ni.

— Por Deus. — Reviro os olhos violentamente. — Ele não deveria ser nem uma sugestão.

— Ué, por que não? — Fecho a cara. — Tudo bem que ele é, digamos…

— Frio, arrogante, idiota, babaca, bruto, prepotente, grosso, tirano, bronco, brutamontes, ogro…

— Sim, verdade, mas ele ainda tem um coração.

— Um coração envolto de pedra de gelo que nunca bateria por mim, Slo — digo, prendendo meu cabelo em um rabo de cavalo. — Principalmente, não por mim.

Sloane espirala, parecendo cansada.

— Não que seja mentira, mas você é muito dura consigo mesma.

— Eu queria que a realidade fosse diferente. — Dou de ombros. — Sendo sincera, amiga, essa sua ideia é absurda. De modo geral, Aiden não faz o tipo romântico. Enviar e-mails para se declarar? Por favor. Sem falar que eu não tenho um pingo de vontade de ser o interesse amoroso dele. Eu não o suporto. Ele não *me* suporta. Não temos nada em comum.

— É, você tem razão. Também não imagino aquele homem gostando de alguém. Além do mais, apesar de você ser bonita, o nível dele é outro né amiga? Sabe como é…

Confirmo com a cabeça.

— Pois é, por isso q…

— Conversas paralelas no horário de trabalho são terminantemente proibidas, srta. Patrícia.

— Puta merda! — Eu pulo, assustada, ao me dar conta do palavrão que escapou de meus lábios. — Desculpa. — Forço o bolo de areia goela abaixo. — O senhor me assustou.

Viro para o lado e Sloane não está mais comigo, me deixando sozinha com toda a imponência de Bellini e seu autoritarismo irritante.

Amiga da onça.

— Assustei? O que anda fazendo de tão errado, srta. Mackenzie?

— Uh, decidiu me chamar pelo nome certo? — disparo, cobrindo a boca com as mãos dois segundos depois ao perceber a besteira que falei. — D-desculpa — murmuro, envergonhada.

Sem fazer ideia de como interpretar o meio sorriso que curva os lábios do homem à minha frente, abaixo a cabeça. Será que achou graça? Não, pouco provável. Em vez disso, deve estar se controlando para não me demitir na frente de todos e me fazer passar a maior vergonha.

— A senhorita não respondeu à minha pergunta. O que tanto te assusta?

— Nada. — Pigarreio. — Só… só não gosto de ser surpreendida assim.

Minhas bochechas começam a esquentar quando o olhar de Aiden se torna cada vez mais pesado sobre mim. Minha traqueia fecha quando noto suas íris correndo pelo meu rosto inteiro, com seus olhos nublados indicando algo diferente.

— Mais uma bola fora e será demitida, srta. Faith. Não teste a minha paciência.

Engraçado ele ter se lembrado do meu nome justo agora.

E, mais engraçado ainda, é a forma como ele pareceu mais bonito e atraente deslizando para fora do timbre áspero e baixo do meu chefe.

— Não lembro das grandes coisas que fiz para testar sua paciência, mas prometo que não irá mais se repetir.

Reconheço que não deveria estar falando assim com um homem que está muito acima de mim, mas, que saco, ele me estressa.

— Além de ter bisbilhotado meu escritório, ter derrubado um dos meus livros e conversar em horário de trabalho? Eu demito uma pessoa por muito menos, srta. Mackenzie.

— É? E o que está esperando para fazer o mesmo comigo? — Ergo uma sobrancelha, sorrindo ao perceber as narinas de Aiden inflarem e raiva dominar cada pedacinho bem feito do seu rosto.

— Veja como fala comigo. Eu sou seu *chefe* — grunhe.

— Então comece a agir como um. — Elevo o queixo, colérica. — Ser chefe não se trata apenas de demandar ordens e ser um tirano o tempo todo. Experimente ser mais agradável com seus funcionários. Sua fama não está muito boa por aqui.

A risada de escárnio que ele dá estremece meus ossos e por um momento me desestabiliza.

— Ah, sim, eu com certeza experimentaria se me importasse com o que estão falando sobre mim. Contratei vocês para trabalharem, não para virarem meus amigos ou terem qualquer tipo de intimidade comigo.

É a minha vez de rir.

— Certo, sr. Bellini, faça o que achar melhor. — Pego o avental no balcão e passo pela minha cabeça, amarrando um laço atrás das costas. — Já terminou? Irei trabalhar.

Aiden desencosta do balcão, cerrando os dentes.

— Atrevida do caralho.

— Boca suja. — Rio comigo mesma e saio da sua frente, tendo acesso à porta com pessoas saindo e entrando o tempo todo. — Cuidado, chefe, essa sua cara de mal vai acabar assustando a clientela.

Ele fecha as mãos em punho, as veias sexys ameaçando explodir com o ato. Bufando, sobe as escadas a passos duros e furiosos.

Solto o ar preso em meus pulmões pela boca, sentindo meu coração voltar a bater no ritmo normal.

Não sei de onde tirei tanta coragem para enfrentá-lo assim, no entanto, estou até me sentindo mais leve.

— Você é louca. — Sloane me cutuca. — Mas parabéns, disse tudo o que estava entalado aqui. Espero que não seja punida por isso.

— Eu também — sussurro. — Por precaução, vou começar a enviar currículos para outras empresas hoje mesmo.

— Não, não, para com isso. Ele não vai te demitir. Se fosse, já teria feito isso. Lembra quando ele demitiu o Leo na frente de todo mundo?

— Uhum — assinto, receosa. — Mas… eu *confrontei* ele. O que o impediu de fazer isso?

Minha amiga movimenta os ombros, sem saber.

— Vai ver ele reconheceu que você é uma boa funcionária. — Ela vai à cozinha e, quando volta, tem duas bandejas em mãos. Me entrega cada uma com cuidado e diz: — Mãos na massa, gatinha. Já conversamos demais.

Sorrio e recebo a bandeja, botando em prática todo o equilíbrio que aprendi a ter depois de assistir “Barbie: Escola de Princesa”, aos doze anos.

— É pra já, senhora.

04

Aiden Bellini



Faith Mackenzie é como uma maldita pedra no meu sapato. Um raio de sol cegante, um verdadeiro pé no saco.

A garota, com aquela carinha de boneca, seus 1,65m de altura e uma língua afiada demais para o próprio bem, é a junção de todos os meus pesadelos.

E, ainda assim, eu não consigo tirar os olhos dela.

Desde que chegou, há um ano, não consigo tirar os olhos dela.

A cada hora do meu dia, quando estou na parte térrea da lanchonete e não enfurnado no meu escritório.

Eu. Não. Consigo. Tirar. Os. Olhos. Dela.

Aquela baixinha desaforada monopolizou toda a minha atenção e a única forma de atrair a dela para mim, é agindo com uma criança de sete anos, fazendo-a acreditar que minha implicância é apenas porque sou um tremendo babaca.

Talvez eu seja, mas há ressalvas.

Não sei o que está acontecendo. Não sei por que ela mexe tanto comigo. Que coisa mais sem noção, caralho! Eu, um adulto de trinta e seis anos, impossibilitado de tirar uma garota de vinte e um, e minha *funcionária*, que provavelmente sonha em mil formas de me estrangular sem deixar rastros, da cabeça.

Eu devo estar louco. Completamente louco.

Essa tarde, Faith me deu motivos suficientes para demiti-la. No semestre passado, o fiz por muito menos, apenas porque o cara tinha se distraído com a namorada no horário de trabalho.

Minutos depois, ela havia me dado mais outro motivo para chutá-la porta a fora e substituí-la por outra, *mas não, porra.* Eu deixei que a atrevida me respondesse e ainda me tratasse como se eu não fosse o seu chefe.

O pior? Eu gostei. Gostei pra cacete de vê-la armada, com uma resposta na ponta da língua para qualquer que fosse o meu argumento.

Argumento.

Eu rio baixo.

Quando que eu tive que argumentar com algum funcionário, merda? Minha palavra sempre foi lei. Tudo o que eu mandava, eles faziam. Se eu perguntava algo, eles apenas respondiam e saiam com o rabo entre as pernas.

No entanto, só foi a boneca em tamanho miniatura — Faith Mackenzie — cruzar as portas da Bellini 's Café, que eu comecei a abrir exceções. Sobre tudo. E apenas para ela.

Isso me torna um chefe incompetente, e incompetência é uma palavra que, até alguns meses atrás, ninguém poderia associar a mim. Mas, o que eu posso fazer? A ideia de perdê-la para outra empresa é pior do que ter meu orgulho pisado.

Porque é isso que Faith faz. Pisa no meu orgulho como se ele fosse uma formiguinha no chão e não está nem aí se sou seu superior, se tenho poder e influência em toda Seattle ou se sou um cara respeitado em todos os lugares que ando.

— Você está mesmo louco por aquela garota. — Lance Bellini, meu irmão e vice-presidente, constata ao, sem pedir licença ou dar um aviso, entrar na minha sala.

Bufo, jogando a papelada na mesa.

— Não enche, Lance. — Tiro os óculos do rosto e passo a mão no cabelo, resignado. — O que você quer?

— Checar se meu querido irmão está em seu juízo perfeito. — Ele arremessa seu corpo no sofá de couro ao lado da minha mesa, me lançando um sorriso travesso e um olhar curioso. — Onde está o temido Aiden e o que aquela garçonete gostosa fez com ele?

Cerro o punho.

— Não a chame de “garçonete gostosa”, porra.

— O quê? Vai negar? — O homem ri com desdém. — Cacete, está todo na defensiva quando se trata dela.

Grunho, irritado.

Não, eu não vou negar que Faith é gostosa, mas seu corpo não está nem de longe entre as principais coisas que me enlouquecem nela — apesar de, sim, me deixar louco, principalmente quando a boneca atrevida chega da faculdade com, nada mais, nada menos, que uma calça que marca até a alma. A bunda redondinha, nem tão grande e nem tão pequena — *perfeita* —; as coxas grossas e torneadas… Me pego pensando em como seria ter Faith nas minhas mãos. Em como seria tê-la na minha cama, se emaranhando em meus lençóis comigo.

Minhas palmas suam e meu coração acelera em mil por hora.

Devo estar doente. Essa é a única explicação plausível para a maneira que meu corpo reage sempre que penso ou estou com ela.

Doença, sim. Com certeza deve ser.

— O que veio fazer aqui? — repito a indagação, mais severo e com menos paciência do que antes.

Ele emite um estalo com a língua e endireita a postura.

— Na próxima quarta será feriado. O que você acha de levar toda a empresa para, hum… viajar? Como uma forma de descanso, entende? Acho que iriam gostar.

— Não. — Desvio a atenção do seu rosto e retorno para os papéis na mesa.

Lance pula do estofado em um salto.

— O quê? Por quê?! — Ele espalma cada uma das mãos na minha mesa. — Aiden, pensa comigo. Iríamos para a praia, passaríamos o dia lá, descansaríamos… Os funcionários iriam amar. Ainda mais se déssemos a oportunidade de levarem quem quiserem.

— Iria virar uma bagunça — retruco, não dando a mínima.

— Eles iriam gostar mais de você.

— Não ligo.

— Nossa empresa se tornaria mais famosa.

— Dez anos e nunca precisamos de um dia na praia para isso.

— Nossos garçons, cozinheiros, assistentes falariam bem do nosso estabelecimento e conseguiríamos mais pessoas interessadas em trabalhar conosco.

— Estou nesse exato momento analisando uma lista de cem candidatos. Acho que não precisamos de mais.

— Faith estaria lá.

— N… — Eu paro, olhando-o sobre a folha.

Lance sorri, vitorioso, sabendo que chamou minha atenção.

E, droga, *como* chamou.

— Ela pode te odiar um pouco menos ao pensar que foi você quem preparou tudo aquilo, criar mais simpatia ao achar que você não é tão mal assim… quem sabe até te dar um sorrisinho de agradecimento em algum momento. — Minha faringe trava ao imaginá-la sorrindo para mim. Lance umedece os lábios com a língua e se inclina. — Sem falar no biquíni que ela estaria usando, hum?

O oxigênio foge dos meus pulmões. Esqueço vergonhosamente como se respira e sinto meu peito ofegante.

Não, não é por causa dos cenários que minha mente projeta onde Faith usa apenas um biquíni que deixa pouco para imaginação enquanto caminha pela praia. Nada disso.

A culpa de eu estar olhando para o nada, ao passo que espero o ar voltar para onde nunca deveria ter saído, é dos cenários que minha mente cria onde a garota está sorrindo para *mim*. Onde eu sou a causa de ter arrancado dela algo tão lindo e genuíno.

Faith Mackenzie, o que diabos você fez comigo?

— E se… — Clareio a garganta. — E se não der certo?

— Qual parte? A que ela sorri pra você? — ironiza.

Exatamente essa.

— A parte que os funcionários gostam e que essa merda traz algum tipo de benefício para a empresa, idiota.

— Uhum. — Dá risada. — Veja só, se não der certo, pelo menos nós tentamos.

— Engraçado, parece o tipo de coisa que um adolescente diria antes de gerar um problema enorme.

— Cara, *não tem* o que dar problema. Você que é insuportável e só pensa em benefícios. Pelo amor de Deus, relaxa! Você também tá precisando de um dia de descanso.

Arrumo minha compostura e volto a folhear páginas e mais páginas de candidatos, selecionando alguns e descartando a maioria.

— Já descanso muito no meu trabalho.

— Aiden… — Lance rola os olhos. — Como você é difícil. Quem é que descansa no trabalho*?*

— Passo o dia inteiro sentado folheando papéis e mexendo no computador, às vezes chamando a atenção de alguns e demitindo outros. — Estralo o pescoço. — Não vejo descanso melhor do que esse.

Meu irmão me encara como se tivesse nascido um novo braço em mim.

— Sério, você é louco. — Nega com a cabeça. — Aliás, há quanto tempo você não tr…

— Me poupe dessa pergunta — corto, seco.

— Desde que a conheceu? — insiste. Não respondo. Ele arregala os olhos. — Tá falando sério?! Puta merda! Isso é pior do que eu pensava.

— Lance… — Massageio a têmpora, começando a me enraivecer de verdade. — Não quero falar sobre isso.

Meu irmão ergue as mãos em rendição.

— Desculpa, cara. — Suspira. — Mas, sabe, se meus conselhos valem de alguma coisa, lá vai: invista na garota, mostre que gosta dela.

— Eu *não* gosto dela.

Uma gargalhada ressoa no ambiente.

— Ah, é, verdade. Você está *apaixonado*.

— Claro que não, porra! Não sinto *nada*, beleza? Nada mesmo. Eu só… só estou intrigado.

A dificuldade com que essas palavras saem da minha boca me fazem indagar até onde o que estou dizendo é verdade.

Balanço a cabeça.

O que sinto por ela não é paixão. Não, não é. Provavelmente… atração.

Mãos suando, coração acelerado, respiração descompassada.

Atração é o que sinto por Faith. *Agora*, essa série de sintomas que estão bastante presentes já faz um tempo deve ser alguma virose. Uma coisa não tem nada a ver com a outra, certo?

A gargalhada de Lance me tira dos meus devaneios.

— Olhe só pra você, todo preocupado se está apaixonado pela garçonete. — Mais gargalhadas. — Aceite, Aiden. Aceite *e* faça algo a respeito, porque outro homem pode vir e fazer com ela tudo aquilo que você não fez. Porque você pode perdê-la definitivamente pelos motivos mais toscos: orgulho e covardia.

Um sentimento horrível mesclado ao incômodo preenchem meu peito e um gosto amargo se alastra por minha língua.

Faith com outro homem.

Faith sorrindo para outro homem.

Faith beijando outro homem.

Faith dormindo com outro homem.

Faith feliz com outro homem.

Caralho.

— Eu não posso. Ela me odeia.

— Ah, sério? Que tipo de leitor você é?

— O tipo que sabe separar ficção da realidade.

— Parece mais com o tipo que não aprende nada com o que lê. — Devolve, e eu fico sem ter o que dizer. — Tá, eu entendo seu receio. Realmente, você são de polos diferentes, mas, Aiden… é assim que se constrói os melhores romances.

Como eu não posso deixar transparecer que estou ponderando sobre esse absurdo e dar a Lance o gostinho, libero uma bufada carregada de deboche.

— E quem te disse que eu quero viver um romance?

— Hum… seu jeitinho todo mole quando ela é o assunto?

Encrespo a testa.

— “Jeitinho mole”?

— Isso aí. — Sorri. — Ter aceitado minha proposta sobre o dia de praia só porque eu falei que Faith iria já diz muito.

Reviro os olhos com força.

— Que tal você dar o fora daqui, hum? Tenho que trabalhar. — Mostro a pilha de papéis a ele.

— Certo, dou sim. Já consegui o que eu queria mesmo. — Ele lança uma piscadela na minha direção e se afasta da mesa. Caminhando para fora, Lance vira novamente. — Tchau, irmão. — Abre a porta. — Até… Opa! Olha só quem está aqui.

Meu irmão não precisa sair da frente ou citar seu nome para que eu possa ver o corpinho pequeno que está do outro lado.

E lá estão os malditos sintomas atacados.

Mãos suando. Coração acelerado. Respiração descompassada.

Faith arregala os orbes, pega de surpresa, com uma mão no alto, indicando que estava pronta para bater na porta quando Lance a abriu.

— Ahn… Hum… — gagueja, abaixando o braço. — Eu queria falar com o sr. Bellini.

— Queria ou ainda quer, boneca? — inquire, e mesmo de costas, posso visualizar sua sobrancelha erguida e um sorriso torto enfeitando seus lábios.

Ele está flertando com ela, caralho.

Meu sangue fervilha.

— A-ainda quero. — A voz de Faith soa tão baixa, tão suave, como se estivesse acuada. Definitivamente não gosto desse lado dela.

— Deixa-a entrar — ecoo, meu timbre transbordando desinteresse. — E feche a porta ao sair.

Lance sai do campo de visão da garota, possibilitando que ela me veja. Com um prato em mãos e algo dentro dele, Faith está incerta sobre entrar ou continuar onde está. Permito sua passagem e noto sua batalha interna. Meu irmão acena para dentro do escritório como um cavalheiro, se curvando para ela. Já do lado de fora, ele abre um sorriso e levanta os polegares, sem que Faith possa ver.

— Boa sorte — sibila e, então, fecha a porta.

Agora, somos apenas eu, Faith e uma tensão sobrenatural pesando o ambiente.

Apenas quando se aproxima que eu consigo ver do que se trata. É um pedaço de bolo de morango aberto e meio comido. Posso imaginar o que aconteceu, e o estresse dá seus primeiros sinais, mas minha boca é sempre mais rápida que meu cérebro quando estou com essa garota.

— É algum tipo de mimo, srta. Mackenzie? — Acomodo os papéis próximo ao computador e cruzo os dedos acima da mesa. — Um pedido de desculpas por ter me insultado mais cedo, talvez?

Os cantos de seus lábios se erguem.

Irônica.

Atrevida.

Petulante.

Ousada.

E linda.

Tão linda que meus olhos são incapazes de desviar do seu rosto um segundo sequer conforme ela se aproxima, a passos lentos.

— A menos que não se importe em comer um bolo com um prego dentro, pode ficar à vontade, é todo seu. — Desliza o prato pequeno até mim. — Um pedido de desculpas em forma de *mimo* por ter dito algumas verdades mais cedo, chefe.

A farpa não passa despercebida.

Essa garota.…

A boa resposta que penso em dar a ela morre no meio do caminho quando me dou conta do que disse. Alarmado, puxo o prato e o giro na minha direção, me deparando com a porra de um prego no meio da massa.

— Alguém se machucou?

— Por pouco, não. A mulher achou antes de pôr na boca. — Ela tomba a cabeça para o lado. — Que legal, você se preocupa com as pessoas.

Eu riria se não estivesse tão preocupado, como mencionou.

— Certas coisas que você diz dispensam comentários — resmungo. — Jhonny já foi comunicado sobre isso?

Jhonny é o chefe de cozinha, e estou seriamente me controlando para não cometer uma besteira precipitada.

— Já. Ele me disse que é provável que algum parafuso tenha se soltado de uma das máquinas na hora, mas que ninguém percebeu.

— Quem estava responsável por esse bolo?

Faith comprime os lábios, passando a língua por eles em seguida.

Foco, Aiden.

— Não há como saber, sr. Bellini. Haviam vários funcionários na hora e inúmeras sobremesas sendo feitas ao mesmo tempo.

Esfrego o rosto, sem saber o que fazer, agitado pela súbita vontade de levantar dessa cadeira e beijar essa mulher até nossas bocas implorarem para pararmos.

— O que eu faço? — a pergunta salta da minha garganta. — Porque, eu juro, estou com uma vontade do caralho de demitir todos daquela cozinha.

— Que boca suja — sussurra, mas tão baixo quanto gostaria, imagino. Mordo o interior da bochecha, pois ela está me olhando. De jeito nenhum irei deixá-la notar que quero muito sorrir da sua careta desgostosa e que estou me divertindo com isso. — Demiti-los com certeza não é uma boa opção. Todos lá são extremamente competentes, e esse foi um erro inevitável. A batedeira estava quebrada pelo excesso de uso e na correria ninguém percebeu. O mais adequado agora seria conversar com cada um, pedir mais atenção, e comprar máquinas novas, por precaução.

Meu peito se enche. Tenho a sensação de que ele irá transbordar. Me obrigo a fitar outra coisa que não seja seus olhos marrons, seu rosto quadrado, seus lábios voluptuosos, porque parece que, quanto mais os encaro, mais esse desconforto aumenta.

— A senhorita acha que essa é a melhor opção? — indago, mirando as teclas do meu computador.

— Sim. — Junta os braços atrás do corpo. — Mas não creio que a opinião de uma mera garçonete importe.

A sua importa, Faith.

Não faz ideia do quanto.

Pigarreando, pego um bloco de notas e adiciono mais quatro itens na lista de afazeres que terei ao longo do dia.

1. Não demitir nenhum funcionário;
2. Conversar com os responsáveis pela cozinha e *exigir* mais atenção;
3. Fazer a encomenda de máquinas novas e garantir que não haverá mais problemas;
4. ~~Tirar Faith da cabeça.~~

— Irei considerar.

— Hum? — murmura, claramente sem entender.

— Irei considerar o que disse.

Ela franze o cenho.

— Sério?

— Tenho cara de quem está brincando? — Elevo os olhos, encontrando-a me fitando com certa raiva.

— Com todo respeito, sr. Bellini, minha paciência é testada todos os dias pelo senhor.

— Eu posso dizer o mesmo.

A garota pressiona as pálpebras, se segurando, abrindo-as outra vez após cinco segundos e duas longas respiradas.

— Como já fiz o que já tinha que fazer, irei me retirar. Agradeço por considerar o que falei. — Ela põe um cacho atrás da orelha. Me remexo no estofado. — Bom trabalho.

Saindo apressada em direção à porta, ela nem se lembra do bolo que deixou em minha mesa, louca para se safar da minha presença.

Eu quero sorrir. Juro que quero, meus lábios até chegam a levantar, mas a enxurrada de sensações ruins que me tomam impedem essa ação.

Porque enquanto Faith não vê a hora de sair do meu lado e deixa claro que não me suporta, tudo o que quero é alguns minutos a mais ao lado dela.

05

Faith Mackenzie



A faculdade poderia muito bem ser considerada o inferno na terra.

Fofocas, brigas todos os dias, rivalidade tanto masculina quanto feminina, pessoas querendo ser melhores do que outras e toda a competitividade em torno dos cursos — especialmente entre os estudantes de enfermagem. Parece que ninguém nunca está feliz com a conquista de ninguém, então por isso desisti de fazer amizades quando, no meu primeiro ano na University of Washington, descobri que a garota que eu chamava de amiga torcia contra mim sempre que eu anunciava um + como resultado de uma prova difícil e que a maioria se deu mal.

Raven só não sabia das noites em claro que eu passava estudando e da convulsão que uma vez tive por consumir energéticos em quantidades exageradas para manter meu cérebro acordado.

Foi um dia assustador, aliás. Levei tanto esporro do meu irmão, dos médicos e do meu professor que nunca mais encostei em uma latinha de energético. Passei a respeitar os limites do meu corpo e ando tendo uma rotina mais saudável *nesse* quesito — pois ainda tenho que ajustar meu consumo diário e *nada* saudável de *fast-food.*

— Faith, ei. — Cedric me chama, acenando com a mão, e caminha rápido até mim. — Pensei que não iria conseguir falar com você hoje. — Abre um sorriso hesitante, guardando as mãos nos bolsos.

Tenho o hábito de sempre ser a primeira a ir embora da faculdade assim que as aulas terminam por conta do trabalho. Como não tenho amigos aqui, nunca passou pela minha cabeça que alguém quisesse falar comigo.

— Ah, oi. — Abraço os livros contra o corpo. — Você quer falar comigo? Por que não me chamou antes?!

Ele coça os fios loiros da nuca, quase como se estivesse sem jeito.

Nunca trocamos muitas palavras além do básico, e todas foram relacionadas ao nosso curso, já que ele também faz enfermagem. Diferente de agora, eu nunca o havia verdadeiramente notado.

Cedric é um cara bonito, *lindo*, na verdade. Seus cabelos loiros e desalinhados são uma bagunça perfeita; suas íris verdes e cristalinas possuem um contraste suave com as maçãs avermelhadas do seu rosto, tingindo a pele pálida e dando a ele um ar meigo. Fofo, eu diria.

— A senhorita corre das pessoas como se estivesse fugindo da polícia. — Ele ri e eu o acompanho.

— Poderia ter enviado uma mensagem.

— Sim, bem, hum… verdade — titubeia. — Não pensei nisso.

Seu nervosismo fica claro nos seus pés batendo repetidas vezes contra o chão.

O motivo? Prefiro não saber.

— Entendo. — Afasto o cabelo dos olhos. — Mas estou aqui agora, pode falar.

— Sim, sim. — O garoto coça o pomo de adão. — Eu queria saber se você… hum… aceita sair comigo qualquer dia desses para tomar um café. — Ele se apressa quando abro a boca. — Apenas… apenas como amigos, nada sério. Prometo.

É, senhoras e senhores. Eu tenho um coração fraco demais para essas coisas.

— Calma. — Rio, tranquilizando-o. — Eu aceito, claro. Onde seria?

A alegria de Cedric por eu ter aceitado sua oferta é refletida pelo rubor que toma suas bochechas.

— Eu estava pensando na Bellini 's Café. É aqui pertinho e fiquei sabendo que lá servem os melhores cafés da cidade.

É verdade, mas duvido muito que meu chefe aceitaria que seus funcionários visitassem o estabelecimento acompanhados de outras pessoas.

— Eu trabalho lá — conto. — São realmente muito bons.

— Jura? Melhor ainda. Poderíamos ir no seu dia de folga, o que acha?

Que Aiden vai surtar.

Pensando bem, por qual motivo? Eu estaria no meu dia de folga, certo? Ele não poderia chamar minha atenção ou proibir que eu fizesse isso. Tenho motivos suficientes para refutá-lo caso venha com alguma gracinha e queira bancar o poderoso chefão.

E eu não vou me privar de lanchinhos deliciosos só por medo dos olhares de raiva que ele vai me lançar. Sou acostumada com eles há um ano.

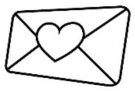
— Claro. Estou de folga nesta sexta, fica bom pra você?

— Com certeza. — Ele saca o celular do bolso, clica em algo e me dá. — Você pode pôr seu número?

Anuo e recebo o aparelho, salvando meu contato como “Faith <3”, o entregando de volta. Ao ver o nome, Cedric dá um sorriso de canto e agradece, se despedindo.

Suspiro.

Apenas como amigos.



Feliz por ter chegado no horário mesmo com o leve imprevisto, desço do Uber e caminho para dentro da loja, cumprimentando Daisy, a garota que eu substituo às vezes, já que seu horário é apenas pela manhã. Sloane chega alguns poucos minutos depois, substituindo, assim como eu, Bennet. Outras garçonetes e garçons entram e saem em um período de dez minutos, em um corre-corre frenético para não prejudicar ninguém ou deixar clientes esperando.

— Eu tenho tanta coisa pra te contar, amiga, mas infelizmente cheguei um tantinho atrasada e não quero levar uma bronca do gostoso lá — Sloane diz, vestindo seu uniforme.

Eu franzo o cenho, fazendo o mesmo.

— “Gostoso ali”? Desculpa, mas de quem estamos falando?

— Hum… do nosso chefe?

— Pelo que me lembro até ontem ele era um babaca.

— Um babaca gostoso. — Faço uma careta e ela continua: — O que aquele homem tem de babaquice ele tem de gostosura. *Isso* ninguém pode negar. Nem mesmo você.

Infelizmente.

Seria tão mais fácil se Aiden fosse aqueles CEO’s comuns. Não um homem de dois metros, que parece enxergar minha alma por meio daqueles olhos flamejantes, forte, musculoso e que envelhece como vinho.

Ter Bellini como chefe é um martírio, de modo que eu fico dividida entre odiá-lo profundamente e babar nele quando o mesmo não está olhando.

Se ele fosse um pouquinho mais legal…

— Ainda tenho dois olhos funcionando, Slo — admito, derrotada. — Mas o cara é tão idiota que nem tenho tempo de pensar nisso.

Minha amiga dá risada enquanto saímos do vestiário e assumimos nossas posições.

— Imagina só aquela brutalidade toda na cama.

Engulo em seco, proibindo que minha mente fértil dê as caras.

— Vai trabalhar, Sloane, pelo amor de Deus!

Ela me lança uma piscadela divertida e fica a postos no caixa. Não leva cinco segundos para um casal aparecer e ela atendê-los.

Por ser horário de almoço, vários estudantes estão ocupando as cadeiras espalhadas pelo vasto ambiente. Estava tudo muito calmo até um grupo de garotos adentrarem a lanchonete. Eles caminham como reis para

as mesas ao fundo. O burburinho é imediato, todas as cabeças virando como a menina do “Exorcista” para fitá-los.

Não precisa ser muito ligada a esportes para saber que eles são os jogadores de basquete da Seattle University.

Vai saber o motivo para serem tão cobiçados, já que nem são tão bonitos assim.

— Você escolheu bem, hein, Jack? Olha o tanto de gata nesse lugar.

Apresento a vocês um dos principais motivos para eu odiar atletas e querê-los o mais longe possível de mim: eles são babacas, se acham inatingíveis e possuem o rei na barriga. Posso estar generalizando, mas ainda não encontrei aquele que me fizesse pensar duas vezes antes de julgá-los.

Bufo, notando que todas as mesas já estão sendo atendidas e que resta apenas a deles.

Como o universo tem um senso de humor duvidoso!

Forço minhas pernas a se dirigirem aos novos — e detestáveis — clientes, pedindo socorro para Sloane por meio de um olhar rápido. Ela me deseja forças e sibila que ficará de olho caso algo aconteça.

A verdade é que não estaríamos tão apreensivas se eles não estivessem nos encarando como se fôssemos um pedaço de carne, e apesar de eu saber que a chance de um assédio sexual é de menos zero, ainda há o verbal, que me apavora tanto quanto.

O garoto que fez o comentário varre os orbes amendoados pelo meu corpo, com um sorriso sacana nos lábios. Minhas mãos gelam, porém convenço a mim mesma de que nada irá acontecer.

— Cara, que gostosa — Jack, eu acho, sussurra para o amigo, sem tirar os olhos de mim.

— Pra cacete — outro concorda.

Respiro fundo, decidindo ignorá-los.

— O que vão querer?

— Seu número, gata — o ruivo comenta, pousando o queixo na mão.

Gata.

Quanta originalidade.

— Ele não está no cardápio — respondo, mantendo a calma.

Não é a primeira vez que recebo esse tipo de flerte. Com isso sei lidar.

— Ah, que droga. — Jack se espreguiça na cadeira acolchoada. — Essa era a única coisa que nós queríamos.

Nós.

A ânsia de vômito agita minha garganta.

— Então vocês podem se retirar e dar lugar a outros clientes. — Fecho o bloco de notas e guardo a caneta no bolso do avental. — Estão atrapalhando o meu trabalho.

— A gostosa é desaforada, Nathan — outro comenta, baixo, sabendo que estou escutando. — Aceita dividir? Prometo que você fica com a melhor parte.

Meus dedos começam a tremer vergonhosamente. Não posso simplesmente sair e deixar que eles fiquem aqui, mas nenhum som sai da minha boca.

— Você está deixando a garota nervosa, Will — Jack diz. — Vamos fazer logo o pedido.

— Quanto drama. — Ele ri, tamborilando os dedos no cardápio. — O que posso fazer se ela é…

— O que está acontecendo aqui?

Pronto, congelo de vez.

Arrepios percorrem meu corpo quando ele toma ciência da presença poderosa do meu chefe atrás de mim. Meu estômago embrulha, esperando a chamada que irei receber.

— N-nada — sussurro, apanhando o bloco de notas e a caneta outra vez.

Ele se move atrás de mim, as lapelas do seu terno encostando na minha cintura. Meu coração retumba forte, não sei se pelo seu cheiro almiscarado ou pelo medo de, novamente, levar uma bronca.

— Eu perguntei o que aconteceu, srta. Mackenzie.

— Já falei que…

— Sua garçonete não sabe o lugar dela, senhor — Will responde por mim. — Estávamos apenas a elogiando e ela foi super antiprofissional conosco, inclusive insinuando que deveríamos nos retirar.

Eu abaixo a cabeça, constrangida, começando a pensar nos currículos que terei que enviar. Aiden não vai deixar essa passar, é óbvio. Com tantos “erros”, segundo ele, que cometi essa semana, e pela clara antipatia que tem por mim, é nítido que não irei escapar da demissão dessa vez, ainda mais pelo motivo que tanto repudia: tratar os clientes de qualquer jeito, como se eles não fossem a peça mais importante para fazer as empresas funcionarem.

A respiração lenta do meu chefe bate nos meus cabelos. Me encolho, constrangida.

— Elogiando… — Aiden ressoa pausadamente. — É verdade, srta. Mackenzie?

Sem saída, dou um mero aceno de confirmação.

Entre uma garçonete qualquer, que já o irrita tanto, e jogadores de basquete super famosos e com certeza influentes, em que ele irá acreditar?

Rio sem humor.

Não é difícil responder a essa pergunta.

— Viu só? — Nathan se pronuncia. — Eu não piso mais em um lugar como esse se essa mulher ainda estiver aqui.

A risada fraca e curta de Bellini faz uma pedra se alojar na minha garganta.

— Não, vocês não irão mesmo. — Ele toma o cardápio da mão de Jack. — Se retirem daqui, agora, e nunca mais ousem voltar. Não serei tão paciente da próxima vez.

Eu fico sem reação.

Por impulso, elevo o olhar até Aiden, que fuzila cada um dos cinco com um ódio que poderia fulminá-los aqui mesmo.

Pisco, em choque.

O que isso quer dizer?

Os garotos resmungam entre si enquanto levantam, nenhum deles tendo coragem de discutir com a muralha atrás de mim. Eles saem coléricos, o tal Will claramente xingando, parecendo o mais irritado.

— Vire para mim, Mackenzie. — Relutante, obedeço, no entanto, é no seu peitoral que meus olhos fixam. — Me olhe.

— Estou olhando — redargou, em um fio de voz.

— Olho no olho, Mackenzie.

A contragosto, faço o que manda.

E, por Deus… O ar me foge antes que eu possa fazer algo a respeito.

Suas íris parecem um mar revolto agora. Um azul-escuro, cruel, profundo, como águas turbulentas. Não sei o que deixaram eles assim. Não

sei por que parece tão difícil simplesmente quebrar esse contato.

— O que fizeram com você?

O tom enrouquecido, quase sussurrado, me faz cogitar que eu não sou a única a estar afetada. O que é louco, porque Aiden não tem motivos para se sentir assim, arrebatado, como eu.

— Eu já falei que nada, sr. Bellini — consigo alegar.

— Não minta para mim.

— Eles já disseram tudo o que aconteceu.

— Engraçado, eu não acredito em nenhum deles.

— E por que acreditaria em mim?

Aiden não replica, em vez disso, sua mandíbula tensiona ainda mais.

Estou pronta para finalmente encerrar essa discussão e voltar aos afazeres quando sua voz me para.

— Porque confio em você — declara, vacilante. — Não duraria nem um mês aqui se a situação fosse contrária.

Irresoluta, sem acreditar no que ouvi, aquiesço.

Certo.

Aiden confia em mim.

— E não me faça repetir a pergunta.

Reviro os olhos.

Idiota.

— O que te faz achar que algo aconteceu?

— Você estava tremendo quando cheguei.

— Ah.

— *Mackenzie…* — É notável que ele está perdendo a paciência.

— Eles só… só disseram coisas… desconfortáveis. — Pressiono os lábios. — Quiseram meu número e coisas assim, nada demais. Já estou

acostumada.

— *Já está acostumada?* — Meu chefe ri, como se não acreditasse, aparentando estar mil vezes mais estressado que em dias normais. — Está falando sério? Isso é assédio, porra! Quantas vezes isso já aconteceu?

Sorrio.

— Muitas, sr. Bellini. Esqueceu que sou mulher?

Ele mergulha os dedos no cabelo, aturdido.

— Me prometa uma coisa, Mackenzie.

— O que seria?

— Quero que me conte sempre que algo do tipo acontecer com você. Quero que vá com essas perninhas até a minha sala e conte cada merda que eles disseram ou fizeram, me ouviu?

— "Perninhas"?

Um sorriso ínfimo e de canto brota no seu rosto.

— São pequenas. — Redireciona seu olhar até elas. Viro geleia ao perceber a mordidinha que Aiden dá no seu lábio inferior antes de, sem pressa, tornar a me fitar. *Meu Deus.* — Me ouviu, Mackenzie?

Limpo a garganta. De repente está muito, muito quente.

— Ouvi.

— Ótimo. — Se distancia, um único olhar sendo o suficiente para dispersar toda a atenção que estava em nós. — Voltarei para o meu escritório.

— Seu casulo, não é?

— Meu local de trabalho — corrige.

— Está mais para casulo — insisto, petulante.

— Você me gera um estresse sem fim, srta. Mackenzie.

Eu dou risada.

— Isso porque ainda não viu os remédios que tenho que tomar para lhe aguentar, sr. Bellini — brinco, e eu não deveria estar gostando tanto disso.

Aiden arqueia uma sobrancelha.

— Voltarei ao *trabalho*, senhorita.

— Não estou lhe impedindo, *senhor*.

Ele desiste de lutar contra mim e decide dar um fim à nossa briguinha nada profissional.

A última coisa que vejo antes que se vire é o sorriso que repuxa seus lábios conforme sobe as escadas.

E embora eu ainda esteja trêmula e nervosa pelo ocorrido, não consigo tirar o meu do rosto pelo resto do dia.

06

Faith Mackenzie



De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Um ano trabalhando ao seu lado e ainda me surpreendo com o quão magnífica você parece todos os dias.

E, ao mesmo tempo, tão inalcançável.

O suco de laranja ameaça sair devido ao susto que levo pela notificação repentina.

Nos últimos dias, feito uma tola, eu abri a caixa de mensagens do e-mail inúmeras vezes na expectativa de que uma notificação surgisse, no entanto, sempre saía frustrada. O cara misterioso se manteve em silêncio durante esse tempo, talvez curto, mas muito, muito longo para uma pessoa ansiosa como eu, me fazendo acreditar até mesmo que tudo aquilo, de fato, não havia passado de uma brincadeira.

E agora ele volta? Como se nada tivesse acontecido? Por favor!

Deixo a bebida de lado por um momento só para respondê-lo e dar um basta nessa palhaçada.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Uau, depois do belo vácuo que tomei, pensei que tivesse sumido de vez.

Obrigada por confirmar as minhas dúvidas de que isso era mesmo uma pegadinha.

Se não for pedir demais, gostaria que parasse de me mandar esses e-mails.

Passar bem.

Digito na velocidade da luz e releio para checar algum erro gramatical. Tenho que parecer a mais séria e decidida possível. Uma palavra mal escrita tiraria toda a credibilidade.

Volto a degustar da minha primeira refeição saudável que tive em dias — frutas, legumes, suco e todas essas coisas —, consciente de que deveria bloqueá-lo, mas estou muito curiosa para saber o que ele irá escrever.

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Me perdoe se essa foi a impressão que passei ao deixar de respondê-la, Faith. Nunca foi a minha intenção.

Eu tenho meus motivos para estar enviando essas mensagens anonimamente, e uma delas é que, eu sei, não há qualquer possibilidade de

darmos certos na vida real. É complicado, mais do que eu gostaria que fosse.

Mas, se é isso o que quer, pode ter certeza que irei respeitar sua privacidade e não importuná-la mais. É só que estava me matando guardar essas merdas para mim.

Amoleço um pouquinho.

Droga.

Não posso negar que essa enigmática toda está me deixando curiosa e levemente paranoica, já que vivo observando o comportamento dos homens da lanchonete e pensando se eles se encaixam ou não nesses e-mails. Continuamente saio frustrada, pois sempre acho um ponto falho neles e que com certeza não têm nada a ver com *esse* cara.

Reflito sobre a situação, sobre as coisas idiotinhas que senti e os sorrisos bobos que suas mensagens me tiraram ao longo dos dias.

Estou ficando doida, sem dúvidas, mas não quero que ele pare. Minha vida anda tão monótona e ao mesmo tempo tão cheia, uma boa distração é super bem-vinda, mesmo que com um homem que eu não saiba quem é.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Falando assim, parece que você é membro de uma gangue sanguinária, sr. Mistério.

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Ah, não. Não se preocupe. Nada de coisas ilegais por aqui.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Se você diz…

Nem uma dicazinha sobre sua identidade?

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Hum… Sou homem, vale?

Sorrio, negando com a cabeça.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Isso eu já sabia, bobo.

Algo mais revelador.

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Fico secando sua bunda o dia inteiro pensando em como ela se encaixaria perfeitamente nas minhas mãos.

Com todo respeito, é claro.

Meu interior ferve e minha bochecha esquenta.

Com todo respeito.

Dou um riso anasalado, afugentando da minha mente imagens inapropriadas e que não carregam nenhum bem para uma garota que há meses não sabe o que é ter relações.

Em como ela se encaixaria perfeitamente nas minhas mãos…

Me remexo no sofá, inquieta.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Creio que não conheço alguém tão tarado assim.

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Tsc, é claro que não.

Mantenho minhas fantasias sexuais sobre você guardadas a sete chaves.

O calor sobe pelo meu pescoço.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Você tem uma mente muito suja e depravada.

E estou adorando isso.

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Eu tenho uma mente que não para de pensar em você, Faith.

Comigo, na minha cama, contra a parede, no chão.

Uh, tão quente.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Está fazendo parecer que só está interessado no meu corpo, sr. Mistério.

Estou me sentindo objetificada.

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Cacete, não. Não pense nisso, por favor.

Há uma infinidade de coisas que penso em fazer com você, e a maioria delas não envolve nada sexual.

Aliás, seu sorriso é predominante em meus pensamentos.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Você gosta do meu sorriso?

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Eu sou louco por ele.

Espiralo, uma coisinha estranha surge no meu peito.

Eu meio que tenho uma queda por homens que conseguem enxergar mais do que bundas e peitos em uma mulher.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Não sabia que era tão romântico.

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Não, não sou romântico. Sou realista.

Te exaltar como merece e explicitar meus pensamentos nunca vai se tratar de romantismo.

Você é linda, isso é um fato.

Seu sorriso me tira o chão, isso é outro fato.

Fico imaginando sua boca na minha o dia inteiro, isso também é um fato.

Viro no sofá, balançando as pernas e deixando de lado minha comida vegana para poder surtar internamente sem nada para me atrapalhar.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

De zero a dez, quais as chances de você pensar mais no gosto dos meus lábios do que no trabalho?

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Cem, Mackenzie.

Com certeza cem.

Contorno minha boca suavemente com o indicador, imaginando, pelo pouco que conversamos, como ele beija.

É bruto? Calmo? Curte um beijo mais eufórico ou lento? Ele usaria as mãos e me agarraria firme contra ele? Me prensaria contra a parede, beijaria meu pescoço? Será que faz o tipo que sussurra palavras sujas no ouvido ou gosta de algo mais silencioso?

Pare de pensar nisso. Agora.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Nosso chefe te mataria se descobrisse isso.

Aproveito a demora da sua mensagem para beliscar um pedaço de brócolis, dando mordidas pequenas para me acostumar com o sabor.

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

É.

Ele mataria.

Começo a digitar, mas um minuto depois recebo outra mensagem.

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

E, hum… Você gosta dele? Do nosso chefe, quero dizer.

O jeito que meu nariz torce ao ler a pergunta já diz muito.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Como presidente, diretor executivo, responsável pela empresa e essas coisas, ele é um cara muito profissional. Não tenho críticas nesse sentido. Acredito que a Bellini 's Café é o que é hoje por causa dele.

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Não foi nesse sentido que eu perguntei.

Suspiro, de repente tensa. Depois do que aconteceu há uma semana e a preocupação de Aiden pelo ocorrido, parece errado falar mal dele, o que é bizarro, porque foi o que eu mais fiz nesse último ano.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Como pessoa? Eu… eu não sei.

Ele é frio, bruto, grosso, egoísta, arrogante, bronco, se acha o dono do mundo e não se esforça nem um pouco para ser amigo dos funcionários. Ele também me estressa. Muito. E parece que gosta de me tirar do sério. Ah, também o acho super inflexível. É completamente sem sentido demitir alguém por motivos tão bestas.

Mas… eu realmente não sei. Acho que, lá no fundo, ele é mais gente boa do que aparenta ser, só não estou disposta a descobrir. Quanto mais distância dele, melhor.

Aperto na tecla de envio e espero, roendo as unhas.

Não sei porque, de uma hora para outra, fiquei tão incomodada. Não estou fazendo nada demais, estou? Assim… se isso vazar, com certeza terei problemas, mas não acho que vá acontecer. *Ao menos é o que espero.*

Um tempo se passa quando finalmente meu celular apita.

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Certo, eu entendo.

Já está tarde, amanhã terei que acordar cedo para resolver uns assuntos de família.

Meu humor despenca.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Eu disse algo que te chateou?

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Não, Faith. Não disse.

De: faithmackenzie@bellinicafe.com

Para: anonimo@bellinicafe.com

Tem certeza? É sério, me desculpa se eu tiver falado algo errado. Juro que não foi minha intenção.

De: anonimo@bellinicafe.com

Para: faithmackenzie@bellinicafe.com

Estou sendo sincero, Mackenzie. Mas realmente tenho que ir deitar, o dia foi cansativo.

Desanimada, apenas digito um “ok, boa noite” e desligo o celular.

Será que ele se irritou com o que eu falei sobre Aiden? Ele pode ser aqueles funcionários que babam ovo do chefe mesmo que o chefe em questão seja um tremendo babaca.

É, deve ser isso.

Receosa com a possibilidade de perder meu mais recente paquera e que não durou nem duas conversas direito, deixo os pratos sujos na pia, com a promessa de que voltarei depois para lavar, e me enfurno no quarto.

Pego cadernos, canetas, lápis e livro, abrindo na matéria de embriologia.

Para cada vez que eu pensar no cara misterioso, um assunto diferente.

Para cada vez que eu pensar em Aiden e em como eu peguei fogo quando estivemos tão próximos naquele dia, uma nova matéria.

E é assim que eu fico alternando de página em página a noite inteira.

07

Aiden Bellini



Desço do carro, abotoo o terno e caminho até a propriedade dos Bellini, ou melhor dizendo, a propriedade de meus pais. Eles acharam que seria uma ótima ideia reunir toda a nossa família para um jantar e, sinceramente, mal cheguei e já quero ir embora.

Lance é o único de nós dois que se dá bem com eles, já que, desde criança, é mimado e tido como o filho, sobrinho, neto e afilhado favorito. Absolutamente nenhum dos meus parentes apoiaram meu pai na decisão de passar o cargo de CEO para mim. Segundo eles, eu sou frio e insensível demais para assumir uma empresa, sem falar do meu zero desejo de me relacionar com alguém e procriar.

Aiden vai acabar com a linhagem se continuar assim!, dramatizam.

Por que ele não procura nenhuma mulher? Já está velho. Tenho trinta e seis anos, porra, não sessenta.

Acho que uma companheira tiraria toda essa amargura dele. Não sou amargo, infeliz ou qualquer adjetivo depressivo, eu sou *centrado.*

Desde pequeno eu fui criado para liderar, para estar no comando, ter uma responsabilidade maior do que qualquer outra. Se isso justifica o modo como cresci? Não faço ideia. Mas não sou nenhum filho da puta sem coração como acham.

E, bem, se eles soubessem que há muito tempo não penso em namorar ou casar com uma mulher porque, aparentemente, estou sendo fiel a uma funcionária que me detesta, eles surtariam.

Coloco minha digital na porta, respirando fundo ao abrir.

Meus pais são os primeiros a me cumprimentar, caminhando pelo piso polido e beirando à transparência. O Sol bate forte através da grande janela de vidro, que vai do chão até o teto e que me força a desviar o olhar para não ficar cego. Não sei o que eles tinham na cabeça quando decidiram construir uma mansão ao lado do Sol e ainda com uma janela desse tamanho.

— Filho, estávamos com saudade. — Melissa, minha mãe, beija minha bochecha. — Como está?

— Bem, muito bem — digo, dando um abraço formal em meu pai, Logan.

— Como vão as coisas na empresa? — questiona.

— Melhor impossível. — Forço um sorriso ao mirar a mesa cheia de gente, sabendo o que me espera. — Vamos comer? Mais tarde preciso organizar umas coisas no trabalho.

O que não é uma mentira completa. É de saber mundial que não tenho dias de folga e que respiro trabalho. Lance já está cansado de tentar me convencer de que mereço umas férias. Pode ser que eu mereça, contudo, não consigo. Minha mente é como uma máquina a vapor que não descansa nunca. Ela acha que, se eu parar um segundo, estarei desperdiçando meu

tempo. Que enquanto eu tiro férias, eu poderia estar abrindo uma nova filial em outro estado.

É cansativo.

Aproveito que a cadeira ao lado do meu irmão está vazia e sento nela, ignorando os olhares de julgamento.

— Boa tarde.

Eles murmuram um cumprimento sem vida de volta, deixando claro o quanto minha presença é indesejada.

— Não liga pra eles. — Lance segura meu braço. — São um bando de fodidos.

Solto uma risada baixa.

— O que eles achariam se soubessem que o caçula favorito deles os chama assim? — desdenho.

— Não estou nem aí. Mexeu com você, mexeu comigo.

Bufo, divertido, e rolo os olhos.

— Sem sentimentalismo, por favor.

— Você é um ogro. Estou louco para saber como vai ser quando namorar Faith.

Quando ouço o nome da garota escapando de seus lábios sinto uma pontada no peito. Preciso marcar um médico urgente para descobrir a origem dessas dores.

— Já disse pra parar com esse assunto, Lance — falo, averso.

— Achei que você tinha praticado a autoaceitação, irmãozinho. Depois só não reclame quando eu disser “eu avisei!”.

Sinto uma nova fisgada ao me imaginar tendo algo com Faith.

Balanço a cabeça para dispersar esses pensamentos e me concentro na comida sendo servida, disposta por toda a mesa.

— E então, Aiden, está saindo com alguém? — Miranda, minha tia, indaga enquanto corta um pedaço de carne malpassada e leva à boca.

Lá vamos nós.

Reprimindo minha instantânea vontade de levantar e ir embora, me sirvo da comida e abro um sorriso condescendente à sua pergunta.

— Não, tia. Não estou saindo com ninguém. — Mastigo o filé e engulo. — Mas isso vocês já sabiam, imagino.

— Claro — Edward, irmão do meu pai e meu tio, diz. — Como se já não soubéssemos da sua vontade de morrer solteiro.

— Não tenho vontade de morrer solteiro — contraponho. — Apenas não achei a pessoa certa.

Lance se engasga com a risada.

— É complicado — declara, bebendo um copo d'água. — Vocês sabem como Aiden é exigente.

— Sim, e o mínimo que esperamos com essa demora para escolher uma esposa é que ela seja bastante influente e que traga benefícios para a Bellini&Co.

Meu estômago afunda.

Ouvir isso é o mesmo que levar um soco.

Se eles ao menos soubessem quem vem dominando meus pensamentos… Se eles soubessem que ela não tem status, influência, poder e nem é filha de pessoas revolucionárias, mas que tem um coração gigante, é gentil, prestativa, e a mulher mais incrível que eles teriam o prazer de conhecer, eu torceria para que suas opiniões mudassem, embora saiba que caráter nunca, verdadeiramente, importou aqui.

— Aiden deve casar com uma mulher que ame e que o ame de volta, Edward — minha mãe recorre ao meu favor. — Sendo influente ou não.

Se eu der um suspiro aliviado agora, vai ficar óbvio minhas intenções?

— Melissa, amor, vamos com calma. — Meu pai entra na conversa. — Temos um legado, uma reputação a zelar. Aiden não pode simplesmente se casar com uma qualquer só porque a ama. Temos que torcer para que o amor da vida dele seja alguém que nos beneficie.

Tamborilo os dedos na coxa, sem paciência.

Não quero uma parceira de status, quero uma mulher que me ame. Que esteja comigo não pensando no futuro luxuoso que nosso casamento trará, mas que acorde todas as manhãs feliz por estar *comigo.* Que seja minha companheira, confidente, e, acima de tudo, que eu possa confiar. Quero sentir meu coração pulsando ao vê-la. Quero que *ela* sinta isso.

Não ligo para dinheiro. Foda-se o dinheiro.

A única coisa que anseio dia e noite é por alguém que veja além do CEO autoritário que demonstro ser.

— Não vejo motivos para estarmos discutindo sobre isso — exponho. — Dá para, pelo menos uma vez, almoçarmos e conversamos sobre outra coisa que não esteja relacionada à minha vida?

— Mas… — Leah, que até então estava calada, começa, porém o estrondo que minha mãe causa ao bater na mesa a assusta.

— Já chega — grita, raivosa. — Parem de falar sobre esse assunto. Não chamamos vocês aqui para isso. É tão difícil assim agirem como pessoas civilizadas?

Minha mãe não é a pessoa mais calma do mundo, mas é difícil tirá-la do sério ao ponto de fazê-la gritar assim. Por isso, sei que está realmente chateada.

— A culpa não é nossa se seu marido colocou Aiden na presidência em vez de Lance — Miranda volta a resmungar.

— Já estou farto de ouvir essas merdas. — Lance desiste de ficar calado. — Se meu irmão é o CEO da Bellini 's Café é porque meu pai achou que ele é competente o suficiente para isso. Se eu bem sei, Aiden provou ser tudo o que nosso pai confiou que seria. Temos a lanchonete mais famosa de Seattle, as ações não param de subir, e ele é elogiado em todo lugar que vamos. Se querem saber, nunca quis ser CEO. É uma responsabilidade do caralho que não estou disposto a assumir. — Ele recupera o fôlego e prossegue: — Enfim, peço que parem com esses comentários idiotas, porque enquanto as dondocas estão viajando o mundo com um poodle dentro da bolsa, meu irmão todo maldito dia dá o sangue para garantir que nosso patrimônio seja preservado por muito tempo.

Uau.

A sala de jantar recai em um silêncio profundo. Nem o poodle da minha tia ousa fazer barulho.

Porque enquanto as dondocas estão viajando o mundo com um poodle dentro da bolsa, meu irmão todo maldito dia dá o sangue para garantir que nosso patrimônio seja preservado por muito tempo.

Rio sozinho.

Porra, esse cara é foda.

Meu primo, um garotinho de nove anos do qual tenho um enorme apreço, muito embora tenhamos pouco contato, se manifesta.

— Nossa. — Ele leva uma batata à boca e mastiga, o som de *crec-crec* ressoando e, além do canto dos pássaros lá fora, é o único barulho a ser ouvido. — Esse almoço virou um enterro.

08

Aiden Bellini



Estou dirigindo tranquilamente pelas ruas de Queen Anne Hill quando um pontinho específico de cabelos cacheados, sentado em um ponto de ônibus deserto, chama a minha atenção.

Meto o pé na marcha e acelero o carro, desacelerando quando me aproximo e descubro de quem se trata. Não que eu tivesse dúvidas. Eu meio que reconheceria aqueles cachos em qualquer lugar.

Olho para os lados. Percebo que ela está sozinha e que não há, sequer, um sinal de que algum ônibus irá passar ali em breve. Ela balança as pernas, checando o celular a cada cinco segundos. Um nó se projeta no meu peito por uma razão ainda desconhecida, no entanto, ignoro, estacionando a poucos metros dela.

Faith se assusta, é perceptível. Vejo quando ela abraça o corpo com uma mão, ao passo que a outra pega um exemplar de “O Pequeno Príncipe” na bolsa e começa a ler. Sei que está fazendo isso para se distrair.

Honestamente, acho que não é saudável uma pessoa ser tão linda quanto ela é.

Abaixo o vidro do automóvel.

A garota olha de relance, voltando a ler em seguida, depois olha de novo, e após alguns momentos se dá conta de quem é o carro.

Ela arregala os olhos.

Adorável.

— O que a senhorita está fazendo sozinha a essa hora? — provoco, assistindo o espanto se transformar em raiva em questão de segundos.

— Creio que uma pergunta tão idiota não valha uma resposta — rebate e cruza as pernas, voltando a atenção para o exemplar.

Como se não bastasse ficar malditamente deliciosa irritada assim, ela ainda tem que estar usando um saia que abraça deliciosamente suas curvas.

— Esqueceu com quem está falando, srta. Mackenzie? Creio que essa não seja a maneira correta de se referir ao seu chefe.

A garota olha o relógio e, sem me encarar, retruca:

— São oito da noite. — Em seguida, suas íris encontram as minhas. — Meu expediente acabou. Aqui você não é meu chefe.

Escondo meu sorriso presunçoso.

— Isso te deixa à vontade para mostrar as garrinhas?

— Isso me deixa à vontade para mandar você ir se foder por ser tão insuportável. — Suas bochechas inflam e assumem um tom rosado. *Fofo pra caralho.* — Não irei pedir desculpas.

Solto uma risada baixa.

— Não pensei que fosse. — Destravo o carro. — Anda, entra. Vou te deixar em casa. — Ela me fita sobre o livro, me ignorando por completo.

— *Faith.*

— O que você quer, pelo amor de Deus?! — exclama.

— Que entre na porra do carro e me deixe te dar carona.

— Agradeço pela solicitude, mas tenho dinheiro para voltar para casa de ônibus.

— A questão é que não há ônibus nenhum passando aqui.

— Eles demoram mesmo.

— Está tarde e deserto.

— Que bom, assim leio em paz.

— Um ponto de ônibus não é um local para ler, Mackenzie.

— Diga por você.

Aperto a ponte do nariz.

Cacete de mulher teimosa!

Finjo que estou olhando o celular e torno a insistir:

— Eu acabei de ver aqui e… — estalo a língua no céu da boca — todos os ônibus estão de recesso hoje.

— Você está mentindo — emite, desconfiada, as pálpebras semicerradas.

É, eu estou.

— Não estou.

Solto uma enxurrada de xingamentos baixinho quando Faith pega o próprio aparelho e vai checar. Me dando por derrotado, eu simplesmente espero que ela me enxote para fora de novo.

Eu a vejo deslizando a tela várias vezes até seus ombros murcharem.

Hum…

— Droga. — Inspira, esmagando os lábios um no outro. — Você está certo. Eles só voltarão amanhã.

Estou?

Escondendo a surpresa, pois eu não fazia a mínima ideia de que o transporte está mesmo de recesso, já que só disse isso para convencê-la a ir comigo, dou de ombros suavemente.

— Eu disse.

— Mas ainda tenho a opção de ir a pé.

— Porra, Faith! Entra logo na merda desse carro!

Ela solta uma lufada de ar, irritada, e liga para alguém. Óbvio que foi para perguntar se poderia buscá-la, e pela cara infeliz que toma sua feição, sei que foi uma resposta negativa.

Tenho que morder os lábios, dentes e língua para conter a droga do sorriso assim que ela levanta e caminha em direção ao veículo. A garota abre a porta do passageiro e entra, batendo a porta com força.

— Fin…

— Não fala comigo — corta.

Dou risada.

— Preciso saber onde mora.

— Você não ia perguntar isso.

— Provavelmente não. — Conecto o Spotify nos alto-falantes e boto uma música clássica para tocar, quem sabe assim os ânimos da mulher aqui do lado se acalmem. — Mas não posso te deixar em lugar algum se não sei onde mora.

Ela se acomoda no banco e seu braço por pouco não roça no meu. Só então tomo consciência da nossa proximidade, que Faith está a poucos centímetros de mim. Sinto imediatamente uma onda de eletricidade percorrer meu corpo, me causando sensações que nunca senti.

Penso, por um instante, como seria o gosto dos seus lábios nos meus e em como sua beleza me deixa zonzo. Minha mente é inundada de imagens da quantidade de coisas que poderíamos fazer nesse carro se a situação fosse outra.

Eu arrastaria minha boca por seu pescoço, agarraria seu cabelo, espalharia beijos molhados em sua pele até que ela estivesse implorando para que eu a possuísse. Depois, Faith desfaria botão por botão da minha camisa e arrastaria suas unhas pelo meu peitoral enquanto nossas línguas se enroscariam e deslizariam uma na outra.

— Moro uma rua antes da sua lanchonete, é fácil de achar. — Sua voz me puxa de volta para a Terra.

— Hum, certo. — Pigarreio e giro a chave na ignição, dando partida. — O que está fazendo tão longe?

— Não que seja do seu interesse, mas visitando meu irmão. — Dá risada. — O mesmo que pensou que fosse o meu namorado.

Argh, só de lembrar dessa merda me dá calafrios.

— Só pra constar, não fui *eu* que pensei. Já falei que recebi diversas reclamações e apenas fui checar.

— Recebeu mesmo? Tenho sérias dúvidas sobre isso.

— O que está querendo insinuar?

— Eu? Nada. — Dá de ombros. — Só me pergunto às vezes se tudo aquilo não foi uma armação pra ter algum motivo para chamar minha atenção, visto que, até então, você nunca havia notado a minha presença.

É aí que você se engana, Mackenzie. Eu noto sua presença o tempo todo.

— Não sei que tipo de profissional você pensa que eu sou — entro numa avenida movimentada —, mas posso garantir que não sou aquele que

pega no pé dos funcionários à toa.

— Deve ser um saco ter uma tão boa que te obriga a reclamar por coisas banais.

Emito um ruído de escárnio.

— Fora do trabalho seu ego é inflado, hum? — constato.

— E por que não seria? — Faith passa a língua nos lábios. — Sei bem do meu potencial, Aiden. Não serei modesta por educação ou para bancar a coitadinha.

Quase peço para que repita meu nome, porque, caralho, o som dele saindo de sua boca… Eu nunca havia gostado tanto dele como agora.

— Acredite, nunca duvidei. — Sou sincero. — Também sei bem do potencial de cada um dos que trabalham comigo.

— Bom — assente. — Pelo menos reconhece isso, qual a razão então para ser tão babaca?

— Por "babaca" você quer dizer focado, exigente e preocupado com o bem-estar da empresa?

— Não. Por "babaca", eu quero dizer um idiota muita das vezes, grosso e irritante.

Cacete, ela realmente vai aproveitar que não estamos no trabalho para dizer tudo o que pensa sobre mim.

— Curioso. Nunca recebi uma carta de demissão até agora.

Faith espirala, pendendo o rosto para a janela.

— Você paga bem — confessa, com certa antipatia no tom. — Preciso de dinheiro para pagar minha faculdade.

Aquiesço, me perguntando como é a vida dela fora da lanchonete, que tipo de coisa tem que enfrentar longe do estabelecimento.

— Faz faculdade de quê? — inquiro, parando no sinal.

É hilário como minha indagação pode soar desinteressada, o timbre gélido ocultando meu real desejo em saber mais sobre ela.

— Enfermagem — diz, distraída, mexendo na barra de sua saia. — Estou no segundo ano do bacharelado.

Se Faith se tocasse do quanto estou adorando receber informações extras sem ao menos perguntar, ela continuaria unicamente por pena.

— Pretende se especializar em qual área quando finalizar? — De esguelha, capto os olhos escuros e brilhantes da garota voltados para as veias das minhas mãos, hipnótica.

Satisfação inunda meus sentidos e eu me obrigo a suprimir um comentário sarcástico com muita dificuldade.

— Hum… — Libera um suspiro demorado, sacudindo a cabeça e levando o olhar para as próprias mãos. — Estou em dúvida entre saúde mental ou da família. Ainda não decidi.

— Você ainda tem três anos para escolher — alego. — Mas, se a opinião de um cara insuportável e odioso conta, a área da saúde mental é o melhor caminho.

Ela deixa uma risadinha baixa escapar. É tão suave e sincera que por um momento penso estar ouvindo coisas.

— Por que acha isso?

— O quê? Que sou insuportável e odioso? Não faz nem quinze minutos e você já disse isso umas vinte vezes.

A garota ri ainda mais.

Caralho, que som lindo.

— Não, Aiden. Estou me referindo ao curso. Por que acha que psiquiatria é a melhor opção?

— Porque, em trinta e seis anos, eu vi muitos amigos, conhecidos e parentes perderem a vida para a depressão por não terem ninguém ali para dar o suporte emocional que eles precisavam. — Minha garganta fecha, os nós dos meus dedos esbranquiçados ao redor do volante. — Profissionais que trabalharam junto comigo cedendo ao cansaço. Penso que seria bom ter mais pessoas atuando em prol de ajudar aqueles que estão presos dentro de suas próprias mentes e não veem saída.

Faith fica reflexiva acerca do que digo, é notável. Lá no fundo, uma pontinha de orgulho cria raízes, contente por ter arrancado outra reação da cacheada que não tenha nada a ver com repulsa ou aversão.

— Odeio dizer isso, mas você tem razão — conta, amistosa, e eu esboço um sorriso ladino. — Acho que sempre tive mais inclinação para esses assuntos relacionados à saúde mental desde que li “O Pequeno Príncipe”.

— É realmente uma boa obra.

— Já leu?

— Inúmeras vezes.

— Não sabia que era adepto à leituras.

— Achou que a estante no meu escritório era apenas um enfeite?

Ela revira os olhos.

— Considerando que nem tempo você deve ter, sim, eu achei. — Faith destrava o cinto assim que paro na porta da sua casa, um apartamento aparentemente pequeno e de boa aparência. — Obrigada por ter vindo me deixar.

— Sem problemas. — A acompanho sair do veículo e ir em direção a portaria.

Permaneço no mesmo lugar, me certificando de que ela entrará em segurança. Quando tenho a confirmação de que sim, preciso de um minuto para processar o que aconteceu antes de partir.

Minhas palmas estão pegajosas.

Meu coração está louco

E eu estou sorrindo feito um idiota.

09

Faith Mackenzie



Perdi meus pais em um acidente de carro há dez anos.

Era uma noite chuvosa, as ruas estavam alagadas e havia buracos abertos em toda a cidade. A recomendação da prefeitura era que todos permanecessem em casa e só saíssem com uma segunda ordem, sujeito à multa se as autoridades detectassem a presença de veículos nas estradas ou até mesmo pedestres.

Naquele dia, tudo estava contribuindo para que meus pais ficassem em casa.

Um dia chuvoso.

Estradas perigosas.

Ordens de restrição.

Multa para quem desobedecesse.

No entanto, eles sempre foram aquele tipo de casal imediatista e teimoso. Era meu aniversário, e já que não podíamos sair, pois todos os lugares estavam fechados, dona Tina e o senhor Jasper decidiram que, ao menos, poderiam comprar algo para que a data não passasse em branco.

Eu implorei inúmeras vezes para que não fossem. Disse que poderia esperar até o dia seguinte, que um presente agora não era importante. Ambos não quiseram me escutar, colocando a soberania dos pais acima de qualquer sensatez.

No segundo em que a porta se fechou e prometeram que chegariam rápido, eu soube que era mentira.

Senti, lá no âmago, que aquela era a última vez que eu os veria. Por isso, quando horas depois recebi uma ligação da polícia informando que meus pais haviam falecido, eu fiquei tão letárgica e sem reação que a ficha só foi cair uma semana depois.

Doeu. Ainda dói. Saber que poderia ter sido evitado, que por conta de algo tão banal os meus heróis se foram, sempre irá machucar.

Daqui a oito dias é meu aniversário. Sinceramente, não estou nada ansiosa. Como em todas as outras vezes, não irei comemorar ou fingir que estou alegre ao aceitar convites de amigos que não fazem ideia do que passei nesse dia.

É cansativo fingir felicidade quando não se está. Parei de me dar ao luxo disso há muito tempo.

— AMIGAAAA! — Sloane me recepciona com gritinhos animados quando entro, aproveitando que a lanchonete está vazia. — Você viu o comunicado que nosso chefinho postou?

— Hum… não. — Sou sincera, sacando o celular do bolso.

Antes que eu entre no grupo de comunicados da empresa, minha amiga diz:

— Na próxima semana todos os funcionários terão um dia de descanso em um Resort ma-ra-vi-lho-so na praia de San Diego. Aquela belezura.

Minha curiosidade murcha na mesma hora.

— Ah, legal — murmuro, guardando o aparelho de volta. — Não poderei ir.

— O quê? Por quê?

É meu aniversário, dia que meus pais morreram, e eu não quero passar em outro lugar que não seja enfurnada no meu quarto.

— Não gosto de avião — simplesmente digo.

Está longe de ser uma mentira, aliás. De fato, não gosto de aviões. Eles me dão pavor e já recusei várias oportunidades incríveis de férias porque a opção "ir de avião" era a única disponível.

— Faith, você vai deixar um convite maravilhoso passar por causa de um medo idiota? — Eu começo a andar, segurando a língua para não rebater, e ela me acompanha, indignada. — Você disse que nunca conheceu a praia. Seria uma ótima oportunidade.

Golpe baixo, Sloane.

— Sim, mas tenho fé de que terei outras oportunidades. — Me viro em sua direção enquanto troco de roupa. — Você pode saciar a minha vontade indo lá e tirando várias fotos.

— Não vai ser a mesma coisa sem você — resmunga, ficando só de sutiã.

— Pode ser que não, eu sei que você me ama. — Lanço uma piscadela para ela, que sorri. — Veja pelo lado bom: Jacob estará lá. É uma ótima oportunidade para vocês… hum… se conhecerem.

Minha amiga cora.

Jacob é o carinha que fica no caixa pela parte da manhã. Sloane é obcecada pelo garoto. Entretanto, pela diferença do turno dos dois e por só se verem quando um está saindo e o outro entrando, eles nunca tiveram a oportunidade de conversar.

Até semana que vem.

— Você acha que ele vai estar lá?

— Com certeza. Ouvi dizer que ele é surfista nas horas vagas. Aposto que não vai perder a oportunidade de pegar uma onda.

Ela bufa.

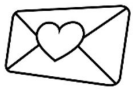
— Queria que ele viesse surfar nas *minhas* ondas. — Solto uma gargalhada. — Para de rir.

Ponho a mão na boca para cessar.

— Desculpa. É que sua analogia foi engraçada. — Suspiro. — Enfim, torço para que vocês deem certo. Formam um casal muito lindo.

Minha amiga anui, ciente desse fato.

— Certo, agora vamos trabalhar.



Mais tarde, recebemos outra notificação de um relatório para colocar o nome de todos os funcionários que não poderiam comparecer ao dia de folga da empresa.

Pus o meu e em menos de dez minutos fui chamada até o escritório de Aiden.

Que cacete! O que eu fiz de errado dessa vez?

Furiosa e engolindo todos os xingamentos possíveis, subo as escadas e dou “batidinhas” nada fracas na porta do diabo. Sua voz arrogante me manda entrar cinco segundos depois.

— Boa tarde, srta. Mac…

— O que eu fiz dessa vez?

Aiden dá um sorriso ladino, retirando os óculos de aro do rosto e deixando na mesa.

Que droga, estava sendo uma bela visão.

— A senhorita não teve o desprazer de me ver sequer uma vez hoje, tirando agora, e já está assim?

— Logicamente, porque não estou vendo razão para ser chamada aqui, *chefe*. — Prolongo propositalmente a última palavra nos meus lábios.

— O que te leva a achar que é por algo ruim?

Troco o peso das pernas, resistindo à vontade de cruzar os braços e agir feito uma desleixada na frente do homem que pode me demitir em um estalar de dedos.

— Creio que não é do seu feitio chamar alguém para elogiar — alfineto.

Sei que deveria ser mais prudente nas minhas falas, mas magicamente eu não consigo segurar minha língua afiada quando estou diante dele.

Ele sente, pois pisca reiteradas vezes, absorvendo o que eu disse. Em seguida, uma risada fraca preenche o escritório.

— Te chamei aqui para questionar a razão de não poder ir ao Resort na semana que vem.

Era só o que me faltava.

— Está fazendo esse interrogatório com todos ou eu sou exclusiva? — Cruzo os braços, sem conseguir me conter.

Aiden sorri, ameaçador.

— Responda à minha pergunta.

Bufo e reviro os olhos.

— Não sou adepta a aviões e um Uber daqui até San Diego ficaria muito caro.

— Apenas por esse motivo? — Ele nota minha hesitação. — O que houve?

Nego com a cabeça, engolindo em seco.

— Coisas pessoais. — Mordo o lábio inferior. — Bem, de todo modo, não será possível. Fico feliz pela iniciativa que tiveram, todos os funcionários estão bem empolgados. Gostaria muito de participar, mesmo. Nunca conheci o mar e acho que essa seria uma ótima oportunidade, mas as coisas nem sempre acontecem como nós queremos, certo? Então…

— Respire — pede e eu automaticamente paro de tagarelar, puxando o ar para os meus pulmões. — Você nunca conheceu o mar?

Faço que não.

— O mais próximo que cheguei da praia foi quando minha tia trouxe umas conchinhas bonitas de presente para mim, mas faz muitos anos.

Meu chefe aquiesce, parecendo ponderar sobre algo.

— Se tivesse outro jeito de ir, sem ser de avião, você iria?

— O Uber está caro.

— *Sem ser* de avião ou Uber, Faith.

Respiro fundo.

— Não.

— Por quê?

Empurro a bochecha com a língua, sem saber o que responder.

Incomodada, brinco com a barra do meu avental, sem encará-lo.

— Eu tenho… lembranças ruins com a data que escolheram.

— Que tipo de lembranças?

— Aiden… — Nem me lembro de pedir desculpas por chamá-lo tão informalmente. — Por favor, eu só não quero ir.

Ele encrespa a testa, entendendo. Seu semblante se distingue muito das feições autoritárias de minutos atrás.

— E se mudarmos a data?

— Por que quer tanto que eu vá?

— E se *mudarmos* a data? — repete, fugindo da pergunta, o tom sombrio.

Passo a língua nos lábios, dando de ombros, cansada de tentar entendê-lo.

— Aí eu iria. Isso, claro, se alguém se dispusesse a me deixar lá.

Aiden anui.

— Enviarei um comunicado mais tarde avisando que iremos na próxima quinta. — Ele se endireita na cadeira e começa a digitar algo no computador.

— Sr. Bellini, não é necessário.

— Volte ao trabalho, srta. Mackenzie — manda, sem me olhar.

Expilo o ar pesado pelo nariz.

— Nada vai te fazer mudar de ideia?

— Absolutamente não.

— Não irei de avião.

— Daremos um jeito.

— “Daremos”, é?

A olhada que o homem me lança poderia me transformar em fumacinha.

— Volte. Ao. Trabalho — ordena entredentes.

— Claro. Como quiser.

Escondendo atrás da saia o belo dedo do meio que dou a ele, me retiro da sua sala, fumegando de raiva e descrença.

Por qual razão ele quer tanto minha presença? Por que, em alguns momentos, está tolerável e, do nada, volta a ser o mesmo brutamontes de sempre? Odeio que me deixe tão confusa, droga.

— E aí, o que rolou? — Sloane questiona assim que chego no térreo, dando a volta no balcão.

— Nada demais, ele só perguntou o porquê de eu não poder ir e disse que vai remarcar o evento.

— Remarcar? Por que você disse que não ia?

— Não acho que tenha sido por isso, mas…

— Ah, por favor. Claro que ele fez isso por você. — Minha amiga arregala os olhos. — Céus! Então isso quer dizer que…

— Isso não quer dizer nada, Sloane. Para de pensar besteira — corto na mesma hora, sabendo das suas teorias de conspiração que não fazem o menor sentido.

Ela me cutuca com o cotovelo.

— Pode negar o quanto for, amiga, mas nosso chefe está doidinho por você. O que é uma coisa bem doida, né? Um cara rico daqueles caindo de amores por uma simples empregada… — Dá risada. — Você está protagonizando um filme da Disney, Faith! Não acha isso um máximo?

Franzo o nariz.

— Que coisa mais sem lógica, Sloane, não viaja. Só porque ele remarcou a data?

— Óbvio? E conte a história direito! Ele remarcou porque você não *podia* ir. — Bota o cabelo para o lado. — Aiden quer passar mais tempo ao seu lado. Que fofo. Não sabia que ele podia ser tão fofo com alguém como você.

Só não caio na gargalhada pois provavelmente chamaria muita atenção.

— Aiden? Passar mais tempo comigo? Fofo? Nossa, essas duas últimas coisas não fazem o menor sentido. — Estalo a língua no céu da

boca. — E você está esquecendo o mais importante: remarcando ou não a data, me recuso a ir de avião.

— Isso é o de menos, certeza que ele te levaria até de cavalinho.

Um sorriso singelo e pequeno planta no meu rosto.

— Exagerada.

— Espero que vocês se casem logo pra você virar bilionária e me levar para viajar.

Dou risada.

— Eu não ficaria com ele por interesse e, além do mais, não casaria com Aiden nem se ele fosse o último homem da face da terra.

— Pois acho que você está perdendo uma bela oportunidade de casar com um cara gato e rico de bônus, o que é muito bem-vindo.

— Isso está fora de cogitação. Nunca terei qualquer tipo de envolvimento com o diabo.

— Você não sente nadinha por ele?

Entorto a boca, me odiando por não ter uma resposta concreta para a sua indagação.

Ela nota minha incerteza e expõe todos os dentes branquinhos em um sorriso grande.

Libero um muxoxo.

— Não sinto nadinha, juro — respondo um tanto incerta.

— Acho que para quem disse que *"não casaria com Aiden nem se ele fosse o último homem da terra"*, você soa pouco confiante em sua resposta. — Sloane me empurra de leve.

— Só acho ele muito bonito, o que, vamos ser sinceras, *todo* mundo acha. Isso não quer dizer que eu queira ter uma ninhada com ele.

— Nem uns beijinhos?

De repente, respirar se torna difícil, e tudo isso é devido a minha cabecinha fértil que faz questão de projetar milhares de cenários onde estamos nos beijando.

Nossa, como seria um beijo desse homem?

— Se não fôssemos quem somos, talvez. — Espremo os lábios. — *Só* uns beijinhos — faço questão de explicar quando Slone me fita com malícia.

— Aham, eu sei.

— É sério. Seria um beijo e nada mais. É o máximo de tempo e proximidade que conseguiria suportar. Já basta aguentar o poderoso chefão aqui na lanchonete.

— Já disse que eu sei. — Dá uma risadinha. — Só não acredito muito que você continuaria com esse mesmo pensamento depois de provar do beijo daquele homem.

Meu corpo esquenta.

— Por que em vez de ficar falando besteira você não volta a trabalhar, hein?

Ela ri e, sem mais nada a ser dito, assente.

Claro que não tem mais nada a dizer. Depois de me deixar vergonhosamente sedenta e imaginando como Aiden Bellini beija e… bem… como ele é em outros departamentos, realmente não há mais nada a ser dito.

Gemo de frustração.

Meu chefe é alguém inalcançável, e nem se eu quisesse — veja só, eu *não* quero — conseguiria algo, além de repulsa, vindo dele.

10

Faith Mackenzie



Está chovendo.

E, para o meu azar, não é pouco.

A chuva torrencial ricocheteia violentamente contra o vidro, ameaçando, mesmo que eu ache difícil, quebrá-lo em vários estilhaços. Do lado de fora, está tudo alagado. Carros e motos sendo levados pela água e parando em lugares que prefiro não imaginar.

Tomada pelo pânico, fecho as persianas, tentando me concentrar em qualquer outra coisa que não seja no caos ao meu redor. Estou completamente sozinha na cafeteria. Todos os funcionários já foram embora e eu fiquei para organizar a bagunça que um aniversariante fez. Não estava nas previsões que uma tempestade iria se abrir, por isso fiquei, com a intenção de dar uma limpa rápida no estabelecimento.

Agora, não faço ideia de que horas irei chegar em casa.

Sem saber o que fazer, fico andando de um lado para o outro, buscando me acalmar. Nada funciona, é claro. Tenho uma prova amanhã,

droga! Eu estava planejando descansar um pouco e passar a madrugada estudando, mesmo sabendo que seria errado e “anti-saudável”.

Mergulho as mãos nos meus cabelos, contando de dez até zero, concentrada em expirar e inspirar. Afasto as memórias ruins e evito ser transportada para o dia que meus pais morreram. Já estou com a cabeça cheia demais e com certeza não quero ter um ataque de pânico nessas circunstâncias.

Resolvo sentar em uma das cadeiras e abaixo a cabeça. Minhas pernas tremelicam em um ritmo incessante.

Algodão-doce, unicórnios, glitter, cachorrinhos, gatos filhotes, livros, cabritos correndo na grama, bebês sorridentes… começo a listar uma série de coisas que me fazem bem, percebendo que, aos poucos, eu volto a respirar com mais calma.

— Faith? — Eu dou um salto da cadeira quando escuto a voz do meu chefe. — O que está fazendo aqui a essa hora?

Eu havia esquecido completamente que Aiden é o último a sair e o primeiro a entrar, todas as vezes. É claro que ele ainda estaria aqui mesmo depois de duas horas da lanchonete fechada.

Quanta falta de sorte, viu, Faith.

Me recompondo do vexame que certamente passei ao pular da cadeira igual um sapo depois de ver o predador, tiro meus cachos do rosto e ajeito a saia, tossindo para disfarçar o ocorrido.

— Está chovendo muito forte, estou esperando passar.

— Que eu saiba, essa chuva começou há uma hora, e faz exatamente duas horas que seu turno acabou. — Ele cruza os braços, estourando o tecido do paletó com seus músculos. — O que ainda está fazendo aqui?

— Aconteceu uma festa de aniversário mais cedo, mas o aniversariante em questão derrubou o bolo e refrigerante por todo o lado.

Fiquei para arrumar tudo.

— Sozinha?

— Hum… Sim.

— Ninguém se ofereceu para te ajudar?

Comprimo os lábios, sentindo o cansaço pesar nos meus ombros.

— Não.

— Nem aquela sua amiga?

— Também não.

— Porra. — Ele solta uma risada. — Que belos amigos você tem.

Coço a nuca, perturbada.

— Já estava muito tarde e todos eles tinham compromissos depois daqui.

— Eu tenho certeza que você também tinha, Mackenzie. Não queira defendê-los.

Fico calada e apenas dou de ombros, leiga sobre como agir com Aiden estando tão perto.

— E então…? Vamos ter que passar a noite aqui? — *Sozinhos?*

O olhar significativo que me lança deixa minhas pernas bambas.

— É o que parece. — Suspira. — Não há condições de sair com essa chuva.

— E onde vamos dormir?

— Tenho um colchão extra e uns travesseiros no meu escritório para você. Não se preocupe comigo, estou acostumado a passar a madrugada em claro.

— Como é? — entoo. — Você não vai ficar acordado até de manhã, Aiden, por favor! Eu durmo no seu sofá de couro e você no colchão.

Ele ri.

— Aquela merda não serve para dormir, Faith.

— E daí? É só uma noite. Aliás, eu nem estava com planos de dormir também. Amanhã tenho uma prova e vou aproveitar o material que tenho no celular pra estudar.

— E mesmo tendo prova, você aceitou fazer o serviço, que deveria ser em conjunto, sozinha. — Meu chefe esfrega a testa, sem acreditar. — Aliás, virar a noite enfiando assunto na cabeça não vai trazer nenhum bem a você. Quando amanhecer, vai estar cansada, e as chances de fazer uma boa prova assim são mínimas.

— Já fiz isso outras vezes e me dei bem. Não posso me dar ao luxo de dormir agora. É um teste importante.

Ele nega, como se tivesse algum poder sobre minha decisão.

— Você já estudou esse tema outra vez?

— Uhum.

— Aprendeu?

— Sim, depois eu vi que não era tão difícil.

— Então assunto encerrado — decreta. — Você *não* vai passar a madrugada estudando.

Uma risada amarga escapa da minha boca.

— Não sei o que está pensando, Aiden, mas você não manda em mim. Eu *preciso* estudar e eu *vou*. Pode ficar com o colchão todo pra você, eu fico aqui. — Me sento na cadeira e puxo o celular do bolso da saia.

— Para uma estudante de enfermagem, você parece não saber nada sobre o quão prejudicial isso que está fazendo pode ser.

Bufo, exausta dessa discussão.

— Aiden, vai dormir.

— Não enquanto não vier comigo. — Esbugalho levemente os olhos, entendendo o que não devia, e ele faz o mesmo. — Não sei como formular essa frase sem parecer estranho, mas você entendeu — dispara, guardando as mãos nos bolsos.

Eu não deveria estar achando tão fofo ele sem jeito assim.

Decidida a colocar um ponto final nessa conversa, digo:

— Com uma condição.

O homem estreita os olhos e logo em seguida os revira.

— O quê?

Umedeço os lábios, prestando atenção mais do que devia nas suas íris que acompanham o caminho que minha língua faz, sentindo todos os pelinhos do meu corpo se arrepiarem.

Se tem uma coisa que meu chefe é, essa coisa é sedutor, ainda mais quando não está com a pretensão de ser. Esses olhos azuis, profundos e parcialmente estreitos, do tipo que parecem estar enxergando até os cantos mais obscuros da sua alma… Uau, Aiden Bellini poderia facilmente entrar em um concurso de beleza e ainda por cima ficar em primeiro lugar. Aposto que ele também ganharia o concurso de mister chato do ano, duvido existir qualquer competidor à sua altura.

— Você irá dormir no colchão e eu no sofá.

— Não mesmo, Mackenzie.

— Isso ou eu passo a madrugada inteira fritando meus miolos, sr. Bellini. — Alço o queixo. — Já que está parecendo tão interessado na minha saúde.

O maxilar do homem tensiona. Ele fica uma delícia desse jeito, todo bravo. Meu corpo gela quando ele começa a caminhar lentamente até mim, intimidador, como um caçador que está louco para capturar sua presa.

Nesse caso, eu acho que eu não me importaria nenhum pouco em ser a presa.

Definitivamente, acho que meus miolos foram afetados pela tempestade que cai lá fora. Só pode ser a única explicação para eu pensar, tantas vezes, em como o meu chefe insuportável é bonito e atraente.

Acomodando um braço de cada lado do meu corpo e se debruçando sobre a mesa, ele me encurrala. Meu oxigênio para na traqueia ao mesmo tempo que meu coração começa a galopar em uma velocidade nunca vista. Elevo o rosto, prendendo o olhar no seu e me arrependendo instantaneamente.

Ele está próximo demais, muito mais do que das outras vezes. Míseros centímetros separam nossos narizes e eu sinto sua respiração lenta e quente acariciar minha bochecha. Meus lábios estão entreabertos, ofegantes, e eu não consigo ignorar as encaradas famintas que Aiden constantemente dá neles.

— Vamos estabelecer mais uma condição, Faith — sopra, o hálito mentolado alvoroçando minhas entranhas. — Podemos não estar em horário de trabalho, mas eu ainda sou a porra do seu chefe, e se eu mandar você fazer algo, você *faz*, não ligo para o quanto isso pode me tornar um babaca ditador. — O núcleo entre minhas coxas protesta enquanto borbulho de raiva. — Ou seja, se eu quero que você durma na merda do colchão, você irá dormir, não importa o quanto isso me torne um autoritário que você pensa que eu sou.

Se não me faltasse tanta coragem, eu o mataria agora.

— Ótimo, Aiden. — Eu reúno forças para falar, considerando que me sinto muito fraca agora diante de seu escrutínio vigoroso. — Então nós dois iremos dormir juntos.

Minha respiração trava assim que as palavras rolam para fora da minha boca, esmagando a atmosfera ao nosso redor.

As pupilas do meu chefe dilatam de tal modo que não sobra mais do que um minúsculo aro azul com listrinhas douradas. A atenção de Aiden recai de volta aos meus lábios, fixando os olhos ali, com lascívia pura e lídima.

Prendo o lábio inferior entre os dentes, provocando-o inconscientemente e ansiosa por algo que sei que não virá.

Ele solta o ar pesado pela boca, como se a tensão que nos envolve estivesse lhe afetando do mesmo modo que está *me* afetando.

Eu tenho certeza que estou completamente maluca.

Deus, eu quero tanto beijá-lo agora. Esse mero capricho me domina, forte o suficiente para me fazer cometer loucuras, perder a cabeça.

E eu quase cometo. Quase cometo uma loucura que poderia comprometer muita coisa se, depois de cinco minutos apenas nos encarando, querendo desesperadamente mais, Aiden não tivesse se pronunciado, quebrando o silêncio:

— Combinado. — Sorri, subindo o olhar, e, para a minha sorte, se afasta. — O colchão é grande o suficiente para suportar nós dois.

Pisco, atônita, me recuperando do que quer que tenha sido isso que aconteceu, processando o que disse.

Não esperava que ele fosse concordar com a minha sugestão. Pensei que minha proposta fosse sair como uma ameaça ou algo do tipo. Que ele nunca aceitaria dormir junto de uma funcionária.

Sem falar que eu estava planejando sair de fininho quando ele caísse no sono para estudar.

— T-tem certeza?

— Absoluta. — Passa a mão no cabelo, acenando com a cabeça em direção a escada. — Aconselho vir agora, está ficando tarde.

Retraio a suspirada pesarosa que quer escapar e aquiesço.

— Tá. — Cedo e fico de pé, enxugando as palmas suadas na saia. — Vou só passar lá atrás e vestir outra roupa. — *Porque de jeito nenhum irei dormir com outra pessoa usando saia.*

— Como quiser. — Aiden rapidamente corre os olhos por minhas pernas e pigarreia, virando o rosto. — Estarei esperando.

Caminho até a salinha dos fundos onde nos trocamos e tiro minha roupa, substituindo a saia por uma calça. Não é confortável, já que fica apertada na cintura, mas é melhor do que correr riscos durante a noite — não que eu ache que Aiden possa fazer algo comigo, pelo amor de Deus, mas seria um baita constrangimento se, em algum momento, minha saia acabasse subindo e… bom.

Subo as escadas, trêmula, porque nem de longe era assim que eu estava pensando em passar essa noite. Aliás, porque nem de longe planejei, algum dia, dividir um colchão com meu chefe. Que situação mais constrangedora.

A porta já está aberta, exibindo a estrutura alta e máscula dentro da sala. Ele vira e indica o colchão grande e aparentemente confortável no chão, ao lado do sofá, com travesseiros e lençóis.

— Por que você tem um desse aqui? — pergunto, sem jeito.

— Há dias que o trabalho é tanto que sou obrigado a dormir no escritório.

— Você deveria descansar, isso não faz bem.

Ele esboça um sorrisinho cínico para mim e eu nem espero sua fala para revirar os olhos.

— Decidiu pôr o que aprendeu nesses três anos de curso em prática?

— Eu nunca deveria ter te contado isso — digo, afastando o cabelo para trás e andando a passos lentos para o objeto fofinho, sentando na beirada. — O que está fazendo? — questiono, abraçando as pernas.

— Ajeitando uma papelada — responde, concentrado. — Iremos receber novos funcionários amanhã e eu quero ter a certeza de que não estou cometendo nenhuma besteira.

— Você está há dias nisso. — Aponto. — Aconteceu o mesmo com a minha contratação? Tenho certeza que deve ter achado vários sinais vermelhos e hoje se arrepende profundamente de ter deixado-os para lá. — Dou risada, tentando brincar.

— Foi a contratação mais rápida que eu já fiz. — Me fita de esguelha e minha risada para no mesmo segundo. — E não me arrependo disso.

Oh, certo.

Tenho que parar de me arrepiar por tudo que esse cara fala.

— Posso saber os perfis das pessoas que trabalharão conosco? Quero me preparar. — Arrisco, incerta.

Aiden demora alguns segundos me analisando até assentir. Ele tira o terno, a gravata, e arrasta as mangas da camisa social até o cotovelo. Aproveito que não está me olhando para secá-lo um pouquinho, minhas mãos formigando com a vontade nada saudável de correr elas por seus músculos fortes, o tanquinho claramente sarado, o peitoral marcado…

Que martírio.

Eu cruzo as pernas em borboleta, esperando, assim que meu chefe se volta para mim, com os papéis em mãos.

— Irei contratar duas garçonetes, um garçom e três novos auxiliares de cozinha — cita, passando a folha. — Uma não tem experiência alguma com qualquer emprego, mas escreveu que, se eu der uma chance, irá se dedicar ao máximo.

— Que legal, acho que vamos nos dar bem — comento, interessada.

Ele me olha sobre a folha e continua:

— A outra tem experiência em uma enxurrada de coisas. Não entendi porque, aparentemente, ela saiu da Compress…

— Nossa, ela saiu da Compress?! — interrompo, perplexa.

Compress é uma empresa renomada de eletrodomésticos e super famosa, que paga um dinheirão, segundo algumas pessoas que conheço que trabalham lá, então por que ela sairia?!

Aiden bufa uma risada.

— Você não deixou eu terminar de falar, mas, sim, eu pensei algo do tipo também. Confesso que estou receoso, porque é meio fora da caixinha pensar que alguém saiu de lá por vontade própria.

— Com medo de trazer alguém que nos prejudique?

— Cacete, sim. E se ela tiver sido demitida por algo grave que fez?

Comprimo os lábios.

— O que sua intuição está dizendo, chefe?

Ele tomba a cabeça para o lado, tornando a olhar a ficha da garota.

— Que eu posso me arrepender pra caralho disso.

— Mas?

O homem passa a língua nos lábios, emitindo um estalo no céu da boca.

— Mas que devo dar uma chance a ela.

Um sorriso amplo se abre no meu rosto. Talvez eu esteja adorando conhecer esses lados dele.

— Então está aí a sua resposta.

Aiden balança a cabeça.

— Se algo der ruim, a culpa será sua. — Ele aponta para mim e eu levanto os braços em rendição, garantindo que assumirei a culpa. Na verdade, não vou, e, pelo seu olhar sacana, ele sabe disso. — O homem que contratei tem dezoito anos e está em busca de oportunidades para juntar dinheiro e sair de casa.

Dou risada.

— As pessoas costumam contar a vida delas toda para você?

Meu chefe morde o lábio inferior.

— Para eles, aumenta as chances de serem contratados. — Eu rio ainda mais.

— E, pelo visto, funciona.

— Na maioria dos casos. Outro dia recebi um e-mail de um cara falando que está interessado em trabalhar conosco porque ouviu que pagamos bem e que está louco para fugir com a amante logo. — Ele torce o nariz em desgosto. — Nem preciso falar que parei de ler no meio da frase.

Não sei do que estou rindo. Se do relato sem sentido e cômico ou se da cara retorcida de Aiden. Seja o que for, minha barriga está doendo de tanto gargalhar, me forçando a pegar o travesseiro e enterrar o rosto nele.

— Não esconda. — Sua rouquidão chega aos meus ouvidos, carregada de algo novo. — É lindo.

Quando, por fim, entendo sobre o que está falando, paro na mesma hora, elevando o rosto. Aiden está com os olhos sobre mim, como se

estivesse me contemplando, e eu limpo a garganta, porque falta muito pouco para eu puxá-lo por essa roupa e beijá-lo.

Abraço o travesseiro contra mim, mordendo o interior da bochecha.

— E… por que você contratou esse… esse garoto de dezoito anos? — questiono, procurando fugir do fogo que lambe minha pele com a maneira que Aiden está me fitando.

— Porque eu sei o que é querer fugir o quanto antes de uma família que traz mais mal do que bem e não poder — sussurra, colocando as folhas em cima da mesa. — Os outros três são pessoas experientes que estão buscando por outro emprego depois da loja que eles trabalhavam fechar.

Anuo, notando que, mais uma vez, o espaço ficou denso. Me dou conta de que ele está se preparando para deitar e dou espaço no colchão.

— Meu lugar é a direita — aviso, soando meio infantil, porém seu sorriso pequeno me acalma um pouco.

— E o meu é o esquerdo. — Dá de ombros, sentando na ponta e tirando os sapatos e meias. — Acho que nos damos bem.

Mordo os lábios, pegando o lençol que ficou na minha parte e afastando o máximo que posso os nossos corpos.

— Você não ronca, certo? — Quero saber, de barriga para cima.

Sua risada faz alguma coisa acordar dentro de mim.

— Durmo sozinho desde que me entendo por gente, então não sei. — Quando se deita, o ar se transfere todo para o meu lado. — Pode me avisar se eu fizer isso?

— Hum… — finjo pensar. — Posso deixar alguma mulher que se relacionar futuramente dizer isso por mim.

— Droga, viverei sem saber.

— Você fala como se fosse viver eternamente sozinho.

— Provavelmente irei. — Cruza as mãos sobre a barriga, olhando para o teto, na mesma posição que eu.

— Por quê?

— Porque… já estou interessado em uma.

Franzo o cenho, meio admirada e meio assustada.

Então Aiden Bellini é capaz de gostar de alguém romanticamente falando?

— Isso deixa as coisas mais fáceis. Se você já está interessado em alguém, para começar a paquerar, ficar, namorar essa pessoa, é muito simples.

— O problema é que *ela* não está interessada em mim, Faith, aliás, ela me odeia. — O tom melancólico não passa despercebido.

— Hum… Se ela te odeia, certamente tem motivos para isso. — Suspiro. — Você deveria trabalhar em cima deles.

— Tipo como?

O tom entusiasmado e curioso *também* não passa despercebido.

Argh.

— Tipo… se você é babaca, chato, arrogante e prepotente, pare de ser — aconselho, nada animada como ele está. — Mulheres que gostam de homens ignorantes só existem na literatura. Na vida real, gostamos dos cavalheiros, que nos tratam como princesa, sedutores, bons de flerte… — Estremeço, sentindo falta de tudo isso, e percebo que, agora, Aiden está me encarando. — Se você é frio, indiferente, faz pouco caso das coisas, esperando que vocês magicamente fiquem juntos ou que ela corra atrás, sinto muito, mas não dará em nada. — Paro de tagarelar, expirando. — É isso. Não sei o nível de importância dessa mulher para você ou se ela vale a pena o esforço, mas, em todo caso, gostamos disso. De nos sentir especial.

De soslaio, vejo Aiden engolir em seco.

— Ela vale a pena — diz baixinho. — Mais do que qualquer um possa imaginar.

Amargura envolve minha língua.

— Certo.

— Acha mesmo que isso pode funcionar?

Dou uma bufada discreta.

— É, pode ser. — Viro de costas, cobrindo meu corpo com o lençol. — Boa noite.

— Hum… Algum problema?

— Quê? Nenhum. — Solto um riso anasalado. — Só estou com sono.

— Tem certeza?

— Tenho, Aiden.

Calado, sinto-o balançar a cabeça em concordância e deitar na direção oposta.

— Boa noite.

O silêncio desconfortável se faz presente, e eu odeio isso.

Demoro a cair no sono, incomodada com a possibilidade de ser a responsável pela junção de Aiden e seja lá quem ele está interessado.

Saco, eu nem deveria estar assim.

Ele é apenas meu chefe e eu sua funcionária. Somos de polos diferentes, vidas distintas, e eu não estou no meu direito de *odiar* que Aiden tenha outra em mente.

Certo?

11

Aiden Bellini



Nunca dormi tão bem em toda a minha vida.

Não ligo para o quanto isso pode soar clichê ou brega, porque é a verdade.

Não dormimos agarrados, respeitando uma pequena distância um do outro, mas o simples fato de saber que Faith estava a menos de um metro de mim, seu perfume suave acalmando meus sentidos e as leves remexidas que ela dava enquanto dormia, já foram o suficiente para me dar a melhor noite de sono desde muito tempo.

Desperto antes que ela e me levanto, admirando por longos minutos a mulher que dorme feito um anjo ao meu lado. Ela é tão espaçosa que basta eu sair do colchão para que se esparrame nele, os cachos revoltos caindo na sua face.

Sorrio.

Tenho certeza de que ela odiaria se soubesse que estou vendo isso.

Enquanto faço meu ritual de escovar os dentes, banhar, me vestir com o mesmo estilo de roupa de sempre, a conversa que tivemos minutos antes de dormir não sai da minha cabeça, em um eterno *loop*.

Parar de ser babaca, ser um cavalheiro, tratá-la como princesa…

O primeiro vai ser, de longe, a maior dificuldade.

O resto? Nunca estive tão pronto para agir como um cavalheiro com alguém e tratá-la como merece.

Galgo pelas escadas e entro na cozinha, preparando algo para comer. Faço o básico, bacon e ovos, contudo, capricho tanto em um prato simples, que devo ter levado o triplo do tempo. Até preparei a merda de um suco de morango só porque soube que Faith gosta.

Posiciono tudo estrategicamente na bandeja e subo de volta até o meu escritório, tomando o máximo de cuidado para não derramar, no entanto, quase derrubo-a quando, pela fresta da porta, tenho uma visão da garota de costas, arrumando o cabelo em um coque, deixando duas mechas caírem em cada têmpora. A pele preta reluz à claridade , a calça colada delineia perfeitamente suas pernas, e me sinto pronto para cair de joelhos assim que ela se vira, com o rosto inchado e os lábios parecendo mais voluptuosos de manhã do que em qualquer outro horário.

Caralho, o que eu não daria para acordar com essa visão todos os dias?

— Bom dia. — O timbre áspero e angelical me arrepia. — Café da manhã? Que atencioso.

Deus, o que essa garota fez comigo?

— Bom dia. — Deixo a bandeja em cima da mesa, limpando minha palma na calça. — Com fome?

— Muita — confessa, apanhando um pedaço de bacon e levando à boca. — O suco…

— É para você, pode tomar.

Faith parece surpresa.

— Como sabia que era meu favorito?

— Costumo ser um cara observador — digo simplesmente.

O canto de seus lábios se curvam para cima.

— Obrigada — agradece, pegando o copo e dando um gole generoso. — Está uma delícia.

— Que bom que gostou. — Fico incerto sobre o que fazer ou como agir, me dando conta de que comer em pé não é muito confortável. — Pode sentar na minha cadeira, se quiser.

Detalhe: eu nunca deixei ninguém sentar na minha cadeira, nem mesmo Lance.

Ela arregala os olhos, discreta, e nega.

— Hum… Não. É errado.

— Não é se estou permitindo.

— Mesmo assim, Aiden, é sua cadeira, não é qualquer um que pode sentar nela.

— Você não é qualquer um — sussurro, percebendo tarde demais que falei isso mais alto do que deveria.

Faith termina de comer e se distancia. Percebo que sua expressão muda drasticamente. Ela limpa a garganta enquanto luto para não deixar o pânico me dominar, com medo de ter estragado a mínima migalha do que construí.

— Vou para casa, preciso tomar um belo banho e trocar de roupa antes de ir para a faculdade. Agradeço pelo café, estava uma delícia.

— Eu posso te deixar em casa e na faculdade.

— Não precisa, é sério. Posso pegar um ônibus.

— Faith… — Torço para que ela não note a carga de medo em torno do seu nome.

Logo agora que estou mais empenhado em conquistá-la ela quer fazer isso? Colocar uma barreira entre nós? Droga, eu sei que sou o chefe dela, que há algo muito grande nos separando, mas e *fora* do trabalho? Somos apenas eu e ela. Não deveria ser assim, deveria?

— O primeiro ônibus sairá em pouco tempo, não posso perder — avisa, indo em direção à porta. — Mais uma vez, obrigada. Até que eu dormi bem.

Antes que ela saia, seguro seu braço, fazendo-a parar. Faith vira, confusa, seu olhar alternando entre mim e meus dedos calejados rodeando-a.

— Pare de ser tão teimosa e me deixe te levar.

— Quem diria que o todo poderoso chefão possui um órgão batendo dentro do peito e se importa com seus funcionários — brinca, tentando descontrair.

Você importa.

— O que te afasta tanto de mim, hum? É só uma gentileza— indago, buscando seus olhos com os meus.

Ela dá uma risada sem humor.

— Tudo? — Passa a língua nos lábios. — Tudo mesmo. Nossa hierarquia social, o lugar que você e eu ocupamos…

— E se fôssemos amigos? — disparo, interrompendo-a.

— O quê?

Pigarreio, não fazendo ideia da merda que estou falando e *estou* prestes a falar. Eu diria que posso me arrepender amargamente disso no

futuro, mas eu tenho certeza de que nunca irei me arrepender de tentar manter Faith na minha vida.

Agora, apenas como amiga.

Depois? Dividindo a porra da minha cama, porque eu não vou parar até ter essa mulher dormindo e acordando comigo todos os dias.

— E se fôssemos amigos? — repito, seus olhos esbugalhando à medida que eu falo. — Sabe, sem… sem essa coisa de posição social nos separando. Apenas amigos. Além do mais, certa vez, me disseram que eu deveria *começar a agir como um verdadeiro chefe, experimentando ser mais agradável com meus funcionários, já que minha fama não estava muito boa*. Quem sabe, nós dois amigos, você não consiga me ajudar a melhorar minha fama por aqui? — Solto uma meia gargalhada no final.

Um tempo tortuoso se passa até que uma risada escape dos lábios de Faith e meu interior se encha de alívio.

— Você quer ser meu amigo, sr. Bellini?

Reviro os olhos, ignorando os pulos que meu coração está dando.

— Não se emocione, srta. Mackenzie.

Ela comprime os lábios, escondendo o sorriso. Quase peço que ela não faça isso.

Não existem muitas coisas que eu poderia passar horas admirando, mas o sorriso dela é, de longe, o primeiro da lista. Algo novo e bom nasce na minha alma sempre que ela resolve dá-los.

— Com uma condição — decreta, erguendo um dedo.

— De novo isso? — Ela levanta uma sobrancelha, me desafiando a reclamar novamente. Xingo baixinho, o que faz com que ela ria novamente. — E quais seriam?

De repente, ela fica séria, a atmosfera muda, e eu acompanhando suas íris inspecionando os meus lábios, seu peito subindo e descendo com muito mais lentidão do que antes.

— Desde que você não se apaixone por mim. Afinal, resistir a pessoa maravilhosa que sou é quase impossível — ironiza, soltando uma breve gargalhada no final.

Eu senti vontade de rir.

Queria dizer, com todas as letras, que isso nunca será possível, porque seu aviso veio tarde demais. Percebo que, na verdade, Lance esteve certo por todo esse tempo. Eu sempre estive apaixonado pela garota mais linda e atrevida que já conheci. Que as palpitações em meu peito, as mãos suadas e a necessidade de implicar com ela eram unicamente para tentar conseguir a sua atenção.

— E o que acontecerá se eu quebrar essa promessa? — pergunto, minha voz em um sussurro.

— Então, esteja ciente de que nunca daremos certo. — Faith sobe os olhos para os meus de novo, resfolegante.

Não sabe o quanto eu adoro saber que causo isso em você, linda.

Tomado por algo extremamente ousado, fugindo de toda a minha racionalidade, eu a empurro em direção à parede do corredor, encurralando-a. Ela se assusta, perdendo o ar, mas não protesta. Posso sentir seu coração galopando dentro da caixa torácica contra o meu peito, e juro que vou ter uma síncope por estar assim com ela, seus seios colados no meu peitoral, sua cintura grudada na minha, o rosto a poucos centímetros do meu.

Ponho um braço de cada lado de sua cabeça, juntando todo o meu autocontrole para não possuí-la bem aqui, nesse corredor.

— E se o inverso acontecer? — sussurro, daquele jeito que eu sei que lhe afeta. — E se, enquanto isso, *você* se apaixonar por mim?

Um sorriso que eu não estava esperando abre em seu rosto. Ela espalma as duas mãos no meu peitoral, mas não para me empurrar, e sim para simplesmente me provocar. E ela consegue. Droga, essa garota tem um efeito doentio sobre mim sem fazer absolutamente nada, quem dirá me tocando com suas mãos delicadas, seus dedos se contraindo e repuxando o tecido.

Não consigo respirar, por mais idiota que isso pareça ser.

— Torça para que isso não aconteça — sussurra de volta, o timbre baixo e sedutor o suficiente para me levar à loucura. — Porque eu não vou parar até te tornar meu homem, e eu sou bastante persistente, sr. Bellini.

Porra, sim.

Eu torço pra caralho por isso. Você não tem ideia.

Tomo a liberdade para correr a ponta dos meus dedos por seu braço, sentindo-a tensionar, se arrepiando, sob mim.

Afasto um cacho para trás da sua orelha e levo meus lábios para lá, me controlando para não demonstrar que estou prestes a desmaiar com isso.

— Eu não vejo a hora disso acontecer, princesa.

12

Faith Mackenzie



Se alguém me perguntar o que acabou de acontecer aqui, eu não vou saber o que responder, pois nem eu sei.

Fomos do inferno ao céu rápido demais, muito mais do que minha mente foi capaz de processar.

Foi tudo tão estranho. Aiden me pedindo para sermos amigos. Aiden me prensando na parede. A tensão beirando ao sexual nos enlaçando. É ridículo o quanto fiquei excitada, implorando por dentro que ele fosse além. Estávamos sozinhos, poxa! Ele poderia ter me beijado e ninguém nunca descobriria. Seria nosso segredo, por mais sujo que fosse.

Eu não vejo a hora disso acontecer, princesa.

Ainda estou extasiada em como esse apelido saiu de seus lábios, como eles roçaram feito veludo no meu ouvido e enviaram uma onda de vibração para todo o meu corpo.

E o que ele quer dizer com “não vejo a hora”? Eu ao menos sei o que deu na minha cabeça para falar aquilo. Muito tempo sem sexo e um homem bonito na frente não é um combo saudável para uma mulher

carente. Tudo bem que não é mentira, eu sou bastante persistente mesmo, porém se apaixonar por Aiden Bellini não deveria sequer ser cogitado.

Estacionado em frente ao meu apartamento, dado que meu chefe insistiu em vir me deixar aqui e na faculdade, desço do automóvel. Me conhecendo, eu vou demorar um pouco no banho, e não quero ser inconveniente ao deixá-lo esperando no carro.

Ainda que a ideia de Aiden na minha casa me apavore.

— Pode subir, eu vou demorar um pouco — falo, destravando o cinto.

— Está mesmo me chamando para entrar na sua casa? — Ele eleva uma sobrancelha.

— Bom, a menos que queira deixar sua bunda quadrada nessa cadeira.

— Falando sobre minha bunda, Faith? — comenta, divertido. — Cuidado, posso acabar interpretando errado.

Reviro os olhos, prendendo o riso.

Sim, ele tem uma bunda linda. Bem redondinha e aparentemente dura. Não posso negar que me pego observando-a algumas vezes quando ele não está vendo.

— E aí, vai entrar ou não?

Aiden gira a chave na ignição, desligando, e depois retira.

— Já que você insiste.

Saindo do veículo, ele me segue até a portaria. O porteiro me identifica e permite que eu entre, desejando um bom dia para nós. Pela forma que passa os olhos entre meu chefe e eu, tenho uma breve noção das coisas que ele está pensando.

— Antes de mais nada, quero deixar claro que minha bela residência está longe de ser luxuosa como a sua — falo enquanto subimos as escadas. — Espero que não se importe.

Ele estala a língua.

— Você tem uma imagem tão errada de mim, Mackenzie — divaga e para ao meu lado, esperando que eu abra a porta.

Com uma longa respirada, faço isso. É estranho que eu esteja levando meu superior para dentro dos meus aposentos, já que eu nunca trouxe minhas paqueras para cá, mas acabo de fazer isso com o meu chefe. Até pouco tempo atrás respirar o mesmo ar que Aiden era algo intragável e veja só onde viemos parar agora. O mundo não gira, ele literalmente capota e acho que está prestes a cair nesse momento.

— *Voilà!* — exclamo, dando passagem para que entre.

Nunca tinha notado o quão alto ele é até se curvar minimamente para poder passar e entrar.

— Quantos metros você tem? — questiono, fechando a porta atrás de mim e jogando o molho de chaves no balcão.

— Um e noventa, e você? — Um sorriso ladino se abre nos lábios cheios conforme seu olhar passeia por mim inteira. — Deixa eu adivinhar…

— Um e sessenta — bufo.

— Imaginei.

Resolvo desconsiderar sua provocação e gesticulo para o sofá.

— Pode sentar. É bem confortável, prometo.

O homem olha para o relógio.

— Acho melhor você parar de arranjar desculpas para conversar comigo e ir tomar banho, Mackenzie.

Abro a boca, insultada.

Não estou arranjando desculpas para conversar com ele, droga.

— Nossa, você é um idiota. — Pego minhas coisas e, parando em frente ao quarto, grito por cima do ombro: — Não mexa em nada.

Tiro minhas roupas e corro para debaixo do chuveiro. De olhos fechados para evitar a espuma, tateio em busca do suporte dos meus cremes.

Entro em desespero quando noto que o pote que comprei há menos de um mês está vazio. *Cacete, por que ser cacheada é tão difícil?*

Emburrada, saio do banho e penteio o cabelo. Estou tão chateada que escolho uma roupa qualquer, desejando apenas passar em uma loja de cosméticos e ser feliz outra vez.

Saio do cômodo e encontro Aiden ainda de pé, com um quadro em mãos. Me aproximo, percebendo que é uma foto minha de doze anos atrás com meus pais e meu irmão. Era nosso primeiro dia de aula e eles fizeram questão de estarem presentes em cada etapa.

Sentindo a calma ocupar o lugar do estresse, limpo a garganta para anunciar que estou aqui. Ele não se assusta, pelo contrário, apenas me fita sobre o ombro e mostra o quadro. Não resisto e, lentamente, caminho em sua direção.

— São meu pais — conto, minha garganta fechando. — Era meu primeiro dia de aula com meu irmão.

A emoção no meu timbre quebradiço denuncia o que ocorreu. Seu semblante assume compreensão e pesar.

— Há quanto tempo?

— Dez anos — sussurro, controlando o máximo que posso das lágrimas que teimam em cair.

— Eu sinto muito. — Ele passa o polegar por cima do meu rosto rechonchudo através da foto. — Você e sua mãe são muito parecidas.

Sorrio, um pouco emocionada, e assinto vigorosamente.

— Todos diziam que eu seria idêntica a ela quando crescesse. — Abro um sorriso enorme e faço a mesma pose que minha mãe na foto, encaixando a mão na cintura. — E então?

A resposta não vem no mesmo instante. Aiden, ao me encarar, sequer parece estar preocupado em me comparar com a foto. Seus olhos estão exclusivamente em mim, ou sendo mais específica, no meu sorriso. Eu devo estar vendo coisas, não sei, mas tenho absoluta certeza de que suas pupilas estão dilatadas, com as íris apreciadoras, a respiração pesada e os cantos da boca modelados para cima.

É como se ele estivesse adorando o que vê. Como se quisesse guardar essa imagem na memória.

— Sim. — Aiden quebra nosso contato visual, limpando a garganta, e coloca o quadro de volta no lugar, passando as palmas na calça. Não é a primeira vez que o flagro fazendo isso. Será que ele tem hiperidrose?[1] — Está pronta?

Ah, sim, voltamos ao epicentro do meu surto.

Cabisbaixa, simplesmente dou de ombros.

— É, estou — resmungo.

— Aconteceu alguma coisa? — Nego, um bico se formando em meus lábios involuntariamente. — Faith…

— Fui inventar de lavar o cabelo e esqueci totalmente que não tinha mais creme para hidratar meu cabelo e finalizar. — Enrolo um cacho no dedo. — Agora eles vão ficar indefinidos e uma bagunça.

— Mesmo? — Ele sorri e cruza os braços. — Ouvi falar que eles são bem caros.

— Muito. — Jogo os fios para trás, exasperada. — Quero muito comprar hoje, mas não sei se vou conseguir.

— Qual você usa? — pergunta, ao passo que me dirijo ao balcão e pego as chaves.

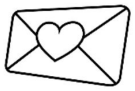
— Uso o kit completo da ISZI — digo distraidamente, abrindo a geladeira para beber água. — Ele faz milagre. — Pondero. — Pena que está um absurdo de caro.

Ele balança a cabeça e diz algo para si mesmo que não sou capaz de escutar.

— Tirando isso está pronta?

Pego minha escova e o creme dental, fazendo um gesto para que espere mais um pouco. Quando termino, dou uma última olhada no visual e finalmente fico pronta.

— Agora sim.



Ainda que eu tenha demorado um pouquinho mais do que o normal, consegui chegar mais cedo que os outros alunos. Em dia de prova, é comum que cheguem mais tarde, já que ou estão dormindo um pouco mais por terem passado a madrugada estudando ou acordados desde cedo para revisar os assuntos novamente.

Aiden para um quarteirão antes, devido ao fluxo de carros e o espaço destinado apenas para táxis. Minhas mãos inevitavelmente começam a suar e a tremer, um rio de pensamentos ruins perpassando minha mente.

Tenho um sobressalto ao sentir sua mão tocando meu joelho. Fito-o, meus olhos certamente arregalados. Seus dedos estão rígidos sobre minha pele, e seu calor irradia sobre a calça, mesmo com a incerteza com que me toca.

— Vai dar tudo certo — promete. Eu ofego quando sua mão dá um leve aperto. — Mas nunca se esqueça: um número não define sua inteligência, muito menos seu futuro.

Eu deveria prestar atenção no que ele está falando, ao invés de estar com toda ela focada nos seus lábios cheios.

Como alguém pode ser tão delicioso?

— Você ouviu algo do que eu disse ou está pensando em outra coisa, princesa?

Definitivamente em outra coisa.

— Não me chame assim — quase imploro, a voz baixa.

— Por que não? — Meu chefe faz círculos invisíveis com o dedo um pouco acima do meu joelho.

Estremeço, suplicando para que ele me toque em outros lugares.

— Eu tenho um fraco por apelidos. — Engulo com dificuldade, suando, e agora por um motivo completamente diferente.

— É? — cicia, com um sorriso, e meus mamilos enrijecem. — Então isso faz com que você tenha um fraco por mim?

Com certeza.

— Aiden — gemo, negando. — Amigos não fazem essas coisas.

— Eu não estou fazendo nada, princesa. — Ele esfrega o polegar no meu joelho, sutil, com as íris em mim, testando cada uma das minhas reações. — *Ainda*.

Aturdida e fora de área, a buzina de um táxi me ajuda a despertar para a realidade. Eu me afasto de abrupto, quente feito o inferno.

— Tenho que ir, meu horário já vai começar.

Parecendo tão perdido quanto eu, Aiden somente aquiesce, as mãos agarrando o volante.

— Boa sorte — deseja.

— Obrigada. — Abro a porta do carro e saio, agradecida pela brisa fresca, que ajuda a aplacar o calor sobrenatural que irradia pelo meu corpo.

Não sei o que está acontecendo entre nós. Não sei sequer se isso é saudável. Mas eu não quero parar.

Não agora, que estou me sentindo viva depois de tanto tempo.

13

Faith Mackenzie



Cedric me intercepta assim que saímos da sala. Foram duas horas de prova e sinto que meu cérebro está derretendo. Em compensação, tenho a sensação de que fui melhor nessa do que em todos os outros testes em que passei a noite em claro. Consegui pensar melhor e analisar todas as opções que estavam à minha frente. Devo isso à insistência de Aiden, mas, obviamente, ele nunca saberá disso.

— Ah, oi — cumprimento, dando espaço para os alunos passarem.

— Oi. — Ele guarda as mãos nos bolsos, claramente nervoso, como sempre aparenta estar quando fica perto de mim. — H-hoje… ainda… ainda vamos sair?

A esperança que nivela seu tom me dá a confirmação de que esse "encontro" significa muito mais do que algo feito apenas na amizade. Eu já imaginava. O jeito que suas bochechas ficam rosadas e o comportamento ansioso sempre que me encontra falam por si só.

Contudo, não estou disponível. Não nesse sentido, pelo menos.

— Cedric… — Mudo o peso das pernas, buscando as palavras certas. — Você é um garoto muito legal, de verdade, não tem nada a ver com você, juro, é só que eu não estou interessada em um relacionamento agora, entende? Pretendo focar nos meus estudos, nos meus projetos, e depois, só depois, pensar nisso novamente. Eu também saí de um término muito complicado, ainda estou me recuperando.

Ele balança a cabeça enquanto despejo tudo, compreensivo.

— Eu entendo, Faith, de verdade. Não vou negar que me sinto super atraído por você. — Dá uma risada nervosa. — Mas eu compreendo e agradeço pela sinceridade. Se quiser, podemos ser amigos, o que acha?

— Acho ótimo. — Sou sincera, começando a caminhar e chamando-o para que me acompanhe. — E então, amigo, acha que foi bem na prova?

Animado com a conversa, ele me alcança, sorrindo. Estou mais confortável assim, em manter as coisas apenas na amizade. As chances do meu coração se partir em milhões de pedacinhos de novo são menores.

— Acho que, no geral, errei só umas três questões. — Enrugo a testa, surpresa, e Cedric ri. — Eu *acho.*

— Bom, seu achismo está melhor do que o meu. Acredito que errei umas sete, mas pela quantidade de questões, vai dar para tirar uma nota boa. — Faço uma pausa. — Eu *acho*.

— Você é inteligente, não é à toa que é considerada nossa Guru da enfermagem — relembra o apelido que a turma me deu e eu torço o nariz. — O que foi? É um ótimo apelido — diz, rindo.

— No começo, sim, mas depois que várias pessoas vieram me contatar *implorando* por aulas particulares, eu deixei de gostar — conto. — Eu mal tenho tempo de respirar, quem dirá de dar aulas particulares para um horror de gente.

O garoto gargalha, como se tudo o que eu dissesse fosse engraçado, balançando a cabeça em seguida.

— Não fiquei sabendo dessa parte. — Ele para a caminhada e se vira na minha direção. — Agora, pondo nossa recente amizade em jogo, me diga: bioquímica ou microbiologia?

Solto uma risada alta, sabendo que uma hora essa pergunta chegaria.

A enquete de qual é o melhor assunto de enfermagem se iniciou no começo desse ano, inventada por alunos que não têm muito o que fazer da vida — o que é irônico — e repercutida em todas as turmas. Virou caso de brigas completamente bestas, pois os que adoram anatomia não aceitam de jeito nenhum que estudar sobre o sistema imunológico é mil vezes superior.

E, pelo visto, Cedric é do time que defende que aprender sobre carboidratos, lipídios, ácidos nucléicos, etc, é melhor do que estudar sobre os seres vivos que só podem ser vistos a olho nu.

— Quer mesmo saber? — A maneira como arqueio uma sobrancelha, travessa, deixa explícito meu posicionamento.

— Droga, eu sabia que você não era tão perfeita assim. — Bufa dramaticamente e eu sorrio. — Não entendo como vocês gostam de estudar sobre microrganismos. Que coisa mais sem graça.

— E nós não compreendemos como vocês gostam de estudar sobre biomoléculas.

— Fala sério, é a coisa mais irada do mundo.

— É chato, isso sim. — Reviro os olhos, lembrando de todas as aulas entediantes que tivemos. — Não sei como conseguem.

— Você não vai escolher nenhuma área voltada a ciências biológicas, vai? — pergunta, desconfiado.

— Mais ou menos — divago. Ele dá uma risada irônica — É provável que eu siga para o rumo da saúde mental.

— Uh, é uma ótima especialidade. Minha mãe é psicóloga e disse que, bem, a única parte ruim é ter que presenciar o sofrimento de tantas pessoas e não poder fazer nada *realmente* concreto para ajudá-las naquilo.

Espiralo, imaginando bem o que os profissionais devem passar todos os dias.

— Ela se arrepende?

— Nem um pouco — prontamente redargui. — Nenhuma medida de tratamento é cem por cento eficaz, cada pessoa reage de uma forma, então minha mãe tenta ajudá-las o máximo que pode com palavras e orientação. Quando o paciente pede, ela dá conforto, e diferente de outras psicólogas do ramo, minha mãe está sempre pronta para ajudar quem vai até ela e faz questão de acompanhar cada paciente.

— Quero ser igual à sua mãe quando crescer — digo, em um timbre brincalhão, porém com um vasto fundo de verdade.

— Ela é incrível. Inclusive…

Uma buzina do outro lado do portão interrompe sua fala.

Reagindo automaticamente, minha cabeça vira na direção de onde o barulho veio.

Meu cenho franze ao reconhecer o veículo.

Penso que posso estar confundindo, já que Aiden não é o único com esse modelo de carro no mundo, mas ao descer as janelas do automóvel, tenho minha comprovação.

O que ele…

— O dono da lanchonete est… Ah! Ele é seu chefe, não é? O que ele está fazendo aqui? — Cedric indaga, juntando os pontos.

— Não faço ideia, mas vou já descobrir. — Faço menção de que irei me distanciar, mas sou puxada delicadamente para trás. — O quê?

— Deu o horário de ir buscar minha irmãzinha na escola e não posso me atrasar. — Eu baixo a guarda e assinto. — Adorei conversar com você.

— Digo o mesmo. — Me inclino para abraçá-lo e, no mesmo instante, buzinadas estrondosas soam lá fora, como se Aiden estivesse esmurrando o volante com a mesma força de vontade que usa para me tirar do sério. Grunho, irritada. — Já falei que odeio o meu chefe? Pois bem.

— Já tive um e me lembro bem do quão horrível é. — Ri baixinho. — Boa sorte para lidar com ele.

— Obrigada. — Clareio a garganta, o observando ir embora. Respiro fundo, fazendo o mesmo trajeto que ele.

Dou boa tarde para o segurança e atravesso a rua. O vidro está aberto, então simplesmente me debruço sobre ele, observando o sorriso presunçoso do idiota do outro lado.

Amigos é o caralho.

— Qual é o seu problema?

— O meu? Nenhum. — Ele destrava as portas. — Entra.

Solto uma risada, incrédula.

— Assim? Do nada? Sério, Aiden, você está precisando trabalhar esse seu narcisismo — alego. — Como sabia que eu já tinha terminado?

— Não sabia. Estava passando por aqui e te vi na porta.

Semicerro os olhos.

— Espera que eu acredite nisso?

Ele dá de ombros.

— É a verdade.

— Não vou entrar no carro de um *stalker*, desculpa.

O homem solta uma risada.

— Eu juro que não sabia.

— Hum…

— Entra no carro — ordena mais do que pede. — Você está com a porra da sua bunda empinada para quem quiser olhar, Faith.

Ah, que belo assunto.…

Abro um sorrisinho prepotente, angulando minha coluna para provocá-lo mais ainda. E funciona. Quase posso ver fumaça saindo do seu nariz.

— Minha bunda estar empinada para quem quiser ver te incomoda, chefe? — ronrono, lasciva.

— *Mackenzie*.

— Hum? — Mordo o lábio inferior, alheia sobre de onde tirei essa ousadia.

— Entra na merda desse carro.

Balanço a cabeça, tórrida.

— Você não me respondeu.

Aiden aperta o volante com força, parecendo juntar toda a grama de autocontrole enquanto corre os olhos pelo meu corpo, ao menos pelo pouco que ele pode ver de onde está.

— Pra caralho, Faith — admite. — Isso me incomoda pra caralho.

Passo a língua nos lábios, satisfeita, e me desencosto, abrindo a porta do veículo para entrar.

Mais uma vez, não faço ideia do que estamos fazendo, mas gosto disso. Gosto de saber que mexo com ele, que ele me vê muito mais do que uma garçonete, que ele me *deseja*.

Não sei quando isso começou, se ele já se sentia assim antes, ou se teve início quando nossa interação alavancou e ele percebeu que eu sou um mulherão. Seja lá como tenha acontecido ou quando tenha começado, é bom ter uma distração, algo que me tire dessa bolha de responsabilidades por pelo menos alguns minutos.

— De onde você está vindo? Não era para estar na lanchonete?

— Tive que passar em um lugar antes — informa e, antes que eu ative o modo "Faith Enxerida", Aiden se estica para o banco de trás e pega uma sacola enorme. — Espero que goste.

Fico confusa por breves segundos, contudo, eles só duram até o homem virar a sacola e me dar acesso ao nome estampado no plástico.

Eu resfolego, tampando a boca com as mãos, de olhos arregalados, sem acreditar.

— Aiden… — Seu nome sai como um sopro. — N-n-não…

— Por favor, não complete essa frase. A pior coisa do mundo é dizer a uma pessoa que o presente dela "não precisava". Eu comprei porque eu *quis*, apenas aceite.

Sua ignorância não apaga meu deslumbramento, nem perto disso.

Com os dedos tremendo, eu recebo o embrulho, segurando a vontade de chorar ao visualizar todos os meus produtinhos para cabelo lá dentro. Shampoo, condicionador, creme, máscara de hidratação, ampola… E ele ainda teve o trabalho de comprar a minha marca favorita.

Droga, eu sou muito emotiva, porém não quero chorar na sua frente.

— Muito obrigada. Sério, muito obrigada *mesmo*. — Levanto o rosto para encará-lo, torcendo para não estar avermelhado ou com prenúncios de lágrimas. — Eu amei. Muito.

Ele sorri, e parece tão sincero.

— Não estava esperando por essa reação.

— Só sou emotiva, desculpa. — Pigarreio. — E também porque nunca… nunca me presentearam com nada assim.

— Não precisa de desculpas. — Ele se recosta no banco, ainda me olhando. — E fico feliz por ter sido o primeiro.

Ficamos alguns segundos assim, somente nos olhando, como se estivéssemos dizendo tudo o que não podemos colocar em palavras. O jeito como suas íris traçam meu rosto me deixa envergonhada, mas eu sei que não há do que me envergonhar.

— Você é linda — sussurra, o pomo de adão se movimentando ao dizer isso, como se tivesse engolido em seco, como se fosse difícil admitir isso em voz alta, dado quem somos.

Meu coração bate na garganta, prestes a sair, e meu corpo oscila em calafrios.

— Odeio ter que confessar isso, mas… é, você também. Só um pouquinho — brinco, juntando meu polegar e indicador.

Aiden gargalha. Gargalha *mesmo*. E meu mundo cai quando percebo uma coisa.

Aiden tem covinhas.

Duas.

Elas são profundas e se localizam bem no centro de cada bochecha. Além de deixarem-no mais lindo do que já é.

— Para casa? — Ele põe o pé no acelerador.

Pisco, abraçando meu presente e, um tanto sonolenta, anuo.

— Por favor.

14

Aiden Bellini



Criar vínculos, para mim, sempre foi a parte mais difícil de ter que conviver em sociedade. As pessoas costumam me perguntar quando virei alguém tão recluso e, em outras palavras, *frio*, mas a verdade é que não lembro. Sempre foi algo tão natural afastar quem queria se aproximar demais, desde pequeno, que não sei dizer quando isso começou. Às vezes penso que posso ter puxado o espírito rígido e sombrio do meu pai, em outras que, da mesma forma que nascem pessoas que amam socializar, existem aquelas que gostam de viver sozinhas.

Ao contrário do que pensam, não me considero sozinho ou uma pessoa afundada em trevas e que necessita urgentemente de amigos, já que tenho o meu irmão.

Cresci em um mundo onde pessoas se relacionam com outras por causa de poder, fama e dinheiro. Um mundo repleto de ganância e traições. Nunca quis isso para mim, e tive certeza disso quando, no ensino médio, comecei a namorar uma garota e duas semanas depois a escutei contando para a amiga que não via hora de ir para minha casa de praia e postar fotos

no Instagram, se gabando de ter um namorado rico que poderia alimentar todos as suas fantasias de garota mimada.

Porra, doeu, e não porque eu gostava dela — longe disso —, mas porque me dei conta de que a maioria das pessoas nunca iriam se aproximar de mim com outro objetivo que não fosse esse.

Assim, Lance foi promovido a meu melhor e único amigo. Pode não parecer, porém estou satisfeito com meu círculo escasso e pequeno.

Amigos.

Ainda não tenho certeza se posso incluir Faith nele. Estamos naquela fase cão e gato que parece nunca ter fim, e não sei se ela me considera como *eu* a considero. É verdade que nossa relação tem melhorado muito, e eu fico contente com isso, mas não cem por cento. Só Deus sabe o quanto quero pular para a parte em que ela vira a minha namorada e estabelecemos um compromisso sério.

Pode parecer maluquice, já que nós nunca nos relacionamos afetivamente, mas eu sinto algo forte pra caralho por ela. Faith foi a única garota que me despertou esse desejo, por isso eu sei que as chances de algo assim acontecer uma outra vez, com uma outra pessoa, são quase nulas.

Porra, não mesmo. Eu nunca vou ansiar tanto por outra mulher quanto anseio por ela. E se sermos inicialmente amigos me garantir que, um dia, eu poderei chamá-la de *minha*, que seja. Vou passar por cada merda de etapa.

— *Toc, toc.* — Ouço a voz de Lance segundos antes de abrir a porta e botar a cabeça para fora. — Aceita um Macchiato?

— Trazendo café para mim? Em que mundo estamos? — debocho, afrouxando a gravata.

Lance revira os olhos e entra, pousando um copo de Macchiato na minha mesa enquanto beberica o dele.

— Naquele onde você é meu irmão e eu me importo com você, idiota — refuta, se jogando na cadeira à minha frente. Rindo, levo o líquido quente aos lábios. — Aliás, tenho aquelas informações que pediu sobre a viagem. — Paro o que estou fazendo e direciono minha atenção a ele. — Você disse que Faith não gosta de aviões, então pesquisei e descobri que, de metrô, seria mais ou menos um dia e meio de viagem. Ela teria que sair daqui amanhã à noite se quiser chegar em San Diego à tempo.

— Já comprou os embarques?

— Hum… Não? E como assim “embarques”? Faith não vai sozinha?

— Irei com ela. — Abro o site de compra de passagens, selecionando o ponto de partida e nosso destino. Olho meu irmão sobre o computador. — Acha que ela vai aceitar?

— Eu perguntaria antes. — Dá de ombros. — Espero que sim.

Tamborilo os dedos no tampo de vidro, incerto.

— Certo, eu pergunto quando o turno dela acabar. — Suspiro e fecho o site.

Lance cruza as mãos atrás da cabeça.

— É bom te ver todo apaixonadinho por alguém. — Sorri. — Eu já estava ficando seriamente preocupado com a ideia de que fosse morrer solteiro.

— Não sei por qual razão. Até onde eu saiba, um ano atrás eu estava curtindo a minha vida de solteiro e saindo com uma mulher diferente a cada semana, não é como se eu tivesse aversão à ideia de me relacionar.

— Por pressão dos nossos pais e tios, Aiden. Eu sabia que você nunca se sentiu confortável conhecendo novas mulheres a cada sete dias. Aliás, a posição de galinha, até onde eu saiba, pertence a mim.

Bufo soltando uma risada fraca.

— O que quer dizer?

Meu irmão se enverga para frente.

— O que eu quero dizer é que você é mais caseiro, sabe? Sonha em construir uma família e essas coisas. Eu diria que você quebra todos os estereótipos clichês de CEO's que gostam de transar com funcionárias e trocam de mulher como mudam de cueca.

Eu encrespo a testa.

— Hã… Não, isso definitivamente não faz o meu tipo.

— Foi o que eu disse. — Mergulha a mão no cabelo. — Um CEO que gosta de ler?! Espécime rara, quase escassa, eu diria *extinta.*

— Pare de querer aumentar meu ego.

— Não estou fazendo isso, só deixando claro que estou feliz por finalmente sua vida amorosa ter dado uma alavancada. — Lance apoia o queixo na mão. — Quero sobrinhos.

Meu coração dá um solavanco.

— E-eu nem sei se…

— Se é o sonho dela também?

— Isso — murmuro.

O sorriso dele aumenta.

— Cacete, você é muito fofo. — Estala a língua. — E se ela não quiser?

— Sua convicção de que iremos ficar juntos é engraçada.

— Não é para isso que você está caminhando?

— Sim, mas quem garante que, no final, ela irá se apaixonar por mim? Ela pode conhecer outra pessoa e…

— Sem paranoia, Aiden. — Ele me cala. — E se ela não quiser ter filhos? — repete.

Não preciso pensar na resposta, ela já está na ponta da língua.

— Ter filhos pode ser meu sonho, Lance, mas se não for o dela, eu não tenho problemas com isso. As vontades de Faith sempre serão minhas prioridades, e eu não preciso de filhos para ser feliz com ela.

— Você estaria disposto a abrir mão do sonho de ser pai por ela?

— Eu estaria disposto a abrir mão de qualquer coisa por Faith, Lance.

Meu irmão assente.

— Porra, e você ainda diz que não está apaixonado.

Admitir *isso* ainda é estranho.

Aiden Bellini apaixonado. Que grande piada.

— Falando nisso — ele volta a conversar. — Encontrei sua ex ontem, Layla.

— Mesmo? E aí?

— Nós ficamos.

Espremo os olhos na sua direção.

— Sério?

— Uhum.

— Interessante.

O homem à minha frente franze o cenho.

— Você só vai falar isso?

— O que você quer que eu diga?

— Cacete, eu acabei de falar que *fiquei* com sua *ex* e você só vai falar “interessante”?!

Dou um riso sem humor.

— Namoramos há quantos anos, Lance? Vinte? E eu disse que não significou nada. Ela só estava comigo por interesse e eu nem gostava tanto dela assim — afirmo, indiferente. — Como ela está?

Ele morde o lábio inferior.

— Linda. Caralho, *muito* linda.

— Estou me referindo à personalidade.

— Ah. —Coça a nuca. — Nós não conversamos muito, se é que me entende.

Ergo as sobrancelhas.

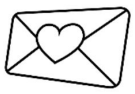
— Ok, sem detalhes. — Meu telefone começa a tocar e, quando vejo que se trata do empresário com quem estamos tentando fechar um contrato, eu o dispenso. — Tenho que trabalhar.

— É o Johnson?

— Exatamente, agora sai.

Lance ergue as mãos e em poucos segundos está fora da minha sala.

Eu atendo.



Faith chega no meu escritório e automaticamente o adolescente emocionado que começou a habitar em mim rouba o lugar do homem de trinta e seis anos que, geralmente, eu sou.

— As pessoas estão começando a desconfiar dessas chamadas frequentes à sua sala, sr. Bellini — diz, se aproximando.

Malícia traça a curva dos meus lábios.

— Há algo para eles desconfiarem, srta. Mackenzie?

Sua garganta oscila.

— Não, não há.

Sorrio ainda mais.

Sim, princesa. Com certeza há.

— Chamei a senhorita aqui porque quero conversar sobre a viagem que ocorrerá na quinta — anuncio e ela estreita as pálpebras. — Você disse que não é adepta a aviões, certo? Eu pesquisei e descobri que há também como irmos de metrô. Sairíamos daqui amanhã à noite e chegaríamos lá bem cedo.

Um vinco se forma entre as sobrancelhas de Faith.

— “Irmos”, “sairíamos”, “chegaríamos”... Não estou entendendo. Alguém mais vai comigo?

Corro a língua pelos lábios.

— Eu.

Faith ri baixinho.

— Você é louco. — Rola os olhos, sorrindo um pouco. — Não quero incomodar.

— E não incomoda. — Pesquiso o nome do site de compra das passagens e viro o monitor para ela. — Olha, podemos sair daqui às dez da noite de terça e chegar lá às seis horas da manhã de quinta.

— Aiden… A viagem é longa. Vai ser cansativo.

— Metrôs para viagens longas vêm com quartos. Posso reservar o mais confortável para n… você.

Ela morde o cantinho do lábio inferior, considerando a ideia, e eu me assemelho a um idiota de tão feliz que estou.

— Quarta é meu aniversário — sussurra, os olhos embaçados, de repente, por tristeza. — Estava planejando passar sozinha.

— Por quê? — questiono, a melancolia na sua voz quebra algo dentro de mim.

Ela junta as mãos trêmulas, como se falar sobre esse assunto fosse difícil. Sem pensar, eu me levanto e vou até ela. Não faço nada, apenas paro à sua frente.

Caso Faith desabe, estarei pronto para segurá-la.

— M-meus pais… — Ela baixa o olhar. — E-eles…

— Shhh. — Cubro seus lábios com o dedo e levanto seu queixo, os olhos marejados encontrando os meus. — Eu já entendi. Não precisa falar mais nada.

Faith estremece com o toque. Lentamente tiro meu dedo de onde está, ciente de que não é a hora para pensar sobre como seus lábios são macios ou a minha vontade imensa de prová-los.

— Me deixe terminar, por favor — pede, suspirando. — Foi no dia do meu aniversário, dia quinze de agosto, e quarta irá fazer dez anos. Estava chovendo muito, muito mesmo, e ainda não tinha dado tempo de comprar o meu presente. Meus pais sempre foram teimosos demais, e mesmo com minhas súplicas para que eles deixassem para o outro dia, eles não quiseram escutar. — Ela dá uma expirada tremida. — Quando eles saíram, de algum jeito, eu imaginei que nunca mais os veria. Comecei a me sentir mal e a perambular pela casa, tentando me acalmar. Só que, por incrível que pareça, quando a confirmação veio, eu não chorei. Na verdade, demorou uma semana para isso acontecer.

— Você entrou em estado de choque — constato, inconscientemente acariciando seu braço.

— Sim. — Ela aquiesce. — Desde então, eu nunca mais comemorei meu aniversário. Não saio de casa, não como bolo, não aceito presentes… Simplesmente passo o dia no meu quarto chorando ou lembrando.

— Ei, olha pra mim — peço baixinho, segurando seu queixo. — Você acha que seus pais ficariam felizes se soubessem que uma data tão

importante está sendo rejeitada dessa forma?

Ela pondera, pensativa, e, devagar, nega com a cabeça.

— Nunca pensei nisso.

— Eu imagino que não. — Hesitante, afasto o cabelo dos seus olhos e ponho atrás da orelha, esperando que ela não note que estou tremendo. — Seus pais iriam querer que você aproveitasse seu dia da melhor maneira que pudesse, Faith, não enfurnada dentro de um quarto. Nunca passei por esse tipo de perda, mas eu imagino que dói pra cacete, o problema é que você não pode se sacrificar assim. Eles não gostariam disso.

— Eu sei que não — cochicha, buscando minhas íris com as suas. — Obrigada por dizer isso.

— Já é a décima vez que me agradece só hoje, sabe disso, não sabe?

Um sorriso tímido escapa de sua boca e eu tenho um princípio de infarto.

— Você fez muito por mim hoje — confessa.

E eu pretendo fazer muito mais, só basta me dar uma chance.

— Posso te deixar em casa?

Ela dá risada.

— Você me provou que não aceita um “não” como resposta.

Eu rio junto com ela.

— Não aceito mesmo. — Me afasto para pegar minhas chaves na gaveta, aproveitando para desligar o computador e guardar meus pertences. — Quer passar em algum lugar para jantar antes?

— Só eu e você?

— Só eu e você.

Noto que um sorriso entusiasmado quer se abrir em seu rosto, mas ela não permite, mordendo a parte interior da bochecha. No entanto, seu

olhar já reflete toda a euforia de que eu precisava para saber que ela quer tanto isso quanto eu.

— Eu topo. Sabe, é até bom. Não costumo cozinhar quando chego à noite em casa e peço só um fast-food antes de dormir. Acho que, inclusive, estão faltando ingredientes nos meus armários. — Ela pensa em voz alta. — Eu estava numa dieta de comer coisas saudáveis, mas acabei desistindo, e esses últimos dias tem me consumido, então tenho vivido à base de comidas deliciosamente gordurosas.

Já falei o quanto acho fofo sua mania de tagarelar sem parar e acabar admitindo coisas sem querer?

Pois é, eu amo, principalmente quando ela me fornece informações que posso usar ao meu favor.

— Deixa eu ver se entendi… Você é enfermeira e…

— Lá vem!

— … se alimenta de fast-foods todos os dias, sabendo do mal que faz, porque tem preguiça de cozinhar…

— Porque eu chego *cansada*.

— … e põe sua saúde em último lugar?

— Eu não falei nada disso. — Cruza os braços.

— Mas é exatamente isso que está acontecendo.

— Pode até ser, mas eu tenho *motivos*.

— Interessante, quais serão as palavras que colocarão na sua lápide quando desenvolver um problema cardíaco e acabar morrendo por isso? — instigo, arqueando a sobrancelha.

— Credo, Aiden, que horror. — Suas feições são tomadas por uma carranca. — Eu tenho que fazer compras primeiro.

— Faremos hoje.

— Mas eu não sei cozinhar.

— Eu cozinho pra você. — Passo por ela e abro a porta. — E eu não aceito um “não” como resposta, princesa.

Faith me acompanha, descrente.

— Vai mesmo fazer isso?

— Uhum.

— Você pelo menos *sabe* cozinhar?

— Não, farei você desenvolver um problema cardíaco com minhas gororobas antes que os fast-foods façam isso — falo, irônico, e ela dá um soco na minha barriga. — É claro que eu sei. De onde você acha que vem essas receitas incríveis que a Bellini 's Café serve?

— Hum… Do chefe de cozinha?

— Fui eu que ensinei tudo o que Jhonny sabe, princesa. — Desligo as luzes da lanchonete e abro a porta de vidro, dando passagem a ela.

Faith termina de pegar suas coisas e sai.

A brisa fria e suave ricocheteia em nossos rostos, fazendo a garota estremecer. Sem pestanejar, eu tiro meu terno e envolvo seus ombros com ele. Ela agradece com um sorriso suave.

— Sendo sincera, minha vontade agora é de mandar você ir se ferrar por ser tão insistente — revela, do nada, e eu arregalo os olhos, surpreso. — Mas ao mesmo tempo, estou agradecida, ainda que seja estranho.

— O que é estranho?

— Meu chefe ser a única pessoa, além do meu irmão, a conhecer minha casa e ainda cozinhar todas as noites pra mim?

— Eu sou o único, é? — Aquele orgulho alfa me preenche.

Faith bufa.

— Você só prestou atenção nisso, não foi?

— Não, também prestei atenção em como soa excitante você dizer que irei cozinhar para você todas as noites. — Saco as chaves do carro, sorrindo com sua expressão cética. — Onde quer comer?

— Em algum restaurante rico. Por favor, me dê essa experiência — fala, sem vergonha alguma, e entra no automóvel.

Gargalho da sua ousadia.

— Droga, princesa. — Dou a volta no veículo. — Você me deixa louco.

15

Faith Mackenzie



Eu nunca pensei que uma noite com meu chefe poderia ser tão boa.

Nós comemos em um dos restaurantes mais caros de toda a Seattle, tão caro que, ao ver o preço dos pratos mais simples, eu quis desistir e ir para um financeiramente mais aceitável. Aiden não deixou, claro, e ainda fez questão de pagar tudo, como se os valores exorbitantes não fizessem nenhuma cosquinha na sua conta bancária. Quer dizer, eu imagino que não façam mesmo, mas, ainda assim, não quero abusar. Ele já está fazendo mais por mim do que qualquer outra pessoa já fez, além dos meus pais e irmão, e toda essa situação permanece sendo bizarra para mim.

Ser, supostamente, amiga de um cara poderoso jamais passou pela minha cabeça. Do homem que manda e desmanda na empresa em que trabalho e que, até um dia desses, eu o odiava.

Agora? Não tenho mais essa certeza. Ele tem se mostrado tão prestativo, cuidadoso… Cacete, não consigo tirar da cabeça a forma como ele acariciou meu braço quando falei dos meus pais e a forma como sua voz estava suave. Aiden me deixa tão confusa.

Depois de jantarmos — que, por sinal, estava uma delícia —, conversarmos sobre os últimos ajustes da nossa viagem, ele me pegou desprevenida ao informar que iríamos fazer uma última parada no supermercado.

Sim, Aiden Bellini, CEO da Bellini 's Café, meu chefe ranzinza e homem que eu não suportava até uma semana atrás, está empurrando um carrinho de compras e colocando lá dentro ingredientes de todas as comidas que pretende cozinhar para mim.

Que surreal.

— Eu tenho certeza de que você deve ter coisas mais importantes pra fazer do que isso — digo, enquanto ele está muito concentrado na análise de um pedaço de filé.

— Gosta de Pot Roast?[2] — questiona, ignorando completamente o que eu disse.

— Hum… Eu amo. — Olho para dentro do carrinho, que, com poucos minutos de compras, está entupido. — Não acha que já pegamos muita coisa?

— Ainda não compramos os vegetais.

— Eu tenho vegetais em casa.

— Não estou curioso para saber o estado deles. — Ele volta a empurrar o carrinho.

Reviro os olhos, sem ter como contestar, já que nem eu sei como eles estão.

Passando o olhar em todas as seções e pegando todo o tipo de coisa saudável que encontra no caminho — até mesmo iogurtes com pedacinhos de frutas, arroz integral e legumes em sua maioria —, Aiden finalmente anuncia que iremos para minha casa.

Eu sou tonta de acreditar.

Não sabia que ele tinha esse lado fitness tão aflorado, mas os instantes que passa no corredor de enlatados criticando alimentos industrializados que “fazem tão mal à saúde”, tirou qualquer dúvida que eu poderia ter.

Odeio ter que confessar isso, mas é fofo. Fofo pra cacete vê-lo todo irritadinho com algo tão comum. É a primeira vez que tenho um vislumbre real do velho de oitenta anos que habita nesse corpo e que já está dando seus primeiros sinais.

— Eu fico revoltado. — Passa a mão no cabelo, bufando violentamente. — Isso deveria ser proibido. Eles têm ideia do aumento de pessoas com câncer todos os anos por causa disso?!

Escondendo o risinho, o puxo pelo braço, empurrando-o em direção ao caixa.

— Não adianta se irritar, Aiden, não vai mudar nada — aconselho, incapaz de tirar as mãos dos bíceps tentadores.

— Eu sei que não. — Bufa mais uma vez. — Só que… merda, porque as pessoas são tão inconsequentes com a própria vida?

— Às vezes elas estão atoladas de problemas demais para prestar atenção nisso. — Tomamos o lugar de um rapaz que desistiu de esperar na fila e continuo: — Ou, talvez, a vida não seja mais algo tão importante para elas.

— Faith… — Suspira. — Não era pra você fazer um comentário tão depreciativo assim.

Sorrio, tirando a mão de seu braço.

— Força do hábito. — Entorto os lábios, direcionando os olhos para o carrinho cheio de compras. — Você vai mesmo cozinhar pra mim toda noite?

— Uhum. Eu quase tive um infarto quando disse que se alimenta de fast-food direto. — Ele contorce o rosto.

— Eu sei, não posso brincar com seu coraçãozinho, certo? A idade está chegando. — Deixo a frase morrer no ar, me divertindo com seu semblante emburrado.

— Eu tenho trinta e seis anos, Mackenzie, não sessenta.

— Às vezes você age como um homem da terceira idade, na verdade. — Dou de ombros. — Tenho minhas dúvidas.

O sorriso cínico de Aiden é a gasolina. O brilho de luxúria no seu olhar, o isqueiro. E a maneira como ele se inclina, sua respiração roçando na minha bochecha e pescoço, poderia ser considerado a explosão.

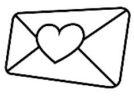
— Você se surpreenderia com as coisas que esse "homem da terceira idade" poderia fazer com você, princesa — sussurra. Posso sentir seu sorriso contra minha orelha. — Não me provoque.

É como se o fogo se alastrasse por minhas veias sempre que ele faz isso: chega perto demais, diz algo em tom malicioso, que me faz imaginar mil cenários. O oxigênio para na garganta e o simples ato de respirar se torna impossível.

— A fila está andando — gaguejo, sentindo cada músculo do meu corpo ser afetado por ele, e desvio o olhar, praguejando baixinho quando noto a presunção dominar sua face ao andar conforme o caixa esvazia.

Merda.

Você está me deixando louca, Aiden Bellini.



Assim que o episódio completamente incomum do meu chefe subindo as escadas e organizando os alimentos nos meus armários, com

uma perfeição que me faz pensar que ele tem algum tipo de TOC, chega ao fim, eu corro para o banheiro e alívio, da forma que consigo, o baita problemão que Aiden sempre causa quando estamos juntos.

É humilhante.

Eu, Faith Mackenzie, excitada pelo brutamontes.

Que comédia!

Saio do banho, enrolada com uma toalha, e a tela do meu celular se acende. Me aproximo e leio o nome de Sloane. Ela está me ligando, o que é estranho, pois, se eu for contar nos dedos a quantidade de vezes que minha melhor amiga já me ligou em um período de um ano de amizade, eu vou concluir que…

Bem, nenhuma vez.

Com medo de levar um choque, deslizo a bolinha verde e deixo no viva voz, me trocando enquanto ouço sua voz do outro lado.

Despejo o creme nas minhas mãos e passo nos meus fios, em uma mecha de cada vez, feliz da vida.

— Amiga… Tá aí?

Eu paro.

Ela está chorando?

— Sloane? O que aconteceu? — Enxugo minhas mãos e pego o aparelho, sentando na cama.

Minha amiga funga e a preocupação incha meu peito.

— E-eu não quero te atrapalhar. Se e-estiver fazendo a-alguma coisa, eu p-posso…

— Não, Slo! Pode falar agora. O que aconteceu? Por que está chorando?

— J-jacob… — Sloane começa a chorar ainda mais. — E-ele…

— Amiga, respira, por favor — peço, esfregando o rosto. *O que esse otário fez com ela?* — Conta até dez , inspira e expira.

Ela faz o que eu instruo, as expiradas saindo trêmulas e um som de choro escapando da sua garganta o tempo todo. Minha amiga repete inúmeras vezes até, então, se acalmar.

— Pronto. Melhor?

— *U-um… um pouco.*

— Ótimo. — Suspiro aliviada quando noto que ela não está mais tão ofegante quanto antes. — Agora pode contar.

Slo emite um murmúrio ininteligível, começando a falar:

— *É o Jacob.*

— O que ele fez?

— *E-eu estava numa festa, aquela que eu te falei, e… e encontrei ele lá.* — Ela faz uma pausa. — *Sabe, achei que seria uma oportunidade ótima para conversamos, e entre uma dose e outra, acabei confessando o que não d-devia…* — Soluça, e eu entendo imediatamente o que quer dizer.

— Você…

— *Sim* — corta, soltando o ar pelo nariz. — *Eu me confessei pra ele.*

Balanço a cabeça, sabendo que, pelo seu tom, isso não deu certo e que ela não recebeu a resposta que estava esperando.

— Sloane… Meu Deus…

— *Ele disse que nunca vai me ver como mais do que uma amiga* — conta, chorosa. — *E pediu desculpas se algum dia me fez pensar o contrário.*

Meu sangue borbulha de raiva.

— Que filho da puta — esbravejo. — E aqueles olhares? Os flertes descarados? Porra, eu vi a maioria deles! Não é possível que ele seja tão sínico.

— *Pois é.* — Minha amiga solta um riso melancólico. — *Parece que entendi tudo errado.*

— Você não entendeu tudo errado, Slo, ele que é um idiota — garanto, enfurecida. — Mas, quer saber? Ele não te merece, amiga. Não vale a pena chorar por um traste daquele.

— *Mas eu gosto dele…* — choraminga.

— Eu sei, Sloane, e também sei que vai demorar até você superar, mas você tem que reconhecer seu valor e ter certeza de que quem está perdendo é ele.

Sua risada fraca passa pela ligação e eu fico um pouco mais tranquila por tê-la feito rir.

— *Só você pra me colocar para cima uma hora dessas, Faith.*

— Porque é isso que amigas fazem, não? E eu te amo muito, não quero te ver assim. — Um sorriso pequeno pinta meus lábios. Sloane é a única amiga que eu tenho e, para mim, ela é mais como uma irmã. Detesto saber que alguém a machucou. — Sabe, eu já fui traída. Eu namorava um cara há nove meses e então, ele resolveu me trocar por uma mulher qualquer na balada. Passei semanas me sentindo insuficiente e achando que o problema estava em *mim,* até perceber que eu não podia descarregar na minha consciência uma culpa que nunca foi minha. Ele que foi sem caráter e não soube valorizar a namorada que fazia *tudo* pelo relacionamento que tinha. Sou maravilhosa, Sloane. *Nós somos.* E não é justo que soframos por homens assim, que estão longe de saber o que é respeitar e amar alguém.

Minha amiga suspira, e quase posso vê-la assentir.

— *Você está certa.*

— Eu *sempre* estou — me gabo.

Ela libera um ruído irônico, debochado.

— *E com você? Alguma novidade?*

— Hum… Não. — O rosto de Aiden aparece automaticamente na minha mente. — Quer dizer… Talvez eu tenha.

— *Sério?! Me conta! Você descobriu quem é o cara dos e-mails?*

— Não. Sendo sincera, faz um tempo que ele não manda mais nada. — Jogo o corpo na cabeceira da cama, percebendo que ao menos não senti falta das mensagens, ocupada de mais com todo o lance de Aiden e eu. — Mas, aconteceu outra coisa.

— Desembucha logo — exclama, impaciente.

Sorrio.

— Eu e o Aiden…

— *SE BEIJARAM?!* — grita. — *Eu sabia que isso iria acabar…*

— Não. — Gargalho, querendo muito que fosse verdade. — Não foi isso que aconteceu.

— *Não?* — É notável que sua animação murcha. — *Então o quê?*

Passo a língua nos lábios.

— Nós estabelecemos uma união… amigável.

— *Como assim?*

Rolo os olhos.

— Basicamente, somos amigos.

— *Sério?*

— Uhum. — Limpo as unhas. — E ele é tão legal. Eu nunca pensei que diria isso. Ele me presenteou com meu kit favorito para cabelo, se ofereceu para fazer minha janta todos os dias, comprou passagens de metrô para irmos a San Diego só porque eu não gosto de avião… e tantas outras

coisas. Ah, sem falar das provocações. Ele é *tão* quente, Sloane. — Estremeço, lembrando dos seus sussurros no meu ouvido. — Acho que a vontade de beijá-lo está prevalecendo à vontade de dar na cara dele.

— *Hum* — murmura. — *Entendi, mas você não acha isso muito íntimo? Considerando que ele é seu chefe.*

— Bom, sim… Mas pra quem estava me induzindo a beijá-lo, acho que sermos apenas amigos não é nada tão grave.

— Enfim, eu só acho estranho, né? — diz. — Ah, foda-se, eu não tenho que achar nada. Só tome cuidado, tá? Amizade com o chefe nunca acaba bem.

Eu uno as sobrancelhas, estranhando seu comportamento repentino.

Cadê a Sloane que surtaria junto comigo?

— Aconteceu alguma coisa, amiga? — questiono, realmente preocupada.

— Hum? Nada. Absolutamente nada. — Ela tosse. — Aliás, já vou dormir, ok? Beijinhos e boa noite!

— Beijinhos e boa n… — Antes que eu termine de falar, Sloane desliga.

Ok?

Sem entender absolutamente nada, mas acreditando se tratar de um possível desconforto causado pelo fato de ela ter acabado de levar um fora do cara que gosta, eu levanto e volto a pentear meu cabelo.

Ainda assim, o comportamento estranho de Sloane não sai da minha cabeça.

E nem o fato de que nunca mais recebi os e-mails anônimos.

16

Faith Mackenzie



É terça-feira, dia que, contra todas as possibilidades, irei viajar com Aiden.

Inacreditável, de verdade.

Me beneficiando da folga de aulas hoje, acordo um pouco mais tarde e vou até a casa do meu irmão, a fim de contar a novidade e dizer que, dali a algumas horas, estarei partindo para San Diego após o trabalho.

Com meu chefe.

Na segunda batida, Thomas me recebe com um abraço de urso e me rodopia no ar. Eu retribuo, externando toda a saudade que sentimos um do outro no longo período que passamos sem nos ver.

— A que devo a honra de sua visita, minha irmã favorita? — interroga, me pondo no chão.

— A única que você tem. — Ergo uma sobrancelha, passando o olhar na casa perfeitamente arrumada. — Tenho novidades.

— Uhh, sério? — Ele apanha umas papeladas do curso de Direito do sofá, arrumando-as na mesinha de centro, e gesticula para que eu me sente. — Adoro novidades. O que seria?

Distraída, pego uma almofada, abraçando-a contra o corpo.

— Primeiro: onde está Stacy?

— Estudando incansavelmente desde a hora que acordou. Ela não saiu nem para tomar café.

— As provas estão chegando?

— São amanhã.

— Ah. — Assinto. — Diga para ela que desejei boa sorte.

— Direi. — Thomas cruza as pernas em borboleta, apoiando o queixo no punho. — E então, qual é a novidade?

Empurro a bochecha com a língua, imaginando todas as possíveis reações do meu irmão.

— Tem a ver com Aiden.

— O seu chefe?

— Ele mesmo. — Me remexo, um tanto inquieta. — Nessa última semana, as coisas têm ficado estranhas entre nós.

— Estranhas como?

— Tipo… — Clareio a garganta, escovando o cabelo para trás. — Nós… hum… viramos amigos? — Minha afirmação sai mais como uma pergunta, mas é que até mesmo eu ainda fico embasbacada quando afirmo isso.

Thomas pisca, claramente sem entender.

— Amigos? Amigos *amigos?* Como assim? Como isso aconteceu? — desengatilha várias interrogações, com o rosto confuso, e eu sorrio.

— Pois é. — Abraço meus joelhos. — Aconteceram algumas coisas nesses últimos dias que acabaram… bem… nos aproximando? Não sei se essa é a palavra certa. A questão é: eu tô conhecendo um lado muito diferente de Aiden, um que eu não fazia ideia de que existia, e agora aqui estamos. *Amigos*, ou algo parecido com isso.

— Porra. — Ele arrasta a mão pelo rosto. — Então para se pegarem falta bem pouquinho, né?

Eu jogo a almofada na cara dele, que gargalha.

— Nossa, vocês só pensam nisso. — Bufo. — Nós não vamos ficar, beleza? — *Infelizmente*. — Realmente somos só amigos.

— Nunca pensou em botar um pouco de colorido nessa relação?

— O quê… Ah — solto, entendendo o que quis dizer, e reviro os orbes. — Nós, definitivamente, não seremos amigos que se pegam.

Thomas faz um bico, insatisfeito.

— Droga, estava louco para ver minha irmã desencalhando — comenta. — Sabe, é um pouco depressivo te ver tão sozinha e sem se divertir.

— Culpe Hawking por isso, não eu.

— E até quando vai deixar que ele tome as rédeas da sua vida? Pelo amor de Deus, Faith, aproveita. Vá a uma balada, se divirta, brinque um pouco com seu chefe.

— Percebe como isso soa errado?

— O quê? Brincar com seu chefe? — Meu irmão dá um sorriso malicioso. — Não é como se você não quisesse.

— Eu *não quero* — afirmo, longe de parecer convicta.

Thomas respira fundo, se controlando para não bater minha cabeça na parede como fez uma vez, quando éramos pequenos, após sugar sua

última gota de paciência.

Em minha defesa, eu tinha quatro anos e ele cinco. Sempre foi comum para mim irritá-lo e depois rir da sua cara. Acontece que, naquele dia, quando roubei seu brinquedinho favorito e saí correndo pela casa, o fim foi bem diferente, para o meu azar.

Tudo bem, nos resolvemos poucos dias depois.

— Tá certo, se você diz.

— Tem outra coisa que eu queria te contar.

— Calma aí — pede conforme levanta, vai à geladeira, pega dois iogurtes de chocolate e volta, me entregando um, pois sabe que é o meu favorito. — Ok, pode falar.

Agradecendo, rasgo a tampinha de plástico e me estico para alcançar o porta colher na bancada ao meu lado.

— Irei viajar com ele para San Diego hoje à noite — anuncio, lambendo os resquícios de chocolate que ficaram no talher.

Thomas se engasga.

— Puta merda, sério?! — exclama, os olhos esbugalhados.

— Seríssimo — confirmo, sentindo a ansiedade bater.

— E como vocês irão? San Diego é bem longe daqui, e você não curte aviões.

Um sorriso pequeno espicha meus lábios ao lembrar do que Aiden fez para garantir que eu comparecesse à viagem.

— Iremos de metrô. — Ponho mais uma porção de iogurte na boca. — Ele alugou aqueles que têm quarto e tudo.

— Cacete, o cara é rico mesmo. — Balança a cabeça. — E você não tem uma *pretensãozinha* sequer de dar uns pegas nele nessa viagem?

Fogo se alastra pelo meu pescoço e se espalha em minhas bochechas. Tenho certeza de que estou ruborizada.

— Não, Thomas. Não pretendo.

Ele resmunga um *aff* e joga as costas no sofá.

— Você é chata, isso sim. Deveria ter mais piedade do seu irmão e dar uns beijinhos no seu chefe só para gerar meu entretenimento e me fazer esquecer do estresse que é o meu curso.

Rio alto, abraçando-o de lado e deitando a cabeça no seu peito.

— Quem sabe, um dia, eu não apareça com um homem super gato e nós vivamos um romance lindo e fofinho?

— Esse homem vai ser seu patrão?

— Credo, não. — Gargalho, sem querer começando a pensar como seria namorá-lo, mas não digo isso em voz alta. — Será um desconhecido.

— Por favor, saiba escolher dessa vez — geme.

Gargalhadas mais altas ecoam.

— Não sei, se eu me apaixonar por um…

— Você não é nem louca. — Ele me joga para o lado e se senta. — É sério, Faith, não me apareça aqui com mais um daqueles caras babacas que você se envolvia! A cota já estourou.

Sorrindo, embora os cantos dos meus lábios insistam em despencar, simplesmente dou de ombros.

— Prometo não ser mais tão dedo podre. — Suspiro. — Não é como se eu gostasse de me envolver com esse tipo de homem.

— Não par…

— Você é tão chato! — Bufo e jogo um travesseiro no seu rosto. — Sério, Thomas, eu prometo que não vou permitir que situações como aquela aconteçam de novo.

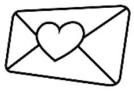
Pela testa enrugada, percebo que meu irmão nota a sinceridade na minha voz. Talvez seja por isso que seu sorriso presunçoso esteja sumindo aos poucos.

— É, você está certa. Tenho certeza de que o próximo cara que escolher irá te amar e te respeitar como a mulher incrível que é. — Escutamos um grito de Stacy, vindo de dentro do quarto, chamando pelo namorado. — A fera despertou. Vou lá.

Eu dou uma risada baixa da forma como se referiu à namorada e balanço a cabeça.

Quando ele sai, indo checar o que Stacy quer, eu penso sobre o que conversamos.

E, por algum motivo, meus pensamentos voam para Aiden e suas inúmeras facetas outra vez.



Eu definitivamente não estou pronta.

Quanto mais as horas passam, mais o suor se acumula em todos os poros do meu corpo. Minhas mãos estão pegajosas, debaixo do meu braço está odiosamente molhado — me fazendo amaldiçoar todas as propagandas desse desodorante, das quais me prometeram que seriam quarenta e oito horas sem qualquer tipo de mancha — e minhas juntas estão ensopadas.

Não sei dizer se estou assim porque irei conhecer o mar pela primeira vez;

Ou porque irei viajar depois de anos;

Ou porque Aiden irá me acompanhar.

Quer saber? É uma junção de tudo.

— Você está nervosa — Sloane observa. — É por conta da viagem?

— Com certeza. — Prendo meu cabelo em um coque, sentindo minha nuca úmida. — Iremos daqui a dez minutos para a estação e eu não estou nem um pouco pronta.

Ela sorri, mas, por algum motivo, parece forçado.

— Entendo… Boa viagem a vocês! Pelo que vi, Aiden já colocou alguém no seu lugar e Lance vai assumir o lugar dele amanhã.

— Legal. — Comprimo os lábios, meu estômago revirando. — Ai, nossa, eu vou conhecer o mar.

— É, pois é. — Dá de ombros. — Algo super comum, não sei por que está tão feliz.

Minha breve animação murcha no mesmo segundo.

Sinceramente, o que está acontecendo com ela?

— Slo, tá acontecendo alguma coisa? Você está diferente.

— Claro que não. — Ela ri. — Estou super normal, mas, sabe, pra quem praticamente morou na praia a vida inteira como eu, é curioso ver alguém tão eufórica por algo tão banal.

— Não é banal pra mim — argumento, desconfortável.

— É, eu sei. — Anota no bloquinho os gastos da última cliente e acena no rumo da sala do nosso chefe. — Faltam só seis minutos. Ele vai te chamar?

— Não sei, acho que sim. — Checo meu celular. — Devo subir?

Ela anui.

— Vai lá, já iremos fechar.

— Certo, obrigada.

A efervescência me consome de tal modo que não consigo me importar muito com Sloane claramente desviando do beijo rápido que dou

em sua bochecha.

Subo as escadas correndo, desistindo de dar a entender que não estou nada afetada, e assim que ergo a mão para bater na porta, ela se abre e Aiden sai, quase trombando em mim.

Seu sorriso surpreso me deixa mole.

— Oi, eu já estava indo te chamar.

— Ah, mesmo? — Mordo o lábio inferior. — Acho que me precipitei, desculpa.

Ele nota meu peito ofegante e o provável filete de suor escorrendo da minha testa.

— Subiu as escadas correndo? — Ele cruza os braços. — Estava tão ansiosa assim?

— Quem? Eu? Nãããão. — Nego veemente com a cabeça. — Sabe o que é? Eu estava… treinando. Isso, treinando. — Aquiesço.

Meu *chefe* parece estar se divertindo muito com o mico que estou passando.

— Mesmo? Aqui, na frente de todo mundo?

— Hum… Só Sloane está aqui, e ela já está acostumada a… — tento encontrar as palavras corretas e acabo desistindo quando o sorriso de Aiden se amplia. Meus ombros pendem. — Esquece, você não está acreditando.

Ele gargalha. Eu já disse que o som é lindo?

— Não mesmo, princesa. — Abre mais a porta e pega a minha mala que deixei pela manhã nos seus aposentos. — Só para confirmar, você sabe que iremos passar só um dia lá, não sabe?

— Sei, sim, e esses itens são exatamente o que irei precisar para passar um dia e meio no metrô *e* um dia em outra cidade. — Puxo-a para

fora, notando que está mesmo bem pesada. — E então, falta mais alguma coisa?

Aiden fecha a porta atrás de si e desce as escadas comigo ao seu encalço, mexendo no celular.

— O Uber chega daqui a dois minutos. Tenha uma boa noite, Sloane. — Ele cumprimenta minha amiga, que está saindo.

— Oh, oi, chefe! — Ela esboça o maior sorrisão. — Uma boa noite e uma ótima viagem para o senhor também. — E, assim, minha amiga sai, sem ao menos dirigir a palavra a mim.

Um zigue-zague de desconforto me acomete. Mirando o olhar no chão, faço de tudo para não pensar nas razões do porquê ela está assim, absolutamente do nada e sem qualquer razão.

Dou um pulo assustado quando os dedos de Aiden tocam meu queixo, mas logo me acalmo ao encará-lo. Estranho, não? Eu me *acalmei* simplesmente ao vê-lo.

— Aconteceu algo entre vocês?

— Não que eu saiba. — Sou sincera, engolindo em seco quando sinto seu polegar acariciar a região que está resvalando.

— Ela nem falou com você — repara, a voz baixa.

— Eu percebi. — Solto um riso fraco. — Mas realmente não faço ideia. Ontem ela me ligou, chorando, eu ofereci palavras de conforto, ela se acalmou… Estávamos conversando normalmente, até que, *boom*, do nada, ela ficou fria? — Levo meus olhos aos dele, que me analisam com atenção. — Enfim, não quero pensar nisso agora.

Aiden, com as íris perturbadas, balança a cabeça e se afasta, porém não o suficiente para que eu sinta falta do seu toque. Ele continua próximo, com o corpo roçando no meu.

— Há quanto tempo a conhece?

— Um ano, mais ou menos.

— Confia nela?

— Muito — respondo, sem titubear. — Ela é a única amiga que tenho, acho que a melhor. Compartilhamos vários momentos legais e sabemos tudo sobre a vida uma da outra. Por quê?

— Nada, apenas curiosidade. — Uma buzina reverbera lá fora assim que termina de falar. — Chegou. Vamos?

Expelindo todo o oxigênio dos pulmões, eu faço que sim.

Aiden exibe um sorriso e, como um cavalheiro, abre a porta de trás do carro, com as sobrancelhas arqueadas, travessas, em minha direção.

Eu rio, fazendo o que pede.

Ele entra logo depois de mim, e eu não deixo de notar, durante a corrida rápida, que nossos corpos se encaixariam perfeitamente se decidíssemos dar um salto perigoso nessa relação.

17

Aiden Bellini



— Você está suando desde a hora que entramos no metrô. — Observo, testemunhando uma película de suor escorregar por sua têmpora. — Está nervosa?

Faith vira o rosto para mim de abrupto, como se tivesse sido pega no flagra.

— A ficha de que verei o mar pela primeira vez ainda não caiu — confidencia e, mais baixo do que a conversa sussurrada de um casal à nossa frente, ela completa: — Meus pais também nunca conheceram. Era o sonho deles irmos em família para alguma praia não muito longe. Tenho quase certeza que iríamos no meu aniversário, antes de…

Sua voz sufocada se perde no ar.

Temeroso, eu arrisco cobrir a sua mão com a minha, reparando o quanto ela é pequena e suave.

Faith encara fixamente nossas mãos unidas, como se fosse algo de outro mundo, e depois, vagarosamente, ela me olha.

— Aonde quer que eles estejam, seus pais estão felizes de te ver realizando um sonho de família.

Ela assente, seus dedos se contraindo debaixo da minha palma.

— Acho que estou com dor de barriga.

Eu ergo uma sobrancelha, perplexo pela mudança brusca de assunto, e depois dou risada, desejando ter passe livre para beijar suas bochechas carmesim de vergonha.

— Quer fazer algo para se distrair?

— Tipo?

— Um jogo de perguntas e respostas. — Cruzo as pernas, sem parar de olhá-la por um segundo. — Você começa.

Faith se excita com a ideia, curiosa do jeito que deve ser, pois qualquer rastro de aflição some instantaneamente do seu semblante.

— Vale qualquer tipo de pergunta?

Semicerro as pálpebras.

— Manda ver.

— Ok. — Ela deixa a coluna ereta, girando o corpo para mim, e quando estou prestes a abrir a boca para protestar por ela ter quebrado o contato, meu coração para um segundo ao sentir sua mão cobrir a minha, o polegar enroscando no meu. A garota está tão animada para arrancar informações de mim que nem percebe. — Qual é o dia do seu aniversário?

Atônito, eu sorrio.

— Dois de setembro. Farei trinta e sete anos.

— Você é mesmo velho.

Franzo o cenho.

— Ofensas não estão permitidas nesse jogo.

A risada que escapa de sua boca aquece meu peito.

— Tá, tá bom. Sua vez.

Há tantas coisas que quero perguntar e saber sobre ela.

Decido começar então pela mais simples.

— Um artista que sonha em conhecer?

— Hum… Essa é díficil. — Tamborila os dedos no queixo. — Eu adoro a Lana Del Rey e passo o dia inteiro ouvindo suas músicas, mas acho que ir em um show dela seria tão melancólico… Se fosse caso de vida ou morte, eu optaria pela Adele.

Com um olhar contraditório, eu digo:

— As músicas desta última também não são tristes?

— Como você sabe? — indaga, abismada.

Rio anasalado.

— Às vezes escuto umas músicas dela enquanto trabalho.

Dessa vez, seus olhos se arregalam.

— Sério?!

— Uhum.

Distraidamente, ela acaricia meu dorso, e *nada* distraidamente, eu tenho um colapso.

— Bem, eu não esperava que meu chefe ranzinza gostasse de escutar músicas enquanto trabalha. — Me lança um olhar brincalhão. — E sobre o que falou, sim, ambas cantam melodias bem tristes, mas acho que a Adele é mais… animada. Cairia bem eu me esgoelar em um show dela.

Gargalho.

— Ok, faz sentido.

— Já que uma pergunta puxa a outra… Qual o seu artista favorito?

— Bon Jovi.

— É uma banda, mas vou deixar passar.

— Então… Jon Bon Jovi.

Ela revira os olhos, deixando uma risada fraca escapar.

— Meu pai adorava. Qual sua música favorita?

— Always — respondo, sem pestanejar. — Escuto tantas vezes ao dia que decorei cada acorde.

O motivo para eu escutá-la? Bom, não preciso dizer.

Um sorriso se espalha em seu rosto.

— Alguém quebrou seu coração, chefe?

Todos os dias o sinto quebrando quando penso que, talvez, você nunca será minha.

— O ritmo vicia — minto. — E a letra é muito bonita.

Faith anui, risonha, e limpa a garganta.

Quando menos espero, ela começa a cantar.

Minha respiração erra o compasso. O ar não passa da faringe, se acumulando nos meus pulmões, e é como se eles fossem explodir a qualquer momento.

— *And I will love you, baby, always. And I'll be there forever and a day, always* — canta baixinho, só para que eu ouça, a voz ressoando como a de um anjo. Doce, afinada, melodiosa. — *I'll be there 'til the stars don't shine. 'Til the heavens burst and the words don't rhyme. And I know when I die, you'll be on my mind…*[3]

— *And I'll love you, always…*[4]— completo e nós cantamos juntos.

Eu não deveria estar tão abalado por isso, cacete. É só uma música, não significa nada pra ela. Mas vê-la cantando assim… Caralho, como eu sou um idiota. Um idiota iludido.

Pelo visto, não sou o único afetado aqui. Faith para de me olhar e se retrai no assento. Sua mão, que estava tão bem na minha, é retirada, e eu sou obrigado a conter o murmúrio de reclamação.

Deus, me diga o que eu não *faria para beijar essa mulher bem aqui, agora?*

No entanto, pela primeira vez em todo o meu histórico de mulheres, eu estou cauteloso. Não quero beijá-la e correr o risco de nos estranharmos depois. Não quero nada a curto prazo com ela e sinto que, se fosse impulsivo, iria acontecer exatamente o contrário de tudo o que planejo para nós.

Prometi a mim mesmo que não iria beijar Faith até que ela tome a iniciativa. Até que eu tenha a certeza de que ela sente por mim uma partícula do que sinto por ela.

— V-você… quer continuar as perguntas?

Reunir cada mínima grama de autocontrole para não agarrá-la está se tornando uma missão cada vez mais impossível.

— Um lugar, além da praia, que sonha em visitar?

— Turquia, com certeza.

— Algum motivo especial?

— Sempre fui obcecada por aqueles programas em que os repórteres viajam o mundo — diz, nostálgica. — A Turquia foi o país que mais me chamou atenção. É lindo. Com certeza será o primeiro lugar que irei quando me formar e começar a ganhar dinheiro. — Passa a língua nos lábios. — Eu até te faria a mesma pergunta, mas tenho pra mim que já conheceu todos os lugares do mundo.

Sorrio.

— Que exagero, eu ainda não conheci a Índia.

— Tem vontade?

— Não.

Ela fica cética.

— Chato — resmunga. — Quantas namoradas já teve?

Pego desprevenido, falo:

— Apenas uma. Não foi grande coisa.

— Vocês não se amavam?

— Amar é uma palavra muito forte, o tipo de sentimento que só acontece uma vez na vida. — Fito-a. — Nunca a amei, muito menos estive apaixonado, mas eu gostava dela.

— O que aconteceu pra se separarem?

Ok, eu não gosto *mesmo* de conversar sobre outras mulheres com Faith.

— A peguei confessando que só estava comigo pelo que eu podia oferecer. — Dou de ombros, explicitando que não teve tanta importância. — Terminei no mesmo dia.

— Que otária. — Bufa. — Não sei como ainda me surpreendo ao saber de pessoas que ficaram com outras apenas por interesse. Poxa, o amor é um sentimento tão lindo, sabe? Deveria ser mais valorizado.

Se o amor for tão lindo quanto você, princesa, não me restará dúvidas.

— E você? — Pigarreio. — Quantos namorados já teve?

Me arrependo no mesmo segundo de ter perguntado quando ela dá uma risadinha.

— Hum… Os de duas semanas vale?

— Uhum — murmuro.

— Ok, então… uns sete?

— *Sete?!*

— É. — Ela ri ainda mais. — Nos seis primeiros eu tinha de dezesseis a dezoito anos e não duraram mais que algumas semanas. Esse último foi recente, o que mais durou, e o único que eu achava que estava apaixonada e que me amava de volta.

— O que ele fez? — questiono entre dentes, sentindo a fúria gelada me dominar.

Faith suspira, arrancando os fiapos soltos de sua saia.

— Ele me traiu, inúmeras vezes. Perdoei todas, até me dar conta de que não podia mais aceitar isso. — Ela me encara. — Hawking, basicamente, fez com que eu pegasse trauma de relacionamentos.

Hawking. O nome do filho da puta é *Hawking*.

Caralho… isso não entra na minha cabeça. Estou envelhecendo numa geração que faz do coração de alguém uma mera bolinha de pingue-pongue. Podem me chamar de retrógrado ou quadrado, mas eu nunca vou entender essa porra de ter uma mulher maravilhosa ao seu lado e, ainda assim, trocá-la por uma desconhecida qualquer.

E saber que o canalha depositou insegurança em Faith para relacionamentos me dá mais vontade ainda de quebrá-lo.

— Nem todos são como ele — falo, tentando não soar suspeito.

— Eu sei que não, mas… tenho medo — conta. — Vou apenas esperar o homem dos meus sonhos bater na minha porta. Cansei de correr atrás.

— O que seria o homem dos seus sonhos?

— Hum… — Ela se empertiga. — Alguém dedicado, que tenha visão de futuro, que cuide de mim como meu pai cuidou da minha mãe. Divertido, atencioso, romântico… Um homem com quem eu me sinta

confortável e possa ser eu mesma, sem me preocupar com seus julgamentos. Ah, que comemore minhas vitórias assim como irei comemorar as dele e que nosso respeito esteja alinhado ao nosso amor. Namoro, noivado, casamento nunca duram se não houver respeito. Só o amor nunca foi suficiente.

Eu posso ser esse homem, quero gritar. *Cacete*, *me* deixe *ser esse homem.*

— Tem fé de que irá encontrá-lo algum dia?

— Acho que sim. Quem sabe? — Entorta os lábios. — E você? Qual seu tipo de mulher?

Você.

Ajeito a gravata.

— Alguém divertida, falante, compreensiva e amorosa. — *Que tenha cabelos cacheados, um sorriso lindo e que me insulta a cada cinco segundos…* — Alguém que estaria comigo nos momentos bons e alegres. Ser empresário é complicado. Eu posso estar no topo do mundo agora, mas, amanhã, talvez, eu esteja falido. Quero alguém que não se importe com meu *status.* Uma amiga.

— Acha que um dia irá encontrá-la?

Eu já achei, só falta você me achar também.

— Acho que sim. Quem sabe? — repito suas palavras. — Mais alguma pergunta?

— Eu tenho várias, Aiden. Você é uma caixinha de surpresas.

— É? E as surpresas que está encontrando são boas?

Ela fica vermelha, no entanto, não desvia o olhar.

— Muito — sussurra, suas íris descendo para minha boca. — Muito mesmo.

O clima se modifica.

— Mesmo? — Penteio uma mecha de cabelo para trás da orelha, aproximando nossos rostos. — E por que está olhando tão sedenta para a minha boca?

Não há nenhum traço de constrangimento nas suas feições por ter sido pega no flagra.

— Não é como se você não estivesse fazendo o mesmo.

Touchè.

Sorrindo, eu olho para o meu relógio de pulso quando o mesmo apita.

Meia-noite. É seu aniversário.

Faith fica confusa, olhando os ponteiros do relógio.

Dou risada.

— Não sabe olhar as horas no relógio de ponteiro?

— Eu sei, idiota — empurra meu ombro —, mas esse seu relógio é cheio de enfeite. Não tô sabendo decifrar o que são horas, minutos e segundos aí.

Sorrindo como um idiota apaixonado, eu levo os lábios à sua orelha, resistindo ao desejo de sair dando beijos por sua bochecha. Os fios da nuca de Faith se arrepiam e os meus parecem prestes a sair do corpo com sua respiração quente e lenta batendo próxima ao meu pescoço.

Subo uma mão por sua coxa e roço a ponta do nariz no seu lóbulo.

— Feliz aniversário, princesa.

18

Faith Mackenzie



Prendo o fôlego, falhando em não espelhar qualquer reação ao toque obsceno da mão preguiçosa de Aiden na minha coxa, enquanto sussurra felicitações ao pé da minha orelha, com sua voz baixa e grave.

Ele se afasta, ainda apalpando minha carne, e curva os lábios para cima, se divertindo com minha vulnerabilidade a ele.

— Obrigada — pigarreando, agradeço, empertigando a coluna. — Agora tenho vinte e dois anos — exponho, como se não fosse óbvio, mas desesperada para dissipar a vontade louca de me jogar em cima dele.

— Como está se sentindo? — questiona, curioso, suas íris me perfurando.

Como estou me sentindo? É uma boa pergunta, pena que nem eu mesma sei como responder.

Hoje faz dez anos que meus pais morreram e estou aqui, viajando. Não sei como me sentir em relação a isso.

É estranho. Passei muito tempo comemorando meu aniversário enfurnada no meu quarto. Estar em outro lugar que não seja minha casa é

novo.

— Se sente bem?

Eu o encaro. Encaro *de verdade*.

— Sendo sincera, sim. — Dou um sorriso tenso. — Muito melhor do que se eu estivesse sozinha em um ambiente escuro e silencioso.

Aiden concorda.

— Aniversário é uma data única e especial demais para passar em branco, Faith — expressa. — Gostaria que aproveitasse mais das próximas vezes.

— Irei considerar — digo, tensa. — Nós podemos… podemos continuar com o joguinho de perguntas?

Ele sorri.

— É uma forma muito boa de arrancar informações de mim, devo admitir.

— Talvez eu esteja gostando de conhecer sobre a pessoa debaixo dessa áurea de chefe ranzinza. — Dou de ombros.

E é a mais pura verdade. Me aproximar de Aiden é sinônimo de ver mais do que ele mostra no trabalho. Me aproximar *e* conviver com Aiden é sinônimo de saber que ele não é um por cento das coisas que demonstra na empresa. Em vez de babaca e idiota, ele é cuidadoso e divertido. Em vez de ranzinza e mal-educado, ele é bem-humorado e um dos caras mais gentil que já conheci. Não sei a razão de não expor isso para todos. Tenho certeza de que gostariam de presenciar esse seu lado.

— Sua vez. — Fita o relógio estranho no pulso. — Logo, logo chegaremos em outra estação e embarcaremos em outro ônibus, aquele de quartos. — Dá um sorriso. — Seja rápida.

Assinto, meus devaneios me levando à minha primeira pergunta.

— Por que no trabalho você ostenta uma postura que está longe de ser a do Aiden Bellini real?

— Como assim?

— Sabe… Na empresa, você é frio, grosso e arrogante. Aqui, comigo, você é sorridente, piadista, legal… — Enumero, fitando-o. — Queria saber o porquê disso.

O homem suspira.

— Eu só sou assim com você — revela, como se fosse uma confissão.

Franzo as sobrancelhas.

— Por quê?

— Simplesmente me sinto confortável para ser assim. — Umedece os lábios com a língua. — E acho que tenho ganhado mais sendo legal do que antipático.

Dou um sorriso significativo, porém ainda sem entender.

— Eu te deixo confortável?

— Pra caralho.

Mordo o lábio inferior, um pouco boba.

— Você também me deixa confortável, sr. Bellini. — Dou um soquinho no seu braço e ele ri. — Pra caralho.

Outra verdade.

Faz tempo desde a última vez que me senti tão à vontade com alguém, nem mesmo com Sloane. Lembro de várias vezes ter que medir certas palavras ou deixar de fazer certas coisas com medo do que ela iria pensar. Mas com Aiden não. Mesmo sendo meu chefe, fora desse cargo ele é alguém que me deixa cômoda. Posso falar o que eu quiser e sinto que não

serei julgada. É provável que eu receba apenas uma revirada de olhos profunda e alguma respostinha afiada, entrando na minha onda.

Posso ousar dizer que esse cara de trinta e seis anos me faz bem, por isso tenho medo de estragar tudo sendo impulsiva.

Lentamente, o metrô para. Os passageiros começam a sair e Aiden e eu nos levantamos. Ele me ajuda a pegar minhas bagagens no compartimento acima de nós, fazendo cara feia para mim ao ter que fazer um certo esforço devido à quantidade de coisas que coloquei lá dentro.

O que eu posso fazer? Sou uma mulher precavida.

Em razão do fluxo intenso de pessoas entrando e saindo, envolvo o bíceps de Aiden para não ter a chance de ser levada com a multidão. Seus músculos se flexionam assim que pouso meus dedos sobre ele e sorrio internamente.

Vamos para fora e, dez minutos depois, um metrô enorme, sofisticado e moderno, vem nos buscar. Não consigo esconder minha admiração ao entrar no transporte, encantada com o número de quartos e o tom azulado das paredes. Há bancos de couro, mesas, um bar ao fundo, música clássica tocando baixinho e garçons indo e voltando, oferecendo aperitivos aos passageiros.

— Uau — sopro, seguindo Aiden para o lugar que posso imaginar ser o nosso quarto.

— Impressionada?

— Muito. É lindo. — Me perco na beleza da pintura de um quadro ao passarmos pelo corredor. — Foi caro?

— Não se preocupe com isso. — Ele para e retira uma chave do bolso, girando no cilindro da maçaneta. — Valeu a pena.

É um quarto pequeno, com apenas uma cama de casal, um banheiro e duas cômodas, uma de cada lado da cabeceira, mas é incrível. O metrô

inteiro tem uma pegada meio retrô e coisas antigas, e os quartos não são nada diferentes. Há pinturas do século XIX nas paredes, móveis de aparência medieval e até mesmo um lençol cobrindo o colchão com uma das artes mais famosas de Van Gogh: A Noite Estrelada.

Minha nossa, é magnífico.

— Acho que estou apaixonada — sussurro para mim, me jogando na cama e testando a maciez. — Muito macia.

Ele ri.

— Falando nisso… Se importa de dormirmos juntos de novo? — Gesticula para o ambiente. — Como você está vendo, o espaço é pequeno.

Balanço a cabeça.

— Sem problemas. — Minhas pálpebras pesam. — Já dividimos um colchão, certo?

— Tecnicamente, isso aqui também é um colchão.

Reviro os olhos.

— Você entendeu.

Aiden me envia um olhar divertido, abrindo a própria mala e apanhando uma toalha de lá.

— Irei tomar banho e depois dormir — anuncia. — Não estou acostumado a viajar à noite.

Quem dera se isso fosse um convite.

— Tudo bem, vou esperar. — Junto às pernas como uma garotinha comportada.

Ele passa mais um bom tempo me olhando e eu, sedenta do jeito que estou, fico torcendo para que ele jogue toda essa história de “amigos” no ar e, sei lá, me pegue contra a parede e me leve para tomarmos banho juntos.

O pensamento me faz cruzar as coxas.

Aiden percebe, é claro, e suas pupilas se expandem. Entretanto, para a minha eterna frustração, ele apenas sacode a cabeça e bufa, entrando no banheiro.

Droga, não foi dessa vez.

Sem ter o que fazer, inspeciono o ambiente ao meu redor, capturando cada detalhe desse quarto e me impressionando mais ainda. Parece um quarto de princesa, cheio de referências à Arquitetura Gótica. Saco o celular do bolso da saia, tiro várias fotos e envio para o meu irmão.

Eu: *OLHA QUE COISA LINDAAAAA!!!!!*

Maninho: *CACETE, pra onde esse cara te levou? Um castelo?*

Dou risada.

Eu: *Não, idiota. É um metrô com arquitetura medieval, sabe? Bem rainhas, reis, príncipes e princesas.*

Eu: *É lindo, estou apaixonada.*

Maninho: *Onde está seu chefe?*

Eu: *Tomando banho.*

Maninho: *Hum?*

Ai, Deus. Ele vai surtar.

Eu: *O que foi?*

Maninho: *Como você sabe que ele está tomando banho?*

Não respondo, apenas visualizo.

Maninho: *FAITH???????????????????*

Maninho: *VOCÊS ESTÃO NO MESMO QUARTO?*

Eu: *E iremos dormir na mesma cama, para ser mais exata.*

Maninho: *NÃO ACREDITO*

Maninho: *É SÉRIO???*

Gargalhando, digito:

Eu: *Não vai acontecer nada, Thomas.*

Eu: *Serei cautelosa.*

Maninho: *AH, POR FAVOR!!!! CAUTELOSA PRA QUÊ???*

Eu: *Somos amigos.*

Eu: *Não quero estragar fazendo algo impensado.*

Maninho: *Impensado, A-H, T-Á. Como se você não passasse vinte e quatro horas por dia pensando nisso.*

Eu: *Você é péssimo, Thomas.*

Maninho: *Brincadeiras à parte, maninha, eu só quero que aproveite, ok?*

Maninho: *Vi no Google e San Diego tem uma das praias mais lindas do mundo.*

Maninho: *Você merece.*

Meus olhos marejam.

Eu: *Acho que você está esquecendo de uma coisa.*

Maninho: *De quê?*

Rolo os orbes.

Eu: Olha a data.

Conto cinco segundos no relógio até receber sua mensagem:

Maninho: *PUTA MERDA*

Maninho: *FAITH EU ESQUECI COMPLETAMENTE*

Maninho: *MEU DEUS*

Maninho: *FELIZ ANIVERSÁRIO, MANINHA*

Maninho: *TE AMO MUUUUITO*

Maninho: *CACETE ME PERDOA POR TER ESQUECIDO*

Maninho: *TE AMO TE AMO TE AMO, QUANDO VOLTAR IREMOS COMER UM BOLO BEM GOSTOSO*

Maninho: *GRAÇAS A DEUS VOCÊ SAIU DAQUELE QUARTO, NÃO AGUENTAVA MAIS*

Rindo em meio às lágrimas, eu agradeço, bem na hora que meu celular morre.

Assim, do nada, me lembrando da promessa que fiz há dois meses de que iria comprar um celular novo.

Santa paciência…

Coloco o aparelho para carregar e, quando dou por mim, Aiden sai do banho.

Eu levanto, pronta para dizer que irei fazer o mesmo, quando me deparo com seu torso nu.

Aiden Bellini está só de toalha.

O peito úmido está coberto de gotículas de água, que escorrem por seu abdômen deliciosamente trincado e se perdem dentro da toalha branca, que destaca o maldito V na sua pélvis. Seu cabelo loiro escuro está molhado, penteados para trás, e uma enxurrada de sensações se apodera sobre mim.

Isso não deveria ser proibido? Me deixar passando vontade?

— Princesa?

Balanço a cabeça.

— Hum?

Ele sorri.

— Pode ir tomar banho.

Ah, mas eu vou mesmo.

— Ok… Claro. — Abro a mala e pego minha toalha, jogando-a no ombro. — A propósito… — Paro. Eu ia dizer para que ele vestisse uma roupa, mas por quê? Ele está claramente tentando me provocar, e eu estou amando, contudo eu sei que posso fazer pior. — Esquece.

Apanho rapidamente um baby-doll do meio das roupas e enrolo na toalha para que ele não veja.

Giro sobre os calcanhares a tempo de vê-lo erguer uma sobrancelha, confuso. Abro um sorriso maléfico, deixando as sapatilhas na porta.

Aiden não perde por esperar.

19

Faith Mackenzie



Quando saio do cômodo, vestindo nada mais que um short super curto de seda e uma blusinha fina, e me deparo com um Aiden vestido apenas com um moletom, sei que essa madrugada será longa, e não porque faremos o que eu exatamente quero — infelizmente —, mas porque não iremos conseguir dormir sabendo que o parceiro ao lado está deixando pouquíssimo para a imaginação.

Dando passos lentos até a cama, me curvo sobre ela, fingindo afofar o travesseiro, e consigo a atenção de Aiden em mim, que estava, até então, de costas. Um sorriso ínfimo marca presença em meus lábios ao vê-lo engolir em seco, peregrinando o olhar por meu corpo e se fixando por um momento longo demais na minha bunda.

— Faith — chama, a voz áspera.

— Sim? — murmuro, inocente, e sento na cama.

Devido à minha inclinação para frente, o colo dos meus seios se torna ainda mais exposto. Se Aiden está tentando ser sutil na secada que me

dá, ele não está conseguindo. Me comprometo a dizer que ele está quase salivando.

— Você… você só tem essas roupas?

Meu sorriso aumenta.

— Uhum, são mais confortáveis para dormir. — Miro rapidamente sua calça de moletom, subindo para o seu abdômen. — Eu poderia fazer a mesma pergunta.

Como se o jogo tivesse virado, ele sorri e sobe na cama, situando-se tão próximo que posso senti-lo em cada célula do meu corpo.

— Te incomoda?

Se me incomoda? Céus, *é claro.* Como eu vou adormecer se o que eu quero, agora, é explorar esse peitoral com a minha língua?

Apesar disso, simplesmente dou de ombros.

— Claro que não. — Mexo provocativa na alça da minha blusa, atraindo sua atenção. — E eu estar assim, te incomoda?

— Não imagina o quanto.

Fico surpresa com a sua resposta. Não esperava que ele fosse tão sincero.

— O suficiente para não conseguir dormir essa noite? — incito.

— O suficiente para te imaginar debaixo de mim completamente nua — sussurra, descendo os olhos para os meus seios.

— Gosto de ficar por cima — rebato a provocação, minha pele incendiando.

Aiden anui, passando a língua nos lábios, enquanto me come com os olhos.

— Poderíamos dar um jeito nisso.

Nossa, sim. Poderíamos mesmo.

Ofegante e molhada, eu direciono o rosto para outro lugar que não seja o seu, dando fim a essa conversa, como sempre faço. Está sendo mais difícil lidar com a atração que sinto pelo meu chefe do que por qualquer outra pessoa e tenho medo de arruinar tudo. Não é momento, definitivamente.

— Você já vai dormir? — questiono, puxando o lençol para cobrir minhas pernas.

Encobrindo o desapontamento muito mal, Aiden se recosta na cabeceira e se estica para pegar algo da sua mala.

— Vou ler um pouco — diz, pondo os óculos de aro e abrindo o exemplar luxuoso de “O Pequeno Príncipe” na primeira página.

— Você nunca terminou de ler? — indago, sem conseguir me conter, pois esse livro é, definitivamente, meu ponto fraco.

— Estou relendo. — Ajeita os óculos no nariz. — Faz muito tempo que não o leio.

Cruzo as pernas em borboleta.

— Em todos os aniversários, meus pais davam um jeito de comprar algo desse livro, seja cadernos, exemplares novos, chaveiros… — conto, puxando assunto. — Meu sonho sempre foi fazer uma coleção com todos os idiomas.

Ele me olha.

— Quais você já tem?

— Só o inglês e francês. — Dou risada. — Comprei esse segundo com muito esforço.

Aiden mostra um sorriso pequeno.

— As de 1943?

— Sim — exclamo, animada. — São lindas.

— De fato. — Ele balança a cabeça. — A edição que eu trouxe é a russa.

— Posso ver?

Assentindo, ele me entrega o exemplar. Folheio as páginas com cuidado, encantada com as ilustrações.

— Quer que eu leia a sua sorte? — inquiro, fitando-o.

Aiden arqueia a sobrancelha.

— Sabe ler em russo?

Sorrio.

— Você me subestima demais, sr. Bellini… Mas, sim, eu sei.

— Não, Faith, eu sei exatamente do seu potencial. Só estou impressionado. Não são muitas pessoas que eu conheço que se interessam por essa língua — fala, mergulhando os dedos nas madeixas douradas. — E, sim, eu quero que leia a minha sorte.

Entusiasmada e vagamente nervosa de fazer isso pela primeira vez depois de tanto tempo, peço:

— Diga um número.

Ele pondera por alguns muitos segundos antes de dar sua resposta.

— Vinte.

Aquiesço e abro o livro, procurando pela página. Ao encontrar, clareio a garganta e começo:

— *“Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde às três eu começarei a ser feliz.”*

Aiden sorri, e há algo tão maior por trás desse simples gesto.

— É lindo. — Ele estende a mão. — Sua vez.

Como eu disse: Aiden Bellini é uma caixinha de surpresas.

— Hum… Página sete.

— *“Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, como agora, sobre a relva…”* — Faz uma pausa e me encara sobre o livro. — *“Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é fonte de mal-entendidos. Mas, a cada dia, tu poderás sentar um pouco mais perto.”*

— Eu não lembrava dessas frases.

— Nem eu. — Novamente, me cede o exemplar. — Minha vez.

— Página?

— Quinze.

Vou à procura, mas antes de ler em voz alta, sou atingida pelo pouco que vejo, e, droga, não consigo *não* olhá-lo.

— *“Eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens necessidade de mim. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro.”* — Minha garganta trava. — *“Serás para mim único no mundo. E serei para ti única no mundo.”*

Aiden não diz nada. Não com a boca, pelo menos, mas seus olhos… eles parecem querer dizer tanto. De alguma forma, esse trecho nos pegou, sabe-se lá Deus por qual motivo.

— Minha vez. — Entrego para ele. — Página vinte e cinco.

— *“Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para fazê-lo feliz quando a contempla”* — recita, suave, baixo, absorvendo as palavras.

Meus lábios se elevam.

— Essa frase… minha mãe e meu pai tatuaram. Em cada braço deles havia um trecho. Quando eles se juntavam, a frase ficava completa. — Aiden e eu rimos juntos. — Foi a coisa mais brega que eu já tinha visto.

— Eles se amavam muito, hum?

— Muito. — Suspiro, com saudades. — E seus pais? Como eles são?

A expressão de Aiden muda no mesmo instante.

— Com certeza não se amam tanto quanto os seus — diz, seco, uma pontada de amargura em seu tom.

— Ah, desculpa. — Fico sem jeito. — Não… não teria tocado nesse assunto se soubesse.

— Não precisa se desculpar, Faith. — Pigarreia. — É só que… eu cresci em um ambiente cheio de ganâncias. Não acho que meu pai se casou com minha mãe por amor, ou vice-versa. Na verdade, as atitudes dele no dia a dia deixam isso bem claro. Ele vive em eventos badalados e não faz questão de chamar a esposa, gosta de sair com os amigos para jogar golfe mas nunca a chamou para jantar… Lance também me disse que eles começaram a dormir em quartos separados. Não há razão para eles fazerem isso se estivessem apaixonados.

Me sinto tentada a abraçá-lo, confortá-lo de alguma forma física, pois é claro que esse assunto é algo que lhe abala.

— E sua mãe? Como ela é? — resolvo mudar um pouco de assunto.

Pelo pouco que conheci Melissa Bellini, ela pareceu ser bem legal, e considerando o sorriso de Aiden, acho que estou certa.

— Ela é uma mãe maravilhosa para mim e Lance, sempre foi. Nosso pai não tinha muito tempo para nós na infância, mas Melissa supria toda a carência que podíamos sentir. Ela é alegre, falante e tem um coração enorme. Totalmente diferente do meu pai, que é sério, um pouco bruto na empresa e indiferente.

— Por isso você é todo chato e antipático assim?

Ele ri.

— Certamente.

Respiro fundo e olho o horário. Já passam das duas da manhã.

— É melhor a gente dormir, quero acordar cedo para ver a paisagem fora do metrô.

— Espera. — Ele pega o livro. — Só mais um.

Sorrindo bem pequeno, eu cedo.

— Página dezenove.

— "*Os homens cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim e não encontram o que procuram. E, no entanto, o que eles buscam poderia ser achado numa só rosa.*"

Suspiro profundamente.

— Como um livro aparentemente infantil tem o poder de ensinar tanto?

— E de dizer com clareza o que precisamos ouvir? — Aiden fecha o exemplar e o coloca em cima da cômoda. — Eu não faço ideia.

— Antoine de Saint-Exupéry estava inspirado. — Meu chefe parece, de repente, hipnotizado por meus lábios. — O que foi?

— Cacete… Fala de novo.

— Antoine de Saint-Exupéry?

— Porra. — Aiden solta um gemido sofrido.

Mordo o lábio inferior.

— Muito sexy?

— Pra caralho, princesa.

Sorrio, presunçosa.

— Eu sei. — Ajeito o travesseiro e me deito. — Talvez um dia eu te dê uma amostra de todos os idiomas que sei falar.

— Faith… — Ele ri, se deitando, e fica de frente para mim. — Vai dormir.

Gargalho.

— Por quê? Mulheres poliglotas te deixam com tesão?

— Agora, Faith — demanda.

Umedeço os lábios, ciente de que isso o tira de órbita.

— Como quiser, chefe.

20

Aiden Bellini



Desembarcamos em San Diego às seis da manhã, como imaginamos. Faith está encantada com a paisagem, e olha que nem chegamos na praia ainda. Nesse horário, lá deve estar vazio, e eu não vejo a hora de presenciar sua reação com as ondas do mar quebrando, a água cristalina, e a areia sujando seus pés.

— Falta muito para chegarmos? — sussurra no meu ouvido, olhando as ruas através da janela do carro.

Assim que descemos do transporte, meu motorista particular, que mora aqui em San Diego, veio nos buscar, exatamente como eu pedi. Antes de irmos ao hotel, iremos passar primeiro na praia mais bonita da cidade: Ocean Beach. Já vim aqui inúmeras vezes com Lance e foi a primeira que pensei quando meu irmão comunicou sobre a viagem.

— Estamos chegando — aviso, reconhecendo as enormes árvores e as lojinhas em massa na região.

— Acho que vou morrer de ansiedade até lá — cochicha, roendo as unhas.

Tiro-as de sua boca, no entanto.

— Nem inventa.

A garota não dá a mínima para mim e imagino que, se tivéssemos algo, eu seria facilmente trocado por um monte de água salgada.

E, talvez, isso faça com que eu me apaixone um pouquinho mais por Faith.

Cacete nunca achei que um homem como eu seria capaz de estar apaixonado, mas tudo mudou desde que ela enviou aquele currículo para a lanchonete.

— Chefe, estamos chegando — Smith, meu motorista, comunica, virando numa rua.

— Pare aqui, por favor — peço, pois não quero que a primeira vez que Faith veja o mar seja dentro de um carro.

Ele faz o que mando. Dois minutos depois, estamos caminhando pelas calçadas de San Diego. Pedi para que ele esperasse um pouco, pois não iremos demorar, e logo após daqui partiremos para o hotel.

— Eu já falei que esse lugar é lindo? — interroga.

— Desde que saímos do carro.

Sua risada sai baixa por conta da movimentação de turistas e moradores daqui.

— Estou escutando o barulho das ondas. — Dá pulinhos. — Por que parece que não vamos chegar nun… — Faith trava.

O motivo?

Bem… Há um mar para lá de revoltado à nossa frente.

Paro ao lado dela, guardando as mãos no bolso, observando o vento bagunçar seus cabelos, as rochas pontiagudas perdidas no oceano e a coloração natural e perfeita das águas. Posso ter vindo aqui mais vezes do que posso contar, mas minha admiração sempre será a mesma.

E tenho certeza de que Faith está experimentando algo muito mais forte e especial agora.

— Aiden… — Sua voz se dissolve no ar.

— É tudo o que imaginou, princesa?

É uma indagação retórica, claro. Não é necessário conhecer Faith ou saber do seu sonho de vir à praia para identificar o contentamento em seus olhos.

— Ai, meu Deus — sussurra. — É mais, mais do que eu imaginei. É perfeita.

A garota está em choque, isso é nítido, e quero tanto pegá-la em meus braços agora que sinto meu corpo inteiro clamar por isso.

— Fico feliz que tenha gostado — digo. — Quer entrar?

Ela me fita, seus olhos castanhos e profundos enevoados de lágrimas.

— Posso te abraçar?

Cacete.

É como se ela estivesse dando um soco no meu peito. Meu coração para e depois começa a bater rápido demais. Minha pele formiga, ansioso, e tenho que fazer um esforço sobrenatural para não explicitar o quão desesperado eu estou para que ela me abrace.

Por isso, a fim de evitar uma vergonha maior, eu apenas assinto, abrindo os braços para que se aconchegue neles.

É a melhor sensação da minha vida.

A princípio, ela hesita, rodeando minha cintura com seus braços. Contudo, assim que eu retribuo o contato e arrasto preguiçosamente minhas mãos em sua coluna, acariciando-a, Faith relaxa e se permite desabar.

A cacheada deita a cabeça em meu peito e seus dedos agarram minha camisa com força. Eu intensifico o aperto, rezando para que isso possa acalmá-la. Puta merda, estou abraçando a garota que está em meus sonhos há tanto tempo.

É gostoso. Nossos corpos se encaixam como duas peças de uma quebra-cabeça, e eu a sinto em cada átomo meu. Seu cheiro doce e o choro baixo me fazem ter vontade de nunca mais soltá-la.

Eu poderia facilmente morar aqui, no seu abraço.

Afastando-se, ela limpa o rosto inchado com as costas das mãos, evitando me olhar. Levanto seu queixo com o dedo e acomodo uma mão em cada lado de suas bochechas, esboçando um sorriso que espero muito confortá-la.

— Molhei toda a sua camisa — diz, embargada.

— Não tem problema, é só lavar. — Acaricio a maçã de sua bochecha, expirando pela boca. — Está melhor?

— Uhum — murmura, envergonhada. — Eu acho que essa mancha de catarro não vai sair, não.

Eu gargalho alto, e a risadinha baixa de Faith vibra em todo o meu ser.

Sem resistir, sem *querer* resistir, eu me curvo sobre ela e, sem pressa, pouso um beijo em sua testa. Faith estremece, no entanto, não dá indícios de que quer se afastar ou qualquer outra coisa. Pelo contrário, ela rodeia meus pulsos e se inclina ainda mais ao toque, fechando os olhos.

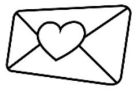
— Precisamos voltar antes que Smith vá embora — alego, ainda próximos demais para o meu próprio bem. — Ele não tem muita paciência.

Faith ri e revira os olhos.

— Pelo visto estou cercada de caras impacientes — comenta, retirando as sandálias. — Podemos só entrar no mar antes de irmos?

— Claro.

Então, ela segura minha mão e me puxa mar adentro.



O quão humilhante e *nada* decoroso é ter que entrar em um hotel, com todos os seus funcionários, estando encharcado dos pés à cabeça por causa de uma meio metro que, em seus surtos de emoções, me derrubou com tudo na água salgada?

Não que Faith tenha ficado impune, pois fiz questão de arremessá-la no mar revolto também.

Ainda assim, eu quero estrangulá-la, porque os olhares que estamos recebendo e os burburinhos irritantes que ressoam na recepção vão nos acompanhar pelo resto do dia.

Uma mulher avisa a Lance, que está de costas, que chegamos e ele gira sobre os calcanhares no mesmo momento, vindo até nós a passos rápidos, mas os diminui assim que percebe como estamos.

— Puta merda, o que aconteceu com vocês?

Eu me mantenho calado.

Faith bufa, tremendo de frio, mesmo com uma toalha em volta do seus ombros.

— Brincadeirinhas inocentes. — Lance franze o cenho e eu a fuzilo com o olhar. Ela resmunga algum xingamento, reformulando a frase: — Estávamos na praia e, sem querer, caímos no mar.

— Juntos? — indaga.

— É. — A garota dá de ombros —Acontece.

Meu irmão não precisa falar nada para eu saber que ele está imaginando mil e uma coisas e que todas elas envolvem eu e Faith fazendo algo que, definitivamente, é contra as regras da empresa.

Se bem que Lance sabe de toda a paixonite aguda que nutro por ela, então para ele não é novidade. Agora, para os meus empregados, que estão nos fitando como se tivéssemos sete cabeças… Vai ser difícil tirar as conclusões precipitadas que estão tendo.

— Mandem todos para os seus quartos — ordeno a ele, que anui rapidamente e volta para falar com cada um.

— Você vai acabar estourando uma veia da sua mão — Faith avisa, se referindo ao aperto que estou dando na alça da mala. — Relaxa um pouco.

— Como você espera que eu relaxe, Faith?

— Não sei? — Suspira. — Olha, desculpa por aquilo, beleza? Eu não sabia que ia ficar tão chateado. Mas, se serve de consolo, eu estou do mesmo jeito que você.

Dou um riso de escárnio.

— Não é a sua reputação que está em jogo aqui, Mackenzie.

Ela pisca.

— Aparecer todo molhado não é o fim do mundo, Aiden. Eles não vão te respeitar menos por isso.

— Faith, *para*.

— Cacete, não! Essa merda cansa. Você é uma pes…

— Eu não quero que eles me vejam com uma funcionária como se fôssemos íntimos, porra — explodo, mas me arrependo no mesmo segundo quando o seu semblante demonstra toda a sua mágoa. — Faith, eu…

— Não. — Ela ergue uma mão, mandando eu me calar. — Não se desculpe. — Pegando a mala e uma bolsa pequena, a cacheada começa a se distanciar, contudo, desesperado, eu a agarro pelo pulso. — Não. Me. Toque, Aiden. Estou falando sério.

O desespero começa a se apossar ao vê-la genuinamente entristecida, com os olhos irados.

O que foi que eu falei, cacete?

— Eu não quis dizer isso — sussurro, um nó se formando na minha garganta. — Merda, Faith…

Ela solta um riso de escárnio.

— Não? Mas essa é a verdade, certo? Eu sou apenas uma funcionária que traria vergonha a você se fôssemos vistos juntos.

— Você sabe que isso *não* é verdade — me enfureço.

— Vai se foder, Aiden. Eu sabia que isso não iria dar em nada.

Eu tento chamá-la mais uma vez, mas ela finge não escutar, simplesmente continua andando e, no caminho, recebe as chaves do seu quarto, que Lance dá a ela ao retornar.

Ele deve notar que algo está errado, pois, com as feições preocupadas, caminha rapidamente até mim.

— O que aconteceu?

— Eu fodi com tudo. — Arrasto a mão pelo rosto, sem acreditar no que eu fiz. — Porra, Lance!

— O que você fez, Aiden? — inquire, o timbre duro.

Perturbado como nunca, aflito com a ideia de que Faith não vai me perdoar por isso, começo a andar de um lado para o outro.

— Falei merda.

— Ah, isso está nítido — debocha, segurando meu ombro para que eu pare no lugar. — Eu quero saber o que você disse.

— Droga. — Solto um gemido, me odiando pra caralho agora. — Eu disse que… que não queria ser visto ligado tão intimamente a funcionária — sussurro, coberto de vergonha. — Ela ficou com muita raiva e…

— Espera aí. — Ele massageia a têmpora, como se não quisesse acreditar. — O que você *disse?*

Estalo a língua no céu da boca, dominado pelo medo de perdê-la antes de sequer termos algo.

— Não vou repetir, Lance.

— Caralho, eu não acredito que ouvi isso.

— É, escutou. Mas eu me arrependi na mesma hora, droga! Eu estava estressado e acabei descontando…

— Na última pessoa que deveria ter feito isso! Você ficou louco? Insinuar que ela é uma simples funcionária, Aiden? Meu Deus!

— Você sabe que ela não é.

— *Eu* sei disso, idiota, mas ela não.

— Tá, e o que eu faço agora?

— O que você faz? — Ele ri. — Me desculpe, irmão, mas eu não vou te ajudar nisso. Se Faith realmente for importante pra você, vai ter que mexer seus pauzinhos.

Um ponto de interrogação enorme nasce no centro da minha testa.

— O que você…

— Acho que já está na hora de você crescer e começar a andar com as próprias perninhas. Já te ajudei demais ao planejar essa viagem e te encorajar a lutar por ela. O mínimo sobre como conquistá-la você já sabe.

Fez merda porque, mais uma vez, deixou esse seu lado otário falar mais alto. — Dá de ombros.

Espiralo fundo.

— Pode, pelo menos, me falar o quarto dela? — suplico.

— Como eu disse: se vira. — Dá de ombros, não ligando nem um pouco para o quão atormentado eu estou. — Boa sorte.

E, assim, deixando o irmão que jura amar, Lance me dá as chaves da minha suíte e vai embora.

Não vou negar, eu mereço isso.

21

Faith Mackenzie



Estou furiosa.

Estou com tanta raiva que poderia facilmente arremessar essa mala na cabeça daquele idiota e, ainda assim, não iria me sentir satisfeita.

Deus, eu sou tão burra. Ingênua por ter acreditado que o tempo, embora curto, que passamos juntos pudesse ter significado algo para ele. Cacete, não foi *ele* quem pediu para que fôssemos amigos? Que comprou meus produtos de cabelo? Que se ofereceu para fazer minha janta todas as noites? Que realizou meu sonho de conhecer o mar?

Nossa, como eu fui tola.

Eu não quero que eles me vejam com uma funcionária como se fôssemos íntimos, porra!

Uma funcionária, é isso o que eu sou. Uma mera e simples funcionária.

Solto um riso amargo, a decepção enraizada em cada fibra do meu corpo, desmontando-o.

Além de furiosa, estou um caco.

Por mais que eu deteste admitir, conheço essa sensação. É mágoa, um vislumbre claro de tristeza. Não faz tanto tempo que saí de um relacionamento em que meu ex-namorado gostava de ressaltar como eu era insuficiente, irrelevante. E ter que ouvir a mesma coisa, mas com palavras diferentes, de um cara que eu estava começando a gostar *de verdade,* machuca mais do que achei que fosse possível.

Entro no meu quarto de hóspedes, dando um sorriso fraco para a TV embutida na parede, de frente para minha cama. Ótimo, assistir um filme é tudo o que preciso para esquecer.

Mais especificamente Crepúsculo. E daí se não está chovendo ou se ainda são oito da manhã? Preciso levar minha mente para outro lugar.

Retiro peça por peça da minha roupa molhada, colocando-as todas dentro de uma sacola para lembrar de procurar uma lavanderia por perto. Impregnada de suor, mar e sal, caminho até o chuveiro, impressionada com a opção de água fria e água quente. Nunca tinha visto um desse pessoalmente. Em dias frios e chuvosos, eu costumo esquentar a água no fogão para tranformar minha tortura em algo minimamente mais suportável. Julgo que nem sei mexer nisso.

Desloco o botão para o lado vermelho, onde deve acionar a água quente, e ligo o chuveiro.

— *PUTA MERDA!* — grito, em pânico, tateando a parede desesperadamente em busca do registro.

Desabo no vidro do box quando o chuveiro escaldante, diretamente das profundezas do inferno, para de escorrer.

Minha pele está queimando, e não é de um jeito bom.

Meu couro cabeludo está fervendo, e não duvido nada se, daqui para amanhã, houver um monte de bolhas me receptando ao amanhecer.

As pessoas não devem banhar desse jeito, devem? Tenho certeza de que fiz algo errado.

Desistindo de bater cabeça, eu aciono outra vez o modo água fria, porque antes congelar do que morrer incendiada.

Já na cama, limpinha e de roupas novas, fecho a janela enorme, me cubro com a manta e ligo a televisão, conectando minha conta ao aplicativo de *streamming*. Na lista de “mais assistidos” estão os filmes da saga que eu amo na mesma proporção que odeio, porém que, ainda assim, não consigo largar.

O que eu posso fazer se Edward e Bella Swan são viciantes?

Terminando o segundo filme, quatro horas depois, minha barriga roncando de fome, escuto uma batida na porta. Me animo com a ideia de ser Sloane me chamando para almoçarmos. Ela não mandou uma única mensagem para mim nesse dia inteiro de viagem, sequer um “feliz aniversário”, sendo que esteve *on-line* nesse meio tempo, o que mais me deixou chateada. Será que ela está passando por problemas pessoais? Essa é a única explicação plausível para o seu súbito descaso comigo.

De pé, calço as pantufas e prendo o meu cabelo, andando em direção à porta. Concluo o rabo de cavalo, esfrego o rosto e giro a maçaneta, me deparando com…

Fecho a porta novamente.

Ou *tento*, porque o infeliz põe o pé no batente , me impedindo. Bufo, lutando contra o homem de dois metros de altura e uma tonelada de músculos do outro lado.

— Sai daqui, Aiden — esbravejo. — Não quero te ver.

O idiota sai? Não! Ele continua tentando entrar no maldito quarto.

— Faith, por favor, vamos conversar.

— Não quero te ver, não quero conversar, não quero nem ter que estar perto de você — guincho, não me importando nem um pouco se minhas palavras foram pesadas demais. Aiden não está no direito de se sentir mal por elas. — Vai embora.

— Olha, eu entendo que esteja brava.

— Não, você não faz nem ideia do quão brava eu estou. — Minha voz aumenta uns bons decibéis. — Não faz ideia do quão brava, chateada, triste, magoada e decepcionada eu estou. — Cansada, paro de lutar e puxo o ar para os meus pulmões. — Vá. Embora — ordeno, pela última vez, entredentes.

Aiden meneia a cabeça, negando, e penso que seria um momento perfeito para voar no seu pescoço e estrangulá-lo até a morte — respeitosamente falando — quando ele passa para dentro. Cruzo os braços abaixo do peito, balançando o pé para deixar claro minha impaciência.

— Você não sabe o significado de espaço pessoal, sr. Bellini?

— Faith, eu só quero me retratar.

Sorrio.

— Cuidado, posso acabar achando que está dando importância demais para uma simples garçonete — alfineto, rancorosa.

Ele esfrega a ponte do nariz, xingando baixinho.

— Eu não quis dizer aquilo.

— Ah, por favor! Pare de dar desculpas esfarrapadas. Você quis dizer *exatamente* aquilo.

— Cacete, não! Eu estava irritado e acabei me descontrolando. Falei o que não devia, o que sequer passa pela minha cabeça. — Ele se aproxima um passo e eu me afasto dois. — Eu não te vejo só como uma funcionária, Faith, você deveria saber disso.

— Eu *deveria?* Você ficou estranho comigo desde que saímos da praia e foi um tremendo filho da puta quando chegamos aqui. — Apesar do tom razoavelmente contido, dá para notar a impaciência camuflada. — Nós trabalhamos juntos há um ano, Aiden, e o que eu mais fiz durante esse tempo foi te criticar justamente por causa dessas suas atitudes babacas. Tive a oportunidade de me aproximar um pouquinho mais de você apenas há alguns dias, e eu pensei, de verdade, que estava conhecendo um lado completamente diferente seu. Até mais cedo. — Abro os braços. — Sinceramente, eu não sei quem você é.

O rosto dele se contorce, como se estivesse levado um soco.

— Não fala isso, Faith… Você foi a primeira pessoa para quem me abri depois do meu irmão. Eu errei feio, não nego, mas você não pode me condenar por isso.

— Não estou condenando, mas como você espera que eu reaja ao ouvir alguém que, até então, quis ser meu *amigo*, insinuar que tem vergonha de estar comigo? Que não sou nada além de uma funcionária? Eu namorei por nove meses com um homem que tinha como hobbie me humilhar, e eu percebendo qualquer sinal disso em você ou em qualquer outra pessoa, irei me afastar na mesma hora.

— Faith, não. — Ele aperta os olhos. — Eu não sou como ele, eu juro. Eu nunca te deixaria triste por diversão, nunca te magoaria por querer. — Passa a mão no cabelo. — É só que… quando eu me dei conta de que todos iriam me ver daquele jeito, ao seu lado, e que eles começariam a falar entre si, inventar hipóteses e espalhar coisas falsas, eu surtei. — Pigarreia. — Eu quero seguir os passos do meu pai, Faith. Eu quero ser um bom CEO como *ele* foi. Minha família não deposita fé nenhuma em mim, sempre acham que Lance seria muito melhor do que eu, e desde pequeno tenho que lidar com esses comentários. Eu não quero dar a eles motivos para

provarem que estão certos, de que sou, sim, incompetente. Sim, eu sou chato, bruto e ignorante, mas foi a única maneira que achei para, você sabe, deixar tudo no lugar. — Baixa o olhar. — Desculpa, eu sei que não justifica, só quero deixar claro que não sou um babaca como vocês pensam que eu sou e que eu nunca diria algo do gênero se estivesse em meu juízo perfeito.

Ah, merda.

Meu coração de manteiga não pode amolecer assim tão fácil.

Eu meio que conheço esse sentimento — o de ser subestimado — e entendo o que ele quis dizer. Ok, de fato não justifica, mas… eu poderia até me enganar e dizer que, sim, Aiden é uma pessoa ruim, só que depois de tanto tempo ao lado de pessoas verdadeiramente más, eu virei uma mestra em reconhecer a real intenção das pessoas.

E Aiden está a anos-luz de ser um homem ruim.

Nunca vi o restante de sua família além de seu pai, sua mãe e seu irmão, entretanto, pelo que fala, posso ter um leve vislumbre de como eles são. Rígidos, soberbos e mesquinhos, eu diria. E meu chefe é aquele tipo de pessoa, como eu um dia fui, que necessita de validação. Que necessita mostrar a eles que estão errados.

Droga.

Eu sou uma piada mesmo!

— Antes de tudo, quero reforçar que isso não justifica — friso, cruzando os braços.

Algo no meu timbre faz o rosto dele se iluminar.

— Sim, eu sei.

— E que ainda estou muito chateada.

— Me perdoe, nunca mais vai acontecer.

Ele parece tão sincero.

Poxa, coração, para de reagir assim.

— E que…

— Faith.

— Hum?

Ele sorri, tenso.

— Me perdoa logo, por favor?

Comprimo os lábios para não sorrir também, mas, saco… Aiden está parecendo um cachorrinho pidão.

— Eu perdoo, babaca.

Um suspiro de alívio escapa por seus lábios.

— Obrigado.

O menor dos sorrisos marca presença em meu rosto.

— E, Aiden?

— Hum?

Brinco com a barra da minha blusa, arrancando alguns fiapos de linha.

— Você é o melhor CEO, diretor, presidente, ou diretor-presidente, que aquela empresa já teve — exprimo, evitando seus olhos. — Não estou lá há muito tempo, mas fiquei sabendo que o antigo afundou a Bellini&Co, e que foi você quem a fez se reerguer. — Puxo o ar pelo nariz, fitando-o. — Não vejo outra pessoa melhor para aquele lugar que não seja o senhor, porque, embora seja um bronco total — ele ri —, você dá tudo de si para o legado dos Bellini crescer ainda mais. Se sua família não enxerga isso, eu sinto muito. Por *eles*, no caso, porque o cargo já é seu, e ninguém vai tirar isso de você.

Os olhos azuis do meu chefe estão marcados por profunda emoção. Ele não chega a chorar, obviamente, mas é evidente a gratidão estampada

nos pequenos aos maiores traços que o compõe.

— Obrigado por isso, de verdade. — Enfatiza seu agradecimento com uma manejada suave de cabeça.

Troco o peso das pernas, agitada.

— Só mais uma coisinha…

Ele ri.

— O que houve?

Exteriorizo o mais singelo dos sorrisos e, como um *Gran Finale*, complemento:

— Você é mais do que suficiente.

22

Aiden Bellini



Faith é dona do coração mais puro e autêntico que já tive a oportunidade de testemunhar.

E eu não o mereço.

Não mereço seu perdão, seus sorrisos, seu olhar genuíno, e só percebi isso quando, tão facilmente, ela me desculpou, entendeu o meu lado, mesmo depois de ter passado por um relacionamento duradouro que só serviu para traumatizá-la. Ainda assim, a garota viu algo em mim, decidiu que deixaria meu erro passar.

E eu sou grato por isso, porque eu não sei o que faria se ela não me perdoasse. Se eu voltasse a ser um mero estranho como ela jamais foi para mim.

Fui sincero em tudo o que disse, não menti sequer uma vírgula, inclusive sobre a realidade de eu não me abrir para ninguém. Além do meu irmão, ninguém mais sabe dos problemas que sou submetido por causa, em

suma, dos meus tios e padrinhos. Ela foi a *única,* que não compartilha qualquer traço sanguíneo comigo, a saber disso.

O que isso nos torna?

Faith sabe informações minhas que ninguém mais sabe. Eu sei informações sobre ela que, se eu me iludir um pouquinho mais, posso cogitar que ninguém mais tem conhecimento também.

Somos colegas? Amigos? Confidentes?

O que verdadeiramente nós somos, Deus?

Soa tão errado chamá-la de amiga. Amigos não flertam como nós flertamos. Amigos não se provocam como nós nos provocamos o tempo inteiro.

Como posso chamá-la de amiga quando estou perdidamente apaixonado por ela?

— O que estava assistindo? — questiono ao me deparar com o aplicativo da Netflix aberto na tevê.

Faith cora.

Linda.

— Eu estava muito estressada e decidi colocar Crepúsculo para passar. — Dá de ombros timidamente, apanhando o controle para desligar o aparelho.

— Você está desde às oito da manhã assistindo? — pergunto, incrédulo.

— Bem, sim… Não vi o tempo passar.

— Você é doida. — Faço um gesto de reprovação com a cabeça, checando o horário. — Aliás, está na hora de almoçarmos. Todos estão reunidos lá embaixo.

— Que absurdo o elemento mais importante dessa viagem não estar lá — ironiza com um sorrisinho.

Estalo a boca.

— Sabe como é, eu tinha assuntos mais importantes a resolver.

Ela aquiesce e direciona as íris para a porta, lutando para não deixar sua vergonha perceptível. Faith consegue ficar ainda mais bela com as bochechas rosadas sobre a pele negra e as mãos inquietas, sem saber onde colocá-las.

São detalhes que talvez ninguém mais perceba, que nem são tão relevantes assim, entretanto, é precisamente daí que surge a diferença entre o cara bobo, gamado e enfeitiçado por uma mulher, e o cara que não está interessado em mais do que uma noite curta de prazer.

Eu presto atenção em cada mínima coisinha que Faith faz. Desde coçar o centro da testa quando está nervosa até dar pulinhos baixos quando está animada. Sei o sabor do seu suco favorito, como gosta de tagarelar em momentos que a situação não pede, a mania de prender os fios para, logo depois, desprender novamente, o jeitinho fofo com que ela sempre enrola um cacho no cabelo e faz um bico involuntário enquanto está concentrada… Posso fazer uma lista de coisas que mais me encantam nela.

— Como achou meu quarto? — inquire conforme andamos pelo corredor iluminado por lustres.

— Hum… — Coço a nuca, disfarçando meu embaraço. — Acho que não precisa saber.

— O quê? Claro que preciso — reitera, o cenho crispado. — Se eu bem sei, isso se chama invasão de privacidade.

Bufo uma risada.

— Lá vem você de novo com isso. — Enfio as mãos no bolso. — Não tem nenhuma história miraculosa por trás, eu só insisti para que a

recepcionista me informasse o número do seu quarto.

— Isso não é proibido?

— Bem, *é*. — Volto a olhar para frente, constrangido. — Mas a moça deve ter reparado o meu desespero e…

— Teve pena? — completa, se divertindo.

Reviro os olhos, escondendo o sorriso.

— Eu não usaria *essas* palavras.

— Ah, tão orgulhoso. — Projeta o lábio inferior para fora, de modo que o superior se sobrepõe a ele. — Pode admitir que implorou de joelhos para a mulher te informar meu quarto, Aiden. Juro que não vou rir.

Foi quase isso.

— Faith, calada.

A garota dá risada, puxando meu braço involuntariamente para dobrarmos o corredor. Meu pulso entra em chamas.

— Tem uma coisa que eu queria te perguntar.

— Hum?

— Além de “O Pequeno Príncipe”, de que outro livro você gosta?

Reflito por um instante.

— A saga inteira de “Percy Jackson” — respondo. — Sendo mais exato, todos os livros do Rick Riordan.

A garota esbugalha os orbes, chocada.

— Sério?! Não sabia que você curtia esse tipo de livro.

— Cresci lendo sobre Percy, Annabeth, Grover, Nico, Luke… Esse cara marcou a minha adolescência.

— Faz muito tempo desde que leu pela última vez?

Esfrego a barba crescida na mandíbula.

— Porra, sim. Eu tinha mais ou menos vinte e quatro anos. O autor tinha acabado de lançar o último livro da série. Foi uma loucura total.

— Que legal — sussurra. — Não pensa em reler?

Rio.

— Tenho quase trinta e sete anos. Definitivamente Percy Jackson não é mais um livro que funcionaria pra mim. Prefiro apenas guardar as boas lembranças que tenho dele.

— Tem razão. — Assente e, sorrindo, continua: — Há algum que goste agora?

— George Orwell, com certeza. Já li tudo o que esse cara escreveu.

— Só ouço falar bem — diz. — Qual seu favorito?

Pondero.

— Que pergunta difícil, princesa. — Emito um estalo no céu da boca. — Acho que… 1984.

— O mais famoso.

— E um dos melhores. — Dou de ombros. — A forma como retrata a influência da política na vida pessoal, um assunto tão recente, mesmo sendo escrito há décadas, deixa a leitura mais emocionante. É como se ele tivesse previsto o futuro.

Um sorriso escapa de seus lábios.

— Eu cheguei mesmo a pensar que sua estante era de enfeite.

Gargalho.

— Não tenho mais tanto tempo para ler, mas ainda estou cumprindo a meta de, no mínimo, dois livros por mês. Considerando minha vida agitada, é bastante coisa.

— Estou tentando te imaginar sentado na sua cama, usando óculos, com um turbilhão de informações em mãos e super concentrado. —

Suspira. — Você costuma esquecer do mundo quando está lendo?

— Uhum, e é por isso que amo tanto. — Descemos as escadas. — É a única parte do meu dia que me permito relaxar.

Parando no meio dos degraus de repente, Faith penetra as íris castanhas em mim, varrendo todo o meu rosto com elas. Não entendo, então simplesmente fico parado, fazendo o mesmo com ela.

— Sabe de uma coisa? — quebra o silêncio.

— Ainda não.

Morde o cantinho do lábio inferior.

— Estou feliz em te conhecer.

Tum-tum-tum-tum…

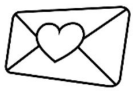
Puta merda, estou suando.

— Mesmo?

— Mesmo.

Sentindo como se eu tivesse corrido uma maratona só porque uma garota de um metro e sessenta disse que está feliz em me conhecer, eu falo, procurando ser o mais neutro e menos emocionado possível:

— Eu também estou feliz em te conhecer.



Não sou fã de caminhadas muito longas, mas com Faith ao meu lado, essa possivelmente pode se tornar a minha atividade favorita do mundo.

No caminho até o restaurante, não paramos de conversar um minuto. A cada resposta, uma nova pergunta surgia, e a cada pergunta, Faith fazia questão de debater sobre. Adoro ouvir sua voz, adoro a animação contida nela. Adoro que ela esteja confortável em conversar comigo.

Eu descobri seu segundo livro favorito, O Morro dos Ventos Uivantes. Sua autora favorita, Jane Austen. Seu filme predileto, Como Eu Era Antes de Você. Os livros que estão na sua lista de leitura. Sua trilha sonora favorita de filmes e séries. Até mesmo seu programa de TV favorito, algum protagonizado por Jennette McCurdy.

São singularidades que fazem com que eu me sinta cada vez mais próximo dela.

Chegando à área de alimentação, encontro, ocupando a maior parte do salão, todos os meus funcionários e alguns familiares. Faith vacila ao perceber que todos os olhares curiosos se voltam para nós, contudo, não irei cometer o mesmo erro.

— A cadeira próxima a mim está vazia — aviso para que somente ela escute.

— A-acho melhor sentar em outro lugar.

— Faith — chamo sua atenção. — Sente ao meu lado. Não é um pedido.

Engolindo em seco, ela assente e, juntos, andamos em direção à mesa do centro, onde Lance, Kennedy e Patrick, o gerente, estão sentados. Claramente sem jeito, a garota toma o assento ao meu lado, juntando as mãos acima das pernas.

— Boa tarde, boneca — meu irmão a cumprimenta. — Aqui está o cardápio. — Ele passa um bloquinho com todos os pratos disponíveis para ela. — Pode escolher o que quiser, mas, se eu puder ajudar, eu diria para escolher o *Barbecue Ribs*. É uma delícia.

Faith oferece um sorriso tímido para Lance, nada acostumada com a cara de pau que ele tem e seu jeito extrovertido em excesso.

— Nunca comi. Posso mesmo confiar?

— Se não gostar, fica por minha conta qualquer outra comida que escolher.

Ela abre um sorriso enorme e balança a cabeça.

Observo a interação dos dois de cara fechada. Estou incomodado pra cacete. É a primeira vez que eles conversam e já estão assim, dando risadinhas?

Insegurança é uma merda, porque não consigo mais parar de pensar sobre como meu irmão é um cara muito mais apaixonável do que eu. Quer dizer, ele é bonito, engraçado, divertido, educado… O combo perfeito. Meu completo oposto.

Não é inveja, juro que não, só que, droga, é como se esse sentimento de insuficiência estivesse me acompanhando em todas as zonas da minha vida.

Por mais que eu já seja um homem sucedido de quase quarenta anos, essa sensação ainda está aqui, à espreita, se manifestando nos momentos mais impróprios da minha vida.

Abaixo a cabeça, desviando o olhar da interação amigável deles, e peço o primeiro item do cardápio, sem muita paciência para escolher. Meu estômago afunda de ciúmes à medida que capturo sorrisos maiores e mais bonitos que Lance está arrancando dela.

— Hum… chefe? — Desperto do torpor quando ouço Patrick me chamar.

— Sim? — Pigarreio, recompondo a postura.

— Meu filho está perguntando se pode tomar banho de piscina. Ele já terminou de comer.

Relanceio o olhar para a criança ao seu lado, que deve ter no máximo sete anos, e tenho que me esforçar para manter a pose de durão e não sorrir.

— Claro que pode. — Cruzo as mãos em cima da mesa, acenando para o garoto. — Mas tome cuidado, ok?

— Tá bom! — E sem esperar nem mais um segundo, ele sai em disparada para a área das piscinas, que de onde estamos, dá para ver através da vidraça.

— Obrigado, sr. Bellini — Patrick agradece, formal. — Jonas estava louco para vir só por causa das piscinas que eu disse que teria.

— Não há pelo que agradecer, sr. Thompson. Quero que esse seja um dia em que todos possam se divertir.

Com profunda gratidão, ele me encara como se eu fosse um chefe completamente diferente do que está acostumado. Não sei como me sinto em relação a isso. Passei tanto tempo sendo o tirano temido que ser enxergado como algo diferente disso me causa estranheza.

Minutos depois, nosso almoço chega. Enciumado, tomo nota das reações de Faith ao cortar a costela de porco e levar à boca, um gemido satisfeito escapando de sua garganta.

Se controle, Aiden. Você não tem o direito de se sentir assim.

— Nossa, é mesmo muito gostoso — elogia, comendo outro pedaço. — Você já provou, A… chefe?

Ah, ela lembrou que eu existo?

— Já. — Sou lacônico.

Ela franze o nariz.

— Gostou?

— Uhum.

Torço para que ela não associe minhas respostas curtas ao achismo de que estou com vergonha de interagir com ela. Espero que, mesmo eu não dando muitos motivos para isso, que ela confie um pouquinho em mim e,

sei lá, perceba que estou morrendo de ciúmes. Não posso admitir, mas, cacete, Faith está conversando com Lance desde que chegamos e não olhou para mim uma *única* vez.

A garota percebe que algo está errado, pois o divertimento se esvai do seu rosto, substituído por uma carranca. Pegando algo no bolso do short — o que presumo ser seu celular —, seus dedos começam a se mexer freneticamente.

Não demora para que o *meu* aparelho apite.

Faith: *Aconteceu alguma coisa?*

Suspirando audivelmente, envio de volta:

Eu: *Não.*
Faith: *Ah, vamos lá.*
Faith: *Por que está tão monossilábico?*
Eu: *Não estou.*

Ela ri.

Faith: *Tá, agora está dissilábico. É uma evolução.*
Faith: *Estou falando sério, Aiden.*
Faith: *Tem alguma coisa te incomodando?*
Faith: *Não quer falar comigo na frente dos seus empregados? Tudo bem, eu entendo, irei parar.*
Eu: *Não é por isso.*
Faith: *Então o quê?*

Olhando-a sobre o celular, notando que ela já está me olhando de volta, balanço a cabeça, emburrado, e digito:

Eu: *Por que não volta a comer? A comida deliciosa que Lance recomendou está esfriando.*

Faith lê e, pelo movimento da cabeça, relê a mensagem. Pronto, está muito óbvio qual o real problema, e isso se dá à risada baixinha, mas que todos escutam, que a garota oferece para o celular, seus lábios fortemente repuxados para cima, como se estivesse contente.

— Ohhh, acho que alguém aqui está apaixonada — Kennedy alega, sorridente, e cruza os braços. — Quem é o sortudo?

Meu coração bombeia nos ouvidos.

Faith cora.

— Não é ninguém — diz e desliga o aparelho. — Só vi uma notícia engraçada na internet.

— Uhum — Patrick incita. — Seus olhos estão brilhando, moça. O que o partidão disse?

Deus, acho que vou infartar. Não sei fingir indiferença, ainda mais com a porra do meu irmão que não para de me encarar como se eu fosse um palhaço.

— Não tente negar, boneca. — Ele empurra seu ombro. — Eu vi você conversando com alguém. E ele parecia bem gato, por sinal.

Ela arregala os olhos.

Puta merda, eu vou matar esse cara.

Indagando algo baixinho para ele, meu irmão nega e, parecendo aliviada, solta o ar pela boca.

— Tá bom, pessoal. Vocês estão certos — Faith declara. — Estava mesmo conversando com um cara. Super gato, aliás.

Eu engasgo, atraindo o olhar de todos na mesa.

Enquanto perguntam se estou bem, Faith sorri com malícia para mim. Lance apoia a têmpora no punho, adorando o caos que *ele* instalou.

O que ela pensa que está fazendo?

— A-há, eu disse. — Kennedy aponta. — O que ele falou para te deixar toda sorridente?

— Ele estava meio esquisito comigo, sabe? — Faith empurra um cacho para trás, espremendo os lábios. — Estranhei e perguntei o motivo. No começo, ele relutou, mas acabou admitindo que estava com ciúmes de mim.

Ca.ra.lho.

Eu vou matar essa garota.

— Uuuuuh! — Lance assobia. — Que sexy. Adorei.

— Também acho — Patrick concorda.

— Ele trabalha conosco? — Kennedy interroga.

Por que esse cara tem sempre que fazer as perguntas mais comprometedoras?

— Trabalha — Faith confirma, as bochechas rosadas. — E está na viagem, inclusive. Eu diria que ele é o mais bonito daqui.

Está sendo muito, muito difícil respirar agora.

— Que safada — Lance, é claro, comenta. — Uma das nossas melhores funcionárias está tendo um caso com outro… É digno de um filme de romance.

— Não estamos tendo um *caso* — diz, envergonhada.

— Como não? Vocês já se beijaram? — Patrick questiona.

Desisto de comer. Nada passa da minha faringe bloqueada.

— Não. — Nega, vermelha. — Ainda não.

Ainda n… O quê?

Espera aí, eu ouvi direito?

Até Lance está surpreso com o que Faith acabou de afirmar.

Isso quer dizer que… ela tem a intenção?

Cacete, é demais pra mim.

Limpando a garganta e fazendo o possível para retornar à pose de CEO, advirto, com a voz dura:

— Creio que não seja o momento adequado para conversarem tão informalmente sobre assuntos como esse. — Lanço um olhar para Faith e completo, tentando não me afetar com seus olhos desdenhosos: — Srta, Mackenzie, por favor. Não é lugar para falar de suas conversas amorosas. Creio que exista outras situações para isso.

Ela sorri.

— Tem razão, sr. Bellini. Não irá mais se repetir. — Leva uma batata frita aos lábios. — Mas, só para constar, ele é muito gostoso. Não me segurei.

E, assim, ela volta a comer.

Como se nada tivesse acontecido.

Como se não tivesse aumentado um pouquinho as minhas esperanças.

23

Faith Mackenzie



Estou enjoada.

E a culpa é toda de Aiden e o feitiço que está jogando sobre mim. Essa é a única explicação possível para a ansiedade que está me consumindo ao esperá-lo próximo à praia enquanto ele conversa com seu gerente de vendas, Patrick. A praia está quase vazia, por incrível que pareça. A maioria das pessoas, inclusive os da empresa, pelo que percebi, estão passando um tempo com seus filhos nas piscinas do hotel e esperando o sol aparecer para virem.

Por favor, sol, não apareça agora.

Após a confusão generalizada do almoço e da minha satisfação ao decifrar o ciúmes por meio da sua sátira, eu talvez esteja começando a enxergá-lo de uma outra forma.

Isso me apavora. Me dar conta de que há muitos dias eu venho pensando nele com mais frequência. Constatar que minha pulsação fica errática e anormal quando ele está por perto, as borboletas que voam

livremente por meu estômago ao ouvir sua risada ou quando Aiden simplesmente sorri.

Conhecê-lo está me obrigando a pensar demais, imaginar cenários impossíveis, almejar coisas que não posso ter. Está sendo cada vez mais difícil fingir que não sonho em saber qual é a textura dos seus lábios, a maneira como beija, seu toque passeando livremente por meu corpo. Não consigo mais fingir que Aiden não me abala, que sua presença não me desmonta, que eu não o quero mais próximo quando está distante demais.

Ah, Deus… Eu estou perdida.

Aiden é meu chefe. Eu não deveria ter fantasias tão imorais com ele.

Era tudo tão mais fácil quando eu tinha uma péssima impressão sobre si. Antes, eu nutria uma atraçãozinha comum, por ele extrapolar todos os limites de beleza, entretanto, agora, eu me sinto mais atraída ainda pelo que ele guarda dentro do seu coraçãozinho aparentemente de gelo e do seu cérebro impenetrável.

Limpando as mãos na saída de praia, olho para trás no exato momento que ele finaliza a conversa com Patrick e caminha na minha direção, usando uma regata branca e uma bermuda praiana, deixando-o com um ar jovial.

O sorriso é involuntário.

Péssimo sinal.

— Problemas? — questiono, assim que ele está próximo o suficiente para me ouvir.

— Mais ou menos, um dos nossos franqueadores, num bairro pequeno de Sitka, no Alaska, desistiu do negócio. — Tira os óculos de sol do rosto, revelando seus lindos olhos azuis.

— Que droga, por quê?

— Faliu. — Morde a pontinha do lábio inferior. Extremamente sexy. — Mesmo com todo o suporte que estávamos dando, parece que não estava atraindo muitos clientes e, bem… ele desanimou.

Anuo, entristecida.

— Que droga. Não há nada que vocês possam fazer? Essa poderia ser a única fonte de renda dele.

— *É* a única fonte de renda dele e da família. É isso que está me incomodando. — Arrasta a mão pelos fios loiros, bagunçando-os. — Pelo que sabemos, o pouquinho que tinha ele investiu tudo na construção da Bellini 's Café e, agora, sem lucro e sem franquia, Levi está louco.

Pego-o pelo pulso e nos guio para um espaço mais reservado da praia, localizado próximo aos rochedos. Tiro a toalha que eu trouxe da bolsa e estendo sobre a areia, convidando Aiden para se sentar. Ele o faz. Estamos tão próximos que a vontade de encostar minha cabeça em seu ombro batalha para falar mais alto.

— Não sei se é possível, com certeza seria bem complicado — começo, incerta —, mas… e se ele viesse morar conosco em Seattle? As oportunidades de empregos lá são bem maiores e até lojinhas em bairros pequenos fazem sucesso. Claro, se ele tiver filhos, seria complicado para eles, e para a esposa, se ela tiver um trabalho lá, mas é indiscutível que…

— Tem razão.

— … Levi e sua família teriam muito mais… O quê?

Aiden me encara como se eu tivesse achado a cura para o câncer.

— Você tem razão, irei fazer exatamente isso.

Eu deveria pelo menos ganhar um beijinho de recompensa, não?

— Sério? — Jogo os cabelos para trás, orgulhosa. — Eu sempre tenho.

Com um braço apoiado atrás do corpo e o outro sobre o joelho dobrado, totalmente vergado de encontro a mim, ele diz:

— Obrigado, Levi vai adorar a ideia. — Um sorriso ínfimo e grato surge em seus lábios.

— Fico muito feliz em ser útil. Espero que dê tudo certo.

— Tenho certeza de que irá. — Ele imita minha ação de afundar os pés na areia e eu rio. — Eu costumava surfar como aquele cara quando mais novo. — Aiden aponta para um pontinho longe de nós.

Aperto a visão até enxergar um homem sobre a prancha dando vários mortais e pegando ondas enormes.

— Por que parou? — Ele alça a sobrancelha como se a resposta fosse óbvia. Reviro os olhos. — Me deixe adivinhar… Falta de tempo?

— Em cheio. — Aiden se recosta no rochedo. — É meu esporte favorito e, consequentemente, passatempo também. Lance e eu vínhamos muito à praia e passávamos horas pegando ondas, competindo, indo até o fundo e voltando. Era um ciclo interminável, e não lembro de uma época tão boa quanto aquela.

— Faz quanto tempo?

— Uns dez anos.

— Dez anos que não sobe numa prancha? — Quero saber, perplexa.

— Pois é. — Inspira e expira. — As melhores coisas me aconteceram há mais de uma década, quando eu ainda não tinha dor de cabeça com o trabalho.

Há uma vulnerabilidade nos seus olhos que eu nunca havia notado antes. Isso faz com que eu me compadeça ainda mais e me recrimine por ter sido tão dura com ele por um ano inteiro. Jurei detestá-lo por motivos fúteis, pouco importantes se comparados em um contexto geral. Eu deveria

saber que por trás de toda aquela casca grossa possuía um ser humano incrível que se mostrava em pequenos detalhes, como na vez que permitiu um garçom passar quanto tempo fosse necessário afastado para cuidar da esposa grávida ou quando levou os brinquedos e chocolates favoritos para a filha da nossa antiga cozinheira chefe, quando ela estava doente. Infelizmente, a garotinha veio a falecer pouco tempo depois, e acho que Aiden nunca mais foi o mesmo após receber a notícia.

É notório o apego e carinho que ele tem por crianças. No entanto, ainda assim, achei motivos para odiá-lo.

Patética, Faith.

— Nunca pensou em tirar um ano sabático ou algo assim?

Aiden solta um riso nasalado.

— Não posso dar motivos para botarem minha competência em jogo, srta. Mackenzie. — Suas íris estão em mim. — Já é horrível ter que lidar com críticas constantes sendo que dou o meu melhor naquele lugar todo santo dia, imagine só se eu inventasse de tirar um tempo para repousar.

— Você se cobra muito, isso não é saudável.

— É inevitável. — Respira fundo. — Veja só, todos vieram com o intuito de se divertirem, e eu… bom, estou resolvendo problemas.

Fico dividida entre amar e detestar essa versão de Aiden. Amar porque saber que ele está sendo sincero e confortável para desabafar comigo me acalenta. A reciprocidade. A confiança mútua. Eu gosto disso, de ter a sensação de que estamos nos aproximando.

Odiar porque eu não suporto vê-lo assim, se consumindo para ser aceito na família, para provar algo que não precisa. Eu não tinha noção de que guardava esse cantinho inseguro dentro de si. Pensei que ele se achasse *O CARA* que não necessita da aprovação de ninguém. Estive enganada, mais uma vez.

— Temos que mudar isso. O que acha de… hum… sairmos hoje? — sugiro, pestanejando. — Sabe, sem ninguém ver. Eu fiquei com muita raiva do que disse, mas entendo que não seria legal que vissem nós dois juntos.

— Está me chamando para sair, srta. Mackenzie? — Tenho vontade de pular no pescoço desse homem sempre que ele levanta a sobrancelha de modo sugestivo e delicioso como está fazendo agora.

Bufo e reviro os olhos, corando.

— Não nesse sentido.

— Não? E em que sentido seria? — A bendita ponta de seus dedos calejados roçam a parte interna da minha panturrilha.

Arfo.

— N-no sentido… amigável — balbucio, as borboletas intrometidas voando por meu estômago.

— Hum… Como amigos, então?

— Isso. Como amigos.

— Acha que essa é a melhor definição para nós dois?

Não, definitivamente não.

— O que quer dizer? — Ativo o modo “Faith Sonsa On”, averiguando até onde ele irá.

Aiden ri, e para provar que “amigos” está longe do que, de fato, somos, ele abaixa a cabeça e me surpreende ao roçar seu nariz por toda a minha mandíbula, me obrigando a inclinar a cabeça para trás, o dando acesso ao meu pescoço.

— Aquela palhaçada no almoço… — sua respiração quente batendo contra a pele abaixo da minha orelha me deixa eriçada — o que significou?

Sorrio, ofegante.

— Sabia que iria tocar nesse assunto em algum momento.

— Estava brincando quando disse aquelas coisas?

— Quais coisas?

Ele bufa, correspondendo à minha provocação, e distancia o rosto do meu pescoço, mas ainda está próximo o suficiente para que eu tenha que erguer a cabeça a fim de encará-lo.

— Me acha mesmo bonito?

Dou risada da sua troca de palavras. “Gato”, para ele, deve ser considerado um vocabulário vulgar que apenas os jovens sem noção dessa geração utilizam.

— Não foi isso que eu falei. — Eu subo a mão para seu braço, parando nos bíceps incríveis. — Reformule.

— Não vou falar aquilo.

— Ah, vai. Por favor.

Aiden, na força do ódio, dá uma bufada raivosa e diz:

— Você me acha mesmo um… — ele para, se amaldiçoa e continua: — um… gato?

Meu sorriso se amplia.

— Sendo sincera, acho que está certo. “Gato” é um termo vulgar e limitado demais para descrever o quão lindo eu te acho.

Ele arregala levemente os olhos. Pela primeira vez desde que o conheci, meu chefe parece desnorteado e envergonhado.

— Você me acha… lindo?

— Muito. — Não hesito em responder, deslizando a mão até seu ombro. — Eu te acho lindo, Aiden. Muito lindo. — Molho os lábios com a língua, descaradamente passando o olhar por ele inteirinho. — E muito gostoso.

A pupila dele dilata e seu pomo de adão convulsiona.

Então, reparo na seguinte coisa: seu nariz está avermelhado.

Não, não é de frio, visto que aqui está fazendo um calor considerável.

É de *timidez.*

Garota de 22 anos morre após ser forçada a segurar a vontade avassaladora de agarrar seu chefe inalcançável.

— Eu… eu também te acho muito linda — confessa baixinho, acanhado.

— Jura?

— Uhum. — Coça a nuca. — Sempre achei.

— É? — pergunto, chocada.

Um sorriso imperceptível brota na sua boca.

— Você é fascinante, Faith. Sua beleza é notada em todos os lugares.

Alguma coisa de muito errado está acontecendo. Já fui chamada de linda e elogiada por uma fila de homens, no entanto, em nenhuma dessas vezes eu senti como se meu coração fosse saltar pela boca.

— Ninguém nunca me disse isso.

— O quê?

— Que sou fascinante.

— Pelo seu histórico meio triste de relacionamentos — fala e eu rio, "sem querer" me aproximando mais dele —, tenho certeza de que eles não conheciam uma palavra melhor que "bonita", "linda" ou… — faz careta — "*gata*". Mas sei que concordariam comigo.

— Está chamando eles de burros, Aiden? — indago, rindo.

— Por terem deixado você ir embora? Ah, sim, eu estou.

Coração, coração… Que grande traíra você é!

— Eu não sou grande coisa. — Engulo em seco. — Se eles me deixaram escapar foi por…

— Nem ouse completar essa frase — ordena, ríspido. — Todos nós possuímos defeitos e *todos nós* merecemos alguém que ame até mesmo eles. Suas qualidades se sobressaem, Faith, e a culpa não é sua se eles preferiram ir embora a reconhecê-las, a entenderem que, em um namoro, casamento, seja lá o que for, precisa haver um sacrifício de ambas as partes para funcionar.

Aiden… Você não pode dizer essas coisas e esperar que nada aconteça dentro do meu peito.

— Tem razão, tenho tentado sempre ser uma mulher confiante porque sei do meu valor e das minhas qualidades, mas os resquícios do meu antigo relacionamento me atormentam, o quanto me senti insuficiente, "obrigada" a perdoar as traições já que ele me fazia pensar que a culpa era minha...

— Você é maravilhosa, Faith, uma mulher incrível, inteligente e amiga.

Coloco uma mecha para trás da orelha, minhas bochechas corando com suas opiniões ao meu respeito.

— Você parece tão sábio. Onde aprendeu tudo isso?

— São quase trinta e sete anos perambulando nessa terra. — Dá de ombros, risonho. — Acabo aprendendo com o que vejo, mesmo que não tenha acontecido precisamente comigo.

— Fico me perguntando quais seriam os prós e os contras de me relacionar com um cara mais velho — penso alto.

— Posso garantir, princesa, apenas vantagens.

Prendo o lábio inferior entre os dentes.

— E se o cara mais velho for você?

Seus músculos sofrem espasmos sob minha palma.

— Seriam… — seu timbre está baixo e falho — seriam muitos contras.

— Por quê?

Aiden não responde, como eu imaginei. Em vez disso, se coloca de pé rapidamente, limpando a areia do seu corpo e acabando com o manto quentinho que estava sendo seu corpo cobrindo o meu e com o mundinho só nosso que estávamos criando.

Imediatamente me arrependo por ter tocado no assunto.

Idiota. O que você achou que ele falaria?

— Há um carrinho de sorvetes logo ali. Você quer?

Apenas assinto, sem pensar direito. Ele deve ter perguntado isso somente para se safar da minha pergunta sem instalar um clima desagradável entre nós. Gosto um pouquinho mais dele por isso, mas não consigo deixar de me sentir chateada pela sua mudança repentina.

Eu o sigo até o carrinho, ficando o mais longe que posso e deixando claro que estou aborrecida.

— Do que vai querer? — o moço, de cabelos ruivos e olhos claros, indaga, se referindo a mim.

— Maracujá, por favor.

— Olha só, você teve sorte! É a última que tenho. — Ele captura de dentro do depósito um pote de sorvete de maracujá com cobertura de chocolate. — Toma, não precisa pagar. Abrirei uma exceção para essa mulher bonita. — Me lança uma piscadela antes de notar que há mais alguém ao meu lado.

E que esse alguém não está nada feliz.

— Infelizmente, minha namorada deixou a carteira no nosso quarto, mas não se preocupe. Posso pagar pelo dela. — Aiden saca uma quantia generosa do bolso e dá ao rapaz. — Pode ficar com o troco.

Eu observo a cena toda sem reação.

Completamente atônita.

Namorada? Que merda é essa?!

Eu não espero nem meio segundo assim que saímos para puxar Aiden e exigir explicações.

— O que foi aquilo?

— Aquilo o quê?

Rio da sua cara cínica.

— Aiden, não me provoque. Que história é essa de namorada?

— Aquele cara estava quase te comendo com os olhos, Faith!

— E daí?! Eu não me incomodei. Por que *você* faria isso?

— Não se *incomodou?* Fala sério, o cara estava flertando descaradamente com você e não fazia nem cinco segundos que havia chegado. Ele faz isso com todos os clientes? É desrespeitoso!

Ciúmes detectado, meu subconsciente grita.

Sorrindo, eu quebro dois centímetros da distância que nos separa.

— Ele estar sendo desrespeitoso foi o que te incomodou?

— Foi, cacete. É óbvio!

O sorriso cresce ainda mais.

— E não o fato de ele estar flertando comigo?

Aiden suspira, titubeando.

— Também, mas exatamente por ser um desrespeito.

— E se eu flertasse de volta? — ronrono, provocativa. — Já não seria mais desrespeito, certo?

Sua garganta oscila. Noto que está se controlando.

— Não, não seria — admite, resignado.

— Ainda se sentiria incomodado?

Aiden passa a língua nos lábios, desviando os olhos para o chão.

— Muito.

É um sussurro.

Uma confissão.

Uma única palavra capaz de me levar ao céu.

Bem quando abro a boca para perguntar o motivo, incitá-lo, levá-lo à beirada para que ele se renda e me tome em seus braços, somos interrompidos.

— Chefinho, eu estava te procurando.

Sloane.

E lá se vai a minha paz.

24

Faith Mackenzie



Eu gelo, estática, conforme Sloane rebola os quadris e anda até nós — mais especificamente até Aiden.

Não estou mais reconhecendo *essa* Sloane. Ela está interessada no nosso chefe? Assim, do nada? E as coisas que ela disse sobre ele estar caidinho por mim? E as *insinuações* de que ela torcia por isso?

Sinceramente, não entendo. O que ocorreu para ela mudar de modo tão brusco?

— Por que estão tão afastados? Todo mundo está do outro lado. — Minha amiga (eu acho) me olha de relance. — Ah, oi, Faith. Não te vi aí, gracinha.

Gracinha?

Franzo o cenho.

É oficial: algo de muito errado está acontecendo e eu não faço a menor ideia do que seja.

— Oi — cumprimento, espremendo os lábios. — Sloane? Será que podemos conversar depois?

— Sobre o quê? — Ela ajeita os óculos de sol no rosto, balançando os cabelos loiros no vento.

— Sobre…

— Ai, chefinho! Estou tão feliz com essa viagem. Muito obrigada por ter proporcionado algo tão legal para nós.

A essa altura, a pose impassível e o semblante afiado, digno de um CEO temido, volta com tudo. Por incrível que pareça, não estou mais acostumada com essa versão, sentindo falta imediatamente das feições serenas e alegres.

Ele não está confortável com a atitude escandalosa de Sloane, é perceptível.

— Agradeça a Lance. Ele foi o responsável por tudo.

A garota tira os óculos do rosto, arrastando-o para o topo da cabeça.

— Bem… Mas você que é o CEO, não é, chefinho? Se não fosse p…

— Srta. Fox, caso não esteja se recordando, uma das coisas que mais prezo é o respeito no tratamento entre chefe e funcionários. Não sou seu amigo ou colega, e em nenhum momento lhe dei espaço para me chamar de “chefinho”. Aconselho que se policie mais. Odeio repetir.

A expressão de Sloane vai ao chão.

Ui, essa doeu.

Rasgo a embalagem do sorvete e retiro a colherzinha dentro dele, começando a comer antes que derreta.

Me afasto um pouquinho, parando de encarar a vergonha da garota estampada em sua face.

— A-ah, ok… chefe. — Ela apruma a coluna, ergue o queixo e joga os fios para o lado, mostrando que não está nem um pouco abalada. —

Certo. Bom, irei voltar.

Aiden acena, sem volta, e sem esperar mais um minuto e sem *sequer* falar comigo, Sloane sai, a passos apressados.

Solto o ar pela boca, por algum motivo mais aliviada.

— Não acha que pegou muito pesado com ela?

— Não.

Assim. Curto e direto.

— Jura? Aquilo doeu até em mim, Aiden. Não precisava ser tão grosso.

— Por que se importa tanto? Aquela garota, que *diz* ser sua amiga, está há uns dois dias, pelo que *eu* vi, fingindo que você não existe, Faith. Faça o favor.

Enrugo a testa.

Ele também percebeu.

— Sim, mas… isso não é problema seu. Poderia ter pegado mais leve — argumento, buscando não pensar muito sobre o que disse. — Tudo bem que eu estou muito triste e… ela não é assim e eu não sei o que está acontecendo. Sloane não me deu feliz aniversário e está agindo como se eu fosse uma estranha. Mas, mesmo assim, eu me importo com ela, e não gostei da maneira como a…

— Se te deixou triste, Faith, automaticamente vira problema meu também. Não pense, nem por um segundo, que se algo te afetar e eu *souber,* ficarei de braços cruzados.

Quero perguntar a razão, o porquê de ele ser assim comigo.

Será que tem algo mais? Ou será que isso é o tipo de coisa que amigos fazem?

Amigos.

Pensando bem, estamos longe de ser isso.

— Ela não era assim — sussurro, engolindo o bolo de desconforto na minha garganta. — Até semana passada, estávamos bem…

— Tem certeza? Ela não era assim ou você não queria enxergar?

A pergunta tem o mesmo peso de um soco na minha barriga.

Ela não era assim ou eu nunca quis enxergar?

O desespero por uma amiga me fez aceitar qualquer coisa ou…

Espiralo com força. Não queria pensar nisso. Tenho medo de escavacar demais e encontrar o que não quero. Entretanto, minha cabeça não para de girar agora, me levando a momentos no passado que, naquela época, eu tinha deixado passar certos comentários.

Você está comendo demais, Faith! Desse jeito, nenhum cara vai te querer.

Ah… O Victor é lindo, né? Eu até te passaria o contato dele, mas, sabe como é, eu não acho que ele vai gostar de alguém como você.

Já falei para terminar com Hawking, amiga. Ele está com outra, certeza! Não me leve a mal, você é linda, mas essa sua falta de vontade de ir para a cama com ele está estragando tudo, Faith…

Quero vomitar.

Não acredito que fui tão burra assim. Que deixei tantas coisas óbvias passarem despercebidas diante dos meus olhos. De forma indiscreta, Sloane sempre me rebaixou, tentou fazer com que eu me sentisse pequena. E eu sempre acreditava que ela estava dizendo tudo aquilo para o meu bem. Porque se *importava* comigo.

— Princesa, você está bem?

Burra, burra, burra.

Me sinto traída.

Será que eu sou assim tão ingênua? O suficiente para dar a todo mundo liberdade de brincar comigo, com meus sentimentos?

Minha visão embaça pelas lágrimas. Sinto meu corpo inteiro ficar mole e meu coração se estraçalhar em milhões de pedacinhos.

— Princesa… — Escuto Aiden me chamar, baixinho, e logo depois sinto braços me envolverem e minha cabeça ir de encontro a seu peitoral.

Ele está me abraçando enquanto desmorono. Pela segunda vez.

Não estou com forças para resistir ou tentar me fazer de forte, por isso, simplesmente aceito ser embalada por ele. Agarro sua camisa com força, permitindo que as lágrimas rolem livremente por meu rosto. Aiden não diz nada, nenhuma frase clichê, apenas garante que está aqui, comigo, enquanto acaricia meus cabelos. E eu acredito, mesmo receosa, mesmo sabendo que não deveria, eu acredito que ele está comigo.

— Eu sou tão f-fácil assim de ser m-manipulada, Aiden?

— Linda… Pare com isso. A culpa não é sua.

— S-se eu fosse menos i-ingênua…

— *Shhh.* — Ele pousa o dedo sobre meus lábios, erguendo minha cabeça. — Você não é ingênua, princesa, você é *verdadeira*. Há uma grande diferença.

— Seja lá o nome que queira dar para isso, continua sendo um — fungo — p-problema.

— O problema não está em você. — Aiden sorri, enxugando minhas lágrimas. — O problema nunca estará em você.

Respiro profundamente, exausta.

— Só queria que parassem. Não aguento mais ser feita de idiota o tempo todo. Odeio mentiras, odeio traição, odeio ser enganada.

— Então aprenda a impôr limites, Faith. Do mesmo jeito que fez comigo, faça com os outros. No primeiro sinal de manipulação, no primeiro comentário que te faça sentir pequena, na primeira mentira, por mais boba que seja, se afaste. Entenda que você merece mais e não se contente com o pouco.

Eu o abraço mais forte.

E ele retribui.

Que bom, porque, talvez, eu tenha encontrado meu conforto dentro de seus braços.

— Nunca pensou em ser psicólogo? — murmuro, inspirando seu cheiro almiscarado.

Aiden ri.

— Digamos que eu não tive como. Assim que terminei o ensino médio fui enfiado em um curso de administração. Então não, nunca pensei nisso.

— Você gosta de ser CEO? — inquiro, pousando meu queixo em seu peitoral, fitando-o.

Ele suspira longamente.

— O que você quer ouvir?

— A verdade. Sempre a verdade.

Outro suspiro.

Suas palmas serpenteiam para cima e para baixo por minha coluna, em um afago gostoso, enquanto ele reflete.

— Não — diz. — Eu não gosto de ser CEO. Nunca foi meu sonho assumir uma empresa enorme, lidar com negócios e passar o dia sentado em uma cadeira de couro. Sendo sincero? Odeio esse cargo. Odeio as

responsabilidades que ele traz. Odeio não conseguir dormir à noite porque tenho uma papelada enorme para checar.

— E qual o seu sonho, Aiden? — pergunto, acariciando suas costas como ele está fazendo com as minhas. — Algo que sempre quis?

Um sorriso triste brota em seus lábios.

— Ser surfista — admite, dando risada. — Quando contei para o meu pai, ele ficou louco. Disse que "filho dele não viraria vagabundo" e frases do gênero. Como o mais velho, eu estava destinado, desde a barriga, a ocupar o seu lugar, então não tive muita escolha a não ser aceitar.

Meu Deus, como eu odeio vê-lo assim.

— Se você tivesse a oportunidade… renunciaria tudo?

— Sim. Sem nem pensar duas vezes. — Ele sobe as mãos por meu braço em um vaivém delicioso, que me faz suspirar. — Não vejo a hora de me aposentar.

Dou uma risada alta.

— Pode ficar tranquilo, não está muito longe.

Aiden gargalha, dando um apertão na minha cintura.

— Aquele negócio de nós sairmos… — hesita — ainda está de pé?

Tenho convicção de que meu rosto acaba de se iluminar.

— Por quê? Está interessado?

— Hum… Gosto de avaliar minhas opções.

Meu sorriso se alarga.

— E se eu disser que está?

— Então… Acho que terei que aceitar.

Eu me derreto igual manteiga na frigideira quente.

Tenho um fraco por seus sorrisos e nossos flertes inocentes.

— Alguma razão para aceitar o convite de uma mera funcionária, *chefe*?

— Eu adorar a companhia dessa mera funcionária e odiar quando estamos longe é razão suficiente?

Meu coração bate na garganta.

— Pode apostar que é. — Escuto barulhos se aproximando, que só poderiam ser do pessoal da empresa, e me desvencilho do seu abraço a contragosto. — Hoje à noite, oito horas, cinema, ok?

Ele sorri e assente.

— Combinado.

Assinto de volta, sem saber como agir, sem querer ir embora. Aiden está igual, e é fofo vê-lo travar uma batalha dentro de si entre sair e continuar aqui.

Sugo o ar para os meus pulmões e com muito, muito medo, daqueles que fazem sua barriga revirar e a pressão baixar drasticamente, reúno forças do além e, em um ato de loucura, me coloco na ponta dos pés, seguro seu rosto e grudo os lábios em sua bochecha.

Aiden fica paralisado, como era de se esperar.

Com um estalo, minhas bochechas queimando, eu me afasto, juntando as mãos atrás do corpo.

— É-é… obrigada p-pelos conselhos. — Coço a nuca. — E por… por me abraçar quando eu e-estava precisando.

Ele pigarreia, sem jeito.

— Não precisa agradecer, Faith. É um privilégio lhe ser útil.

Anuo e, dessa vez, começo a me distanciar de verdade, caminhando para o lado oposto ao dele, sentindo as vozes ficarem mais altas e mais próximas.

— Te espero hoje à noite — grito.

— Estarei lá — grita de volta.

As borboletas voam soltas.

Aiden Bellini e eu somos um segredo. Um que ninguém pode descobrir.

E eu gosto demais disso.

25

Faith Mackenzie



Felicidade inunda meu peito ao ver meus colegas de trabalho brincando na orla da praia com sua família, construindo castelos de areia com os filhos e fugindo das ondas maiores no mar. Eu não sou próxima de ninguém, então fico meio deslocada. A única “amiga” que eu tinha era Sloane, entretanto, pelo visto, não somos mais.

Eu queria conversar com ela, mas pra quê? Conheço bem esse tipo. Quando tentei dialogar com Hawking após a décima traição, com o único intuito de *entender* sobre o porquê ele havia feito o que fez, recebi uma série de humilhações em troca. Melhor seria se eu tivesse ficado calada e simplesmente terminado.

Acabo de passar o protetor solar e sento na cadeira reclinável que eu trouxe. Devido ao calor e ao filete de suor que começa a escorrer do meu pescoço, retiro a blusa e exponho o biquíni, com o short ainda cobrindo a parte de baixo. Parece até que estou respirando melhor.

Ponho os óculos de sol e fecho os olhos. Como se estivesse adivinhando, alguém senta na cadeira ao meu lado, fazendo um barulho

indesejado, e eu sou obrigada a abri-los de novo, me deparando com Louis, um dos novos garçons que Aiden contratou.

— Desculpa, te acordei? — pergunta, dando um sorriso sem graça.

Balanço a cabeça.

— Não, fica tranquilo.

— Ah, que bom. — Aquiesce. — Você é a Faith, não é? Prazer, me chamo Louis. — Ele estende a mão e eu aceito, cumprimentando-o.

— Sou, sim, e, na verdade, já sabia sobre você — comento. — Ninguém passa despercebido por mim naquela empresa.

Louis pisca os olhos verdes, jornadeando com eles por meu corpo, desde o colo dos meus seios até minhas coxas descobertas.

— É uma honra ser notado por uma mulher tão gata.

Depois de ter sido chamada de *fascinante*, nenhum outro elogio me atrai.

E, por falar nisso, porque estou pensando em algo que Aiden disse?

— Obrigada, você também é muito bonito — declaro, sendo sincera.

Louis possui a pele bronzeada, olhos esverdeados, cabelos pretos e ondulados, é forte e não parece ser muito mais alto que eu. Antigamente, ele poderia muito bem ser o tipo de cara com quem eu sairia num *date*, mas agora? Meus padrões estão bem altos.

Tipo… Com mais ou menos um metro e noventa.

— Você pode me dar seu número? — Ele saca o celular do bolso. — Para conversarmos melhor em outros momentos.

Desconfiada, eu lhe dou, com medo de sair como a mal-educada. Isso não chegará a lugar nenhum se eu não quiser que chegue — e, pode apostar, eu não estou nem um pouco interessada em outros homens agora

—, portanto não vejo problema em batermos um papo até ele se dar conta de que não estou a fim.

— Topa sair qualquer dia desses?

— Hum… Não sei — desconverso. — Sabe como é. É difícil conciliar emprego e faculdade. Hoje foi o único dia que me permiti ter férias.

— Uh… Garotas trabalhadoras e inteligentes são o meu tipo.

Torço a cara.

Eu deveria… agradecer?

Como não digo nada, ele apoia os braços na coxa e se verga na minha direção.

— Que tal sairmos hoje à noite?

— Tenho compromisso.

— Ah, sério? — Faz um bico. — Esse compromisso não pode esperar?

Sorrio.

— Com certeza não.

— Poxa, gatinha. Assim você acaba com minhas chances de flertar com você.

Passo a língua nos lábios, respirando fundo.

— Desculpa, Louis… É que estou cem por cento focada nos meus estudos, sem cabeça nenhuma para relacionamentos ou homens — explico.

A não ser que você tenha olhos azuis, seja quinze anos mais velho, cabelos loiros escuros, ranzinza com todos e um amor comigo e, o principal, seja meu chefe.

Louis assente, compreensivo.

Que sorte. Nos últimos meses eu só tenho dado fora em caras legais e transigentes.

— Você fala como se já estivesse alguém na jogada. — Arqueia a sobrancelha. — Tem certeza de que não posso competir com ele?

Eu dou risada. Sorte a minha que ele não sabe o motivo.

Não, Louis. Você, e nenhum outro cara, são capazes de competir com ele.

Fico séria.

Isso é, ***se*** *ele estivesse na jogada.*

— Você não pode competir com alguém que não existe, Louis.

— Hum… Certo, se você diz. — Ele dá de ombros. — Vai continuar descansando ou quer dar um mergulho no mar junto com o pessoal?

— Vou contin… — Meu celular apita e eu me sobressalto. — Espera, só um instante.

Eu nunca fui de visualizar as notificações no mesmo momento, mas de tanto Thomas, meu irmão, reclamar que se estivesse morrendo e dependesse do meu retorno já estaria morto, fiquei com a consciência pesada e agora não levo mais de cinco minutos para responder uma mensagem — *isso* quando estou com o celular e livre.

Pego o aparelho e deslizo a barrinha de notificações, sentindo meu estômago se agitar ao ler o nome de Aiden.

Quer dizer, não exatamente o nome *dele*…

Homem Mais Chato do MUNDO: *Diga a esse mauricinho que seu chefe está lhe chamando.*

Homem Mais Chato do MUNDO: *Agora.*

Opa, opa, opa.

Ele está me observando?

Passo o olhar ao redor, a sua procura, e não encontro nem um sinal dele.

Meu celular apita novamente.

Homem Mais Chato do MUNDO: *Mais para cima, princesa.*

Eu olho para onde diz…

Lá está ele, em um dos quartos do hotel que dá acesso à praia, com o celular em mãos e me encarando como um maldito stalker.

Eu: *Você é louco.*

— Quem está procurando, gatinha? — Ouço Louis indagar, confuso.

Homem Mais Chato do Mundo: *Ignorando as ordens do chefe? Tsc, tsc.*

Homem Mais Chato do Mundo: *Isso seria uma boa razão para lhe demitir, srta. Mackenzie.*

Quando foi que eu deixei de achar essas ameaças irritantes para começar a achar provocantes?

Ah, e sexy, porque quando se imagina Aiden Bellini emitindo *tsc, tsc* com os lábios, enquanto balança a cabeça lentamente e te olha afiado, com aqueles olhos azuis penetrantes, não dá para se ter outra reação senão sentir seu corpo inteiro pegando fogo.

Eu: *Hum? Por acaso meu chefe está chamando?*

Homem Mais Chato do Mundo: *Agora está.*

Abro o sorriso mais bobo e idiota de todos para a tela do celular, dando discretamente o dedo do meio para ele, esperando que possa ver.

— Ah, eu sabia… Esses sorrisinhos bobos são o começo de tudo. — Imediatamente paro de sorrir quando a observação de Louis chega aos meus ouvidos. — É bom, não é? As borboletas na barriga e a sensação de pertencimento. Encontrar no outro um lar.

— Você fala como se…

— Vivenciei tudo isso com minha ex — ele corta, sabendo o que vou perguntar. — Ela foi embora há alguns anos.

— Pra onde?

Um sorriso melancólico emoldura seus lábios bem feitos ao apontar para cima.

Meu coração murcha dentro do peito.

— Minha Jasmin virou uma estrela. Ou um raio de sol, como ela costumava ser aqui na Terra.

— E-eu sinto muito, Louis. Meu Deus, eu não imaginava…

Louis gesticula com as mãos para que eu não me preocupe.

— Não sinta, eu amo falar sobre ela. Poderia passar horas, sabe? Não é mais algo que machuque. Depois de tantos anos, finalmente estou cheio apenas das partes boas. — Ele levanta da cadeira. — Você não vai confirmar, mas eu sei bem quem está tirando um sorriso desses seu. — Arregalo os olhos quando o homem aponta com o queixo, discretamente, para Aiden lá em cima, nos assistindo. — Não se preocupe, não irei julgá-

los, até porque esse sentimento não é algo que a gente escolhe. O que eu posso te dizer é que aproveite ao máximo com ele, independente dos obstáculos que o cargo possa colocar no caminho. Só Deus sabe o que eu daria por mais cinco minutos ao lado da minha namorada.

— Nós não somos namorados — falo, a voz embargada pela emoção.

Ele sorri.

— É só questão de tempo pra isso acontecer. — Ele me cutuca com o cotovelo. Meu celular apita. — Posso te garantir que essa é a melhor fase. Os sorrisos bobos, a dúvida sobre os sentimentos, as provocações *nada* inocentes, o primeiro beijo…

Mordo o cantinho dos lábios, minhas bochechas esquentando.

— Ainda não nos beijamos também…

— Te garanto que vai ser incrível. Agora deixa só eu testar uma coisa… — Louis toca meu ombro e, pasmem, meu aparelho vibra na mão poucos segundos depois. O moreno abre um sorriso enorme. — Imaginei que ele fizesse o tipo possessivo. Vou nessa, pode ir ao encontro do seu amado.

Abobalhada pela recente constatação, sem saber ao certo o que sentir, eu dou tchau para Louis e sigo pelo caminho contrário, pegando o celular para ler o que o brutamontes digitou.

Homem Mais Chato do MUNDO: *Ainda não está vindo?*

Homem Mais Chato do MUNDO: *Por que esse cara tá te tocando?*

Homem Mais Chato do MUNDO: *Sua carta de demissão está à sua espera.*

Homem Mais Chato do MUNDO: *E a dele também.*

Homem Mais Chato do MUNDO: *Puta merda, Faith Mackenzie, não me faça cometer loucuras.*

Com o sorriso pertinente o caminho todo, pego o elevador para o sexto andar, caminho pelos corredores e dou várias batidinhas no quarto 678.

Meio segundo depois, a porta é aberta, revelando um Aiden muito irritado.

Bravo e ciumento, do jeito que eu gosto.

— Cadê minha carta de demissão? — questiono, petulante.

— Entra no quarto, Faith.

— Poxa, mas nem um almoço ant…

— Entra. No. Quarto — repete, impaciente. — Agora.

E mandão também. O combo completo.

Faço o que manda e adentro em seus aposentos, notando que seu quarto é bem maior do que os outros.

— Que injusto, porque seu quarto é tão grande? — Olho para a sua cama bagunçada, cheia de ternos, camisas, calças, meias e gravatas jogadas para todo o canto. — E que bagunça é essa?

— Irei para uma reunião daqui a pouco decidir sobre a situação de Levi. — Ele pega duas opções de ternos, um preto e outro azul-marinho. — Qual o melhor?

Franzo o cenho, divertida.

— Aiden Bellini é um cara indeciso?

Sua fisionomia de poucos amigos me faz querer beijá-lo até que não reste nada entre nós.

— Faith, sem brincadeirinhas.

Um bico manhoso e involuntário nasce nos meus lábios.

— Por que está todo impaciente comigo?

— Não estou impaciente com você, Mackenzie.

— E por que está me tratando assim?

— Assim como?

— Assim… — murmuro.

Minha atuação gera o efeito desejado: Aiden sorri. Bem pequenininho.

— Está fazendo chantagem emocional comigo, Faith?

Nego.

— Jamais. — *Você bem que poderia desfazer esse bico nos meus lábios com o beijo.* Limpo a garganta, checando os ternos que tenho à minha frente. — O azul-marinho é mais bonito.

Aiden anui, como se essa também fosse sua escolha, e percorre a peça de grife pelos braços musculosos.

Credo, que homem delicioso.

— E gravatas?

— Você me chamou para escolher gravatas, chefe? Não sabia que, além de garçonete, eu era sua personal style… — provoco, resistindo à tentação de tocá-lo.

— Sim, eu te chamei para escolher os meus ternos e as minhas gravatas. — Suspira, passando a mão no cabelo. — Pode fazer isso? Estou atrasado.

Cogito revidar com alguma piadinha que com certeza irá tirá-lo do sério, mas, então, reparo que ele não está bem. Seus ombros estão tensos, os olhos agitados, a testa crespada…

— Ei… O que aconteceu? — Me aproximo dele.

Aiden balança a cabeça, claramente perturbado.

— Não é nada, só… Por favor, me ajuda a escolher?

Deixo claro que não irei ajudar coisa nenhuma enquanto não me contar sobre o que aconteceu.

— Algo está te deixando agitado. Foi alguma coisa com a sua família? — Ele fica calado. — O que eles fizeram?

Aiden suspira e senta na beirada da cama, massageando a têmpora. Quebro a distância entre nós, pousando uma mão no seu ombro.

— O mesmo de sempre, Faith. *Duvidaram* da minha capacidade. A diferença é que, dessa vez, escutei meu tio… — Ele engole em seco. — Escutei meu tio falando uma coisa que…

— Te deixou triste?

— É, algo assim.

— Quer falar sobre?

Meus joelhos amolecem quando a mão de Aiden envolve a parte interna da minha coxa e me puxa para ele, me obrigando a me apoiar em seus ombros.

— Ele disse que estava louco para eu morrer para poder assumir meu cargo — ele conta numa naturalidade que me impressiona.

Fico possessa de raiva.

— C-como… como ele pôde dizer algo assim? *ELE É LOUCO?!* — vocifero para o nada, dando um tapa nas omoplatas de Aiden para descarregar meu ódio. — Que filho da puta! Quem ele pensa que é para falar isso?

— Ei, princesa, se acalma… — O som da sua risada é como uma droga viciante e que entorpece. — O tapa que me deu está doendo.

— Desculpa, não consegui controlar — falo num muxoxo. — Só que… eu não consigo acreditar que existam pessoas tão ruins assim.

— Até um tempo atrás, tenho certeza de que eu era esse tipo de pessoa pra você.

— Cala a boca, seu único problema era sua chatice. Nunca questionei seu caráter.

— Não?

— Não.

Ele estala a língua.

— Bom saber. — E, sem tirar as mãos da minha perna, inconscientemente realizando um carinho suave com o polegar, Aiden indica as, no mínimo, dez gravatas atrás dele. — E então? Já sabe qual eu vou usar?

— Hum… Camisa branca, terno azul-marinho… Aquela marrom cairia bem. — Aponto para a que está ao lado de uma rosa goiaba.

— Essa? — Pega a que escolhi.

— Isso. — Tomo de suas mãos e, louca para ver sua reação, coloco um joelho de cada lado do seu corpo, na cama, e sento no seu colo.

Sim.

Eu sento no colo do meu chefe.

— Faith… — Aiden puxa o ar com força. — Não acha que dá pra fazer isso em pé?

— Esqueceu da nossa diferença de altura? Vai ser muito incômodo. — Passo a gravata por teu pescoço, ajustando abaixo da gola. — Sem falar que aqui está muito confortável.

Nossos rostos estão próximos. Nossas respirações se mesclando. Sua barba quase roçando na minha mandíbula ao me inclinar para ajeitar

sua gravata. Se eu pudesse beijá-lo, se eu sentisse que é o momento certo, eu não precisaria de nenhum esforço para fazê-lo.

Aos poucos, o homem relaxa. A prova disse é sua mão voltando a acariciar minha coxa, como se fôssemos um casal. Seus olhos não deixam por nenhum momento o meu rosto.

— Você vai chegar naquela reunião… — começo lentamente, fazendo o nó no tecido. — Vai sentar na cadeira que pertence a *você*… — dou um puxão em sua gravata — e vai mostrar quem manda naquele lugar, entendidos?

Aiden molha os lábios com a língua e as íris azuladas não passam de um fino aro. O ar fica rarefeito, como se não aguentasse nós dois dividindo o mesmo espaço.

— O que eu tenho que fazer para ganhar um beijo seu?

Que pergunta maravilhosa.

— Hum… — finjo pensar, segurando a gola de sua camisa. — Mostrar quem é o CEO naquela reunião e fazer sua família se arrepender pelas merdas que disse.

Aiden franze o cenho.

— E se eu fizer isso…

— Vai ganhar um selinho no final da noite — concluo, animada só de pensar.

— Um selinho?

— Isso mesmo. *Só* um selinho. — Espremo os lábios. — Ainda não está no momento do beijão, beijão.

Ele gargalha.vo

— Beijão, beijão?

— É… — A insegurança bate com força. — Quer dizer, só se você quiser.

Aiden me cala, pondo um dedo sobre meus lábios.

— Quando o momento chegar, farei questão do nosso beijo ficar gravado na sua memória por um período muito, muito longo. — Seu telefone toca e ele dá dois tapinhas leves na minha coxa para eu levantar.

Arfo, sem saber direito o que mais me afetou.

— É Lance?

— Uhum. — Ele abre a porta do quarto, se preparando para sair. — Levi chegou e agora estão só nos esperando.

— Tá bom. — Saio junto com ele, visto que aqui não é o meu quarto. — Boa reunião.

— Obrigado. — Aiden se curva e deposita um beijo casto na minha testa. — Estarei aqui antes de oito, ok?

— Ok — confirmo, as borboletas sobrevoando meu estômago.

Aiden abre espaço pelo corredor, com o celular na orelha, e eu não consigo desfazer o sorriso bobo do meu rosto.

26

Aiden Bellini



— Nós temos uma proposta para você, sr. Blackford.

Pela videochamada, Levi encrespa a testa em interesse, ansioso por minha oferta. Por se tratar de uma reunião de emergência e levando em conta a instabilidade financeira do homem, não quis esperar chegar em Washington para dar-lhe a notícia de um possível emprego em Seattle. Assim que Faith deu a ideia, sem saber que seria de grande utilidade, contatei imediatamente Lance, o qual, por sua vez, ligou para Levi e perguntou se ele teria uns minutinhos disponíveis para o que eu tinha a dizer.

— O sr. Bellini, seu irmão, me avisou, sr. Bell…

— Pode me chamar de sr. Aiden — digo. — É mais fácil.

— Claro.

Suspiro, nervoso como eu *não* deveria estar. Estamos só eu e Lance numa sala enorme — tirando a presença virtual de Levi —, porém saber que está tudo sendo gravado, e que meus familiares poderão assistir

futuramente para julgar meu desempenho, depois de ouvir o que *ouvi* vindo de meu tio, está pesando um pouco. Sempre soube do interesse deles em me ver ruir para poderem assumir o cargo — embora seja impossível, já que, por direito, Lance é sucessor —, contudo escutá-lo desejar a minha morte, sem querer, durante uma ligação da minha tia, é, de longe, a coisa mais baixa que já ocorreu em todos esses anos.

— Primeiramente quero dizer que sinto muito pelo negócio não ter dado certo — expresso, vendo-o abaixar a cabeça ao assentir. — Quero que saiba que a culpa não foi e que de forma alguma o culpo por isso. Acontece, e creio que o senhor deu o melhor de si para reerguer a franquia. Estou certo?

— Certíssimo, senhor.

— Pois bem. — Cruzo os braços acima do tampo da mesa. — Após avaliar seu histórico como nosso franqueador e saber que, enquanto a lanchonete esteve aberta, o senhor fez o possível para atrair clientes e impedir que ela se fechasse, eu e o sr. Lance entramos em um consenso. — Limpo a garganta sob o olhar do meu irmão, como quem diz: “Eu fui notificado disso depois da sua conversa com *Faith*, não comigo”. — Sabemos que Sitka é uma cidade pequena e com poucas oportunidades, por isso, caso você e sua família aceitem, estaríamos lhe transferindo para Seattle, em Washington. Se aceitar, lhe ajudaremos, claro, a reerguer uma nova franquia em Belltown. Nós entendemos completamente que não é uma decisão fácil, por isso lhe darei o tempo que for necessário para pensar.

A partir do momento que eu disse sobre a mudança para Seattle, a boca de Levi se abriu e não fechou mais. Ele está em choque, acredito.

— O-o senhor… o senhor está falando sério? — questiona depois de um longo tempo em silêncio.

— Não sou um homem de brincadeiras, sr. Blackford.

Ele balança a cabeça, atordoado.

— Sim, claro. Eu não tenho d-dúvidas. — Esfrega o pescoço. — E-eu nem sei o que dizer, senhor.

— Diga que aceita.

— É claro que aceito! Eu aceito, sem dúvidas, mas não depende só de mim. — Solta o ar pela boca. — Tenho que falar com minha esposa e com meus filhos. A mais velha, de dezesseis anos, tem muitos amigos aqui. Será mais complicado pra ela.

— É compreensível. — Tamborilo a caneta contra a mesa de vidro. — De qualquer forma, a proposta está de pé. Leve o tempo que precisar para decidir. Não é uma escolha fácil.

Levi curva a cabeça várias vezes em sinal de agradecimento.

— Muito obrigado, Sr. Bell… Aiden. Darei o meu melhor para não se arrepender de ter me dado uma chance!

— Eu sei que sim. — Aceno. — Quando tiver uma resposta, entre em contato com meu irmão. Ele saberá lhe dar as coordenadas.

O homem agradece mais uma vez e a chamada é encerrada. Expilo o ar e jogo meu corpo contra a cadeira assim que Lance para a gravação. Ideia do meu pai, Logan, depois de várias divergências sobre assuntos em reuniões que ele não estava presente. Desde então, todas devem ser gravadas e repassadas para ele.

Uma merda, pois não é *apenas* Logan que assiste.

— Fui bem?

Meu irmão tomba a cabeça para o lado, me perscrutando.

— Por que a pergunta? Você sabe que foi.

Dou de ombros.

— Estou mais inseguro que o normal.

— Se te serve de consolo… — ele começa, deslizando a cadeira para próxima da minha. — Tio Jasper também desejou a minha morte. Teoricamente, ele ou um daqueles fodidos só assumiriam se *nós dois* morrêssemos ou renunciássemos.

Dou um riso fraco de desdém.

— Uau, que belo consolo, hein?

Lance sorri, descarado.

— Unidos até o além, irmão. — Cutuca meu ombro. — Passei a madrugada numa festa antes de vir para cá. Meus ouvidos ainda estão zunindo.

— Que milagre é esse você não estar de ressaca?

Ele me lança uma piscadela maliciosa.

— Eu queria estar muito, muito sóbrio para pegar uma loirinha que encontrei lá. — Passa a língua nos lábios. — Ainda consigo sentir o gosto de pêssego da língua dela, cara.

Faço uma careta.

— Quantas vezes eu tenho que dizer que *não* quero saber da sua vida sexual?

Meu irmão estala a língua.

— Esse é o problema, não rolou *nada* de sexo. Foi só um beijo. Um bem quente, por sinal. — Estica as pernas. — Nós conversamos e, quando pensei em levar ela para o andar de cima, fomos interrompidos pela melhor amiga dela. — Bufa. — Que saco, Aiden!

— Conversaram, hum? — debocho. — Sabe ao menos o nome dela?

— Algo com L. Lohany, Larissa, Louise. Não lembro.

— Ah, tá. — Anuo. — Foi uma conversa bem produtiva, eu imagino.

— E foi mesmo. Ela até me passou seu número de telefone, mas não lembro qual é.

Dou risada.

— Você tem que parar com isso, Lance. Estou vendo a hora de você fazer besteira em uma dessas festas e seu nome aparecer estampado nos jornais.

— Que nada. — Abana as mãos. — Eu sou a pessoa mais consciente nessas festas.

— Aham.

— É sério!

— Eu não disse que não é.

Lance revira os olhos.

— Idiota — murmura e logo em seguida uma luzinha parece se acender em sua cabeça. — Falando nisso, como tá sua relação com a Faith?

Meu coração erra uma batida.

— Melhor do que nunca.

— Sério? Ela te perdoou?

— Uhum, nós conversamos — digo. — Ela entendeu meu lado, mas disse que se algo daquilo acontecer novamente, será a última vez.

— E você, como um bom cachorrinho, nunca mais irá *ousar* cometer a mesma merda, hum?

— É — sopro. — Tipo isso.

Ele emite um riso de escárnio.

— Os dois estão bem próximos, pelo visto.

— Nós iremos sair hoje.

— Uuuuuuh. — Lance se endireita na cadeira. — Além de viajarem sozinhos e dividirem uma cama, vocês ainda irão sair? Você chamou ela?

— Na verdade, ela quem me convidou.

— Mentira — sussurra, pasmo. — Para onde irão?

— Cinema — respondo, a ansiedade refletida nas incontáveis vezes que já olhei o relógio para saber que horas são. — Às oito da noite.

— Ouvi dizer…

— Ouviu dizer?

Lance sorri.

— Tá, por experiência própria… eu posso dizer que cinemas são os melhores lugares para dar uns pegas em alguém.

Torço o nariz.

— Não quero dar uns *pegas* nela, Lance.

— Desculpa, eu esqueci que você tem a alma de um velho — debocha. — *Beijos,* então. Cinemas são os melhores lugares para se dar uns beijos em alguém.

Balanço a cabeça.

— Esse não é um assunto que eu quero ter com você.

— Nossa, como você é chato!

— Reservado, Lance. Eu e Faith seremos os únicos a saber se algo do tipo acontecer entre nós.

Meu irmão põe a mão no peito, como se tivesse levado um tiro.

— Puxa, irmão, é sério? Você não vai me dizer se rolar uns beijinhos entre vocês?

— Não — decreto, ficando de pé. — Pode tirar seu cavalinho da chuva.

— Nossa, Aiden… Pensei que fôssemos irmãos.

Rio do seu drama.

— Não se preocupe, se um dia Faith virar minha namorada, você será o primeiro a saber.

— Até porque você não tem outra pessoa pra quem contar.

Solto um riso alto dessa vez.

— Está certo. — Ajeito a gravata e as lapelas do terno. — Tenho que ir.

— O encontro com ela não é só às oito horas?

— É, mas eu tenho outras coisas para resolver antes.

— Trabalho?

— Isso.

Lance me encara com seu típico olhar de tédio.

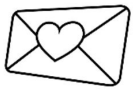
— Qualquer dia desses vou conseguir te arrastar para uma festa de teor bem duvidoso.

— Você não vai conseguir.

— Droga, esqueci que já está gamadão.

— Use a palavra que quiser, Lance. — Dou tapinhas no seu ombro e abro a porta. — Só saiba que não estou disponível.

Seus resmungos contrariados são as últimas coisas que escuto antes de sair e fechar a porta.



Eu nunca estive tão agitado quanto agora, enquanto espero, no carro e por escolha de Faith, ela descer e partirmos para o nosso destino. Os nós dos meus dedos estão brancos pela pressão que faço contra o volante e meus pés estão prestes a desenvolverem uma câimbra em razão das batucadas incessantes contra o piso do automóvel.

Ainda não consigo acreditar que eu e ela iremos sair.

Nós. Dois.

Sozinhos.

Irei para o cinema com a mulher que eu jurava ser inalcançável. Que eu nunca iria conseguir algo com ela.

E ainda vou ganhar um selinho ao fim da noite.

Porra!

Distraído com meus próprios pensamentos, me sobressalto com batidas contra a janela. Ao virar, me deparo com Faith. Ela está sorrindo, como se estivesse tão feliz com isso quanto eu estou.

Assim que destravo as portas, Faith entra, colocando o cabelo atrás da orelha ao se assentar no banco e, parecendo tímida, fechando a porta em seguida.

Cacete, ela está linda.

Com um top amarelo que abraça seus seios de uma maneira espetacular, calça jeans e tênis branco, Faith se parece muito com a mulher dos meus sonhos, ainda mais quando gira o pescoço para me fitar e abre um sorriso pequeno, sem jeito.

— Oi.

— Olá. — Varro o olhar por seu corpo. — Está linda.

— Obrigada. — Umedece os lábios e coloca o cinto de segurança. — Hum… Você sabe onde fica o cinema?

Dou risada.

— Você me chamou para um lugar que não sabe onde é, princesa?

— É claro que sei! Perguntei para saber se você quer que eu dê as coordenadas ou não. Passei o dia no *Google Maps* aprendendo o caminho.

Gargalho, impedindo-me de puxá-la e fazê-la esquecer de tudo ao nosso redor.

— Eu sei onde é, Faith. Não precisa se preocupar — digo ao girar a chave na ignição.

— Que ótima. — Ela saca o celular do bolso. — Iremos assistir um filme de comédia bem antigo, mas que estão relançando. É meu favorito, então espero que goste também.

— Eu poderia saber qual é?

— "O Diabo Veste Prada". — Dá um sorrisinho. — É sobre uma chefe autoritária e arrogante que vive infernizando a vida da secretária.

Cerro as pálpebras.

— Fala sério, Faith… É algum tipo de indireta?

— Não! — Ri. — Só uma infeliz coincidência. Juro que o filme é bom.

— Não sei se devo confiar em você.

— E mesmo se não gostar, considere isso como uma pausa na sua rotina. Em vez de estar dentro do quarto ou do escritório trabalhando feito um condenado, você está saindo e se divertindo como uma pessoa normal — contrapõe. — Por falar nisso, há quanto tempo não vai ao cinema?

Encaro-a por breves milissegundos.

— Não faz nem ideia?

— Dez anos?

Sorrio.

— Por aí.

— Poxa, Aiden… Acho que eu vou ser a responsável por fazer você experimentar novos ares.

Concordo lentamente.

Mal sabe ela que já me fez experimentar novos ares ao fazer meu coração voltar a bater depois de eu jurar que ele estava morto.

Faith Mackenzie

Se estar encantada, hipnotizada e absolutamente deslumbrada com as gargalhadas de Aiden e as ruguinhas que se formam ao redor de seus olhos for loucura, por favor, pode me internar.

Pois é dessa forma que me encontro.

Encantada, hipnotizada e deslumbrada.

Por ele.

Desde que entramos na sala de cinema, com um balde enorme de pipoca, refrigerante e umas besteiras extras que Aiden fez questão de comprar para mim — mesmo fazendo cinco mil reclamações sobre a quantidade de açúcar contida em cada doce —, meu chefe não trocou uma palavra comigo, absorto demais no filme e nas semelhanças entre Miranda Priestly e ele, que o arrancam risadas sinceras em quase todas as cenas onde a mulher é uma chata com a pobre secretária, Andrea.

Aiden está leve, feliz. Não vejo mais aquele peso em seus ombros nem a expressão cansada. Droga, isso vale mais do que a constatação de que não vou poder aproveitar o escurinho do cinema para dar a ele aquele selinho que prometi.

Nossas mãos chegam se esbarram algumas vezes quando pegamos as pipocas ao mesmo tempo, mas parece que sou a única a sentir a eletricidade dos toques.

Lembrar de nunca mais trazer Aiden ao cinema.

Apenas quando as luzes da sala se acendem e os créditos começam a rolar na tela que ele lembra da minha existência.

Tento sustentar minha pose de brava, mas é só ver os olhinhos vermelhos e brilhantes de tanto rir que a carranca e os braços cruzados caem por terra.

Acho que estou um pouco abobalhada.

— Gostou do filme? — indago, procurando soar indiferente.

— Porra, muito! A relação da Miranda e da Andrea é engraçada pra caralho — comenta conforme desce as escadas, nossos braços quase roçando.

— Sabe, apesar de você não ter me dado atenção durante duas horas inteiras, me deixando *totalmente* de lado, fico feliz de ver essa versão sua, tão descontraída e genuinamente alegre.

— Princesa… — Ele rodeia minha cintura com seu braço, fazendo com que meu torso colida contra o seu. — Você está com ciúmes de um filme? — Uma gargalhada escapa dos seus lábios.

Tento me desprender de Aiden, fazendo charme, no entanto, como se minha luta não fizesse nem cosquinha, ele não move um dedo.

— Eu, com ciúmes? *Rá.* Até parece.

— Tem certeza…? — Enrola meus cachos com cuidado no seu dedo. — Essas bochechas vermelhas e infladas mostram exatamente o contrário.

— Minhas bochechas *não* estão vermelhas, muito menos infladas — rebato, colérica.

Aiden sorri.

— Estão, estão sim. — Ele acaricia a maçã do meu rosto com as costas da mão. — Mas eu não estava te ignorando, Faith. Faz tempo que não assisto um filme ou venho ao cinema. Acho que eu só estava absorto.

Esboço um sorriso ao ouvir sua fala. Gosto de poder proporcionar momentos leves e que tirem Aiden da sua pose de CEO. Quando abro a boca para respondê-lo, somos interrompidos pela reclamação de um senhorzinho na entrada da sala enorme. Corro os olhos em volta e noto que somos os únicos no local.

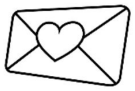
— Olha, eu não queria atrapalhar o momento romântico do casal, mas os senhores precisam sair.

Empurro meu chefe, constrangida, e desço o restante das escadas rapidamente, com Aiden ao meu encalço. Ao passar pelo senhor, que deve ter seus cinquenta anos, peço desculpas pelo inconveniente e saio do cinema.

— Você me faz passar cada vergonha — digo entredentes, abraçando meu próprio corpo.

— Não tenho culpa se esqueço de tudo quando estou com você, princesa — sussurra no meu ouvido, como se tivesse lido meus pensamentos.

Porque também esqueço do mundo quando estou com ele.



— Não, não, não. Nós não vamos comer aqui — Aiden protesta, segurando meu pulso e me guiando para o outro lado do *shopping*.

— Por favor! — peço, firmando meus pés no lugar como uma criança birrenta. — Vai, faz tempo que não como um desse.

— Mentirosa — resmunga.

— É verdade! — Toco cautelosamente nos seus braços, tentando seduzi-lo. — O hambúrguer daqui é o melhor.

Aiden bufa.

— Você já percebeu que só come isso?

Faço uma careta contrariada.

— Não só isso... — Me defendo. — Também como batata frita, cachorro-quente...

Sua carranca se intensifica.

— Uau, que grande diferença. — Massageia as têmporas. — Puta merda, não vejo a hora de te obrigar a comer feito gente.

Gargalho, animação florescendo no meu interior, pois sei que ele está cedendo.

— Prometo ser a pessoa mais saudável do mundo depois. — Bato as pestanas freneticamente.

Ele permanece me encarando, contraindo a mandíbula, como se estivesse pensando se vale mesmo a pena contribuir para os meus desejos calóricos.

— Pegue o menos gorduroso — diz, por fim.

O maior sorriso do mundo germina em meus lábios e eu pulo no seu pescoço, abraçando-o. A primeiro momento, Aiden fica tenso, seus braços pairando sobre minhas costas, sem saber como agir. Depois, ele vai relaxando, e eu o incentivo, apertando-o ainda mais forte. Como se Aiden fosse uma dose de relaxante muscular, eu me sinto revigorada ao sentir seus braços ao meu redor e seu rosto entre meus cabelos.

— Obrigada — balbucio, lutando para me afastar. — Agora vem. — Estendo a mão para ele, que, sem jeito, aceita. Sou esperta e giro nossas mãos para que os dedos se entrelacem. Tipo choque elétrico, uma corrente excitante corre por minhas veias com o ato.

Feito um casal — composto por um robô e uma humana, aparentemente —, caminhamos para dentro do estabelecimento. Nós nos

sentamos na primeira mesa que vemos vazia e um garçom logo vem nos entregar o cardápio. Percebo quando ele passa mais tempo do que deveria encarando o colo dos meus seios e sou obrigada a me manter neutra quando Aiden arrasta sua cadeira para mais perto da minha e passa o braço em torno do meu pescoço, fitando o homem à nossa frente em um claro aviso.

Pigarreio e cruzo as coxas.

— Filho da puta — Aiden chia baixinho quando o garçom se oferece para nos ajudar no que for preciso e sai em seguida.

Escondo o sorriso com um assentir e volto a olhar o cardápio, me dando conta de que, mesmo sem ter qualquer homem me olhando, Aiden continua com a coxa quase colada à minha e o braço ao meu redor.

Longe de mim reclamar, é claro.

— Vai querer alguma coisa? — pergunto.

— Um suco natural, tem? — Faço que sim e eles curva os lábios em surpresa. — Que milagre.

Sorrio.

— O quê? Achou que aqui eles só servem refrigerante e suco artificial?

— Exatamente.

Rio baixinho.

— Tá vendo como você julga demais? — repreendo. — Qual sabor? Tem morango, laranja, limão...

— Limão.

Torço o nariz, desaprovando completamente sua escolha.

— O pior.

— O mais saudável — corrige e eu reviro os olhos.

— Certeza que se tivesse um *suco detox* aqui você iria querer.

Ele sorri, a ponta dos seus dedos calejados roçando em meu ombro e seu corpo próximo ao meu. Essa aproximação toda será a causa do meu infarto precoce, pode apostar.

— Bom saber que me conhece, princesa. — Ele aperta a ponta do meu nariz. — Já escolheu?

— Uhum. — Mostro a imagem do que optei para ele. — Esse Shake Shack aqui.

— Tem a opção vegetariana — observa —, por que não pede?

— Porque é ruim — respondo, fazendo cara feia.

Aiden emite um estalo com a língua, murmurando uma reclamação que eu não dou a mínima, e chama um garçom diferente do anterior para que eu informe o pedido. Alguns minutos depois ele volta com o meu hambúrguer, acompanhado de um suco de morango e um transparente, com pedaços de limão. Aiden não tira o braço de onde está nem para pegar o suco, preferindo usar a mão esquerda.

Isso me deixa em um estado muito perigoso.

— Quer provar? — indago, retirando o hambúrguer da embalagem enquanto ele beberica o líquido azedo.

— Não mesmo.

Faço um biquinho.

— Só um pedaço...

— Não.

— Por favor...

— Nem morto.

Solto uma respirada profunda, mas não me dou por vencida.

— É uma delícia.

— Que bom.

Que homem difícil!

— Não quer mesmo?

— Não.

Bufo.

— Tá bom, então vai ficar sem selinho hoje. — Viro para frente, abocanhando meu lanche e comprovando que ele está mais parecido com a oitava maravilha do mundo do que qualquer outra coisa. — Nossa, que gostoso — murmuro, de boca cheia.

Escuto a risada de Aiden e logo depois seu polegar toca o canto da minha boca, limpando o molho. Estremeço todinha ao, de soslaio, visualizá-lo levando o dedo aos lábios.

Cruzo as coxas um pouquinho mais forte.

— Aquela coisa de sem selinho... É sério? — pergunta, o receio emoldurando sua voz.

Aquiesço, satisfeita por conseguir atingi-lo.

— Seríssimo.

Ele suspira, certamente me odiando agora.

— Sua carta de demissão estará te esperando amanhã. — Quase me engasgo com a risada. — Me dá logo isso.

Com um sorriso satisfeito, afasto mais um pouquinho do papel e levo o hambúrguer em sua direção. Ele manifesta uma careta como se fosse um bicho venenoso, mas abre a boca e arranca um pedaço minúsculo.

— Ora, ora, ora, se não convenci o dr. Fitness a comer algo que foge completamente da sua dieta — debocho, vendo-o mastigar. — E aí? Uma delícia, não?

— Vai se foder — resmunga, engolindo o pedaço de pão e limpando o cantinho da boca com a língua.

Poderia ser a minha, mas tudo bem.

— Gostou? — pergunto, esperançosa.

Aiden estreita os olhos.

— Não sei. Peguei um pedaço muito pequeno e não consegui sentir o sabor direito.

Ergo as sobrancelhas, perplexa.

— Quer mais?

— Só para testar e poder te dar uma resposta concreta.

Assim, sem esperar que *eu* lhe ofereça, ele pega o hambúrguer com as mãos e abocanha. *Com gosto.* Arregalo os olhos, chocada com a cena que se desenrola bem aqui.

— Gostou? — inquiro outra vez.

Ele termina de engolir e nega.

— Não, muito ruim.

Me abro em uma gargalhada.

— Ruim? Sério?

— Uhum — continua mentindo, ao mesmo tempo que come mais um pedaço de carne com molho. — Horrível.

Meu coração meio que se derrete ao vê-lo parecendo uma criança saboreando um novo tipo de comida. Fala sério! Eu nem estou com raiva por ele estar acabando com o meu lanche.

— E por que continua comendo?

— Estou te poupando dos malefícios que isso causa.

Dou risada.

— Nossa, você é tão preocupado — ironizo.

E eu quero tanto te beijar agora.

Aiden assente e, quando decide parar de comer, meu sanduíche não passa de uma bolinha de massa pequena. Eu não aguento e rio alto, querendo tanto beijar as bochechas vermelhas sob sua barba que eu fico sufocada.

— Quer outro? — questiona baixinho.

Ai, acho que vou chorar de amores. Que droga!

— Acho que vou querer, sim. — Anuo, afastando o cabelo do rosto. — Pode terminar de comer.

Aiden me olha.

Olha para o lanche.

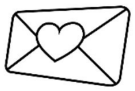
Depois para mim de novo.

Ah, foda-se!

Me inclino para frente e dou um beijo demorado na sua bochecha, inalando o aroma gostoso do seu creme de barbear.

— Termina logo de comer isso. E para de fingir que não gostou.

Suas pupilas dilatam, tomando suas íris inteiras, deixando apenas um aro azul fininho. Nervoso, e eu super feliz por ter a capacidade de deixá-lo assim, Aiden chama o garçom novamente e, enquanto ele não traz um novo para mim, eu me satisfaço com a visão dos céus que é Aiden Bellini com as bochechas cheias.



Aiden está tenso.

Eu estou tensa.

E tudo isso pelo único motivo: é fim de noite, todos estão dormindo, e ele veio me deixar na porta do meu quarto.

— Obrigado por hoje — ele é o primeiro a falar. — Eu adorei.

— Não por isso. — Sorrio, minhas mãos suando. — Eu… hum… — Aponto para dentro do quarto. — Sabe… Eu vou… — minha frase se perde no ar.

Ele sorri e nega com a cabeça. É nesse momento que minha pressão cai.

— Está esquecendo de uma coisa, princesa…

Puta merda, estou hiperventilando.

— Esqueci, foi? O quê?

Aiden dá risada e deita a cabeça para o lado, me analisando.

— Princesa… — Desce os olhos para os meus lábios. — Se quer saber, eu fui ótimo na reunião.

Sorrio.

— Foi, é? Que bom. — Aos poucos, a aflição vai sumindo, dando lugar à velha e ousada Faith Mackenzie. — Mas acho que terá que fazer mais do que isso para ganhar um beijo meu…

— Porra, linda, você é muito má comigo. — Ele prensa meu corpo contra a parede. — Não aja como se também não estivesse louca para me beijar.

— Sabe que é apenas um selinho, não sabe?

— Eu passo vinte e quatro horas pensando no contato da sua mão na minha, Faith, imagine só o que um selinho seria capaz de fazer.

Direto, sem hesitar.

Estou adorando nossa nova dinâmica, tenho que admitir.

— Isso é tão errado, Aiden… Eu sou sua funcionária.

— Nós somos a coisa mais certa pra mim. — Ele passa o polegar pelo contorno dos meus lábios. Ofego. — Um selinho. É tudo de que preciso.

Ah, droga. Que se dane. Eu quero beijá-lo. Ele também quer. O que nos impede?

Abro a porta do quarto e o puxo um pouquinho mais para dentro.

— Não quero que ninguém nos veja. — Fico na ponta dos pés e entrelaço os dedos em sua nuca.

— Eu sou seu segredinho sujo, srta. Mackenzie? — pergunta, passando um braço por minha cintura e espalmando uma mão quente e forte no meu pescoço.

Me transformo em geleia.

— Quase isso — confirmo. — Imagine só se descobrissem que a garçonete está prestes a dar um selinho no seu chefe.

— Imagine só como essa foto sairia nas manchetes — devolve, aproximando nossos rostos. — Para de enrolação, princesa.

— Por que eu tenho que tomar a iniciativa?

— *Faith.*

Aff, eu adoro quando ele faz isso.

Aprumando minha coluna e fincando as pontinhas dos meus pés no chão, ao passo que acaricio os fios de sua nuca e vejo-o arfar, vou tecendo beijos em sua mandíbula, arrastando os lábios por ali preguiçosamente, arrancando-o suspiros prazerosos e que fazem meu estômago revirar. Beijo seu queixo coberto pela barba por fazer, sentindo-me salivar de desejo.

— Princesa, vamos logo…

— Tão impaciente — sussurro contra sua boca, puxando seu lábio inferior entre os dentes. Aiden estremece, enlaçando minha cintura com mais força. — Hum…

— Faith Mackenzie, se você não me der a porra desses selinho nos próximos dois segundos eu juro que…

Ele não precisa falar mais nada.

Antes que Aiden possa puxar fôlego, eu dou fim à distância insuportável entre nós.

Voilà, senhoras e senhores.

Os lábios macios de Aiden Bellini, meu chefe, estão sobre os meus.

E é a melhor coisa do mundo.

Suas mãos sobem até minhas costas e me puxam para me ancorar mais a ele, em uma tentativa de colar cada minúscula parte que nos compõe.

Nossas bocas estão encaixadas, se movendo lentamente. Sem língua, sem desespero. Apenas um selinho suave e demorado. E, mesmo assim, eu sinto como se estivesse havendo uma explosão dentro de mim.

Meu coração está acelerado junto ao dele. Estamos arfantes, como se tivéssemos corrido uma maratona. Quem nos visse agora iria pensar que acabamos de subir pelas paredes. Mas não.

Eu só dei um simples selinho no cara que tem roubado meus pensamentos dia e noite. *Dá para acreditar?*

— Princesa… — Espalma uma mão na parede, ao lado da minha cabeça, segurando meu rosto para pressionar ainda mais nossos lábios. — Meu Deus…

Puxo o ar para os meus pulmões, meus lábios coçando como se isso não fosse o suficiente.

— Aiden… — choramingo, juntando todo o meu autocontrole para me afastar. — Não podemos. Não agora.

Ele passa a língua nos lábios, provando o sabor de menta do meu gloss, o peito arquejante.

— Você me deixa louco, Faith — sussurra.

— É melhor você ir. — Pigarreio, minha pele queimando. — Antes que eu alguém nos veja.

Aiden balança a cabeça, claramente a contragosto. Não é a reação que ele esperava, só que, cacete, eu não posso cometer uma besteira impensada.

— Amanhã de manhã iremos partir. Esteja pronta.

Aquiesço, evitando seu olhar, porque não estou sabendo lidar com minhas próprias emoções agora.

Parecendo querer dizer mais, porém sem minha atenção total sobre si, ele desiste e dá um último aceno, se perdendo pelo corredor.

A noite não terminou como nós dois imaginávamos. Mas o que eu posso fazer se, ao beijá-lo, eu me dei conta da última coisa que estava planejando por um bom tempo?

27

Faith Mackenzie



Eu já fiquei com um total de trinta e cinco homens — sim, estão todos contados — em toda a minha vida desde que descobri o significado de me relacionar carnalmente com outra pessoa. Alguns foram apenas beijos, e outros algo mais quente.

E eu digo, com total propriedade, que nenhum, com seus beijos cheios de língua e sexos avassaladores — na cabeça deles — conseguiram me proporcionar nem um por cento do que Aiden conseguiu com apenas um mísero selinho.

Minha boca está formigando desde a hora que ele saiu. Meu corpo se encontra em chamas, pois é impossível parar de pensar no que aconteceria se eu me deixasse levar. Estou inquieta, porque… se um simples toque de lábios me deixou assim, o que irá acontecer se nos beijarmos de *verdade?*

Deus, isso é tão proibido. Tão errado e ao mesmo tempo tão certo.

Eu me sinto em casa com Aiden. Ele me desperta sensações há muito tempo adormecidas. É maravilhoso na mesma proporção que é

apavorante. Só que, como eu disse, meu chefe é como uma droga viciante, e mesmo que eu saiba que devo largar, que não é correto, eu não consigo.

E nem sei se quero.

Arrumando as malas, cantarolo Bon Jovi baixinho. *Always,* para ser mais específica, e não posso evitar de sorrir feito uma boba e suspirar com as lembranças no metrô.

O jeito que Aiden completou a música. A forma como me olhou…

A propósito, eu já disse que adoro a maneira como ele me olha? Não sei o que significa, mas mexe muito comigo. Por vezes, vou dormir pensando na imensidão que é sua íris da cor do mar e tudo o que Aiden esconde por trás deles.

Sacudo a cabeça.

Não é hora de agir como se eu estivesse apaixonada por ele, porque não estou.

O relógio aponta quase meia-noite. Estou sonolenta pelo dia intenso que foi hoje. Amanhã de manhã irei passar na praia antes de voltarmos à Seattle, pois não faço ideia de quando terei a chance de admirar um mar tão bonito quanto o de San Diego de novo.

Termino de guardar tudo o que trouxe — que não foi pouco —, coloco a mala ao lado da cama e subo no colchão, trajando apenas uma lingerie curta — *Aiden bem que podia aparecer* —, e pego o celular que estava carregando na cômoda, atualizando as mensagens.

A maioria é do meu irmão perguntando se está tudo certo e como vão as coisas com meu chefe. Respondo que estou bem e que as coisas estão indo melhores do que nunca, contudo que, talvez, possamos ter tido um regresso em razão de um *leve* acidente.

Que eu daria tudo para repetir, diga-se de passagem, e dessa vez envolvendo línguas, dentes e mordidas.

Outras coisas mais comprometedoras também estão incluídas no pacote, tipo eu e Aiden do jeitinho que viemos ao mundo nos embolando na cama.

Uh, que calor.

Jogo o celular no colchão e faço o mesmo com o meu corpo, encarando o teto. Não sinto um pingo de sono, mas sei que mais tarde o dia será longo e que não posso me dar ao luxo de não estar descansada. Por isso, mesmo a contragosto, me remexo na cama até encontrar uma posição que me agrade — de bruços, um braço debaixo do travesseiro e uma perna quase para fora da cama — e relaxo.

Fecho os olhos, balanço os pés para o cansaço vir mais rápido e até conto carneirinhos para cansar minha mente. Adianta? Não.

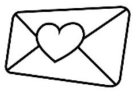
Estou no centésimo nono carneirinho e, surtindo o efeito completamente contrário, a demora a pegar no sono contribui para que eu pense em coisas que, nesse horário, deveria ser proibido.

Como por exemplo, as mãos ásperas de Aiden passeando por minhas pernas, levantando a barra do meu vestido, sussurrando malícias no meu ouvido com sua voz grave e sexy.

Eu gemo baixinho, não sei se de frustração ou de vontade de dar a volta em todo esse hotel, arrombar a porta do seu quarto e pular no seu pescoço. Seja o que for, está me perturbando. Fantasiar com Aiden e começar a alucinar não estava nos meus planos quando entrei para a Bellini 's Café.

Dou um salto irritado da cama. A passos duros, vou para o banheiro, tiro minha roupa e me enfio debaixo do chuveiro gelado. A temperatura mais congelante disponível.

Sinto que vou precisar de muito desses enquanto conviver com ele.



Esse metrô é ainda mais lindo que o outro.

É enorme, com vários compartimentos, vagões, turistas e muita, muita música. Além de bem mais agitadas, elas são *ao vivo*. Há um grupo de músicos, no meio do metrô cantando, tocando e dançando. Algumas pessoas se juntam a eles, alegres e dispostas. Eu abro um sorriso enorme com a cena, admirando-os.

— Acho que não tivemos tanta sorte com esse — Aiden murmura ao meu lado, claramente odiando toda essa agitação.

— O quê?! Eu adorei! — falo ao pé do seu ouvido para que possa ouvir.

Aiden faz uma careta.

— Não, Faith. Eu passei a noite acordado e estava esperando ter descanso ao chegar aqui. — Bufa, zangado. — Essa barulheira não vai ajudar em nada.

Dou uma respirada profunda, percebendo que estamos um pouco mais distantes um do outro do que o habitual. E não estou falando fisicamente.

— Por que passou a noite acordado? — questiono, seriamente preocupada.

Não é a primeira vez que ele cita algo do gênero, sobre amanhecer o dia por conta do trabalho, e embora eu seja hipócrita nesse quesito — levando em conta que faço a mesma coisa —, tenho consciência dos riscos que isso traz a saúde e não gosto da ideia de que Aiden está fazendo um mal a si mesmo.

— Não importa — responde, seco.

Droga.

— Vamos começar com isso de novo?

— Não estou começando com nada, Faith.

— Você está bravo.

— Não estou, apenas cansado. Quero dormir e a merda dessa música não vai deixar.

Nossa, eu realmente odeio isso.

— O que está te incomodando?

— Já falei que nada, Mackenzie.

Me sinto murchar por dentro.

— É sobre ontem?

— Não aconteceu nada ontem.

Ele fecha os olhos, como se tivesse se arrependido imediatamente da aspereza de suas palavras. Mas é tarde demais, o estrago já está feito.

Não aconteceu nada ontem.

Nada.

Eu rio amargamente, sem acreditar no que ouvi. Então quer dizer que nossa saída ao cinema, a felicidade que senti ao vê-lo sorrindo, as provocações, a porra do beijo, não significaram *nada* pra ele?

— Vou para o quarto — anuncio simplesmente. Sem discutir, sem criar uma cena, sem alterar a voz. — Quando estiver pensando melhor e decidir parar de agir feito um babaca do caralho, me avise. Não estou com saco pra isso.

As lágrimas se formam em meus olhos, mas luto contra elas. Me recuso a deixar que Aiden veja o quanto o que disse me chateou. Meu chefe abre a boca para falar algo que, agora, não quero ouvir, então simplesmente

passo por ele e caminho em direção ao corredor cheio de pessoas, procurando pelo quarto o qual, infelizmente, iremos dividir.

Não suporto essa fase dos relacionamentos — seja amorosa ou apenas amizade —, onde estamos bem, parece que nada pode nos abalar, mas daí acontece um terremoto e, *booom*, vai tudo por água abaixo! É quase o que está acontecendo entre nós agora. Essa sua mania de querer guardar tudo para si e acabar descontando sua irritação no primeiro que vê é desgastante.

Sento na beirada da cama, correndo os dedos por meus fios e expelindo o ar dos pulmões. Não consigo compreender como alguém pode ser tão caloroso e tão frio em um piscar de olhos. Será que ele ainda não entendeu que não precisa erguer esses muros à sua volta comigo? Sério, achei que tivesse deixado isso muito claro, mas parece que não, visto que ele continua pisando na bola sobre a mesma coisa.

Minutos mais tarde, escuto a música agitada do lado de fora ser substituída por uma mais calma. Ninguém está cantando, somente a melodia dos acordes ressoa no ambiente. É I'll Be There For You, do Bon Jovi. Sei porque meus pais viviam dançando pela casa enquanto escutavam, como dois adolescentes apaixonados. Quem via de fora, nem imaginava que eles estavam há mais de vinte e cinco anos juntos. Era lindo. Não sei como namorei Hawking tendo meus pais como idealização de um namoro e casamento bem-sucedido.

Meus pensamentos se dispersam quando a porta se abre e Aiden, hesitante, entra. Fecho a cara rapidamente.

— O que você quer?

— Te pedir desculpas — sussurra.

Rio com amargura.

— Não vai rolar.

— Princesa…

— Não me chame disso.

Aiden solta um suspiro demorado e entra no quarto, contornando a cama. Cruzo os braços quando ele para à minha frente.

— Eu não quis dizer aquilo.

— Ultimamente você parece não querer dizer muita coisa — alfineto, encolerizada.

Ele engole em seco e assente, me assustando ao se agachar na minha frente para que seu rosto fique rente ao meu.

— Quer saber o porquê eu não consegui dormir a noite inteira?

— Não.

Aiden ri.

— Não mesmo? — Meneio a cabeça em negativa, teimosa. — Tudo bem, mas eu vou dizer mesmo assim.

— Saiba que nada do que disser vai justificar o que fez — devolvo. — Você me tratar mal sem motivo algum *nunca* terá justificativas.

— Faith, eu sei que não. — Ele passa a língua nos lábios, amuado. — Eu só não consigo lidar com tudo o que você me causa, nem com o fato de que passei a noite inteira só pensando no nosso beijo e em como você agiu de forma indiferente depois.

Levanto os olhos para ele.

— Como assim?

— Você agiu estranho depois, como se tivesse se arrependido. Não consegui parar de pensar nisso.

Eu passei essa impressão para ele? Logo eu?!

Fiquei meio afetada *demais* pelo que aconteceu e minha agitação deve ter passado a impressão errada, admito, mas poxa?! Eu que dei a ideia

desse selinho idiota! Como poderia ter me arrependido?

— Não foi o que aconteceu — digo, ríspida.

— Não? — Mais uma vez, nego com a cabeça. — Então por que agiu daquela forma?

— Aiden, pelo amor de Deus, que pergunta idiota! — exclamo, irritadiça. — Você é meu *chefe*, esqueceu? E eu te *beijei*. Não vê o quão bizarro isso é?

— Bizarro o suficiente para não querer repetir nunca mais?

Eu me calo.

Nossa, eu me calo *de verdade*.

Um sorriso cegante é plantado no rosto de Aiden.

— O que eu tenho que fazer para tirar esse bico do seu rosto?

— Sumir da minha frente? — dou a solução, arisca, o que o faz rir ainda mais.

— E seu eu te chamar para dançar?

Franzo o cenho.

— Você não é do tipo que dança.

— Não sou mesmo, mas veja só a quantidade de coisas que eu viro quando estou com você. — Ele levanta. — Cozinheiro, comprador de produtos de cabelo, cantor, dançarino… A lista só aumenta.

Comprimo os lábios para não sorrir.

— Foi você quem pediu para trocar a música?

— Uhum, e acho que você deveria me conceder uma dança só pela humilhação que foi ter que falar com eles. — Aiden estende sua mão. — Por favor, princesa.

— Ainda estou irritada.

— É a coisa mais sexy do mundo.

Semicerro as pálpebras, reprovando-o.

— Só uma música — eu determino e me ponho de pé.

— Como a senhorita quiser.

Emburrada, eu deixo que ele, em um movimento ágil, me puxe pela cintura e me leve, com nossos corpos colados um no outro, ao local em que muitos casais aproveitaram o clima romântico para dançarem com seus pares.

— Veja só o que você fez — murmura no meu ouvido, me arrepiando inteira. — Por causa da sua demora, agora todos estão dançando uma música que deveria ser nossa.

— Deveria, é? Não lembro do Bon Jovi ter feito uma canção exclusiva para nós.

A risada de Aiden ecoa no meu peito.

— Você é chata pra cacete, princesa — sussurra. — Mas as piores sempre fizeram o meu tipo.

Suas mãos me levam ainda mais para perto, induzindo-me a contornar seu pescoço com meus braços, de modo que meus seios ficam espremidos contra seu peitoral.

— Eu deveria mandá-lo cantar? — Finca os dedos na minha cintura, enviando uma onda de temores para todas as minhas células.

Eu nego lentamente, começando a me envolver.

— Não, está bom assim.

É impossível *não* se envolver. Não quando parece que o mundo ao redor se estilhaça em vários pedacinhos e existe apenas eu, Aiden e a melodia suave de uma das canções mais lindas. É impossível não se envolver quando Aiden me traz para mais perto dele, como se quisesse nos

unir até o último átomo. É impossível não se envolver quando ele pousa o queixo no topo da minha cabeça e me conduz ao ritmo da música.

Em passos lentos para lá e para cá.

Eu me rendo, inspirando seu aroma gostoso e a sensação deliciosa de tê-lo praticamente me abraçando, ao passo que cantarola a música baixinho.

Ele segura minha mão e me faz rodopiar. Dou duas voltinhas no lugar, com um sorriso abobalhado, e torno a enlaçar sua nuca com os dedos entrelaçados. Ficamos cara a cara, sorrindo um para o outro, e por um segundo cogito me erguer um pouquinho mais e beijar seus lábios, que parecem implorar por isso.

— Não sabia que dançava tão bem, sr. Bellini — observo, serena. A raiva já se dissipou há muito.

— Estou com a melhor professora, srta. Mackenzie.

Outra troca de olhares.

Outros sorrisos.

Estou caindo de cabeça nisso, morrendo de medo de não tê-lo para me segurar no fim.

Eu o quero como nunca quis qualquer outro cara, e isso é razão suficiente para me fazer temer as consequências.

Há tantas coisas que podem dar errado. Há tantos sinais de que acabarei com o coração quebrado. Entretanto, aqui, nesse momento, me sinto segura em seus braços. Não desejo ir para nenhum outro lugar que não seja eles.

Eu deito a cabeça em seu peito, suspirando longamente. Ele acaricia minhas costas, depositando um beijo casto na minha cabeça.

— O que nós estamos fazendo, Aiden? — pergunto baixinho.

— Não sei, princesa — diz, sincero, arrastando os lábios pelo topo da minha testa. — Mas eu não quero parar.

Abraço-o mais forte, precisando de aconchego.

— Eu também não.

A confissão sai baixa, quase sussurrada, dita apenas para mim.

Mas a confirmação de que preciso para saber que ele escutou é seu coração, que parece ganhar vida.

28

Faith Mackenzie



O trajeto de volta para casa foi tranquilo, embora mega cansativo e eu tenha passado a maior parte do tempo dormindo. São dez horas da manhã quando finalmente chegamos em Seattle. Por mais que eu tenha amado a viagem, nada supera o conforto do meu apartamento e da minha cidade.

Tiro os meus sapatos e me jogo no sofá, os músculos tensos dos meus ombros imediatamente relaxando. Deixo que todo o oxigênio preso nos meus pulmões saia pela boca, minha mente me levando para outros lugares.

Aiden e eu estamos bem, mas algo mudou. É como se depois daquela dança, das nossas pequenas confissões, o vínculo entre nós tivesse se estreitado. Eu o sinto em cada átomo do meu corpo agora. Seu cheiro ainda está impregnado em mim. Seus lábios na minha testa me tiram a paz. O que disse enquanto dançávamos não sai da minha cabeça um só minuto. Me perturba pensar que estou sentindo algo muito além em relação ao meu

chefe. Algo que, até um tempo atrás, eu estava repudiando por completo e fugindo o máximo que conseguia.

E se você estiver apaix…

Eu grunho em cima da almofada antes que o pensamento possa se completar.

Não quero pensar nisso. Não quero que isso seja uma mera possibilidade.

No entanto, você sabe que é.

Argh! Droga de subconsciente falante.

A verdade é que depois de Hawking eu tentei manter uma relação com outras pessoas, mas nenhuma deu certo. Por mais legal que o cara se mostrasse, eu sempre acabava conseguindo detectar algum traço de personalidade que me lembrasse minimamente do meu ex e me afastava por completo, inventando alguma desculpa sobre “não estar a fim de um namoro no momento”.

Minha antiga psicóloga afirmou que eu estava procurando motivos, por menores e mais insignificantes que fossem, porque eu tinha medo de me entregar outra vez. Entretanto, admitir isso era difícil.

Eu neguei na hora, é claro. Na minha concepção, eu não tinha *medo* de me entregar, me apaixonar ou seja lá o que fosse. Na época, eu tentava acreditar que estava muito ocupada para pensar em algo tão sério. Contudo, a ficha foi caindo aos poucos, até eu me dar conta de que, sim, meu maior problema era o temor desproporcional de passar pelo que passei com Hawking de novo.

Ser traída inúmeras vezes e ter a ingenuidade de perdoar todas;

Ser diminuída a nada na frente de seus amigos *e* quando ninguém estava vendo;

Ter que tolerar seus surtos enquanto bêbado;

Ter que vestir uma roupa diferente porque aquela estava me deixando “oferecida demais”;

E o pior, ser proibida de falar com meu irmão por causa de um ciúme doentio dele.

Hawking nunca chegou a me agredir fisicamente, deve ter sido por isso que eu deixava passar tanta coisa. Ainda assim, suas palavras me cortavam feito uma faca afiada, atravessando meu coração e rasgando cada pedacinho da minha alma. Eu o amava, ou pelo menos *achava*, e tinha certeza de que ele voltaria a ser o homem que era nos nossos primeiros dois meses de namoro.

Cavalheiro, educado, romântico… A lista era grande.

Fui tola de acreditar. Querendo ou não, todos os sinais sempre estiveram presentes. Meio camuflados, mas eram nítidos para os de fora, tanto que sempre recebia um alerta de meus colegas e *sempre* pensava que eles queriam apenas nos separar.

Eu tenho vários motivos para me distanciar de Aiden, tal como fiz com todos os outros. A diferença é que nenhum deles me fez sentir como ele faz diariamente. Nenhum baixou sua guarda e me permitiu ver mais do que aparentavam em público. Nenhum foi tão real comigo como ele é.

E, singularmente, nenhum deles me olhava como Aiden me olha.

Ou sorriam para mim como meu chefe sorri.

Ou me chamavam para dançar e faziam o mundo inteiro sumir ao nosso redor.

Meu coração galopa dentro da caixa torácica e meus lábios repuxam inconscientemente para cima.

Aquele homem me faz cogitar a ideia de despir meu coração e deixá-lo entrar. Isso me apavora, mas inacreditavelmente não tanto. Aiden me faz um bem sobrenatural, e, por vezes, me pego criando cenários onde somos um casal e como eu amaria beijá-lo sem ser estranho e fazer todas aquelas coisas que casais fazem.

Seríamos uma dupla e tanto.

O barulho de mensagem do meu celular me tira do torpor. Deitando de costas, apanho o aparelho do bolso e me deparo com uma mensagem do meu irmão.

Maninho: *Oiii, já chegou?*

Eu: *Oi, Thomas. Cheguei sim.*

Eu: *Faz pouco tempo, na verdade.*

Eu: *Estava descansando.*

Maninho: *Certo, só estava me certificando de que minha irmã continua viva.*

Dou risada.

Eu: *Vivíssima, maninho.*

Maninho: *Ótimo.*

Maninho: *Alguma atualização sobre seu chefinho?*

Eu: *Hum… Nenhuma.*

Maninho: *Sério mesmo?*

Não gosto de mentir para o meu irmão, mas conhecendo-o bem, sei que ele vai surtar até a morte se souber o que aconteceu, e não quero

alimentar esse sentimento com Thomas me dando esperanças.

Eu: *Sério mesmo.*

Maninho: *Você não está me convencendo.*

Por que ele tem que me conhecer tão bem?

Eu: *Tá.*

Eu: *Tudo bem.*

Eu: *Tenho atualizações, mas não exatamente como você imagina*.

Maninho: *Ah, cacete… Vocês brigaram?*

Eu: *Também, mas já nos resolvemos.*

Maninho: *Ufa, pensei que fosse ser obrigado a aguentar você se lamuriando pelos cantos.*

Reviro os olhos.

Eu: *Cala a boca, quer saber ou não o que aconteceu?*

Maninho: *Óbvio que eu quero.*

Eu: *Certo, vou te ligar.*

No primeiro toque, ele atende.

— *Se está me ligando é porque algo de muito importante aconteceu.*

— Digamos que sim. — Suspiro. — Um passo importante para o meu relacionamento com ele, eu diria.

— *Relacionamento, é?* — Noto a zombaria em sua voz.

Bufo.

— Você entendeu.

— *Certo, continue.*

Limpo a garganta.

— Acho que nos aproximamos muito nessa viagem. Conversamos mais, nos abrimos um pro outro…

— *Flertaram* — completa e eu sorrio, boba.

— Isso também — confirmo. — As coisas subiram para um nível tão elevado que, bem… não sei como dizer com clareza, mas saímos à noite para ir ao cinema e, quando ele foi me deixar no quarto de hotel, nós…

— *VOCÊS SE BEIJARAM?!* — grita.

Afasto o celular da orelha.

— Foi apenas um selinho — murmuro. — Não qu…

— *VOCÊS DERAM UM SELINHO?! BOCA COM BOCA? VOCÊS DOIS? ENCOSTARAM A BOCA?*

Eu gargalho alto.

— Exatamente.

— *MEU DEUS* — berra. — *TÁ FALANDO SÉRIO?*

— Você está reagindo como se a gente tivesse feito algo mais comprometedor, Thomas.

— *PUTA MERDA, FAITH, VOCÊ BEIJOU SEU CHEFE. COMO ISSO NÃO PODE SER COMPROMETEDOR??*

Eu rio.

— Dá pra parar de gritar?

Thomas pigarreia.

— *Desculpa. Enfim, acho que vou ter um infarto.* — Posso claramente vê-lo pondo a mão no peito. — *Como você está se sentindo*

sobre isso?

Sua pergunta me pega de jeito.

— Como estou me sentindo?

— *Uhum.*

Solto uma longa suspirada.

— Estranha — admito. — E leve. Bem, até.

— *“Leve” e “bem” em que sentido?*

— No sentido de… — Passo a língua nos lábios. — De não me sentir desconfortável com ele. De sempre querer passar mais um tempo ao seu lado. De querer descobrir mais. De… Ah, Thomas…

— *Você está gostando do seu chefe?*

Respiro fundo.

— Estou — sussurro.

— *Apaixonada?*

— N-não. Isso não.

— *Isso é a realidade ou o que você quer acreditar?*

— Thomas…

— *Não, Faith, estou falando sério* — me corta. — *Você não acha que já está há muito tempo se privando da sua felicidade? Quer dizer, poxa… é a primeira vez que eu te vejo falando tão abertamente sobre alguém. Podemos não ser gêmeos, maninha, mas eu sinto todas as suas emoções, e sei que, nesse momento, você está caidinha por ele, só não quer admitir porque tem medo. E esse é o problema. O medo que você sente te estagna no lugar. Isso não é saudável.*

Puxo uns fiapos de linha da minha calça, tendo a sensação de que acabei de levar um soco.

— O que você quer que eu diga, Thomas? Que estou apaixonada?

— Quero que pare de fugir. Que simplesmente deixe acontecer. Se o sentimento vier, e você souber que ele veio, não negue ou, como você sempre faz, se afaste.

— Você sabe dos meus motivos.

— Sim, eu sei, e te entendo, mas vai ficar vivendo às sombras daquilo até quando? Hawking te machucou e agora vai deixar que ele te domine pelo resto da vida? Não faz sentido.

Lágrimas começam a se formar no canto dos meus olhos.

— Não é fácil assim — murmuro, a voz embargada.

— Maninha, eu vou chorar também — diz, e vindo dele, não duvido nada. *— Eu sei que não é fácil, mas deixa as coisas fluírem. Se rolar de vocês se beijarem, faça isso sem pensar nas consequências. Se seu coração bate mais forte quando está com ele, aproveite a sensação.*

— Aonde tá aprendendo essas palavras difíceis?

— Faith.

Sorrio, uma gotícula de água escorrendo por minha bochecha.

— Ele me faz um bem enorme — conto, meu estômago sendo tomado por borboletas. — Adoro conversar com ele, adoro quando ele me provoca ou quando estamos juntos. A questão é que, Thomas, ele é meu chefe. Querendo ou não, isso é errado.

Meu irmão bufa audivelmente do outro lado.

— Aaaah, era só o que me faltava. Esse vai ser o empecilho que você vai colocar pros dois não darem certo?

— Não é eu que estou colocando, é um fato.

— A empresa tem alguma cláusula que impede vocês de se relacionarem?

— Não que eu saiba, mas…

— *Então pronto. Pare de querer inventar o que não existe. Vocês podem ocupar cargos bem diferentes, mas ainda são pessoas que possuem sentimentos.*

— Ele também é bem mais velho.

— *Eu vou matar você.*

Rio alto.

— É brincadeira. Na verdade, eu adoro zoar a idade dele. É o ponto alto do meu dia.

— *Você não presta.* — Thomas ri. — *Aproveita, Faith. Ele é o único cara desses que você saiu que tem a minha aprovação, então, se eu fosse você, não o deixaria escapar.*

— Não parou para pensar que ele pode não gostar de mim?

O questionamento tem um gosto amargo na minha língua.

Thomas libera um riso nasalado.

— *Isso não é nem uma opção.*

— Como você sabe?

— *Simplesmente sei. Homens sabem ler outros homens.*

— Aham — debocho.

— *É sério* — exclama. — *Agora tenho que ir. Combinei de ter um dia de casal com a Stacy.*

— Fofos.

— *Não fique com inveja. Daqui a pouco será você e Aiden.*

Meu coração dá um salto.

— Não enche — resmungo.

Ele gargalha.

— *Tchau, maninha!*

Logo que Thomas desliga, a realidade me acerta em cheio.

Estou gostando de Aiden, provavelmente muito mais do que isso.

Do seu cheiro.

Dos seus lábios.

Do seu sorriso.

Da coloração dos seus olhos e como eles podem dizer tudo se prestar bem atenção.

E, dessa vez, não irei fugir de nada disso.

29

Faith Mackenzie



Voltar aos trabalhos é estranho depois de tudo o que aconteceu nas minifériasque tivemos.

Especialmente encarar Aiden com sua costumeira expressão rabugenta e vestido de um terno caríssimo, passando por nós a fim de nos inspecionar, como sempre faz.

Foi em uma dessas “inspeções”, aliás, que tivemos a terceira demissão da Bellini 's Café, no mês passado, por comportamento inapropriado, por isso, mesmo não fazendo nada de errado, um arrepio gelado corre por minha espinha.

Se Aiden seria capaz de me demitir? Eu não sei e não tenho pretensão nenhuma de descobrir. Ele parece virar outra pessoa quando está assumindo o cargo de CEO, então só Deus sabe o que ele pode fazer. O homem leva o trabalho bem a sério, então é certo que eu receberia a devida punição se fizesse algo errado.

— Ele é tão chato. — Lizandra, uma das garçonetes mais recentes, bufa ao meu lado. — Quem dera se aquele gatinho do Lance não fosse CEO

no lugar dele.

Aperto o avental entre os dedos, subitamente enfurecida.

— Ele é chato porque está fazendo o trabalho dele?

— O trabalho dele é ser insuportável o tempo todo? — rebate, enrolando uma mecha de cabelo nos dedos. — O que tem de gostoso tem de idiota.

Pronto, agora além de *colérica,* estou enciumada.

— Nosso chefe é profissional. O trabalho dele não é ser Miss Simpatia, Lizandra. Ele está aqui para direcionar e cuidar da empresa.

— Mesmo assim… Lance saberia fazer tudo isso e ser bem mais simpático.

Fecho as mãos em punho, respirando fundo.

— Se o sr. Logan decidiu que Aiden herdaria o lugar dele é porque ele sabia da capacidade do filho.

A mulher de cabelos pretos alça uma sobrancelha para mim, desconfiada.

Droga, eu sou tão óbvia.

— Por que está toda na defensiva? Por acaso você faz parte do time de funcionárias que nutrem uma queda pelo chefe?

Está mais para um penhasco, isso sim.

— O q-quê? — Desvio o rosto do seu, me concentrado no fluxo de pessoas que entram e saem da cafeteria. — Não nutro uma queda por ninguém.

Lizandra morde o lábio inferior e me dá um empurrãozinho com o braço.

— Relaxa, ninguém vai te julgar por isso. — Ela amarra o cabelo em um rabo de cavalo. — Vocês têm algo sério ou algo assim?

— Por que a pergunta?

— Ele não parou de te olhar desde que desceu. — Sua observação me leva instintivamente a fitá-lo e, bem, ela está certa. De maneira discreta, Aiden não tira os olhos de mim. Minhas bochechas esquentam. — Estou começando a achar que se trata de uma quedinha recíproca.

Pigarreio, enxugando o suor das palmas na minha roupa.

— Não está acontecendo nada disso.

— Jura?

— Uhum.

Ela ri.

— Você mente tão mal. — Balança a cabeça. — Se te conforta, vocês combinam muito.

Eu sei.

— Hum… Obrigada? — Fico sem jeito. — De qualquer forma, não vai rolar nada.

Lizandra dá de ombros.

— Não que eu acredite, mas se você diz. — Ela recebe pratinhos com pedaços de bolo dentro e coloca na bandeja, equilibrando-os em uma mão só. — Você falou como se conhecesse um lado mais legal dele, mas, pra mim, ele continua sendo um pé no saco.

É uma tarefa árdua não se incomodar com seu comentário, então simplesmente aceno e viro o rosto, me concentrando nos cozinheiros que estão terminando de montar um prato para me dar. O dia está tranquilo, nada de extraordinário aconteceu, além da presença fatídica de Sloane me lembrando o tempo todo que não somos mais amigas e da toxicidade que ela emanava enquanto estivemos juntas e eu percebi tarde demais.

Quero conversar com ela, mas não tenho cabeça para isso. Tenho medo do quanto as coisas que ela dirá podem acabar me machucando.

Recebo uma bandeja recheada de lanches apetitosos nas mãos. Meneio a cabeça e giro sobre os calcanhares, borboletando pela clientela até chegar na de número sete. É um grupo de casais bem apessoados que, pelas roupas, devem ter acabado de sair de algum evento importante. O olhar deles me intimida um pouquinho, porém o sorriso de canto de uma mulher que deve ter seus trinta anos me acalma.

— Boa noite, aqui está o pedido de vocês. — Vou tirando cuidadosamente cada prato e organizando no centro da mesa. — Espero que gostem.

Como somente a mulher de sorriso acalentador agradece, eu dou meia-volta, com a bandeja debaixo do braço, e volto para o meu posto até que uma nova demanda apareça. Todas as mesas já estão sendo atendidas, então não há muito a ser feito agora. Olho para o lado, à procura de Aiden, mas ele já subiu.

Que pena, eu estava meio que gostando de tê-lo me observando daquela forma.

Tamborilo os dedos na bancada, ajeito o avental, volto para a cozinha a fim de checar se algo já está pronto, depois retorno até o salão principal e fico nessa até Lizandra aparecer, com o rosto pegando fogo e ofegante.

— O que aconteceu? — indago, alarmada.

— Puta merda. — Abana o pescoço. — Você viu aquele cara da mesa dez?

Eu nego e, no mesmo instante, vou em busca do tal cara. Ele está na mesa mais afastada do pessoal, usando jaqueta de couro, com tatuagens que

sobem até o pescoço e anéis decorando seus dedos, além de ter cabelos ralos e platinados. O homem é lindo, não tem como negar.

— Agora sim. — Viro para ela e, preocupada, questiono: — Ele fez alguma coisa com você?

— Tirando o fato de ter me comido com os olhos? — arfa. — Infelizmente não.

Arqueio uma sobrancelha, divertida.

— Você não presta. — Nego com a cabeça, sorrindo. — Qual é o nome dele?

— Lorenzo. — Molha os lábios. — Mais conhecido como um grande gostoso.

Dessa vez eu rio alto.

— Por que não chega nele? — aconselho, olhando-o de esguelha e reparando que, de fato, não para de encarar a garota ao meu lado. — Parece que alguém está muito interessado…

— Ai, você acha?! — Puxa os fios pretos do cabelo, numa tentativa, imagino, de controlar a euforia. — Ele é tão gato…

— É mesmo — concordo, achando graça.

Lizandra quebra o contato visual entre eles e mira o olhar em mim.

— Me dá um empurrãozinho?

— Você está parecendo um cachorro que acabou de cair da mudança — zombo.

— Acabamos de nos conhecer, Faith. Não me faça falar besteira, por favor.

A risada escapa antes que eu possa segurar, compreendendo bem o que quer dizer.

— Certo. — Cruzo os braços. — Ele já terminou de tomar o café que levou e continua aqui… Considerando isso, é provável que ele esteja esperando seu horário de trabalho terminar para poder falar com você.

Lizandra se anima.

— Você acha?

— Com base nas minhas experiências com homens, sim, eu acho. — Dou de ombros. — E ele não estaria te olhando assim sem motivo.

— Graças a Deus que faltam só cinco minutos. — A garota tomba a cabeça para trás. — Nossa, ele parece ser tão mau.

Sorrio.

— Maus fazem seu tipo?

— Assim como CEO’s fazem o seu — provoca, me lançando uma piscadela.

Resisto à tentação de lhe mostrar o dedo do meio e simplesmente rolo os olhos.

— Como não vou conseguir te convencer do contrário…

— Ah, Faith! É injusto eu ter te pedido conselho pra chegar no cara que acabei de conhecer e você não querer nem admitir que gosta do nosso chefe.

Torço o nariz, de repente inquieta com sua observação.

— Eu nem te conheço. — Engulo em seco.

— Você tem um ponto. — Ela sorri. — Mas pode confiar em mim, eu sou uma ótima amiga.

Dou um sorriso triste e anuo.

Me dei conta de que não posso mais confiar em ninguém desde Sloane, Hawking e todas as outras pessoas que entraram na minha vida e, de alguma forma, me machucaram.

Com exceção dele.

— Nosso turno acabou — digo. — E seu *crush* continua aqui.

Lizandra abre um sorriso de orelha a orelha ao constatar que eu estava certa.

— Ele vem até mim ou… — Ela trava. — Ai. Meu. Deus. *Ele tá vindo!* — cochicha no meu ouvido enquanto arruma os cabelos e a roupa.

— Opa, acho que essa é a minha deixa para sair. — Dou a volta na bancada. — Boa sorte — sibilo.

Daqui, dá para ver a química inegável dos dois. Enquanto ele tem uma aura sombria, ela compartilha de um sorriso que ilumina mais que mil sóis. Não tenho dúvidas de que seriam um belo casal.

Mergulhada na interação baixinha dos dois conforme caminho, não percebo quando trombo em alguém. Ao erguer o olhar, noto que essa pessoa se trata justamente de Sloane.

Minhas entranhas congelam, não sei se de ódio ou mágoa.

Contudo, antes que eu tenha a chance de ignorá-la e continuar andando, minha antiga amiga faz isso primeiro, passando por mim como se eu não passasse de um inseto.

Queria dizer que não machuca, mas estaria mentindo feio.

Permanece sendo uma incógnita para mim ela ter mudado tanto de uma hora para outra. Simplesmente do nada. Não faz o menor sentido, até porque horas antes de ela começar a me tratar como se eu não fosse *nada*, estávamos bem.

Sacudo a cabeça.

Não vale a pena matutar nisso. Eu deveria estar agradecida, certo? Pelo menos me livrei de quem estava longe de ser uma real amiga.

Afastando meus pensamentos, o aparelho no bolso da minha saia toca.

Abro um sorriso descomunalmente bobo ao ler o nome no visor.

Homem Mais Chato do MUNDO: V*enha para minha sala.*

Rubor se espalha pelo meu rosto.

Eu já estava fazendo isso.

Eu: *Pra?*

Homem Mais Chato do MUNDO: *Estou esperando.*

Dou risada.

Aiden parece ser tão rabugento por meio dessas mensagens. Nem parece que ele vai estar me esperando com o maior sorrisão contido nos lábios e fazendo brotar cinco mil borboletas no meu estômago.

Olho para trás, reparando que Sloane já foi embora e que Lizandra está muito ocupada flertando com o… Lorenzo, se não me engano. Os *siren eyes* da garota estão surtindo um efeito enorme sobre ele, que não para de se inclinar em direção a ela, passar a língua nos lábios e tocá-la propositalmente, totalmente seduzido.

Lindos, não posso negar.

Assim que subo os degraus e ergo a mão para bater na porta, percebo que ela já está aberta e empurro-a com cuidado, como minha mãe ensinou que deveria ser feito em todas as ocasiões, independente se somos íntimos ou não.

Aiden está em pé, de frente para a porta, arrumando alguns infinitos papéis em cima da mesa, alinhando-os e pondo-os bem ajeitadinhos no canto do tampo de vidro, ao lado do computador. Ele me fita sobre os óculos, mas não para o que está fazendo.

— Já está pronta?

— Hum… Para quê?

Ele estreita as pálpebras.

— O jantar que irei fazer pra você, não lembra?

Espremo os lábios.

Como eu poderia esquecer?

— Eu lembro. — Coço a nuca. — Mas não acha que é desnecessário? Tenho certeza de que tem várias coisas pra fazer e outros lugares para estar…

— Tem razão, eu tenho. — Balança a cabeça, confirmando. — Mas eu escolho ficar com você. As outras coisas podem esperar.

Droga, ele sabe bem como me deixar sem palavras e enlouquecer meu coração.

Desvio o olhar para um ponto fixo atrás dele. Se eu encará-lo demais, é possível que ele veja a excitação incontida na minha fisionomia.

— Já sabe qual vai ser o prato de hoje? — desconverso.

— Gosta de bife?

— Muito.

Aiden sorri, quase aliviado.

— Que bom, estava pensando em fazer um bife com purê de batatas e legumes. O que acha?

Semicerro os olhos e, rendida, eu rio.

— Vai mesmo me transformar em uma pessoa saudável, não vai?

— Pode apostar, princesa.

Suspiro, o ar se tornando escasso à medida que ele se aproxima.

— Promete que vai ficar bom?

— Eu não faço nada de qualquer jeito, Faith.

É impossível ignorar o duplo sentido dessa frase.

Logo que Aiden passa por mim e abre a porta, eu seguro seu braço — que mais parece uma muralha — e o direciono para o mesmo lugar que estava.

Ele encrespa o cenho, confuso.

— A garçonete nova que você contratou, Lizandra, está lá embaixo.

— E…?

Bufo.

— E ela está desconfiando que há algo rolando entre nós — murmuro.

Não sei como alguém consegue ser tão rígido, bruto e *tão* cafajeste ao mesmo tempo, pois o sorriso que molda seus lábios não é nada mais que isso.

— O que disse a ela?

— Neguei, é claro. — Pigarreio. — Não está rolando nada entre nós.

Aiden ergue uma sobrancelha, divertido.

— Que mentirosa, linda. — Arrasta as costas dos dedos por minha mandíbula, roubando meu oxigênio. — Já passou da hora de admitir que nutre uma atração inegável por mim.

Prendo a respiração na garganta ao sentir seu polegar roçando meu lábio inferior.

— É isso o que você acha? Que eu sinto uma atração por você?

— É isso o que eu sei, srta. Mackenzie.

Solto um riso fraco e rolo os orbes.

— Talvez eu sinta, mas só um pouquinho.

Um pouquinho? A quem você quer enganar, Faith?

As pupilas de Aiden dilatam, deixando somente um fino aro azul das suas íris.

— É? — sussurra. Eu engulo em seco, assentindo. Ele sorri. — Eu posso dizer o mesmo, princesa. A diferença é que não há nada de pouquinho no que sinto por você. É assustador, tira meu sono e eu não sei como lidar.

Estou arquejante, todos os meus membros grudados no corpo, incapazes de se moverem, como se estivessem apenas esperando uma reação de Aiden.

Mais especificamente o momento em que ele vai se declarar, se curvar sobre mim e assaltar minha boca com a sua.

— Eu tiro seu sono? — pergunto baixinho, sem conseguir parar de olhar seus lábios volumosos.

— O tempo todo — sussurra.

Forço o bolo que se forma em minha garganta para baixo.

— E se eu disser que você também tira o meu? — Torno a cravar nossos olhares. — Isso vai mudar alguma coisa?

— Isso vai mudar *tudo*, Faith.

A voz baixa, áspera e necessitada diz tudo o que preciso saber.

— Vamos logo pra casa — peço. — Não quero ter essa conversa aqui.

30

Faith Mackenzie



Entrar em minha própria casa nunca me deixou tão aflita, mas com Aiden logo atrás de mim, sua presença imponente constantemente lembrando o que eu disse, não deixa espaço para qualquer outro sentimento.

Por algum motivo, sei que hoje será um dia marcante, e é isso o que me deixa tão inquieta. Não paro de pensar em suas palavras no escritório, nas minhas, na maneira como contornou meus lábios com os dedos, nas pupilas expandidas, nas promessas não ditas. Há um cansaço palpável entre nós. Ouso dizer que chegamos no limite do fingimento, de achar que somos apenas amigos e nada mais.

— Eu vou tomar um banho — digo, fechando a porta atrás de mim. — Tudo o que comprou continua em seus devidos lugares.

Aiden aquiesce, se livrando do terno e colocando-o sobre a cabeceira do sofá.

— Posso usar o que eu quiser?

Sorrio pequeno.

— Que educado — zombo e ele revira os olhos. — Mas pode.

— Certo. — Meu chefe arregaça as mangas até os ombros e minhas pernas falham com a visão. — Se prepare para experimentar a comida mais gostosa da sua vida.

Sendo sincera, eu queria experimentar outra coisa. Certeza que essa, sim, seria a mais gostosa da minha vida.

— Você é tão presunçoso. — Nego com a cabeça, me encaminhando para o quarto. — Volto daqui a pouco.

— Leve o tempo que precisar — comenta, distraído, enquanto tira os legumes e vegetais da geladeira e a carne do congelador.

Suspiro e sigo meu caminho, resmungando mentalmente que a culpa é toda dele se meus banhos começaram a ser mais demorados.

Sem enrolação, tiro toda a minha roupa, pego uma toalha e me enfio debaixo do chuveiro estupidamente gelado. Faço a hidratação do meu cabelo com os produtos que o cara a poucos metros comprou e, esperando pelos vinte minutos sagrados, eu me perco em pensamentos ansiosos. Começo a imaginar tudo o que poderá acontecer até o fim da noite. Meu corpo inteiro vibra em resposta conforme um sorriso iludido cria vida em meu rosto, esticando minhas bochechas.

Não sei que maldito feitiço meu irmão fez para eu ficar tão abobalhada por qualquer mínima coisa que Aiden faça, mas deu certo.

Saio do banho, paro em frente ao espelho e me admiro. Não é sempre que minha autoestima está tão elevada, porém quando isso acontece é normal que eu passe, no mínimo, dez minutos girando em frente ao meu reflexo e tirando várias fotos. Meus olhos castanhos possuem um brilho diferente, meu cabelo cacheado está quase na cintura, com os cachos molinhos, do jeito que eu amo, e minha pele negra está devidamente hidratada e macia.

Terminando a inspeção do meu reflexo, visto um baby doll de cetim azul e rumo em direção à sala. Cruzo os braços e me recosto no batente, assistindo de longe Aiden Bellini em toda a sua suculência indo de um lado para o outro da cozinha pequena, ligando o fogo e fatiando as verduras.

Desistindo de observá-lo dessa distância e necessitando do seu calor, caminho a passos curtos até ele, acabando por distraí-lo de suas tarefas para me olhar.

A faca que cortava pedaços de batata para no trajeto, seu corpo trava e suas íris me escrutinam, impetuosas. Não é a primeira vez que Aiden me vê assim, usando apenas um conjunto curtinho, porém, de alguma forma, ele faz parecer como se fosse uma novidade.

— Admirando muito a visão, chefe? — questiono, toda inocente, parando ao seu lado.

Aiden se dá conta de que terei que tomar uns bons litros de água por conta de sua secada veemente e volta a se concentrar nas batatas, limpando a garganta.

— Desculpa.

Ergo uma sobrancelha.

— Não precisa pedir desculpas — digo. — Eu gosto quando faz isso.

— Só não quero que fique desconfortável.

Dou risada, ousando passar a mão em seu antebraço, sentindo-o tensionar com isso.

— Eu sinto tudo, menos desconforto, pode acreditar — afirmo baixinho, na minha melhor encenação sedutora. — Quer ajuda? — mudo de assunto, mas ainda estou próxima o suficiente para sentir o magnetismo entre nossos corpos.

Aturdido, Aiden anui.

— Depende, você mais atrapalha do que ajuda ou… — Ele dá risada quando acerto um tapa no seu braço. — Perdão, linda, mas é de se desconfiar de uma pessoa que só come *fast-food.*

— É por falta de tempo, idiota — resmungo, vendo-o colocar as batatas para cozinhar. — Do que precisa?

— Pode colocar as rodelas de cenoura e as ervilhas na frigideira? — Indica o utensílio em cima do fogão aceso. — Põe um pouco de manteiga e mistura. Ah, e sal também.

— Quanta coisa — murmuro. — Prefiro meus hambúrgueres calóricos.

Aiden dá espaço para eu passar, considerando que a cozinha mais parece um ovo, e continua seu trabalho árduo, cortando e salgando a carne.

— O que me consola é saber que você só irá ficar na vontade agora — provoca, checando se a batata já está no ponto. — Farei você comer feito gente, princesa.

Seguro o sorriso.

— Não sei porquê ainda me surpreendo com a sua babaquice.

— Estou sendo insultado por querer seu bem, *tsc tsc.* — Balança a cabeça. — Que feio, Mackenzie.

Se quisesse meu bem de verdade estaria me beijando agora como se o mundo fosse acabar.

Ai, merda. Que tipo de pensamentos são esses?

No entanto, a situação permite, não é? Até quando iremos ficar nessa de desejo acumulado, sozinhos, mas nunca nenhum dos dois tendo a iniciativa? Se Aiden está receoso, seja lá por qual motivo, eu serei a responsável por puxar o gatilho.

Aproveitando que ele me pede para despejar o leite, a batata já amassada, alho, manteiga e outras duas coisas que não prestei atenção no nome, troco o peso das pernas e solto um murmúrio.

— Droga, não sei fazer isso. — Suspiro, erguendo a cabeça para encará-lo. — Pode me ajudar?

— O que aconteceu? — questiona, genuinamente confuso, visto que, nos parâmetros gerais, é algo bem fácil.

Umedeço os lábios com a língua para disfarçar as curvas da minha boca querendo se elevar.

— Não sei… Acho que está queimando no fundo — lamento.

Aiden pigarreia.

— Quer que eu te ensine?

Isso!, comemoro mentalmente.

— Eu adoraria.

Ele para o que está fazendo, lava as mãos e aquiesce, indo para trás de mim, seu corpo praticamente engolindo o meu.

Nossas mãos trabalham juntas, e eu juro que estou zonza pela proximidade, pelo jeito que Aiden segura meus dedos, guiando-os corretamente, me abarcando, seu aroma masculino me deixando entorpecida. Seus músculos estão retesados, rígidos, e a frequência de nossas respirações fica cada vez mais rápida e desregular.

— Que cheiro bom, princesa. — Me surpreendo ao ouvir sua voz. — O que é?

Engulo em seco, implorando para que ele não perceba que estou prestes a virar um monte de nada se ele continuar encostado em mim assim.

— Lavanda — respondo, notando que é a deixa perfeita para fazer o que eu quero, e olho-o sobre o ombro, sorridente. — É melhor ainda de

perto.

Aiden se dá conta do que estou fazendo — ou tentando.

Ele sorri.

Meu coração dispara.

Bingo! Bingo!

— Mesmo? — sussurra, seu polegar acariciando em círculos lentos o dorso da minha mão.

— Uhum… — resfolego, deitando minha cabeça discretamente para o lado. — A *Lâncome* arrasou nesse perfume.

Fecho os olhos quando seus dedos tocam meus cachos, afastando-os para trás.

— Posso conferir? — pergunta no meu ouvido, a ponta do nariz roçando meus pontinhos sensíveis.

Se bem que, tratando desse homem, eu sou sensível em todo lugar.

— Pode — confirmo, estrangulada pelo ar em falta.

Me arrepio inteira e estremeço quando seus lábios tocam meu pescoço. Beijos lentos e molhados, sem pressa alguma, enquanto aspira o cheiro adocicado. Paro os movimentos na panela, arranjando forças do submundo para desligar o fogo, pois sei que, do jeito que estamos, não iremos parar.

Não queremos que pare.

Sei disso porque a mão esquerda de Aiden larga o cabo da frigideira e segura minha cintura, possessiva, enquanto a outra está no meu pescoço, segurando-o com precisão. A intensidade dos beijos aumenta, seus lábios se tornam ainda mais vorazes e eu entendo que chegamos no nosso limite.

— Aiden — choramingo, colando minhas costas no seu peitoral.

— Cansei de fingir que não penso em você dia e noite, princesa. — Desacelera o ritmo, levando os lábios à minha nuca. — Cansei de fingir que não sinto sua falta quando estamos longe e que não conto os segundos para te ver novamente. Cansei, acima de tudo, de fingir que não sou alguém melhor quando estou com você, que você não desperta minha melhor versão.

Estou ofegante, chocada com suas confissões, meu peito se aperta e comprime meu oxigênio como se não fosse nada.

Tantos fingimentos, tantos medos, mas para quê? Não deveria ser assim. Eu gosto dele em uma intensidade assustadora, talvez até mais, e é recíproco. É exaustivo tentar fugir de algo que te chama com tanto fervor.

Eu me viro em sua direção, ficando cara a cara com seus orbes nublados, o peito arquejante. Espalmo seu abdômen, minha boca seca pela necessidade de mais.

— E eu cansei de fingir que não anseio que se aproxime mais e me tome em seus braços sempre que estamos perto — confesso, perdida no mundo que acabamos de criar com essa troca de olhares. — Não quero mais isso, Aiden… Não quero agir como se eu não sentisse *tanto* assim por você, porque eu *sinto,* e não sei como lidar.

O homem de quase dois metros à minha frente parece sem rumo pelo que acabei de dizer, o que é fofo, porque não é tipo de reação que você espera vindo de um cara tão casca grossa como ele.

Entretanto, a sensação de “fofura” que eu estava sentindo vai se dissipando para uma de desespero conforme se passam minutos — ou segundos — e o homem permanece apenas me fitando.

Meu Deus, será que eu falei besteira?

Tipo, ok, tudo bem, eu não disse nada tão comprometedor, mas…

Ah, Senhor, será que eu entendi sua confissão errado?

— O-olha, não precisa falar nada, tudo bem? Eu sei que…

— Você quer tentar?

Eu travo.

— O-o quê? — gaguejo, os olhos ameaçando saltar para fora.

Aiden suspira, parecendo tão nervoso quanto eu, e, num ímpeto que arranca um gritinho da minha garganta, ele passa os braços debaixo das minhas pernas, me erguendo, e me coloca sentada na bancada, com minhas pernas abertas e seu corpo entre elas.

— Eu perguntei… — hesita, como se tivesse corrido uma maratona. — Eu perguntei se você quer tentar. Eu e você. Nós dois.

Minha boca está aberta e eu não consigo fechá-la de jeito nenhum.

Eu ouvi direito?

Aiden quer… Aiden quer uma relação comigo? *De fato?*

— C-como assim? — sussurro, atônita. — Você quer… você…

— Eu quero você — corta, e todo o ar é saqueado dos meus pulmões. — Eu quero você e qualquer coisa que puder me dar está ótimo. Eu só… — Respira fundo. — Quero te abraçar e beijar sem receios, ficar com você sem medo do que vai pensar. Mas eu entendo, entendo mesmo se não quiser. Até um tempo atrás você me odiava e…

Pouso o dedo em seus lábios.

— *Shhh*, não vamos lembrar disso. Eu não te conhecia naquela época, não fazia ideia de quem você era por trás daquela pose toda. — Escorrego as mãos para sua mandíbula, afagando-o. — Você está falando sério?

— Sobre o quê?

— Sobre querer ficar comigo e… e… sabe? Tentar. Nós dois — repito o que ele disse, um bando de borboletas se aflorando em cada

partícula do meu corpo ao pronunciar as próximas palavras: — Porque eu quero. E muito.

Agora é a vez de Aiden ficar surpreso.

— Sério?

— Seríssimo. — Assinto, transbordando de emoção e já apaixonada pela ideia de que poderei fazer carinho no seu cabelo sempre que eu quiser. — Mas, por favor, não faça eu me arrepender — suplico. — Eu não quero ter que me afastar de você ou acabar com isso, só que, se algo acontecer, se você quebrar minha confiança, mentir para mim, eu irei me colocar em primeiro lugar e fingir que isso nunca existiu, mesmo que doa. — Baixo o olhar, sem querer trazendo-o para mais perto. Ele presta total atenção em tudo o que digo, acariciando minha coxa. — Se tiver algo para me falar, eu *imploro,* me fale. Já fui muito enganada nessa vida, Aiden, por pessoas que eu confiava, e aprendi que não existe essa de "mentirinha pequena" ou "mentira grande". — Tomo fôlego quando ele anui, concordando. — E eu não sei como lidaria se você me magoasse — revelo, bem baixinho.

Aiden segura meu queixo e alça para que eu o olhe nos olhos, pois, mesmo eu estando sentada na bancada, ele ainda consegue ser maior do que eu. Meu coração retumba nos ouvidos com o tanto que sou capaz de sentir por esse homem.

— Eu sou um cara de trinta e seis anos falho pra cacete, princesa — começa. — Eu falo o que não devo, me irrito facilmente e sou obcecado por aprovação, o que me leva a cometer outros diversos tipos de erros, mas eu prometo, juro, que não vou deixar nada disso afetar você. — Ele encosta os lábios na minha testa. — Acredite quando eu digo que quero fazer isso funcionar. São três décadas sem experimentar um quinto do que experimento quando estamos juntos.

Espiralo, boba, e enlaço meus braços em seu pescoço.

— Céus, você é tão velho — brinco, recebendo um aperto gostoso na cintura em repreensão. Molho os lábios, — O que… o que a gente faz agora?

— Agora a gente se beija.

Sua resposta direta me faz engasgar.

— Certo, eu imaginei que fosse isso mesmo… — Mordo o interior da bochecha. — Um de verdade?

— Ah, pode ter certeza.

Sorrio, aprumando minha coluna, e tiro os braços do seu pescoço, esticando-os no ar e usando-os para jogar meu cabelo para trás.

— O que você tá fazendo? — indaga, rindo.

— Me aquecendo. — Limpo a garganta. — Faz tempo que não faço isso.

Ele ri ainda mais.

— Pronto?

Termino de estralar as costas, o pescoço e os dedos. Faço uma massagem no rosto, na região próxima aos lábios, e inspiro e expiro.

À essa altura do campeonato Aiden está vermelho de tanto rir.

— Pronto. — Abro um sorriso enorme, treinando os músculos da boca. — Agora sim.

Se for para beijar esse partidão, que seja direito.

— Você não existe, princesa — diz, encaixando a mão no meu pescoço.

— Eu sei que não é todo dia que aparece uma garota tão perfeita quanto eu, mas… — Posiciono minhas mãos nos seus ombros. — Eu existo, sim.

Aiden afasta uma mecha do meu cabelo e gruda sua testa na minha, nossas respirações se condensando.

— Estou nervoso — admite, em um sussurro.

Rio.

— Por quê?

— Porque estou prestes a te beijar, Faith. Tem motivo melhor que esse?

Minhas bochechas esquentam.

— Levando em consideração que você já beijou outras bocas…

— E, adivinhe só, nenhuma delas era você. — Ele escorrega o polegar pelo meu lábio inferior e chamas percorrem minha pele. — Preparada?

Faço que sim, mesmo sentindo que irei vomitar pela adrenalina de quão errado e tão certo, ao mesmo tempo, isso é.

— Irei te estragar para qualquer outra mulher — declaro, prepotente. — Eu quem deveria perguntar se *você* está pronto.

— Você me estragou para outra mulher no segundo que entrou pelas portas da minha empresa, linda. — Aiden se curva e arfo quando seus lábios roçam nos meus. — E esperar nunca valeu tanto a pena.

Não sei quem toma a iniciativa primeiro.

Ou quem é o mais afoito.

Só sei que, quando dou por mim, sua boca cobre minha, cobiçoso. Há desespero e ansiedade, um acúmulo de todas as sensações que guardamos tão bem antes de explodirem em um bilhão de estrelas. Aiden agarra os fios da minha nuca e puxa para trás, aprofundando o beijo, sua língua acariciando meus lábios, pedindo passagem, e eu cedo.

Eu cedo porque não há outra coisa que eu quero mais do que nossas línguas dançando em sintonia, entrelaçadas, como se fossem dependentes uma da outra. E quando isso acontece, eu penso que irei morrer. Um gemido gutural se liberta do fundo da sua garganta e eu arquejo, puxando seu cabelo para impedi-lo de se distanciar enquanto Aiden explora meu corpo com suas mãos. Seus dedos agarram minha cintura com força o bastante para gerar uma dor deliciosa, me fazendo soltar um gemido quando nossas pélvis se chocam, o calor e o desejo se aflorando no meu estômago.

Viro a cabeça para que Aiden possa aprofundar o contato e ele sorri entre os beijos, adorando ter mais acesso à minha boca e os suspiros excitados que estou emitindo o tempo inteiro.

Estou beijando meu chefe.

E o errado nunca pareceu tão certo quanto agora.

Não sei quanto tempo passamos nos beijando, procurando conhecer o que nos dá mais prazer e o ritmo que mais nos arranca gemidos, suspiros e arquejos. Depois de minutos intermináveis nos provando como dois loucos de desejo, desaceleramos, e não dá para mensurar o quanto foi mais sensual e saboroso dessa forma. Eu poderia passar horas apenas beijando-o lentamente, sem pressa, deliciando-me com cada centímetro de seus lábios.

Ao pararmos, nossas bocas estão inchadas e precisamos de um tempo considerável para voltarmos a respirar normalmente antes de dizermos algo.

E é nesse momento, num pequeno intervalo de tempo, enquanto Aiden me olha com *aqueles* olhos azuis, cintilantes, cheios de vida e um sorriso fraco repuxa o canto de seus lábios é que eu me dou por vencida.

Estou apaixonada por Aiden.

Apaixonada pelas partes bonitas, mas ainda mais pelas partes feias. Pelo jeitinho bruto, pelas imperfeições e por tudo o que o torna tão único.

Apaixonada pelo seu esforço em melhorar todos os dias e apaixonada pela pessoa que ele é comigo, o verdadeiro Aiden. Não sei quando ou como aconteceu, porém esse homem vem me conquistando todos os dias sem saber, sem fazer ideia de que eu estou apaixonada desde as suas pequenas atitudes como sentar comigo em frente ao mar até as grandes, como *realizar* o meu *sonho* de conhecer o mar.

Quase não sinto meus lábios, mas com certeza sinto meu coração batendo descontroladamente por causa dele.

Não há lugar para medo ou terror. Pela primeira vez, estou feliz quando o assunto é relacionamento. Só de pensar que poderei beijá-lo sempre que eu quiser e que, bem, seremos um *casal* a partir de agora, quero gritar para os quatro cantos do mundo que finalmente compreendi o significado de lar não ser um lugar, e sim uma pessoa.

Aiden Bellini é o meu lar.

— Vou precisar passar gelo na minha boca — fala, com dificuldade.

Dou um riso anasalado.

— Por quê?

— Tá brincando, princesa? Acho que meus lábios estão sangrando. — Aiden toca o inferior com a ponta dos dedos.

Ergo uma sobrancelha.

— Isso é uma reclamação? — desafio, cruzando os braços.

— De jeito nenhum. — Roça a pontinha do seu nariz no meu. — Pode arrancar um pedaço da minha boca sempre que quiser.

Gargalho baixinho.

— Para de ser exagerado, só ficou um pouquinho roxo. E, se eu bem me lembro, você que me atacou feito um urso.

É a vez dele soltar uma risada estrondosa.

— Besta — sussurra antes de beijar minha testa e me ajudar a sair da bancada. — Vai me ajudar a preparar sua janta ou prefere ficar se insinuando para mim?

Esboço um sorriso inocente, piscando as pálpebras.

— Na verdade… — fico na ponta dos pés e seguro seu rosto — me insinuar para você parece ser muito melhor. — Dou um selinho casto em seus lábios.

— Hum… — Ele abre o sorriso mais rendido do mundo e retribui. — Mas eu não estou a fim de passar fome.

Bufo, me desprendendo dele e batendo o pé como uma criança birrenta.

— Fala sério, eu não posso nem aproveitar um tempo com você — resmungo.

Os lábios de Aiden se retorcem para o lado.

— Você quer passar um tempo comigo?

Passo a língua nos lábios, envergonhada.

— Por aí…

Ele ri.

— Mas estamos passando um tempo, não?

Reviro os olhos.

— Você entendeu.

Com uma risada baixinha e cheia de vida, ele me surpreende ao roubar um selinho e passa por mim, retornando ao fogão.

— Prometo que, quando terminar, serei todo seu.

— Promete?

— Uhum. — Balança a cabeça. — Aquela coisa de você não saber mexer um purê de batata era mentira ou… — Minha cara entrega tudo, pois

ele sorri. — Safada.

Dou de ombros.

— Você não tem atitude, tive que dar meu jeito. — Vou para o lado dele e roubo a colher de suas mãos. — Agora sai, quero agilizar aqui.

— Para passar mais tempo comigo? — pergunta, travesso.

Bufo.

— Aiden, não enche.

— Cacete, eu te adoro toda brava assim. — Ele chega bem pertinho e resvala os lábios na minha bochecha, eriçando até os pelos inexistentes. — Se precisar de algo, pode falar, vou preparar a carne.

Eu preciso muito de algo agora, mas não é o momento, penso, porém, em vez de externalizar, apenas meneio a cabeça em concordância.

31

Faith Mackenzie



Nunca comi algo tão bom.

Faz meia hora que estamos no sofá, nos deliciando da refeição esplêndida que Aiden preparou, e eu literalmente roubei todos os seus pedaços de carne e porções do purê de batata. Em minha defesa, ele não se mostrou incomodado em nenhum segundo e essa foi uma forma de dizer que adorei e que ser saudável não é tão ruim assim.

Na televisão está passando algum seriado que nem eu e nem ele estamos realmente prestando atenção. O motivo? Bem… nosso interesse maior é ficar trocando beijos longos e sussurros apaixonados. Agora que estou livre para fazer isso, não quero parar nunca.

É bom demais ter seus braços me embalando, ter seus lábios viajando pelo meu rosto e pescoço. É gostoso sorrir bem pertinho da sua boca e poder roubar um selinho logo depois.

Parece que estou vivendo em um sonho. Um que não quero acordar.

— Não sei por que ainda estamos assistindo isso — Aiden diz, olhando o relógio de pulso. — Já está tarde e amanhã você tem faculdade.

Pressiono os lábios, contendo o sorriso.

— Sabe até meu cronograma?

— Não se emocione tanto — sopra, beijando minha bochecha. — Estou falando sério, Faith. Você tem que parar com esse hábito de dormir tarde e acordar cedo.

Reviro os olhos.

— Vai mesmo querer controlar até a hora que eu durmo?

— É pro seu bem.

Balanço a cabeça, assentindo, pego o controle, desligo a tevê e proponho:

— Com uma condição. — Ele levanta a sobrancelha em um questionamento silencioso. — Só se você dormir aqui.

Aiden assume uma fisionomia surpresa, porém com uma pontada de malícia.

— Com você?

— É, bem, eu diria para dormir no sofá, mas… — Mordo o lábio inferior. — Acho que estamos fadados a dividir as mesmas coisas. Mesmo colchão, mesma cama…

Ele dá uma risada irônica.

— Não é mais fácil admitir que quer dormir pertinho de mim a noite toda?

— Não sou boa em mentir.

Uma risada escapa de seus lábios.

— Ah, sim, é claro. — Tomba a cabeça para o lado. — Para não acabar com o seu barato, vou fingir que acredito.

— Muito humilde da sua parte — digo e dou um salto do sofá. — Ou isso, ou eu vou passar a madrugada inteira estudando, exatamente como

você *não* quer — imponho, cruzando os braços.

Sua sobrancelha se ergue, zombeteiro.

— Isso é uma ameaça?

Dou de ombros.

— Entenda como quiser.

Ele estala a língua no céu da boca, balançando a cabeça, e se coloca de pé. Solto um ofego surpreso quando seus braços me puxam contra seu peito e uma de suas mãos realiza carícias sensuais na minha bochecha, seus lábios descendo de encontro aos meus vagarosamente, enchendo-me de excitação.

— Vai dormir coladinha a noite inteira? — sussurra contra minha boca, seu corpo ondulando ao meu e me deixando mais doida do que de costume.

Arfo, assentindo.

— V-vou. — Não consigo desviar os olhos dos lábios inchados de Aiden, meus joelhos fraquejando.

Ele anui lentamente, abrindo um sorriso ladino, e o meio das minhas pernas implora por atenção.

— E vai acordar ao meu lado amanhã? — questiona e eu apenas confirmo, afetada demais. — Responda, Faith.

— S-sim. — Um murmúrio ininteligível escapa da minha garganta, minhas pálpebras semi abertas, incapazes de se abrirem completamente por conta do calor que domina meu rosto. — Para de me torturar assim.

Uma risada fraca lhe escapa bem no momento que seu rosto afunda no meu pescoço, distribuindo beijos calmos, nada apressados, levando-me a questionar qual a dificuldade em simplesmente me agarrar bem forte, me levar para cama e fazer o que quiser comigo.

— Engraçado você falar sobre tortura quando foi o que mais fez comigo durante esse tempo inteiro. — Ele volta a me encarar, tocando meu nariz com a ponta do dedo. — Não estou te *torturando*, estou aproveitando a mulher fascinantemente linda que terei por um bom tempo.

Tombo a cabeça para o lado, boba.

— Fascinantemente linda? — Aiden faz que sim. — Você sempre se supera nos elogios.

— Nenhum elogio do mundo chegará perto de expressar o quanto você é… nossa… — suspira — indescritivelmente maravilhosa. E eu não digo isso só no sentido físico. Sua alma é uma das coisas mais belas que já tive o prazer de conhecer.

Não, não, não. Não tem como me julgar por estar apaixonada por esse homem.

Como eu vou resistir a alguém que sempre encontra uma brecha para me colocar para cima e ressaltar sua admiração por mim? Como eu vou ignorar meus sentimentos por uma pessoa que é encantada pela minha beleza interior e não me vê só como um rostinho bonito?

Poxa… Assim fica difícil.

— A sua alma também é linda — sussurro, pousando a palma da mão no seu peito, bem acima do coração. — A mais linda.

Ele sorri, um sorriso que não chega aos olhos, e cobre minha mão com a sua.

— Ela não é tão bonita quanto pensa, princesa. — Libera a respiração, como se estivesse exausto, pelo nariz. — Ela é cheia de rachaduras e sombria. Não sou perfeito ou qualquer coisa perto disso, Faith.

— Talvez seja isso que faça eu gostar tanto de você — solto, ficando na pontinha dos pés para lhe dar um selinho. — Eu não penso que é perfeito, na verdade, eu penso *justamente* o contrário. — Aiden ri. — Mas

não é isso que predomina em você. Quando eu te olho, eu enxergo o cara apaixonado por crianças, preocupado com os funcionários, leitor e cheio de coisas interessantes guardadas por baixo de uma máscara. Máscara essa criada porque você tem o desejo de orgulhar sua família e está longe de ser um homem egoísta como faz parecer. — Passo os dedos em sua barba rala, afagando. Ele deixa um suspiro longo fugir. — Você não é o vilão da história, então não aja como se fosse.

Aiden segura meu pulso, parando meus movimentos, e beija o centro da minha mão, enviando arrepios para minhas espinhas.

— Você é a única que me conhece de verdade, sabe? A única para quem tive coragem de mostrar verdadeiramente quem eu sou.

— Eu sei disso — falo em tom de cochicho. — Prometo não contar pra ninguém que você tem um coraçãozinho mole e que gosta de se aproveitar de pobres garçonetes indefesas nas horas vagas.

Ele gargalha alto.

— Que história mal contada, linda. Se eu bem me lembro, foi você quem armou uma armadilha de sedução para o seu chefe.

— E ele caiu direitinho — ressoo, pomposa, malícia envolvendo minhas palavras.

Meu… *alguma coisa* passa um minuto inteiro me fitando com uma névoa traiçoeira no seu semblante antes de se agachar, passar os braços por baixo das minhas pernas e me jogar no ombro. Tudo acontece tão rápido que o grito fica entalado na minha garganta e eu só tenho como bater nas suas costas e ameaçar chutar suas bolas com o pé, ao passo que, obviamente, ele ri.

— Aiden, me põe no chão — ordeno, me debatendo inutilmente contra seu enlaço firme conforme ele me leva para o meu quarto. O

apartamento é pequeno, então é bem fácil saber o cômodo em que durmo. — Eu tenho medo de altura.

Eu devo ter dito algo muito engraçado, não é possível, porque só isso explica a gargalhada estrondosa que extravasa para fora dos lábios do homem.

Fico vermelha de vergonha e de raiva.

— Medo de altura, princesa? — indaga, rindo.

Bufo, tentando chutá-lo no meio das pernas, mas ele segura minha panturrilha.

— Você parece um poste, Aiden — berro, socando suas omoplatas. — Me. Põe. No. Chão.

Com resquícios de risadas na forma como limpa a garganta, ele sutilmente faz o que eu mandei. Meu coração acelera à medida que ele vai me pondo no chão e eu fico que nem uma cachorrinha acuada com medo de cair.

Quanta humilhação!

Pigarreio e cruzo os braços.

— Não faça mais isso.

— Já te disseram que você é insuportável?

— Engraçado, era a boca dessa insuportável que você estava beijando há alguns minutos. — Ergo o queixo, petulante.

Aiden sorri, nada afetado.

— E não me arrependo nem um pouco — sussurra, lascivo, e antes que eu possa contrapor e dar mais uma de minhas respostas afiadas, ele me rouba um beijo desnorteante.

Um pouquinho da minha pose de durona se esvai.

— Hum — resmungo, comprimindo os lábios. — Se for tomar banho, tenho umas roupas extras do meu irmão ali. — Aponto para a última gaveta da minha cômoda. — Elas vão ficar um pouco apertadas em você, mas acho que irão servir. Quer que eu pegue?

— É óbvio que eu vou tomar banho, Faith. Que tipo de homem você acha que eu sou? — se defende, ofendido. — E, sim, por favor. Ainda não tenho essa intimidade toda com as suas coisas.

Suspiro.

— Que droga, estou com preguiça — reclamo, porém me agacho, fazendo questão de empinar meu quadril para trás, e pego a camiseta mais larga de Thomas e uma calça moletom, parecida com a que Aiden usou na viagem. Fico de pé. — Toma.

Aiden demora um pouco para me responder, porque, é claro, estava focado demais em *outra* coisa, e eu quase posso ver um filete de baba escorrendo da sua boca levemente entreaberta. Abro um ínfimo sorriso, satisfeita em deixá-lo assim.

— Hum… — Coça a nuca, recebendo as peças de roupa, e arranha a garganta. — Seu irmão não vai se importar?

— Duvido muito, ele é bem desapegado.

Assentindo, ele olha ao redor, parecendo curioso.

— Afinal, por que ele não mora aqui com você?

Dou de ombros.

— Não há nenhum motivo específico. Thomas morava comigo até um certo tempo, mas ele começou a namorar uma garota que conheceu no primeiro ano de faculdade e ela propôs que morassem juntos, num conjunto de apartamentos um pouquinho longe daqui. — Molho os lábios. — Fim da história.

— Você ficou com raiva dele por ter ido embora?

— No primeiro mês, sim — conto — Thomas é minha única companhia e família próxima. Depois que ele foi morar com Stacy, eu me tornei meio solitária. Sabe, o apartamento não é grande e nem vazio, mas é meio chato acordar, fazer seu café da manhã, chegar do trabalho, assistir uma série, ir dormir e não ter ninguém para interagir nesse período tão longo. Quando comecei a namorar Hawking, nada realmente mudou, pelo contrário, eu fui me sentindo cada vez mais sozinha. — Pisco para afastar as lágrimas. — Desculpa, acho que falei demais.

Aiden mostra um sorriso terno.

— Eu adoro te ouvir falar — diz, galanteador e agitando meus batimentos cardíacos. — E você nunca pensou em adotar um animalzinho?

Meus dentes perfeitamente brancos e alinhados estão muito bem evidentes agora, ao ponto de minhas bochechas doerem.

— É meu sonho ter um gatinho. — Mas murcho na mesma hora ao lembrar que seria impossível ter um nas minhas condições. — O problema é que, além de ser proibido pelo síndico qualquer bichinho dentro das dependências, eu também me acho incapaz de criar um animal sem fazer ele desistir de me ter como dona e fugir na primeira semana — dramatizo e ele ri. — Sério, ano retrasado eu cometi a proeza de matar um cacto por falta de cuidados! O que seria de um pobre gatinho nas minhas mãos?

— O mais feliz do mundo.

Perco a linha da fala, sorrindo amarelo para que ele não perceba que algo tão simples me atingiu tanto.

— Duvido um pouco disso. — Inspiro com aspereza. — Vou preparar a cama, tudo bem? Se as roupas não couberem…

— Eu durmo sem elas. — Arregalo os olhos. — É brincadeira.

— Ah. — Mordo o interior da bochecha, contendo a decepção.

— Mas se você quiser…

— Aiden — reviro os olhos —, vai tomar seu banho.

Provando que o que disse não passa de uma tentativa de me provocar e me deixar constrangida, ele estala um beijo rápido na minha bochecha e entra no banheiro.

Alguns minutos depois, com a cama arrumada e eu parcialmente deitada sobre o colchão, coberta com um lençol enquanto mexo no celular, a porta do banheiro se abre.

Olho-o sobre o aparelho, parado à minha frente parecendo um robô, e não contenho a risada alta.

A camiseta GG do meu irmão está mais semelhante a um top em Aiden, que mal cobre seus gominhos, tal como as mangas e o tecido na região do peitoral prestes a explodir, provavelmente sufocando.

A calça moletom, que era para ir até os calcanhares, está na metade da sua panturrilha. Eu não consigo parar de rir.

Lágrimas escorrem dos meus olhos e minha barriga começa a doer intensivamente, porém eu não sou a única a achar graça da situação. Mesmo tentando esconder, os cantos dos lábios de Aiden estão espichados para cima, com um braço de cada lado, sem conseguir nem se mexer.

— Dá uma voltinha, por favor — peço, sentando, as maçãs do meu rosto doloridas.

Ele obedece, a contragosto, e se alguém for capaz de morrer por excesso de risadas, certeza que serei a próxima na fila. Sua bunda redondinha está marcada, parecendo duas melancias, e ele se assemelha a um pinguim tentando virar para que eu possa ver.

— Seu irmão é um anão feito você? — questiona após ficar de frente para mim de novo.

— Meu irmão tem a altura normal de todos os homens, Aiden! — Gargalho, buscando me acalmar. — Meu Deus, faz tanto tempo que eu não rio assim.

— Palhaça — murmura, sorrindo pequeno. — E agora, o que eu faço?

Mordo os lábios, cessando a crise de riso.

— A calça está desconfortável?

— Não muito, só pequeno demais.

— E bem revelador — reflito, olhando para o seu traseiro.

— Me orgulho dos meus atributos.

— *Puff*. — Reviro os olhos, animada. — Então você pode tirar a camiseta. Não é como se fosse a primeira vez que faz isso.

O homem cerra as pálpebras.

— É algum tipo de desculpa para me ver nu?

— *Quase* nu — corrijo e imediatamente me arrependo quando sua testa encrespa. — Não, não é. Foi só uma observação.

E, bem, sem cerimônia alguma, como se estivesse apenas esperando que eu dissesse isso, ele passa a roupa apertada pela cabeça, tirando-a completamente.

Bem aqui.

Na minha frente.

O tanquinho definido fica exposto, saltando diante dos meus olhos, e é impossível desviá-los. Sendo sincera, nem me importo que esteja óbvio meu fascínio por essa parte em específico, visto que ele faz o mesmo comigo na maior cara de pau, por isso, mesmo que eu esteja aparentando um pouquinho obcecada demais, não consigo interpretar outro papel.

Pisco várias vezes ao notar sua movimentação em direção à minha cama. Alço os orbes até ele, minha respiração falhando, quando ele sobe no colchão e deita, se apoiando no cotovelo enquanto me encara. Neste momento, não estou nem aí se o que ele está usando nas partes de baixo mais se igualam a um short do que a uma calça, pois suas pupilas dilatadas são tudo em que consigo focar.

— Está encarando demais, princesa — ronrona.

— Deveria ter continuado vestido se não queria que eu fizesse isso — devolvo.

Ele sorri, cheio de lascívia, e deita a cabeça no travesseiro, esticando o braço para o lado, como um convite para que eu me acomode ali.

— Vem, linda. Amanhã vai ser cheio.

Eufórica, não penso duas vezes antes de engatinhar no pequeno espaço que nos separa, botar meu cabelo para trás e deitar no seu peito, me encaixando perfeitamente.

A sensação é estranha, até porque eu nunca cogitei dormir com meu chefe um dia — no sentido literal da palavra e, um dia, no *não* literal, espero —, mas não podia ser melhor. É durinho, macio e confortável. Aiden faz um carinho delicioso no meu braço, me deixando sonolenta.

— Hum… Você tem um cantinho muito bom pra dormir — murmuro, sonolenta.

— Aprovado, então? — quer saber, sorridente.

— Muito. — Suspiro e passo uma perna ao redor da sua cintura, enquanto os dedos dos meu pé brincam com os dele lá embaixo. — Queria muito conversar com você… mas eu… — bocejo, fechando os olhos, e pouso uma mão em seu peito — eu vou… vou dormir…

Aiden beija o topo da minha testa, virando para o meu lado e deixando a posição um milhão de vezes melhor e mais íntima.

— Boa noite, princesa.

— Boa… — bocejo novamente — boa noite.

Quando dou por mim, meus sentidos desligam gradativamente.

É a melhor noite de sono da minha vida, e isso tem tudo a ver com Aiden ser a pessoa a me fazer companhia.

32

Aiden Bellini



É inútil tentar descrever o que passa pela minha cabeça ao acordar, às cinco e meia da manhã, e encontrar Faith aninhada em meu peito, com uma perna ao redor do meu corpo e seus lábios voluptuosos parcialmente entreabertos, a respiração lenta e comedida, em um sono profundo.

Eu costumo levantar assim que acordo, contudo, agora, há algo que me prende. Não, não estou me referindo ao seu aperto firme, embora inconsciente, garantindo uma posição bem confortável, mas sim à visão da garota adormecida em meus braços. Não é a primeira vez que a vejo assim, mas continua me deslumbrando, me deixando de joelhos e fazendo o órgão que deveria ser responsável apenas pelo bombeamento do meu sangue se encher de um sentimento do qual não estou acostumado.

Já aceitei que estou apaixonado por ela. Perdidamente. E aquele beijo só comprovou o que já estava tão claro quanto a luz do dia há mais tempo do que eu percebi. O problema é que, mesmo assim, não sei o que esperar do futuro. Isso o que está acontecendo, *nós*, os beijos, os selinhos,

os toques, as declarações fujonas e minha alma florescer sempre que ela sorri para mim, está me dando esperanças, permitindo que eu crie expectativas muito mais altas do que o apropriado.

A abraço mais forte e colo os lábios na sua testa antes de, cuidadosamente para não acordá-la, levantar e preparar o nosso café.

Um sorriso se estende no meu rosto.

Porra, tão coisa de casal.

Faith se remexe na cama, como se sentisse a minha falta, e abraça o travesseiro que eu estava deitado. É um vislumbre de como seríamos se isso fosse para frente, se estivéssemos juntos de *verdade.* Quero dizer… eu não faço ideia do que, de fato, somos. Tenho medo de acabar perguntando isso a Faith e ela recuar, por medo de relacionamentos sérios.

Nós somos exclusivos?

Essa pergunta ronda minha mente desde antes mesmo do beijo na bancada, quando ela concordou em tentarmos. Sei que eu não tenho mais qualquer tipo de interesse em outra mulher e não *pretendo* me envolver com nenhuma outra, mesmo que não tenhamos conversado sobre isso. Mas… e ela?

Solto o ar pelo nariz, decidindo parar de pensar nisso, e vou fazer as minhas necessidades básicas que estão ao meu alcance nesse momento — inclusive escovar os dentes com os dedos. Rumo à cozinha, não titubeando em preparar o prato que eu sei ser seu favorito.

Quinze minutos se passam quando ouço passos delicados e, logo em seguida, mãos tocando as minhas costas. Arrepio-me dos pés à cabeça, deixando que o toque sutil se torne um abraço, onde Faith cruza as mãos acima do meu abdômen e descansa a lateral do rosto nas minhas costas.

Que sensação boa do cacete.

— Bom dia, princesa — desejo, movendo-me de um lado para o outro no cômodo pequeno enquanto ela continua agarrada a mim.

— Bom dia — murmura, a voz grogue. — O que está fazendo?

— Nosso café da manhã.

— Hum… — Ela dá um beijo na minha linha cervical, sem nenhum motivo ou razão aparente, e eu adoro isso. Não consigo arrancar a droga do sorriso idiota da cara. — O que é?

— Panqueca, bagels, ovos mexidos com bacon e suco de morango, seu favorito — completo, orgulhoso.

A garota arqueja com a pilha de panquecas que formei há pouco, notando a calda escorrendo deliciosamente por elas, com framboesas e mirtilo para complementar o “castelo”.

— Uau, parece estar uma delícia.

— Espero que aprove. — Eu viro para arrumar os pratos na mesa e ela entende isso como uma deixa para me soltar. — Coloque-os de volta.

Ela ri, mas faz o que eu peço. Suspiro, meu peito parecendo pequeno demais para suportar tantos sentimentos.

— Acho que estou te acostumando mal…

— Um pouco. — Pego um pedaço do bagles e dou para que prove. Faith abre a boca, começa a mastigar, com as feições analisadoras. — Bom? — indago, tenso.

— Não sei, tenho que provar mais um para ter certeza. — Ela abre a boca outra vez, inclinada para o biscoito nas minhas mãos.

Sorrio.

— Isso é um “sim”?

— Isso é “você me deu um pedaço muito pequeno e eu não consegui sentir o sabor direito”.

Rindo alto do seu atrevimento, eu corto um pedaço generoso para que não haja desculpas e lhe dou. Ela mastiga lentamente, fitando-me, semelhante àqueles jurados de programas culinários que passam cerca de dez minutos saboreando o prato só para causar terror nos participantes.

— E aí…?

Ela suspira, entregue.

— Está uma delícia, meu Deus! — geme, limpando os farelos que estão no canto da sua boca. — Como consegue ser tão gostoso?

Não deixo a oportunidade passar:

— Quem? Eu?

Faith revira os olhos, mas falha em bloquear o riso baixo.

— Serve para os dois, se isso amacia seu ego.

— Uma mulher como você me elogiando… tsc, tsc. — Nego com a cabeça. — Não irei me acostumar tão cedo.

— Gostosos reconhecem gostosos. — Faith dá de ombros, falando com tanta naturalidade que não tenho outra reação a não ser rir. — Acha que eu te daria beijinhos, carinho, dormiria agarradinha com você e essas coisas de casal se você não fosse um baita… — ela contorna meu torso com as mãos pequenas e macias e eu estremeço, me deliciando com o contato — gostoso?

— Isso quer dizer que você só está comigo por que eu sou gostoso?

— Por dentro e por fora! Tipo um pudim.

Gargalho, segurando sua cintura e trazendo-a de encontro ao meu peito.

— Preciso te perguntar uma coisa.

— O que você quiser, chefe. — Ela passa os braços pelo meu pescoço, acariciando os cabelos na minha nuca, toda linda.

— Adoro quando me chama assim. — Roço meus lábios nos dela. — Faz esse cargo parecer muito mais interessante.

A garota rola os orbes.

— Sabe que não está parecido em nada com um CEO vestindo esse short… quer dizer, essa *calça* — debocha, beijando meu queixo com um sorriso ardiloso nos lábios. — O que queria perguntar?

Dou uma lufada profunda, passeando as mãos por seus braços.

— Nós somos exclusivos, Faith?

Um vinco se forma em sua testa.

— Ainda tem alguma dúvida?

É como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros.

— Não, não, é que… nós não conversamos sobre isso, então…

— Aiden — ela chama e eu paro. — Tá querendo ficar com outra pessoa?

Arregalo os olhos.

— O quê? Óbvio que não!

— Ótimo, porque eu muito menos. — Suspira. — Não importa como queira chamar isso aqui, Aiden, mas é real. Cem por cento exclusivo. Apenas você e eu. Homem nenhum vai me tocar além de você.

Meu peito infla.

— Mulher nenhuma vai me tocar além de você, Faith — juro, pinçando seu queixo. — Eu sou todo seu.

— E eu sou toda sua — sussurra nos meus lábios. — E se algo acontecer diferente do que está me prometendo, Aiden, pode começar dando adeus ao seu amiguinho aí de baixo — ameaça, convicta.

Um sorriso torto molda meu rosto.

— Não acho que seria uma boa, princesa. — Desço os lábios para o seu pescoço, escutando-a ofegar. — Você ainda vai precisar muito dele.

Ela dá um soco no meu peito, que não chega nem perto de fazer cócegas.

— Se acha que esse negócio que você tem no meio das pernas vai conhecer o caminho entre as *minhas* se você ousar deixar alguma mulher te tocar indevidamente, está muito enganado — retruca, enfurecida.

Deliciosa.

— Hum… Então você faz o tipo possessiva?

— Entenda como quiser.

Eu abro um sorriso, pois vê-la toda bravinha assim está me matando.

— Se soubesse as coisas que passam na minha cabeça, nunca cogitaria isso. — Beijo seu pescoço e puxo uma cadeira para sentar.

Faith ergue uma sobrancelha.

— Uau, quanto romantismo — resmunga e, sem dar a ela a chance de se assentar ao meu lado, puxo sua cintura, fazendo-a cair em meu colo. — Você virou cadeira e eu não fiquei sabendo?

— E você pode sentar nela a hora que quiser. — Mordisco o lóbulo da sua orelha, sua pose de durona sumindo em um estalar de dedos. — Para de reclamar, linda… Eu cozinhei isso tudo e é assim que me retribui?

— Isso é chantagem emocional.

— Funcionou?

Ela bufa.

— Talvez.

Rio, acomodando-a melhor em minhas pernas, e começamos a comer. Entre beijos e farpas, nós conversamos sobre o agora, sobre o passado e sobre o nosso futuro. Faith abre mais do seu coração para mim,

assim como eu faço com ela, e externaliza, mais uma vez, sua vontade de ter um gatinho por se sentir tão solitária.

Eu garanto a ela que esse sentimento vai se tornar algo distante a partir de agora.

Porque, um: eu estou aqui; dois: eu estou pronto para realizar mais um sonho seu.

33

Aiden Bellini



— Por que você tá sorrindo feito um idiota desde a hora que chegou?

É a primeira coisa que Lance pergunta ao cruzar as portas do meu escritório.

E como eu posso culpá-lo por achar estranho? Não é como se, antes de hoje, houvesse existido um dia onde eu estivesse desde às oito horas da manhã com um sorriso pertinente no rosto.

Efeito Faith Mackenzie.

— Não estou sorrindo feito um idiota — minto, anotando em um papel tudo sobre as novas táticas que estou pesquisando para expandir nossa empresa em mais âmbitos.

— Mentindo pra mentiroso, Aiden? — Ele se joga na cadeira. — Para a sua infelicidade, você pode mentir para qualquer pessoa, menos para mim.

Suspiro, ciente de que isso é um fato.

— Não aconteceu nada, Lance.

— Ah, por favor! Você chegou e cumprimentou *todos* os funcionários! Como quer que eu acredite nisso?

— Falando assim até parece que eu sou um mal-educado que não fala com ninguém.

— Eu não diria "mal-educado", só… recluso — pondera. — Vai, é sério. Tem a ver com Faith, não tem?

Meu pulso dispara com a mera menção.

E, puta merda, meus lábios se repuxam para cima.

— Caralho! — Eu dou um pulo na cadeira quando meu irmão berra, acabando por me fazer derrubar a caneta. — Eu sabia!

— Cacete, Lance, para de ser louco — reclamo, com a mão no coração. — Qual é o seu problema?

— Eita, desculpa. — Dá um sorriso amarelo, se abaixando para pegar a caneta que caiu próximo aos seus pés e me entrega. — Parece que a terceira idade tá vindo mais cedo do que eu pensei.

— Terceira idade uma porra. — Respiro fundo, sentindo a veia da têmpora pulsar. — Você sabe que eu odeio sustos.

Meu irmão assente, compreensivo.

— Mil desculpas.

— Desculpas não aceitas.

— Pois vai se foder.

— Vai você — retruco.

— Criança.

— O único aqui que age como uma, vinte horas por dia, é você.

Ele revira os olhos.

— Voltamos a ter quinze anos?

— Às vezes é o que eu me pergunto quando te vejo fazendo burrada.

Lance emite um chiado de escárnio.

— Pé no saco. — Balança a cabeça. — Você passou a noite na casa dela?

Franzo o cenho.

— Quem te contou?

Um sorriso amplo se desdobra na sua boca.

— Passei lá umas dez da noite e você não estava… Perguntei à Maya e ela me disse que seu queridíssimo chefe havia passado o dia fora.

Bufo, desistindo de manter a postura ereta e me jogando na cadeira acolchoada.

— É, Lance, eu passei a noite com Faith.

Um cintilar maldoso ganha vida em suas íris.

— É mesmo…? E o que rolou?

— Nada.

Sério mesmo, Aiden?, meu subconsciente alerta. *Você ter se sentindo em casa depois de anos não foi nada?*

Estou sendo um exímio mentiroso, Lance só não precisa saber. Quero manter isso entre mim e Faith até ter a confirmação de que não estou me iludindo em algo sem futuro.

— Nada de beijinhos?

— Não.

— Toques?

— Não.

— Flertes?

— Não.

— Nada, nada *mesmo?* — tenta pela última vez.

Espiralo, sendo o mais convincente que posso.

— Não.

Se meu irmão acredita, eu não sei, mas a questão é que ele se dá por vencido e para de perguntar.

— E o que foi fazer lá?

— Cozinhar.

— Hum? — entoa, confuso.

Estalo a língua.

— Faith me comunicou da má qualidade da alimentação dela, dizendo que jantava fast-food, essas coisas, e eu me ofereci para cozinhar pra ela. — Dou de ombros. — Nada demais.

Os olhos de Lance brilham.

— Que fofo.

— Preocupado — corrijo.

— Uma preocupação fofa.

Torço o nariz.

— Pelo amor de Deus…

Ele sorri.

— Quase ia esquecendo… — Desliza pela mesa um papel que só agora eu vejo que estava com ele em mãos. — Levi aceitou a proposta e assinou o contrato que enviamos por e-mail.

Sou preenchido por alívio e felicidade. Por incrível que pareça, mais por Levi e sua família do que por nós.

— Fico contente, Lance. Já sabe quando virão?

— Final do mês, nosso designer de interiores está fazendo os últimos ajustes na compra dos móveis mais bonitos e que combinam com o

estilo da casa.

Ergo uma sobrancelha.

— Ele ainda não terminou de ver isso?

— Bom, em partes… Porém uma das filhas de Levi pediu um tom de parede diferente para o quarto dela, bagunçando tudo o que Martyn tinha em mente.

Dou um riso anasalado.

— Tão perfeccionista, se não fosse por uma intervenção minha, Martyn ainda hoje estaria decidindo entre uma mesa laqueada e uma de vidro.

— Na minha concepção, a laqueada era mais bonita.

— Ainda bem que o escritório não é seu.

Meu irmão gargalha.

— Grosso. — Mostra o dedo do meio, dando impulso na cadeira para levantar. — Aliás, aquela nova secretária que você contratou para mim…

É, pois é, Lance tem *secretária* por motivos que nem eu sei, visto que não é algo realmente necessário. É bem provável que seja pelo fato de ele ser um puta preguiçoso desorganizado que não consegue resolver os problemas sem o auxílio de uma segunda pessoa.

Ah, claro, e principalmente por ele ser um galinha.

Um galinha com muito dedo podre para secretárias, aliás, porque só no primeiro semestre tivemos três e, as três, acharam uma forma de trair nossa confiança, vazando informações sigilosas da Bellini&Co para gente de fora e causando o maior alvoroço.

Por isso, desistindo de confiar na intuição maravilhosa — nota-se a ironia — do meu irmão, fiquei responsável por escolher a próxima que

ocuparia a mesa ao lado da sua.

— O que tem a sua nova secretária, Lance? — interrompo, sem acreditar que ele está vindo de novo com isso.

Ela expõe um meio sorriso e dá de ombros.

— A beleza dela está me distraindo.

Bufo audivelmente, sabendo que ele diria algo do tipo.

— Faça o favor…

Lance ri.

— Desculpa, estou apenas sendo sincero.

— Ela é casada, Lance. *Casada* — friso.

— É mesmo? — Suspira, cínico. — O marido dela deve estar fazendo um péssimo trabalho, então.

Eu pisco, a ficha caindo aos poucos.

Não acredito que ele fez o que eu acho que ele fez.

— Me diz que você não fez isso…

— Isso o quê? — Morde o lábio inferior, fingido.

Minhas mãos estão coçando para acertar um soco bem no meio desse sorriso debochado.

— *Lance*.

— Diga, irmão.

— Você não… não beijou ela, beijou?

Ele imerge os dedos longos no cabelo, uma risada vibrando na sua garganta e o semblante provando que minha tese está certa.

Eu vou matar esse maldito.

— Beijar é um pouco… *limitado* para descrever o que fazemos.

— Puta que pariu, eu vou te matar! — ladro. — O que você tem na cabeça, porra? Ficou louco?!

— Louco por uma morena gostosa que deixa meus dias de trabalho muito menos cansativos quando resolver sent…

— Estou falando sério, caralho! — esbravejo. — Savannah é uma mulher comprometida, Lance, *casada!* Ela usa uma aliança que brilha mais que a porra do sol e você ainda tem coragem de fazer isso? Sabe a merda que tá fazendo? E se o marido dela descobrir? Sabe que essa empresa vai abaixo junto com a merda de todo o legado que construímos por anos.

O rosto do meu irmão fica pálido feito papel.

Ótimo, ele caiu na real.

— Merda, e-eu… eu não pensei nisso. — Arrasta a mão pelo rosto. — Cacete, Aiden…

— Em quê? No fato de ela ser casada ou…

— Estou pouco me fodendo se ela é casada ou não. O marido dela é um merda que não sabe valorizar a mulher incrível que tem — me cala, umedecendo os lábios. — Estou falando da questão desse mesmo marido merda descobrir e foder com tudo.

— Faz muito tempo que estão nessa?

— Desde... a viagem, mas essa química do caralho perdura há bem mais tempo.

— Foi por isso que sumiu o dia todo depois da reunião?

Ele sorri com malícia.

— Foi, eu estava ensinando a ela que um carro serve para coisas bem mais gostosas do que dirigir…

— Cacete, você está ferrado... — Esfrego a ponte do nariz. — Acabem com essa relação extraconjugal antes que tome proporções maiores, estou falando sério.

— Ui, que nome chique — ironiza, negando. — A menos que Savannah esteja cansada de usar esse corpinho... nada vai acabar.

— Lance — gemo, controlando meu punho para que, acidentalmente, ele não acerte seu nariz em cheio. — Não me irrita.

— Você está se irritando sozinho. — Movimenta os ombros em puro escárnio. — Aquela mulher precisa de alguém que mostre que o sexo vai muito além daquela coisa sem graça da qual ela está acostumada, e eu não vejo nenhum problema em ser seu cobaia.

Ranjo os dentes.

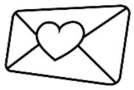
— Me lembre de nunca entrar na sua sala.

Meu irmão ri, indo à porta.

— Pode deixar.

— E, por favor... tome cuidado. — Suspiro. — Nem acredito que estou acobertando isso, por Deus.

— Não se preocupe, serei cuidadoso. — Ele lança um beijo no ar. — Tchau, maninho.



Estou organizando minha mesa, no fim do dia, quando ouço batidas na porta e, logo em seguida, a mulher mais linda do mundo entra, com um sorriso tímido no rosto.

É impossível conter o meu.

— Oi…

— Oi, princesa. — Ela se aproxima aos poucos e eu a puxo pela cintura, colando nossos lábios em um beijo rápido. — Só estou terminando de arrumar aqui e já vamos, tudo bem?

— Uhum — consente, e curiosa do jeito que é, não perde tempo em pegar o contrato de Levi na mesa assim que lê seu nome. — Esse papel significa…

— Que ele aceitou a proposta de morar em Nova Iorque — completo e ela abre um sorriso enorme. — Nós devemos isso a você. Obrigado.

Faith faz que não, devolvendo o papel ao seu lugar.

— Tenho certeza de que pensariam isso mais cedo ou mais tarde, eu só agilizei o processo.

— Faith... Vamos ter que trabalhar nessa sua insegurança. — Por mais que eu tenha dito em tom de brincadeira, a observação é séria. — Você foi, sim, importante pra caralho, hum? Não queira contestar.

Ela revira os olhos, rindo baixinho.

— Se o chefe está dizendo... Não posso discordar.

— Ah, não pode mesmo. — Assino o último contrato que faltava, permitindo a construção de uma nova lanchonete da Bellini 's Café em São Paulo, no Brasil, e guardo tudo na maleta. — Pronto, pra onde iremos hoje?

— Sua casa.

Não consigo esconder a surpresa.

— Quer conhecer a minha casa?

— Isso. — Anui, inclinando seu corpo ao meu, com um sorriso safado no rosto. — Não é justo que só você tenha conhecido minha casa e eu não, certo?

Agarro seu queixo com leveza, encostando nossos lábios, e desço minha mão perigosamente por sua coluna, sorrindo.

— Isso me parece uma desculpa para conhecer outros lugares…

— Hum... — A garota passa a língua nos lábios carnudos, atingido os meus, e eu gemo, pois justamente quando decido agarrá-la e iniciar um *senhor* beijo, ela se afasta, ardilosa. — Talvez. Quem sabe?

— Você é má, linda — resmungo quando ela se desvencilha do meu quase abraço, indo até a porta.

Ela dá um sorrisinho.

— Vai me levar?

— Para onde quiser, Faith.

34

Aiden Bellini



Ela anda por entre o jardim da minha casa feito um robô, passando o olhar hipnotizado pela estrutura, chocada com a dimensão.

— Tudo bem aí, princesa? — arrisco, aumentando os passos para ficar ao seu lado.

— Hum... Sim. — Assente, finalmente me encarando desde que chegamos. — Só... bem...

— Impressionada?

Faith sorri.

— A mansão é enorme. Nunca vim numa dessas e não estou acostumada. — Suspira, admirada. *Se você aceitar se tornar minha, vai ser a coisa mais comum de seus dias.* — Parabéns, você tem um ótimo bom gosto.

— Não é? — Passo a língua nos lábios, me gabando. — Demorou um pouco para ficar pronta, mas valeu a pena.

A garota balança a cabeça em concordância, desviando de um arbusto no caminho e parecendo encantada pelo jardim colorido que nos cerca. Diminuo o passo outra vez, deixando que ela me ultrapasse, porque é o momento que me permito admirar Faith como o idiota apaixonado que sou sem parecer um psicopata.

Ela está radiante, se assemelhando a uma criança que acaba de ganhar seu novo brinquedo. Guardo as mãos nos bolsos, olhando de relance para trás e avistando meu segurança com um olhar curioso no rosto. É a primeira vez que trago uma mulher aqui, então sua estranheza não é questionável.

Assim que chegamos ao portão, Faith solta um arquejo perplexo quando encaixo meu polegar no leitor biométrico da porta e ela automaticamente se abre. Sorrio por dentro, porque, se ela está abismada com coisas assim, imagine quando acessar todos os cantos da mansão.

— Eu nunca tinha visto um desse — exclama, suas mãos voando diretamente para a boca ao entrar, de verdade, na minha residência. — Puta merda.

— Bem-vinda, princesa — digo, a porta se fechando sozinha atrás de mim.

Não obtenho resposta.

Faith está ocupada demais com os olhos arregalados e fixos no elevador no centro da sala, no segundo andar com piso de vidro, na banheira de hidromassagem com LED na varanda — que, nesse ângulo, dá para ver perfeitamente —, nas enormes luminárias no teto e na TV um pouco maior que o usual pregada na parede. É de alguma pedra que só Lance sabe o nome, já que foi ele quem insistiu que eu a pusesse.

— Aiden, meu… Deus. — Ofega, sofrendo um sobressalto ao reparar no piso polido, daqueles que por pouco não são usados como

espelho. — Eu não quero nem saber quanto isso tudo custou.

— Milhões.

— Certo, eu imagino. — Pigarreia. — Desculpa, eu não sei fingir costume. É tudo tão… lindo. E moderno. Nada minimalista.

Dou um riso anasalado.

— Lance foi o responsável por grande parte da estética. Acredite, esse lugar só teria o básico se dependesse de mim.

Ela morde o lábio inferior, meneando suavemente a cabeça para o que eu falei, soltando risada fraca em seguida.

— E você… mora sozinho?

— Tecnicamente. Maya, minha governanta, passa um bom tempo aqui, mas quando dá esse horário, ela vai para casa. — Olho o relógio. — Ela é bem pontual, inclusive. Pensei que fosse dar tempo de vê-la antes de ir.

Faith gira sobre os calcanhares, trazendo sua atenção total para mim com os seus olhinhos enigmáticos e que me deixam de joelhos.

— Quer dizer que você mora sozinho nessa mansão ultra-mega-enorme?

Emito um ruído de desdém.

— Não é grande coisa, linda.

— Não se sente só?

A pergunta me acerta em cheio, tanto que até mesmo o meu sorriso brincalhão desaparece.

A verdade é que eu me sinto, sim, sozinho, e é por isso que evito ficar aqui. É solitário não ter ninguém, além das minhas plantas, para dividir um ambiente tão amplo.

— Não é grande coisa. — Clareio a garganta, desviando o olhar para a cozinha. — O que vai querer comer hoje?

— Aiden… — Ela toca meu braço. — Não muda de assunto.

Espiralo pesadamente, voltando o olhar para Faith.

— O que você quer que eu diga?

— A verdade.

Sorrio.

— Vai mudar em algo?

— Talvez.

Balanço a cabeça, sem entender onde ela quer chegar.

— Nada do que eu diga vai ser novidade para você, Faith. — Passo a mão no cabelo. — Sim, eu me sinto só. Sim, eu evito passar a maior parte do tempo aqui pra esse sentimento dissipar, pelo menos um pouquinho. Sim, toda semana eu compro um item novo super tecnológico e que não irei usar para *nada* só para suprir um pouco dessa solidão…

Faith cala a minha boca com um beijo.

Devido à ação repentina, demoro dois segundos para retribuir, me arrependendo amargamente, pois no momento que penso em entrelaçar minha língua na sua e colar nossos corpos, ela se afasta, arquejante.

— Princesa, vem cá… — peço, tentando puxá-la de novo, mas Faith espalma as mãos no meu peito, impedindo.

— Só me responde uma coisa. — Molha os lábios.

— Promete que vai deixar eu te beijar depois? — pergunto e ela franze a testa, séria. — Pode perguntar.

A garota dá uma última revisada em tudo o que ela pode ver por esse ângulo e, depois, com os olhos brilhando, me fita.

— Quantas dessas coisas malucas você tem por aqui?

Abro um sorriso amarelo, sem querer parecer mesquinho.

— Muitas…

Em contrapartida, seu sorriso aumenta.

— Já fez uso de todas?

— Nem metade. — Afio as pálpebras, desconfiado. — Por quê?

— Bem… — Ela corre os dedos por meu braços, encaminhando um excesso de eletricidade para todos os átomos do meu corpo. — Você não está mais sozinho…

Ouvir isso faz meu peito se expandir.

— Por que você está comigo?

— Porque eu estou com você — afirma.

Deito o pescoço para o lado, analisando-a.

— E o que quer dizer com isso?

— Além do óbvio? — debocha, sorrindo.

Reviro os olhos, sem conseguir conter a risada.

— Além do óbvio, princesa.

Faith estala a língua no céu da boca.

— Já te contei que já fui escoteira?

— Não…?

— Pois é, eu fui. — Tamborila os dedos no meu ombro, ponderativa. — E sabe o que escoteiros são?

— Não faço a mínima ideia.

— Muito, muito curiosos… E aventureiros.

O jeito que Mackenzie está falando me faz querer rir, porém eu me seguro.

— É mesmo?

— Uhum. — Faz que sim, ficando na pontinha dos pés para beijar meu queixo. — E sabe o que isso quer dizer?

— De jeito nenhum — nego, retribuindo seu beijo. — Por favor, me diga.

— Quer dizer… — Ela abre um sorriso humildemente assustador. — Que, juntos, nós iremos explorar essa mansão inteira!

Eu não me contenho, gargalhando alto conforme as peças começam a se encaixar e eu entendo o motivo de tanto suspense.

— Para de rir — murmura, se soltando dos meus braços e cruzando os próprios.

— Linda… — Puxo-a de volto, minha garganta vibrando e minhas bochechas doendo. — Todo esse mistério só para dizer que está louca pra conhecer minha casa?

— “Casa”?

— Casa, mansão… Tanto faz.

Ela bufa, de cara fechada.

— Sua *humilde residência* parece ser legal, só isso. — Faith busca se desvencilhar do meu abraço, mas eu a impeço. — Me solta, não quero mais.

— Princesa… — Paro de rir, ao menos externamente. — Para com isso. Nós vamos fazer o que você quiser.

— Não, você ficou rindo.

— Porque achei engraçado… — Pressiono os lábios. — Vamos lá, Dora…

— “Dora”?

— É, daquela animação. — Mordo o lábio inferior, contendo o riso. — “Dora, a Aventureira”. Se você quiser, eu posso ser aquele macaquinho

de botas vermelhas que não serve pra nada.

Faith quer rir, eu tenho certeza. Só olhar para as ruguinhas ao redor de sua boca para saber que ela está lutando para não deixar o sorriso escapar.

— Você só me irrita, isso sim. — Bufa.

E você só faz com que eu fique cada vez mais apaixonado, isso sim.

Tantas palavras guardadas, tanta coisa que reprimo por medo de não ser correspondido.

O que me custaria simplesmente vomitar tudo o que penso, o que sinto? O que me custaria dizer a ela que estou perdidamente apaixonado e que já faz um tempo?

Apaixonado pelos seus cachos, seus olhos, sua boca, seu humor, seu temperamento, seu sorriso, sua voz. Apaixonado, tão intensamente, pelo carinho que faz no meu braço inconsciente e por confiar em mim para se abrir.

Apaixonado pela forma que ela deitou sua cabeça no meu peito e dançamos em meio a tantas pessoas, mas que parecia que havia apenas nós naquele metrô, escutando Bon Jovi e partilhando de uma conexão imensurável.

É como se, naquele abraço, pedacinhos da minha alma quebrada estivessem se encontrando outra vez.

Um sorriso minúsculo brota no canto dos meus lábios.

— Vem, princesa… — Contorno sua cintura. Faith, mesmo marrenta, não resiste, suas bochechas assumindo uma coloração avermelhada. — O que você quer conhecer?

Ela fica pensativa por uns segundos e, como eu disse, começa a realizar um afago inconsciente no meu braço. Meu coração acelera, porque,

porra, eu adoro essas pequenas coisas.

— Você tem lixeiro e tomada embutidos?

Um vinco se forma em minha testa.

— Todo mundo não tem?

Arregala os olhos.

— Claro que não! — Se desprende de mim. — Estão na cozinha?

— Hum… Sim? — respondo, incerto. Realmente pensei que fosse algo comum. — Na bancada.

— Que legal! — ela dá um gritinho e vai até o cômodo. — Não sabia que isso existia na vida real.

— Foi uma das minhas primeiras aquisições. — Ando para o seu lado. — É bem mais prático.

— Porque ricos são tão preguiçosos? — indaga em tom de julgamento.

Eu rio.

— Somos práticos, linda, não preguiçosos. — Me defendo, apoiando meu quadril na bancada enquanto a observo brincar com as tomadas embutidas como se fossem um brinquedo.

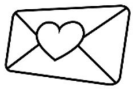
Até descobrir que a torneira liga e desliga apenas por aproximação.

Deus do céu, se eu não tivesse dinheiro para comprar outras centenas de torneiras como essa, estaria seriamente preocupado com a ideia de danificá-la. E o pior é que, mesmo sabendo que já, já a luzinha vai queimar devido à animação de Faith, eu não consigo e nem quero reclamar.

Eu simplesmente permaneço parado, de braços cruzados, observando, pois absolutamente nada pode comprar o sorriso que desponta do seu rosto e o cintilar estonteante das duas íris.

Se eu pudesse escolher um momento para ficar repetindo na minha memória em loop diversas e diversas vezes, seria esse.

Faith Mackenzie sendo quem é e sem medo algum de demonstrar isso é um momento que merece ser lembrado quantas vezes forem necessárias.



Já era tarde quando nossa “exploração” pela mansão inteira chegou ao fim, da qual minha garota fez questão de conhecer cada mínimo espaço, então jantamos rapidamente a comida que Maya havia feito — costela de porco ao molho — e fomos para o meu quarto.

Cacete, Faith está caminhando para o meu quarto e eu não estou nem um pouco preparado para isso.

— Hum… Acho que esquecemos de algo. — Ela vira abruptamente. — O que eu vou vestir?

Uma gracinha adolescente está prestes a rolar da minha língua quando percebo a situação que estamos e meus músculos tensionam.

O que Faith vai vestir?

— Merda — chio, coçando a nuca. — Você…

— Posso roubar uma de suas camisetas? — corta despropositadamente, retorcendo os dedos na barra da camisa.

Meu cérebro entra em pane.

Puta que pariu, o meu amigo lá embaixo tem um limite, e vestir uma roupa minha extrapola todos eles.

— Faith… — Respiro fundo. — Eu…

— Seu coraçãozinho não aguenta me ver vestida com uma de suas roupas? — Morde o lábio inferior, maliciosa. — Eu entendo, fico

seriamente gostosa com essas camisetas largas.

— Mais do que já é? — O questionamento retórico foge da minha garganta antes que eu tenha tempo de processar.

Mackenzie pisca, com uma perplexidade que não dura nem dois segundos.

— Isso. — Balança a cabeça, sorrindo. — Mais do que eu já sou. Acha que aguenta?

Reprimo um gemido agoniado, mas ela deve notar a angústia estampada no meu rosto, dando risada.

— Para com isso, linda…

— Eu não estou fazendo nada. — Ergue as mãos em rendição. — Aliás, o que devo esperar dos seus banheiros? Um chuveiro com portal para Nárnia?

Eu sorrio, ainda rígido.

— Nada demais, eu prometo.

Faith semicerra os olhos.

— Sei…

Ao entrarmos no quarto, ela, mesmo que surpresa com a grandiosidade, está mais acostumada. Não é a coisa mais impressionante que viu aqui, até porque meu quarto foi o único lugar que tive influência direta, porém é notório que a cama *king size* e o closet labirinto chamam a sua atenção.

— Quanta roupa — comenta, impressionada. — Você não vai se importar se eu pegar uma, vai?

Me importar? Definitivamente não.

Me incomodar? Droga, sim… Porque eu não sei até onde podemos ir nesse relacionamento e minha vontade será apenas uma quando ela

aparecer com uma camiseta minha batendo nas coxas, evidenciando sua bunda empinada.

Cacete, o que eu tô falando?

— Não irei — garanto, inquieto, a um passo de suplicar para que ela se vista logo e acabe com a tortura mental que estou me submetendo.

— Certo… — murmura, abrindo um dos imensos guarda-roupas e pegando de lá uma camiseta preta, com nada estampado. — Posso?

— Uhum. — Coço a garganta, prestes a colapsar. — Te espero aqui, vou arrumar algumas coisas enquanto toma banho.

— Sem problemas. — Pendura a camiseta no ombro. — Já volto.

Escuto a porta do banheiro bater e deixo o ar preso nos pulmões expelir pela boca. Sinto um comichão por todo o corpo e não consigo me concentrar em nada que eu iria fazer. Faith está a poucos metros nua. Como eu posso pensar em outra coisa?

Respira, Aiden. Você não pode invadir aquele banheiro e fazer uso do isolamento acústico que reveste seu quarto.

Repito essa frase tantas vezes na minha cabeça que fico tonto, mas não convencido.

Passo a mão no cabelo, resignado, buscando me concentrar no e-mail de trabalho que meu pai acaba de enviar.

Trabalho, trabalho, trabalho.

Nada de Faith nua do outro lado do quarto.

Nada de Faith com gotas de água escorrendo pela pele preta e macia.

Nada de Faith ensaboando o próprio corpo.

Puta merda, eu tenho trinta e seis anos, não dezoito. Não tenho mais idade para ficar feito um adolescente na puberdade imaginando a garota que

gosto pelada.

Inspiro e expiro fundo outra vez, dando graças a Deus quando meu pai liga.

35

Faith Mackenzie



Eu roubei uma cueca de Aiden.

Não me culpe, por favor. Tenho três argumentos para usar caso ele descubra e me olhe torto:

1. Cuecas são extremamente confortáveis;
2. Eu não iria continuar com a mesma calcinha do dia inteiro;
3. E muito menos ficar nua.

Dou uma voltinha no espelho gigante que Aiden possui entre o chuveiro e a banheira, o tecido macio modelando minha bunda com uma perfeição divina. Esboço um sorriso ínfimo para o reflexo.

Se ele me visse assim…

Sua camiseta bate nos meus joelhos, sem exagero algum, então seria meio estranho se eu acidentalmente levantasse a barra dela e exibisse meu belo traseiro. Ficaria bem na cara as minhas reais intenções, e não quero parecer oferecida assim.

“Você tá parecendo uma vagabunda fazendo isso, Faith.”

Minha garganta embarga quando a voz de Hawking invade meus pensamentos. Lembro que fazia semanas que ele não me tocava ou respondia às minhas investidas. Nosso namoro estava esfriando, e eu só queria me certificar de que isso não acontecesse.

Resolvi fazer uma surpresa. Comprei uma lingerie nova, vinho tinto e alguns produtos que, segundo a moça da loja, iriam "apimentar" a relação. Eu acreditei, é claro, porque que homem resistiria àquilo?

Hawking, aparentemente, porque a primeira coisa que fez ao me ver apenas de sutiã e calcinha na sala, à sua espera, foi acender as luzes e afirmar que eu estava me igualando a uma "vagabunda de prostíbulo". Semanas depois, eu entendi que ele não nutria mais desejo por mim porque estava com outra.

Ou melhor, *outras.*

Dou batidinhas nas minhas bochechas para espantar a vontade de chorar.

Aiden não é assim, reitero. *Ele nunca faria isso. Ele* ***não*** *é como Hawking.*

Com cuidado, como se eu quisesse fazer algum tipo de suspense, giro a maçaneta revestida de ouro (é, *ouro)* e saio do cômodo, tendo que percorrer um caminho maior para encontrá-lo, sentado em sua cama, lendo um clássico da literatura norte-americana, "Moby Dick". Eu passo um tempo o observando, porque Aiden de óculos, todo concentrado, é uma vista que merece ser apreciada.

Ele percebe a minha presença, e sua atenção vai rapidamente para a minha roupa, seus olhos descendo lentamente pelo meu tronco até parar em minhas pernas, absorto. Meus lábios se curvam para cima, espelhando um terço da minha satisfação.

Aiden me deseja.

— Você… — Ofega silenciosamente, tirando os óculos. — Você… Caralho, Faith…

Pressiono os lábios, bloqueando um sorrisinho bobo.

— Gostosa?

— Demais.

Tum-tum-tum-tum, é o som potente que meu coração faz quando ele diz essas coisas.

Quando ele me olha assim.

Como se eu fosse única e ele não quisesse mais ninguém.

— O que está lendo? — Com poucos passos, chego à sua cama e sento na beirada, ao seu lado. Estou à procura de algo para descontrair, embora saiba o nome do livro.

Aiden dá espaço na cama, cobrindo meu joelho descoberto com sua mão.

— “Moby Dick”, de Herman Melville — diz. — Já leu?

— Nunca. — É verdade. — Mas sei do que se trata, na escola era o livro mais indicado pelas professoras. Está gostando?

— É uma releitura. Li pela primeira vez faz anos e lembro que gostei. — Seu polegar afaga minha pele. — Espero que não seja diferente dessa vez. Vou me sentir seriamente mal se não me afeiçoar a uns dos maiores clássicos da literatura mundial.

Eu rio.

— Não há problema algum em não gostar dos clássicos, Aiden. Eu, por exemplo, não gosto nem um pouco de “O Apanhador no Campo de Centeio”, do J.D. Salinger, mas não sou menos leitora por isso.

Ele suspira.

— Sei que não, é só que… o que se espera de caras da minha idade é que eles gostem dos livros escritos há quinhentos anos. E realmente gosto de alguns, tipo os do George Orwell ou “Fahrenheit 51”, do Ray Bradbury, mas tem uns que… por Deus.

Gargalho da sua cara de desgosto.

— Entendo. Sendo bem sincera, eu adoro alguns, tipo “Romeu e Julieta” e “Dom Casmurro”.

— “Dom Casmurro” — ressoa, passando a língua nos lábios. — Traiu ou não traiu?

— Eu sabia que iria fazer essa pergunta. — Reviro os olhos. — E não, não traiu.

Ele ergue uma sobrancelha, fecha o livro que estava lendo e se vira para mim.

— É mesmo? Por que acha isso?

— Primeiro que o livro inteiro é narrado pelo ponto de vista do Bentinho, ou seja, não há como saber o que os outros personagens faziam ou pensavam. Ficamos, literalmente, quase seiscentas páginas presos nas paranoias dele e em suas desconfianças.

Ponho uma mecha de cabelo atrás da orelha e começo a listar:

— Por exemplo, a demora para Capitu engravidar poderia ser facilmente justificada por um problema congênito, tendo em vista que a Dona Glória também demorou para engravidar dele. Ou quando Bentinho narra que o filho deles se assemelha muito aos modos de Escobar, mas como podemos levar isso em conta se o garoto tinha o costume de imitar a todos? Ou também sua semelhança com Escobar, que, bem, não passa de uma coincidência, já que Capitu e a mãe de Sancha possuem traços parecidos, mas nem por isso são parentes. Acho que Bentinho estava tão

obcecado nas próprias conjecturas que estava atrás de qualquer mínimo motivo para culpar a esposa.

Aiden balança a cabeça lentamente, refletindo.

— Nunca tinha pensado por esse lado… Acho que ter acesso apenas aos pensamentos dele influencia muito na leitura.

— Sim — exclamo. — Bentinho era um advogado, ele tinha um poder muito bom de persuadir, mas como eu sou bem desconfiada de homens no geral, prestei atenção ao máximo em cada detalhe da história.

Ele retorce os lábios em uma linha fina.

— De todos?

Raspo os dentes no lábio inferior, fingindo ponderar.

De todos? Não, não mesmo. Há um que se salva no meio deles, e pode ser a atitude mais errada e precipitada da minha vida, mas confio nele.

— Posso abrir uma exceção pra você. E para meu irmão também, é claro. — Solto uma gargalhada abafada.

Seus olhos brilham.

— Mesmo?

— Uhum — balbucio. — Por incrível que pareça, você não é tão babaca quanto eu pensava.

Aiden ri.

— Poxa, que lisonja.

— Não é? — Enceno um suspiro dramático. — Aliás, sabe do que eu lembrei?

— É muito difícil não ter uma bola de cristal.

— Grosso. — Dou um empurrão no seu ombro e ele ri, me abraçando.

— Do que lembrou, princesa? — Beija meu ombro, percorrendo um caminho delicioso até meu pescoço.

— Não vou conseguir me concentrar se continuar fazendo isso — declaro, esmorecida quando seus beijos param. — Ah, não… Continue.

Sua risada faz cócegas na minha nuca antes de se afastar.

— Quero te ouvir. O que aconteceu?

Eu ajo como uma criança birrenta por alguns segundos antes de começar a falar, com um bico enorme na boca e enraivecida pelo claro divertimento de Aiden.

— Ok, bom… — Enrolo meus cabelos nos dedos. — Faz pouco tempo, na verdade, uns dias antes de começarmos a nos tratar como gente. — Escuto seu riso fraco. — Lá estava eu, em um belo dia, sentada no sofá enquanto assistia alguma besteira, quase de madrugada, eu acho, quando recebi uma mensagem.

— Prossiga.

— Eu achei estranho, porque, primeiro, eu não tenho amigos, e, segundo, estava tarde para ser alguém da empresa ou o meu irmão. — Busco os acontecimentos na memória. — Beleza, fui lá, toda desconfiada, e descobri que era uma mensagem de e-mail. Minhas dúvidas aumentaram. Quem usa e-mail para se comunicar hoje em dia? — Nego com a cabeça. — Enfim, entrei e… vi que estava no nome de “anonimo@bellinicafe.com” Muito bizarro…

Aiden pausa as carícias na minha perna, congelando.

Um sinal de alerta se acende no meu cérebro.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, preocupada.

Ai, meu Deus! Será que ele tá tendo um infarto?

Ele não responde, o pomo de adão na sua garganta convulsionando.

— Aid…

— O que… o que aconteceu depois? — questiona, os olhos mais abertos que o normal.

— O quê? Eu não vou falar nada, você parece que tá passando mal… Aqui tem algum remédio? Você tem problema no coração e eu não sei?!

Aiden quase ri.

Quase.

— Faith, eu não estou passando mal — alega, e eu não acredito nem um pouquinho nisso. — Estou bem, é sério.

— Mas… mas você congelou do nada e…

— Estou bem — enfatiza, incisivo. — Só… o que aconteceu depois?

Com uma pulga atrás da orelha por sua mudança repentina de humor, eu retorno ao assunto, incerta sobre as partes que devo ou não dizer, completamente desanimada.

— Não… não aconteceu nada. Ele mandou umas coisas sobre minha aparência, dizendo que estava encantado por mim, que eu era linda, que ficava me secando o dia inteiro… Mas quando pedi para que ele se revelasse, ele disse que não podia. Nisso, ele sumiu e voltou uns dias depois a mandar mensagens. Devo ter tocado em algum assunto sensível, porque, depois disso, ele sumiu totalmente. — Solto o ar pelo nariz, dando de ombros. — Vai ver era só um tarado que estava entediado e quis me fazer de palhaça. — Dou de ombros. — Não tem muita importância.

Ele não diz nada por uns bons segundos, como se estivesse absorvendo as palavras. Não compreendo seu comportamento, de verdade. Esperava que ele fosse começar a xingar o cara e se mostrar super puto, mas não…

— E se ele estivesse… com medo de se revelar?

— Por que ele teria medo?

— Da mesma forma que *eu* tive medo de dar um passo à frente com você, Faith.

— Não faz o menor sentido. Ele sumiu, completamente. Se isso não for razão suficiente para eu ter certeza de que fui apenas um passatempo que ele logo enjoou, eu não sei mais o que seria.

Ele endireita a postura e coça a barba, tirando seu corpo do meu alcance.

— Talvez você esteja tendo atitudes precipitadas, linda… Esse cara pode só ter caído na real e percebido que… que nunca daria certo com você.

Eu rio, descrente.

— Então ele nunca me quis de verdade, não é? Porque eu acredito que, quando se está realmente querendo alguém, não existe essa de "não ser o suficiente". Isso pra mim é só uma desculpa para não querer *fazer* dar certo.

— Não acho que entenda o que é se sentir menos do que a pessoa que você gosta merece, Faith.

— Eu… Como é? — Aumento o tom alguns decibéis, sem acreditar no que ouvi. — É sério que você está me falando isso? Porra, Aiden, pode acreditar, eu sei muito bem o que é se sentir insuficiente. Se você *bem* sabe, eu já fui traída tantas vezes que mal posso contar nos dedos. Além disso, a pessoa que eu achava ser amiga, vinha me apunhalando pelas costas esse tempo inteiro. Eu *sei* como é, mas, caralho, ele sequer tentou! Como ele pôde tirar conclusões precipitadas se, cacete, nem nos conhecíamos? — exalo, profundamente irritada.

— Faith…

— Vai tomar banho, Aiden — corto, ajeitando os travesseiros e pegando a primeira manta que vejo na minha frente para me cobrir.

Deito de costas para ele, controlando meu nervosismo, porque essa merda de assunto me traz lembranças que gostaria muito de esquecer.

— Não, linda, não faz assim — pede, fazendo menção de me abraçar, mas tiro suas mãos assim que elas pousam em minha cintura. — Faith… Por favor. Não te chamei aqui para ir dormir brigado com você.

— Nem tudo sai como o planejado, aparentemente — respondo, fria.

Aiden suspira e de soslaio o avisto passar a mão no cabelo.

— Não quero ir dormir desse jeito, princesa — diz baixinho. — Me perdoa pelo que eu disse.

Balanço a cabeça, de repente me sentindo pesada.

— Eu não me importo de pensar dessa forma, ainda que eu discorde, só não gostei de como insinuou que… que eu nunca passei por isso — murmuro.

Dessa vez, ele tenta me abraçar e eu permito, enterrando o rosto na curvatura do meu pescoço.

— Eu sei, eu sei — sussurra enquanto sela seus lábios na minha pele. — Me perdoa, por favor. Eu só quis me colocar no lugar dele, pensar como ele deve ter pensado…

— Ele foi um babaca.

— Sim, você está certa. — Aquiesce. — Se ele gostasse mesmo de você, persistiria.

Faço que sim, começando a me sentir sonolenta.

— Desculpa por ter surtado.

Sinto seu sorriso.

— Desculpa por não ter entendido seu lado.

Dou uma risadinha baixa quando sua barba faz cócegas próximo à minha orelha.

— Nós sempre iremos resolver nossas discussões assim? Brigando e cinco minutos depois pedindo perdão?

— Eu espero, linda, porque não pretendo perder você por bobagens.

Respiro fundo, cobrindo sua mão com a minha e entrelaçando nossos dedos.

— Eu também não pretendo perder você por bobagem.

36

Faith Mackenzie



Ter dado uma chance para o meu chefe foi a melhor decisão que eu tomei. Se eu disser o quanto aquele poste, rabugento, de dois metros está me fazendo feliz, poucos irão acreditar.

Não os culpo, eu também não acreditaria, mas isso não importa agora.

Faz sete dias que eu tenho experimentado um tipo de cuidado do qual não estou acostumada. Aiden, pela manhã, me deixa na faculdade. À tarde, tira um tempinho para ir me buscar quando dá. Ele me solicita em alguns momentos do dia só para eu dar uma passadinha no seu escritório e matar a saudade. À noite nós saímos, ele faz a minha janta, dorme na minha casa e, às vezes, eu durmo na dele.

Não dá e nem sei se consigo explicar a felicidade que está preenchendo cada partícula do meu coraçãozinho machucado quando estamos juntos, quando *penso* nele. Nunca imaginei que ele, logo ele, alguém que eu desprezava e falava mal pelos cantos, seria uma das maiores causas de eu me sentir em casa novamente.

Nunca nos declaramos oficialmente. Nunca admitimos que estamos apaixonados um pelo outro e nem rolou um pedido de namoro oficial, mas, sinceramente, não é necessário. Por mais que eu queira muito ouvi-lo pronunciar aquelas três palavrinhas, suas atitudes são a maior prova de amor que eu poderia pedir.

O jeito como cuida de mim, como se preocupa com a minha saúde, como me apoia quando o assunto é a faculdade, como debate sobre livros comigo, como fica realmente interessado em algo que lhe conto, como faz cafuné no meu cabelo quando estamos assistindo algo...

O jeito como simplesmente me olha.

Como me beija.

Por incrível que pareça, nunca fomos além dos beijos. Estamos esperando por algo que nós dois sabemos o que é. Aiden Bellini de arrogante só tem a cara, porque o coração é tão romântico quanto o meu, e queremos dar *aquele* próximo passo quando tivermos certeza de tudo.

Isso significa tanta coisa para mim. Admito que saber que ele quer que a nossa primeira vez seja especial me deixa chorosa. Passar anos enclausurada em namoros onde o sexo se tornou algo banal cria em você um sentimento de futilidade quando esse assunto é mencionado, mas conhecer alguém que valorize as pequenas e grandes coisas dentro de um relacionamento faz o sentimento significativo nascer outra vez.

Me pego sorrindo sozinha enquanto caminho para o apartamento de Thomas. Ele pediu para que eu o atualizasse dos acontecimentos e, bem, nada melhor do que fazer isso pessoalmente e correr o risco do meu irmão começar a zoar como estou apaixonada só pela forma que falo de Aiden.

E o pior é que nem vou poder negar.

Thomas abre a porta e me puxa para um abraço de urso. Eu retribuo, morrendo de saudades.

— Senti sua falta, maninha — diz, fechando a porta.

— Eu também. — Me desvencilho com dificuldade do seu aperto, deixando um beijo na sua bochecha. — Como está?

— Com muita... coisa pra te falar. — Thomas coça a nuca, suas feições ficam tensas. — E você?

Uno as sobrancelhas, subitamente nervosa.

— O que aconteceu? — Passo o olhar ao redor. — Cadê a Stacy?

— É sobre isso que eu quero conversar com você. — Suspira e me puxa para o sofá. — Vem cá.

— O que aconteceu? — Minha garganta fecha. — Vocês... Vocês terminaram?

O semblante triste que toma conta do rosto de Thomas diz tudo.

— Ela está grávida, Faith.

Ah, Deus. Não diz tudo, não.

Meus olhos vão se abrindo conforme a informação começa a girar, girar e girar na minha cabeça.

Grávida? Meu irmão vai ser pai?

EU VOU SER TIA?

— Faith, você está bem?

A voz de Thomas me arrasta para fora dos meus devaneios.

Pisco, minha mente rodando.

— Você vai ser pai? — sussurro, aturdida.

Um ínfimo sorriso toma seus lábios.

— O filho não é meu.

Então, eu entendo.

Não é um sorriso feliz.

Stacy traiu meu irmão.

Eles terminaram.

Levo as mãos à boca, desacreditada do que estou ouvindo. Reparo nas bolsas abaixo dos seus olhos, na aparência cansada, nas fotos dos dois que não estão mais em cima da mesinha de centro.

— Irmão... — Minha voz é obstruída pela vontade de chorar. — Meu Deus...

— Ei, não chora. — Ele ri, limpando algo na minha bochecha que só então percebo que é uma lágrima. — Estou bem, sério.

— Não ouse dizer que está bem quando eu sei que não está — ordeno, fungando. — Como... como você descobriu?

Thomas dá de ombros, e nesse gesto consigo discernir como está quebrado por dentro.

— Ela me contou. — Solta o ar pelo nariz. — Três dias depois de eu achar que o filho era *nosso* e me empolgar com escolha de nomes, enxoval... Enfim. — Limpa a garganta. — Stacy não me deu detalhes, mas parece que foi com um amigo da faculdade. Se aconteceu uma vez ou se eles estavam tendo um caso por minhas costas? Eu não sei, e, aliás, nem quero. Prefiro acreditar que ela engravidou na primeira e única transa que tiveram do que saber que fui feito de idiota durante esse tempo todo.

Não percebo que estou lhe abraçando até sentir seu rosto na curvatura do meu pescoço.

O choro esganiçado que escapa da sua garganta quebra meu coração de uma forma inigualável.

Nós choramos juntos, abraçados. Eu mais do que ele.

Odeio vê-lo sofrer. Odeio saber que alguém teve coragem de traí-lo dessa forma.

— Eu sinto muito, maninho. — Minhas lágrimas molham seu ombro. — Eu sinto tanto, tanto.

— E-eu me pergunto quando eu e-errei, sabe? — Sua voz fraqueja. — Quando eu falhei como n-namorado e me tornei insuficiente pra ela.

— Thomas, a culpa não é sua. — Me afasto para olhar no fundo dos seus olhos. — A culpa não é sua se ela não teve caráter para respeitar o namoro de vocês. A culpa não é sua se ela não soube valorizar a pessoa maravilhosa que tinha ao lado. Nunca se culpe pelos erros dos outros, ok?

— Mas, Faith...

— "Mas" nada. — Seguro seu rosto. — Chore o quanto quiser e precisar, porque a dor precisa ser sentida, mas *nunca* deixe que essa dor te bote como o culpado da história, ok?

O sorriso que esboça é fraco, porém mais sincero que o outro.

— Tão sábia... Aonde está aprendendo tudo isso?

Dou de ombros.

— Tenho um professor particular que está me ensinando muita coisa.

Em meio às lágrimas e rosto inchado, os lábios do meu irmão se curvam e um ponto de interrogação nasce no meio da sua testa.

— É mesmo? Quem? — Minhas bochechas ruborizam. — Ah, é claro que seria ele...

Comprimo os lábios.

— Ele mesmo.

— Como vocês estão?

— Quer saber individualmente ou como casal?

— Então o tópico "casal" existe? — Franze o cenho.

Ah, poxa. Fui pega no pulo.

— Talvez... — deixo a frase no ar, misteriosa.

— Quero que me conte tudo.

Torço o nariz.

— Creio que não seja o momento.

— O quê? Por quê?

— Thomas... — Nego com a cabeça. — Você e Stacy...

— Ah — sopra. — Está com medo de eu ficar deprimido vendo minha irmã feliz?

— Não foi isso que eu pensei, mas...

— Faith — interrompe, sem um pingo de diversão pintando sua fisionomia. — Nada me faria mais feliz agora do que te ouvir falar sobre vocês dois.

Trago as pernas para cima do sofá, abraçando-as, e pouso o queixo em cima do joelho, me balançando de um lado para o outro.

— E quem garante que estamos bem?

— Esse seu sorrisinho idiota na hora que mencionei o nome dele.

E, involuntariamente, o bendito “sorrisinho idiota” cresce no meu rosto.

— É, não dá para negar — concordo. — Estamos *muito* bem.

Ele assente, levando minhas pernas para cima das suas.

— Como se sente namorando seu chefe?

— Não estamos namorando.

— Namoro é só um título, eu diria que vocês já passaram dessa fase — brinca, mexendo nos dedos dos meus pés como costumava fazer quando criança. — Estou falando sério, Faith. Como está se sentindo?

Liberando um longo suspiro apaixonado, eu deito a cabeça no encosto do sofá.

— Me sinto feliz, Thomas. *Ele* me faz feliz — respondo. — Quando terminei com Hawking, eu pensei que nunca mais fosse gostar ou me apaixonar por alguém. Me afastei de todos, evitei todo mundo, criei desculpas para não levar os encontros adiante, porque, na minha cabeça, todos eram iguais. Em algum momento, iriam me decepcionar — desabafo. — Então, daí, ele apareceu. Como tudo começou é o mais legal. Eu o odiava, ou, pelo menos, era nisso que queria acreditar. A questão é que, aos poucos, nos aproximamos, construímos uma amizade, eu conheci uma versão dele que ninguém mais conhecia... Quando dei por mim, já estava apaixonada, e me dei conta de que *"é loucura odiar todas as rosas porque uma te espetou"* — cito uma das frases do meu livro favorito e Thomas sorri. — Aliás, esse livro é o favorito dele também.

Meu irmão esbugalha os olhos em surpresa, feliz por mim.

— Não sabia que ele gostava de ler.

— Nem eu! — exclamo. — Mas ele gosta e *muito*. Temos muitas leituras em comum e, quando não estamos nos beijando, flertando ou falando do Bon Jovi, nosso assunto principal é quase sempre sobre livros.

Thomas estica a mão em direção aos meus cabelos, e lá ele realiza um carinho suave. Seu olhar fraterno faz meus olhos lacrimejarem.

— Eu te amo, sabia?

— Eu também te amo, maninho.

— Te ver feliz vale mais do que ganhar no Mega Millions[5] — declara. Eu gargalho. — Não tem ideia de quantas vezes orei para que achasse alguém que acendesse esse brilhozinho nos seus olhos de novo. Não conheço Aiden pessoalmente, muito menos nos falamos, mas se ele faz sua barriga ficar agitada de um jeito bom e te arranca esses sorrisos, eu considero o cara pra caralho.

Lágrimas teimosas correm por minhas bochechas.

— Um dia vai ser eu a fazer esse discurso pra você.

Thomas ri.

— Que bonitinho, nós dois levamos chifres. Somos uma dupla azarada.

— Thomas! — Bato no seu ombro. — Para com isso.

— O quê?! — Ri ainda mais. — Estou fazendo piada com a minha desgraça, com licença.

Reviro os olhos.

— Inclusive, esse é o momento que você dá chance para aquela minha colega de curso. — Bato as pestanas. — Ela vai surtar quando souber que o *crush* supremo dela está solteiro.

— A Annie?

— Ela mesmo.

— Você nunca mais me falou dela, pensei que...

— Seja lá o que pensou, pensou completamente errado. — Levanto um dedo, cortando-o. — Além de linda, estudiosa, engraçada, ela nutre uma paixãozinha por você desde que me conheceu e eu, despropositadamente, te apresentei. Acho que vale a pena tentar.

— Faith, eu *acabei* de terminar um namoro de anos.

— Você fala como se não tivesse me induzido a sair com um amigo seu no dia que eu terminei com Hawking — lembro, em tom acusatório.

— Você estava tão tristinha...

Estreito os olhos.

— Feliz é que você não está.

Thomas me lança o dedo do meio.

— Eu ainda amo ela. Você mais do que ninguém sabe que não dá pra se livrar de um sentimento assim, de uma hora para outra, e Annie

parece ser alguém incrível. — Espirala com força. — Não é justo com ela e nem com ninguém.

Não queria ter que passar pelo que eu passei para entender esse conflito interno, mas eu *entendo*, e não consigo julgá-lo por isso. Até porque, como poderia? Thomas falava de Stacy como se tivesse descoberto uma nova galáxia. Era amor, pelo menos da parte dele. Agora, se nossas dores forem iguais, é como se estivesse faltando algo dentro dele, e isso nem encontros, garotas ou festas preenchem.

E nem Stacy.

Esse buraquinho será aos poucos preenchidos por ele próprio.

— Um passo de cada vez, Thomas. — Deito a cabeça no seu ombro. — E se você não der certo com mais nenhuma mulher, aprenda que sua própria companhia já basta e a ame intensamente.

— Vira essa boca pra lá, Faith — resmunga. — Quero ter filhos.

— Mas isso você arruma em qualquer lug...

— Você não presta! — grita, beliscando meu braço, e eu gargalho. — Quero uma família, Faith, não engravidar uma garota qualquer que conheci numa balada e obrigar meu filho a experimentar exatamente o oposto do que eu e você tivemos quando pequenos.

A menção aos nossos pais traz calor ao meu coração.

— Eu também quero viver um amor como o deles — conto. — Nossa, acho que somos dois irmãos melosos e iludidos.

— Você já está vivendo, minha linda. — Ele toca meu nariz. — Imagine só como nossos pais ficariam felizes em saber que ele é o George da sua Mia.

Emito um som de escárnio, lá no fundo adorando saber que isso é verdade.

Não vejo a hora de você poder chamá-lo de cunhado, Thomas.

37

Faith Mackenzie



É claro que Lizandra não me deixaria em paz após me flagrar rindo discretamente para Aiden antes de ele subir para o escritório. Mas é *claro* que não.

A morena está literalmente me seguindo para todo o lugar que vou e as pessoas à nossa volta estão começando a achar que, no mínimo, eu pedi dinheiro emprestado e esqueci de pagar.

— Vai, vai, vai, vai! O que tá acontecendo entre vocês? — implora, pela vigésima vez em um período de dez minutos.

— Já falei que nada, Liz — murmuro, olhando-a por cima das enormes taças de milk-shake. — Vou derrubar isso em cima de você se não sair da minha frente.

— Poxa, Th... — Eu faço uma careta para o apelido. — Se você quiser, eu te conto como está sendo meu namorinho com Lorenzo — barganha.

O riso sai por entre meus lábios fechados sem que eu perceba.

— Vocês se conhecem há duas semanas, meu Deus.

— Ah, não posso fazer nada se ele é irresistível. — Estremece. — E então?

Pego o papelzinho com o número do pedido e colo na bandeja.

— Você não vai parar de perguntar nunca, não é?

— Não vou mesmo! — se anima. — Vai me contar?!

Lizandra tem esse jeitinho irritante que, por alguma razão, me cativa.

Reviro os olhos, suspiro, vou à mesa dos clientes, desejo uma boa refeição, volto, amarro meu cabelo e, com uma puxada de ar profunda, fitando as feições esperançosas de Liz, pergunto:

— Sua dúvida é sobre estarmos ou não juntos?

— Isso!

Passando a língua nos lábios, faço que sim com a cabeça.

— Estamos.

Ela solta um gritinho, e quando percebe que foi alto demais, tampa a boca com as mãos, porém os olhos permanecem saltados para fora.

— Sério?!

— Seríssimo.

— Ai. Meu. Deus! — Dá pulinhos. — Eu sabia que vocês tinham algo!

Junto as mãos atrás do corpo.

— Somos... somos muito óbvios? — questiono, desconfiada.

— Ah, que nada! Só um pouquinho — ironiza, divertida.

— Lizandra, nem brinca com isso. — Engulo em seco. — Não quero que descubram que estamos juntos.

Ela entende a gravidade da situação, pois a euforia se esvai de seu rosto.

— Iriam falar muita besteira, né?

— Ah, e ponha besteira nisso.

A garota passa as mãos nos cabelos longos, pensativa.

— E como pretendem levar isso pra frente? Tipo, uma hora ou outra irão descobrir, né?

Um arrepio de medo percorre minha espinha com a mera possibilidade de alguém descobrir que somos muito mais do que chefe e garçonete dentro e fora do estabelecimento.

— Não conversamos sobre isso, na verdade — sou sincera. — Ainda estamos naquela fase *antes* do namoro, entende? Eu sinto como se nós dois tivéssemos medo de falar sobre o futuro.

— Começo de relação é sempre um porre mesmo, ao mesmo tempo que é muito bom — concorda. — A gente fica receosa de ter uma conversa mais séria por medo do parceiro não sentir o mesmo que a gente, né?

— Sim! — Aquiesço. — É exatamente isso que eu sinto. Apesar de Aiden demonstrar que gosta *mesmo* de mim, eu sempre fico... sei lá. É complicado explicar.

— Você deveria chamá-lo para conversar e jogar as cartas na mesa — aconselha. — Sério, ficar nessa dúvida só atrasa.

Aceno em concordância.

— Se ele disser que não quer nada sério comigo, eu vou colocar a culpa todinha em você!

Liz dá risada.

— Qual a chance, Faith? A única vez que eu o vi chegar perto de dar um sorriso em público foi enquanto te encarava.

Fico parecendo uma criança.

— Os sorrisos dele são os mais lindos do mundo.

— E todos eles são seus, imagino.

Coloco o cabelo para trás, sem querer me achar muito.

— Desculpa, Liz, mas... sim, eles são.

Ela sorri.

— Não sei quem é mais sortudo. — A garota é atraída por um casal de jovens que chama por ela. — Bem, o dever me chama. Depois eu volto!

— Vai lá.

Assim que Lizandra sai da minha frente, Sloane, parada a poucos metros, no caixa, entra no meu campo de visão. Me encho de tristeza, odiando nossa distância.

É, esse é o meu nível de trouxa. Quem me machucou foi ela, quem se afastou sem explicação foi *ela*, contudo, mesmo assim, eu sinto sua falta. Eu sou apegada às memórias boas, porque elas são as únicas coisas que não me machucam como a realidade faz.

Aproveito que ela atendeu todos os clientes e me aproximo. A lanchonete não está tão movimentada hoje, por ser segunda-feira e o dia típico da preguiça. Agradeço por isso, porque para alguém que está há dias desesperada para falar com Sloane, acabo de achar o momento perfeito.

— Ei — chamo, com um sorriso tenso. Ela se assusta, e seu olhar de arrogância quase me faz recuar. — Nós... nós podemos conversar?

— Agora?

— Estou esperando por isso há muito tempo. — Engulo em seco. — Para de tentar me evitar.

— Não estou te evitando — mente. — Só acho que essa nossa “amizade” — faz aspas com os dedos — não faz mais sentido.

Confusão nubla meu cérebro.

— Quando você decidiu isso? Do nada? Porque um dia a gente estava conversando no telefone e, no outro, você estava fingindo que eu não existia. Eu te fiz alguma coisa?

Sloane dá uma risada seca, vazia.

— Não, claro que não. — Ela me encara, cravando suas íris geladas em mim. Um bolo se forma na minha garganta. — Eu só estava cansada de fingir ser sua amiguinha e ser obrigada a ouvir suas merdas o tempo todo! “Ah, Sloane, o Hawking terminou comigo. Estou tão mal!”, “Falei com Aiden ontem, não sei bem o que está acontecendo...”, “Não é nada, Slo, só estou triste hoje”. Porra, Faith, essas porras cansam. Parece que você tinha que ser sempre o centro de tudo!

Eu não sei o que dizer.

Simplesmente minha boca se abre, mas nada sai dela.

Eu? O centro de tudo? *Quando?!*

Merda, eu sempre estive lá quando ela me falava de um interesse amoroso novo, surtando e criando mil *fanfics* com ela. Chorava ao seu lado quando as coisas não davam certo, apoiava mais do que tudo quando ela vinha sorridente contar que conheceu alguém. Inclusive, no dia anterior à sua estranheza eu estava aconselhando-a porque ela me ligou chorando porque o cara por quem estava interessada partiu seu coração.

E ela vem me dizer isso? Que eu sempre fui o centro de tudo?

Cacete, estou em choque o suficiente para não saber o que falar.

— Eu não... eu não entendo. — Sacudo a cabeça. — Simplesmente não entendo. Eu sempre fiz o meu máximo para preservar sua amizade porque *gostava* dela e...

— Parece que seu máximo não foi o suficiente — diz. — Para com isso, Faith. Nós duas sabemos que você não sente falta de mim porra nenhuma.

— O pior é que eu sinto, Sloane, e agora percebo que não deveria. — Rio anasalado. — Suas desculpas só serviram para reforçar a ideia de que você nunca foi realmente minha amiga.

— E quem te fez enxergar o óbvio? Seu namoradinho? — Abre um sorriso ardiloso. — Aliás, aconselho que tome cuidado. Imagine só o escândalo que seria se soubessem que a garçonete está namorando o CEO da empresa, hein?

Minhas mãos tremem. Não estou gostando nada do seu tom.

— Nós... nós não namoramos.

— Isso é o de menos, Faith, não se faça de boba. — Estala a língua no céu da boca. — Está bem claro que os dois mantêm uma relaçãozinha nada profissional. O pai de Aiden não gostaria de saber que o filho está tendo um caso com você. Sabe como é, ele está destinado a se casar com uma mulher rica, de família influente e tal... — Ele varre os olhos por mim de cima a baixo. — Digamos que você não tem nada disso...

Veneno puro escorre da sua língua conforme fala. Eu não me deixo afetar. Não posso permitir que suas palavras surtam o efeito que ela deseja.

— Você me enoja, Sloane. — O peso de uma tonelada é posto nos meus ombros. — Não acredito que já te considerei minha amiga.

Ela dá de ombros, pouco se importando.

— Não espere que eu ligue para seu showzinho dramático, porque, pode acreditar, eu não ligo nem um pouco. — Volta a olhar para o caixa, encerrando a conversa.

Se é que isso pode ser chamado de conversa.

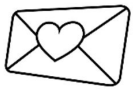
Respiro fundo, sem querer esboçar minha tristeza e decepção nos níveis que estou sentindo. Eu sabia que não deveria falar com ela, eu sabia que ia me machucar mais ainda se tentasse.

É incrível como só conhecemos alguém depois da relação, seja ela amigável ou amorosa, terminar. Eu não fazia ideia de que ela era assim até uma escama ser tirada dos meus olhos.

Por Deus, não deveria machucar tanto.

A fim de me recompor, eu retorno ao trabalho.

Não posso deixar que isso arruíne meu dia.



Perto das quatro da tarde, quando a Bellini 's Café está oficialmente vazia, tirando os funcionários, Aiden dá uma passadinha no térreo para verificar se está tudo certo e “solicita a minha presença” na sala dele. Todos, com exceção de Sloane e Lizandra — que me lança um sorrisinho malicioso —, pensam que irei levar uma bronca e até me dão tapinhas nas costas em consolo.

Espero que ninguém tenha visto o ar de satisfação que tomou minha face enquanto eu caminhava lado a lado com o nosso chefe até o seu escritório.

— Você não consegue viver um minuto sem mim, né? — é a primeira coisa que digo ao chegarmos no seu habitat natural e ele fechar a porta, agarrando minha cintura.

— Três horas longe de você é o máximo que consigo aguentar.

E, simples assim, estamos nos pegando loucamente, como se a uma escada de distância não houvesse pessoas sentindo pena de mim pela suposta bronca que estou levando.

Sua língua se enrosca na minha vagarosamente, arrancando um gemido prolongado da minha garganta. Ele me guia para a sua mesa, sem

descolar a boca da minha, e segura minhas pernas para me pôr sentada no vidro.

— Qual vai ser a nossa programação de mais tarde? — pergunto entre um beijo e outro, com os braços em torno do seu pescoço.

— Estou pensando em irmos ao cinema e depois sairmos para jantar — fala, pondo um braço de cada lado do meu corpo. — Aceita?

Mordo os lábios para conter o sorriso.

— Quais filmes estão em cartaz?

— Uh... Não olhei — diz. — Mas podemos decidir lá.

— Tá bom. — Estalo um beijo na sua boca. — Hoje a lanchonete está bem menos movimentada que os outros dias... Você sabe por quê?

— Uhum. — Anui. — Parece que está tendo um desfile aéreo de aviões hoje, que só acontece de dez em dez anos, e todo mundo foi ver. Colegas de outras empresas também reclamaram das suas lojas vazias.

— Ah, menos mal — balbucio. — Fiquei nervosa.

Aiden tira uma mecha de cabelo dos meus olhos.

— Ficou, é?

Reviro os olhos.

— Um pouquinho.

Ele ri, as pupilas dilatadas enquanto me observa.

— Tem ideia do quanto é especial pra mim? — indaga, bem baixinho.

Meu coração acelera.

— Eu que faço essa pergunta. — Engulo em seco, pois essa é a primeira vez que externalizamos o que significamos um para o outro assim. — Tem ideia do quanto me faz feliz?

— Se for do mesmo tamanho que você me faz, talvez eu tenha, sim.

Sorrio, acariciando sua barba por fazer e que o deixa indiscutivelmente sexy.

— Brega.

— E a culpa é toda sua.

— A culpa é minha de você ser brega?

— Exatamente — confirma. — Se você não tivesse me conquistado, eu não seria obrigado a agir como um adolescente.

Gargalho.

— Eu te faço agir como um?

— A todo momento.

Roço nossos lábios, procurando conter o sorriso, mas falhando miseravelmente.

— Faz bastante tempo, não?

— O quê?

— Que você foi adolescente.

Uma gargalhada alta escapa da minha garganta com a cara incrédula de Aiden ao se distanciar, os lábios levemente entreabertos e os olhos espelhando toda a sua indignação.

— Vai se foder, Faith. — Ameaça tirar as mãos da minha cintura, porém eu o impeço.

— Desculpa, lindo. — Seguro seu rosto e selo nossos lábios, bloqueando a risada que implora para se libertar. — Pense pelo lado bom, eu gosto de você justamente por ser mais maduro.

— “Maduro” é um código para “idoso”?

Rio alto, negando.

— Você sabe que só estou brincando com você, eu meio que adoro todas essas suas características que a idade trouxe.

— Puta merda, você só está piorando. — Dessa vez, nem ele aguenta, deixando escapar uma risada.

— Para! Estou tentando ser romântica!

— E falhando.

Faço um biquinho com os lábios.

— E se eu disser que nenhum novinho de vinte anos me atrai mais?

— Por que você só tem olhos pra mim?

— Uhum — murmuro, esperançosa.

— Hum... Melhorou, mas ainda está estranho. Quer dizer que se aparecer outro cara de trinta e seis anos você vai se interessar?

Eu dou um tapa no seu peitoral.

— Meu Deus, como você é difícil! — Bufo. — Tá bom, Aiden. Tá bom! Eu gosto de você, *só* de você. Aliás, gostar é muito pouco pro que eu sinto. Não me interesso por mais ninguém há um bom tempo e isso se deve a você ter roubado toda a minha atenção, beleza? Não ligo pra sua idade, apesar de adorar o amadurecimento e a gostosura que ela com certeza trouxe, porque o que mais me atrai em você inteiro é o jeito que me trata e o que guarda dentro desse seu coração — disparo, puxando o ar perdido de volta.

As íris de Aiden cintilam de um jeito que nunca vi antes. Ele parece atônito, chocado, emocionado até, pelo que acabei de falar. Será que ele não está acostumado com declarações?

— Faith... — sopra, engolindo em seco. — Porra, Faith.

Ele puxa minha nuca e bate nossas bocas. Resfolego, despreparada para a intensidade disso, e espalmo sua mandíbula, entreabrindo os lábios para a passagem da sua língua.

Euteamoeuteamoeuteamoeuteamoeuteamo, quero gritar, e como eu agora não posso, espelho nessa beijo tudo o que eu queria falar, mas não posso.

— Como eu passei tanto tempo sem você, hum? — pergunta entre um selar de lábios e outro. — Cacete...

— Se você não tivesse sido insuportável a maior parte dos dias, estaríamos há mais tempo nessa pegação aqui — murmuro, tomando seus lábios de novo.

Aiden ri, e quando eu sinto suas mãozinhas travessas invadirem minha saia, rumando ao lugarzinho que já deve estar criando teias, a porta é aberta em um ímpeto.

— Aiden, você não... *PUTA MERDA!* — A voz estridente de Lance invade o escritório no mesmo instante que eu pulo para longe de Aiden, quase tropeçando e caindo com tudo no chão.

Imagine só a cena: Eu e Aiden ofegantes, com os lábios inchados, ele com uma protuberância na calça, enquanto o irmão está parado à porta, com as mãos ainda na maçaneta e os olhos arregalados, intercalando os orbes entre mim e ele.

Cacete, aonde eu fui me meter?

— Sr. L-lance, e-eu... — Minha voz se perde e eu começo a tremer dos pés à cabeça.

— Não se preocupa, linda. — Sou surpreendida ao sentir as mãos de Aiden na minha cintura. — Ele já sabe.

Esbugalho os olhos.

— S-sabe?

Ele assente, mas a expressão abismada do seu irmão está longe de significar isso.

— Você disse que não estava rolando nada entre vocês — Lance berra, batendo a porta atrás de si.

Aiden dá de ombros.

— Queria manter em segredo por enquanto, mas já que descobriu...

— Traíra do caralho — resmunga, se aproximando, e, por instinto, eu me afasto. — Ei, boneca, calma. Se você não sabe, eu sou o maior apoiador desse casal, e por isso fico profundamente triste em saber que meu irmão escondeu isso de mim.

— Eu não escondi de você, Lance. Uma hora eu iria contar.

— Quando? Quando estivessem casados e com dois filhos? — devolve, sinceramente chateado.

— A decisão de manter isso em segredo foi minha — me intrometo, chegando para mais perto de Aiden. — Eu... tenho medo do que pode acontecer se descobrirem.

Lance concorda com a cabeça, entendendo meu ponto.

— As pessoas são cruéis, de fato, mas eu não me enquadro nisso — garante, fixando a atenção nas mãos de Aiden em mim. — Caralho, vocês são lindos juntos.

Eu coro.

— Obrigada.

Aiden, por outro lado, mantém o rosto cético.

— O que veio fazer aqui?

O irmão torce o nariz.

— Grosso. — Pigarreia. — Enfim, é sobre os documentos de Levi. Temos que ir no cartório assinar uns papéis.

— Que porra de tantos papéis — grunhe, impaciente. — Agora?

— Sinto muito por atrapalhar o momento quente com a sua namorada, mas... sim. Agora.

Meu namor... Quer dizer, Aiden, estala a língua no céu da boca, nada contente, e expele o ar pelo nariz. Virando para mim, ele pega meu rosto em mãos e beija minha boca. Derreto inteira, retribuindo o contato.

— Volto daqui a pouco, tudo bem?

— Tudo. — Fico na pontinha dos pés, beijando-o, e, por um momento, esqueço que tem mais gente no cômodo.

Lance limpa a garganta.

— Muito fofos e tudo mais, mas eu ainda estou aqui, viram?

Aiden revira os olhos e, com muita relutância, se afasta. Dou uma risada fraca, envergonhada, e dou um tchauzinho com as mãos para os dois.

Eu me pego rindo sozinha quando, mesmo de longe, escuto Lance zoar com a cara de Aiden.

38

Faith Mackenzie



A ideia de voltar para o térreo e ter que enfrentar os olhares furtivos de Sloane não me parece nada agradável agora.

Sentar no sofá de couro do escritório de Aiden e ler algum romance da sua prateleira, em contrapartida, parece, sim.

Então, é exatamente o que faço.

Ele me mandou mensagem há poucos minutos avisando que não iria demorar — algo em torno de meia hora —, e me pego pensando se seria muito ruim gastar esses minutos aqui.

Suspiro, pego cuidadosamente um exemplar de “O Morro Dos Ventos Uivantes”, de Emily Brontë, tiro uma foto e envio para ele.

Eu: *Peguei para ler enquanto não chega.*

A ideia de eu estar me relacionando com meu chefe é, para os outros, no mínimo absurda, certo? Ninguém iria desconfiar.

Sendo sincera, a última coisa que passaria na cabeça deles seria isso. No máximo um: “Porra, a Faith está fodida. Certeza que o chefe irá demiti-la. O que será que ela fez?”.

Em outras palavras, não preciso me preocupar.

Meu celular apita, notificando uma mensagem de Aiden.

Meu Alguma Coisa: *Caralho, esse livro é incrível.*

Eu: *Se me colocassem para escolher entre ele e “O Pequeno Príncipe”, e fosse caso de vida ou morte, acho que eu iria preferir morrer.*

Eu: **Imagine uma carinha super dramática agora**

Meu Alguma Coisa: *Os dois são profundos e intensos à sua maneira. Eu também não saberia escolher.*

Meu Alguma Coisa: *E não se preocupe, todas as suas mínimas expressões estão perfeitamente gravadas na minha memória.*

Como alguém pode ter o dom, sem ao menos se esforçar, de aquecer meu peito tão rápido?

Respondo com uma figurinha de rosto tímido e desligo o celular, abrindo o livro na primeira página.

Automaticamente sou transportada para outro mundo. Para o *meu* mundo.

Dou uma folheada no exemplar, sentindo o cheiro das folhas, até perceber que há frases grifadas de marca-textos, lápis e canetas. Alço uma sobrancelha, curiosa para saber o que chamou a atenção de Aiden ao ponto de fazê-lo destacar.

“O Morro Dos Ventos Uivantes”, por si só, é um livro carregado. Ele não é um romance, não se trata de um casal apaixonado que transcende

as barreiras do amor. Há loucura, egoísmo, vingança, maldade, e a forma que Emily escreve... Deus, ela faz mágica! É viciante, te faz sentir e absorver tudo.

Eu jurava que meu apreço por essa obra não poderia aumentar, mas ao ver todos os trechos que, de alguma forma, mexeram com Aiden, eu me questiono porque a sensação física de se estar apaixonada parece triplicar nesse instante.

“— Por que você não pode ser sempre uma boa menina, Cathy?
E ela virou o rosto para ele, rindo, e respondeu:
— Por que não pode ser sempre um bom homem, pai?”

Um comichão se espalha pela minha pele, incomodada. É como vislumbrar mais um pedacinho de Aiden.

“Nunca falei do meu amor em palavras. Mas, se os olhos falam, o idiota mais
completo poderia ter adivinhado que eu estava apaixonado.”

Um sorriso se estende nos meus lábios.

Até um idiota mais completo perceberia o quanto estou apaixonada por ele.

Inspirando fundo, passo mais uma folha.

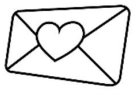
E outra...

Outra...

E mais outra...

Até que eu perca a noção do tempo e pare em uma das citações mais lindas e marcantes de toda a literatura antes de Aiden abrir a porta.

“Não é porque ele é bonito, Nelly, mas porque ele é mais eu do que eu própria.
Não importa do que são feitas nossas almas, a dele e a minha são iguais.”



— Por que você... está todo sujo? — indago assim que avisto a situação precária que sua camisa se encontra. — Isso é terra?

Seus olhos se abrem mais do que o normal, como se tivesse sido pego no flagra, e olha para a roupa manchada, soltando um palavrão baixinho.

— Merda — chia, respirando fundo. — Eu não percebi.

— Onde se sujou assim? — indago, afastando sua gravata vermelha para o lado e tentando tirar os resquícios de sujeira.

— Hum... — Pigarreia, coçando a garganta. — Eu não... eu não faço ideia.

Pressiono os olhos.

— Aiden... Não minta pra mim.

Ele libera uma risada que, se eu fosse desatenta demais, não perceberia que se trata de uma *nervosa.*

— Não estou mentindo, princesa. — Tira minhas mãos da sua roupa e beija minha testa com ternura. — Vou me limpar, tudo bem?

Desconfiada, eu faço que sim.

— Vai lá.

Aiden tateia os bolsos da calça, tirando o celular de dentro de um deles e o colocando em cima da mesa.

— Daqui a pouco Lance vai enviar os documentos em PDF que assinamos hoje. Você pode se passar por mim e dizer que recebeu? Não estou com muita paciência pra isso.

Sorrio pequeno.

— Tudo bem, chefe.

Ele passa a língua nos lábios, rouba um beijo e depois sai em disparada para o banheiro. Antes de fechar a porta, consigo captar claramente sua expressão nada contente.

Não crie paranoias, Faith.

Não crie paranoias.

Se passam dois minutos exatos quando o aparelho de Aiden vibra. Apanho-o, abro na mensagem do seu irmão e confirmo. Lance avisa que esqueceu a senha do E-mail e que não conseguiu enviar o arquivo por lá, por isso pede para que Aiden mesmo faça isso.

— Seu irmão disse que esqueceu a senha do E-mail.

— Só podia ser um idiota mesmo. — Ouço-o grunhir e eu dou um risinho. — Pode fazer isso pra mim?

— Uhum, por onde eu envio?

— aiden@bellinicafe.com — diz caractere por caractere.

— Beleza.

Passo alguns segundos procurando pelo aplicativo no meio de outros mil que seu celular, de última linha, possui. Ao finalmente encontrar, dou graças a Deus, ajeito o aparelho nas minhas mãos — porque eu com certeza não tenho condições de comprar um Iphone revolucionário caso ele caia — e entro no e-mail.

Contudo, o que encontro não é exatamente o que eu esperava.

A respiração trava na garganta à medida que desço as mensagens, meus olhos dando indícios de lágrimas ao entrar em uma delas.

Não consigo respirar.

Meus dedos estão travados, impossibilitados de se mexerem, e as engrenagens do meu cérebro estão trabalhando mais do que consigo acompanhar.

É ele.

Cacete, é ele!

De repente, conforme vejo todas as mensagens que eu e o cara... que o cara anônimo trocamos na tela do celular *dele*, de Aiden, na merda do homem que eu confiei, as coisas começam a se encaixar.

O apelido;

O fato de ele não poder se revelar;

As mensagens terem parado de uma hora para outra justamente na época que nos aproximamos.

Meu estômago embrulha, e não consigo ver mais nada em razão da minha vista embaçada.

Ele mentiu pra mim, caralho.

Ele mentiu pra mim quando eu implorei para que não fizesse isso.

Estou possessa, com tanto ódio que eu poderia arremessar esse celular na parede se não me restasse um pingo de senso. Em vez disso, aperto-o na minha mão com força, contendo o impulso filho da puta de partir para a violência e externar toda a minha raiva contra Aiden.

Eu nem espero que ele saia completamente do banheiro para abordá-lo.

Assim que eu ouço a porta se abrindo, minhas palavras cortam o ar, frias.

— Você mentiu.

Aiden não se toca do real sentido da minha frase, unindo o cenho.

— Linda, eu não menti pra você. Eu estava passando com Lance por umas construções e o vento deve ter trazido a poeira para...

— Você é a merda do anônimo — interrompo-o, observando seu semblante mudar drasticamente. Uma veia pulsa na minha têmpora e eu não reconheço minha voz ao completar: — Você *mentiu*, caralho.

— Meu bem, e-eu posso... — Dou dois passos para trás quando ele ousa se aproximar, erguendo a mão.

— Não, nem *pense*. — Não percebo que estou tremendo até meus dedos entrarem no meu campo de visão, erguidos no ar. — V-você mentiu pra mim quando tudo o que eu mais pedi foi para que não fizesse isso — sussurro, sem conseguir conter a mágoa estampada no meu timbre.

Aiden engole em seco, cheio de culpa, respirando com dificuldade. Consigo escutar as batidas lentas do meu coração e a atmosfera pesar ao nosso redor.

Eu confiei em você, droga.

— Eu ia te contar.

— Ia? Mesmo? — Dou uma risada gelada, cheia de escárnio. — *Quando*, caralho?! Quando?! Semana passada eu *falei* sobre isso com você. Você teve a merda da oportunidade e ficou calado! — grito, completamente descontrolada. — Como quer que eu acredite nisso, Aiden?

Ele afrouxa a gravata, como se estivesse sufocado, e seu olhar se encontra perdido.

— Eu fiquei com medo — balbucia, sem me encarar. — Eu fiquei com medo de você se afastar, de... de não entender o porquê de eu ter feito aquilo. — Fecha os olhos, para logo em seguida abri-los novamente, mirando-os em mim. — Não era a minha intenção te enganar, nunca foi, eu *realmente* pretendia te contar. Não queria que descobrisse desse jeito. Me perdoa, por favor — suplica.

Balanço a cabeça.

— O que eu disse na primeira vez que nos beijamos? Hum? — Faço-o puxar na memória, e suas feições doloridas dizem que ele está se lembrando bem. — Eu *implorei* para me contar o que tivesse que contar porque *não existe* "mentira pequena" ou "mentira grande". Eu disse que já fui enganada *demais* nessa vida e pedi por um mínimo de sinceridade! — Rio, me segurando para não explodir e deixar as lágrimas extravasarem. — Mas nem isso você conseguiu cumprir.

— Faith... Não diz isso. — A testa franzida e os olhos carregados de arrependimento são uma tentação para me fazer parar de falar e simplesmente esquecer disso tudo.Mas eu tenho meus valores, não vou dar para trás por causa dele. Por causa de ninguém.

— E sabe o engraçado? — Umedeço os lábios com a língua, me contendo. — O maior problema nem é você ser o anônimo. Esse *nem é* o que está me machucando, é sua mentira. Sua omissão. É eu ter falado dele, *de você*, e você ter agido como se eu estivesse contando sobre um completo desconhecido. Foi por isso que você congelou? Ficou com medo de deixar nítido que estava sendo um falso do caralho?

— Eu não estava sendo! — exclama, passando a mão no cabelo e puxando o ar com força, como se estivesse lhe faltando.

— Ah, é? E você chama isso de quê? — exclamo de volta, me desencostando da mesa para ficar a centímetros dele. — Você iria levar

nossa relação assim, com a merda desse seu segredinho guardado? Meus parabéns!

— Faith, *por favor*... — murmura. — Pare de agir como se eu tivesse feito a coisa mais errada do mundo quando o que fiz foi ter criado a merda daquele e-mail...

Franzo o cenho.

Ele disse isso mesmo?

— Não acredito no que estou ouvindo. — Solto um riso fraco, descrente. — Você não enxerga o problema, não é?

— Lin...

— Se aquilo não era grande coisa, se você não criou aquela porra com o intuito de brincar comigo, que, sinceramente, agora eu estou duvidando, por que não disse a verdade?! Eu com certeza não estaria com uma puta vontade de te matar agora e definitivamente *não e*staríamos tendo essa discussão. Era só ter sido sincero, droga!

— Eu não fazia ideia de como você iria reagir. — Aperta os punhos, buscando, como eu, não perder o controle e fazer o prédio inteiro ouvir nossa briga. — Eu não queria te perder, meu bem... Ainda não quero. Omiti porque pensei que fosse o melhor a se fazer. Empurrei esse assunto com a barriga porque estávamos tão bem, tão felizes, que eu não queria correr o risco de... de te perder.

Meu coração se contrai.

Tão sincero, tão despido.

É burrice acreditar nas suas palavras, porém, céus, esses dias foram mágicos, e o tempo todo eu estava pensando em como isso iria acabar.

Eu não quero que acabe, mas é necessário.

Seja lá o motivo que levou a Aiden a fazer o que fez, eu me proíbo a colocá-lo a frente das promessas que fiz a mim mesma.

Ele mentiu, ponto final. Não há mais o que discutir.

— Bem, parece que não adiantou muito. — Empurro o celular contra o seu peito e levo as mãos à pulseira de ouro que ele me deu dois dias atrás, com um diamante encrustado, e de relance assisto seus olhos se arregalarem, desespero tomando sua fisionomia.

— Princesa, não, não faz isso...

Abro o fecho da pulseira, o ouro cintilando em meu braço enquanto o retiro.

Nós dois sabemos o que significa.

Aiden não contou, mas eu sei que ele está usando uma igual, e o que estou fazendo é como dizer que acabamos.

Pois, de fato, acabamos aqui.

Eu me aproximo apenas para pegar o pulso de Aiden, virá-lo para cima e depositar a pulseira na sua mão.

— De qualquer forma, você me perdeu — eu digo antes de fechar seu punho.

Olho para cima, e se eu não estivesse tão entorpecida pela dor, teria voltado atrás simplesmente por ver uma única lágrima derrapando por sua bochecha, ao passo que sua mão treme ao receber o nosso “anel de compromisso”, simbolizando o fim de algo que eu gostaria que durasse a vida toda.

Tola demais. Iludida demais.

— Meu bem, não faz isso. — Balança a cabeça, segurando minha mão ao me afastar. — Por favor, vamos conversar...

— Não tenho mais nada para conversar, Aiden — alego, e estou sendo sincera. Não quero ouvir o que ele tem a dizer.

— Você disse que não queria me perder por besteira.

Sorrio com amargura.

— Isso é besteira pra você? Porque pra mim não é.

Inconscientemente, creio eu, ele começa a acariciar meu dorso. Aiden baixa a cabeça, expirando pela boca.

— O que eu tenho que fazer para que mude de ideia?

— Nada, Aiden. Nada do que disser vai me fazer mudar de ideia — tento me soltar, mas ele me segura mais firme. Não a ponto de me machucar, claro, mas para me manter no lugar. — Eu não quero te ouvir, estou...

— E se eu disser que eu te amo?

As objeções travam na minha garganta, meus olhos voando para o rosto desconsolado do homem que me apaixonei perdidamente.

Suas palavras fluem para fora como uma oração.

Há angústia, aflição, tristeza. Há medo. Muito medo. Todos esses sentimentos e mais alguns que não sei descrever misturado ao amor palpável em cada sílaba.

Aiden Bellini me ama, e embora eu o ame na mesma intensidade, embora cada célula do meu corpo clame por ele, eu não posso fazer nada a respeito.

— Para com isso... — peço, mas sem mover um músculo para longe.

— E se eu disser que eu *sou* completo e irrevogavelmente apaixonado por você? Louco pelo seu sorriso, seu intelecto, sua língua afiada e pelo modo desinibido que me trata desde o começo. E se eu disser

que sou apaixonado pelos seus cachos e que eu poderia passar todos os dias na merda daquela loja de cabelos só para ver aquele sorriso que emoldura seu rosto sempre que está na frente do espelho, finalizando-os como se fosse a melhor parte do seu dia? E se eu disser, meu amor, que eu te amo tanto ao ponto de não suportar ver sua alimentação toda desregulada e me propor a cozinhar para você só porque te quero ver bem? Eu não faço isso com ninguém. Estou pouco me fodendo se eles querem morrer mais cedo ou não. Mas, linda... E se eu disser que preparar seu café da manhã, seu almoço, nossa janta é a melhor parte do meu dia? Porra, estou cozinhando para a mulher que eu amo! Tem coisa melhor?

A essa altura, nem me dou ao trabalho de segurar as lágrimas que rolam desenfreadas pelo meu rosto. É como se uma torneira tivesse sido aberta e eu não tenho a mínima coragem para fechá-la.

— Aiden, não continua...

— Não, meu amor, eu vou continuar, porque se for para ir embora, se for para sair da minha vida, eu quero que você tenha total certeza de que eu falhei, mas não porque quis. Quero que tenha total certeza de que se eu falhei foi porque eu estava morrendo de medo de perder a melhor coisa da minha vida. Eu estava morto, Faith, mas você me faz lembrar todos os dias como é bom estar vivo — declara, a voz embargada pelo choro que ele também não faz questão de conter. — Então, meu bem, eu te peço perdão. Por ter te magoado, por ter sido irracional, por ter, sem querer, ignorado seus pedidos. Deus sabe que nunca foi minha intenção. Você foi a primeira pessoa que me despertou o desejo de construir um futuro. Nunca amei antes, sequer namorei de verdade, e acabei metendo os pés pelas mãos, numa tentativa fracassada de te manter comigo. — Solta um suspiro trêmulo, levando minha mão para o encontro da sua boca e plantando um beijo na palma. — Eu te amo mais do que imaginei que pudesse amar

alguém, e a sensação é maravilhosa. Te amar é um privilégio, e se tudo realmente estiver acabado entre nós, eu espero que encontre outra pessoa que te ame com cada fibra do seu coração. Não aceite menos que isso.

Assim, Aiden me solta.

Ele espera por uma resposta minha. A realidade de que vou embora se mesclando ao anseio de me ver ficar.

Meu corpo inteiro dói, como se eu tivesse acabado de levar um soco, e não consigo formular nenhuma frase coerente.

Eu quero ficar. Deus, como eu quero.

Cada partícula da minha alma racha por saber que não posso.

Mil frases se acumulam na minha língua, loucas para irromperem e dar um fim a essa discussão.

No entanto, ao aumentar a distância entre nós, apenas uma sai, acompanhada de um riso sem vida:

— Engraçado esse seu amor só parecer quando me perde.

E saio, batendo a porta atrás de mim.

39

Aiden Bellini



“Engraçado esse seu amor só aparecer quando me perde.”

Eu vou ter pesadelo com essa sentença maldita.

Aliás, eu vou ter pesadelo com toda a porra do que acabou de acontecer aqui.

Estou tonto, desnorteado, minha cabeça não para de girar e parece que o oxigênio se esvaiu dos meus pulmões no segundo que Faith bateu aquela porta. A pulseira que lhe dei há dois dias parece sem significado agora que está na minha mão e meu coração está... estraçalhado. Totalmente.

Não lembro da última vez que chorei. Mesmo com a exaustão dominando cada pedacinho da minha mente e o cansaço atrofiando meus ossos, por tudo, eu nunca permiti que uma gota de água caísse dos meus olhos. Mas há alguns segundos, enquanto Faith me encarava com tanto ódio, enquanto ela cuspia toda a sua frustração e a mágoa recheava suas írises, enquanto eu soube, lá no âmago, que ela não iria me perdoar e

comecei a despejar todos os meus sentimentos, porra... Eu chorei feito bebê, caralho, e não me envergonho nenhum pingo.

Eu ultrapasso todas as barreiras que criei por ela. Eu passo por cima de todos os medos e receios para garantir seu lugar ao meu lado.

O problema é que nem isso foi capaz de mantê-la aqui, comigo.

Me obrigo a respirar, ainda que essa seja a coisa que eu menos esteja conseguindo fazer no momento. Rumo à minha cadeira, inerte, e afundo meu rosto entre mãos, a merda do choro rasgando minha garganta.

Eu fodi com tudo, caralho.

Eu fodi com tudo.

Nunca quis mentir para ela, nunca quis enganá-la, mas parece que foi justamente isso que fiz quando achei que a melhor opção seria postergar a verdade. Só que, merda, eu já estava esquecendo desse assunto, e ouvi-la abordar sobre ele com raiva, nojo, como se o “cara anônimo” só quisesse brincar com ela e estivesse se fartado disso, fez com que o medo de ser interpretado errado se eu contasse a verdade se aflorasse no meu estômago.

Não, eu não criei aquele e-mail, não a chamei para conversar e nem disse aquelas coisas com a intenção de brincar com ela. De descartá-la logo depois.

Eu criei porque estava agoniado com a dimensão e a quantidade de coisas que eu nutria por Faith e não podia externalizar isso cara-a-cara com ela. Eu fui sincero em cada mísera palavra, e só Deus sabe os sorrisos bobos que ela me arrancara em nosso curto período de conversa.

A primeiro momento, parei de mandar mensagens porque havia percebido a besteira que estava fazendo, mas conversar com Faith era tão bom que cedi outra vez à tentação.

A segundo momento... parei de mandar mensagens pelo mesmo motivo, porém nunca mais retornei porque estávamos nos aproximando na

vida real, e no segundo que sentei na frente do notebook, minha consciência pesou.

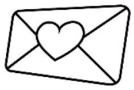
Eu estaria lhe enganando, então, cacete, parei no mesmo instante. Sem fazer a mínima da noção que mais tarde isso não valeria de nada.

Mas eu mereço. Aceito cada maldita grama do seu desprezo. Só não ficar sem ela. Porra, eu não aceito ficar sem ela, não quando lutei tanto para chegar aonde chegamos. Eu sei que o que eu fiz foi errado, tenho completa ciência disso, entretanto, irei me fazer alguém digno do seu perdão, mostrar a Faith que... droga... que eu posso fazê-la feliz.

Me esparramo na cadeira giratória, procurando de alguma forma me acalmar e parar de pensar com o coração.

Minha mente voa para o episódio de 1 hora atrás e o motivo da minha camisa estar cheia de terra assim que cheguei. Um breve sorriso se insinua em meus lábios.

Espero que Faith não me odeie por isso também.



Assim que chego em casa, pela primeira vez em mais de uma semana sem Faith, sou surpreendido pela figura de meu pai sentado no sofá, bebericando uma taça de vinho ao passo que lê algo no notebook em suas pernas.

Encrespo a testa, me perguntando o que diabos o trouxe aqui.

Hesitante e me assemelhando a uma criancinha extremamente indefesa, fecho a porta atrás de mim, procurando por algum sinal vermelho no seu semblante ao me fitar.

— O que está fazendo aqui? — Repouso a maleta em cima da bancada e tiro o paletó, pendurando-a no gancho logo ao lado da porta.

— Boa noite para você também, filho. — Acena com a cabeça, um sorriso cínico enfeitando seu rosto. — Como está?

— Curioso para saber o motivo de sua vinda — sou direto, cortante.

Desde que comprei essa casa, Logan pisou aqui uma única maldita vez, e apenas para saber se estava tudo em ordem. O que eu devo esperar de uma visita completamente repentina? Tenho absoluta certeza de que não se trata de trabalho, Logan não perderia seu tempo para vir até aqui discutir sobre algo que ele pode muito bem resolver por uma ligação.

As possibilidades começam a fazer um ninho na minha cabeça. Merda.

— Um pai não pode mais querer analisar a situação que seu filho se encontra?

Esboço um riso de escárnio.

— Eu tenho trinta e seis anos anos. Não sou mais uma criança — rebato. — Conheço-o muito bem para saber que não veio aqui só para ver como eu estou.

Meu pai ri com desdém, acomodando a taça na mesinha de centro e cruzando uma perna sobre a outra, seu olhar frio se encontrando com o meu.

Somos tão parecidos, mas tão diferentes.

— Tem razão — finalmente diz. Minha garganta arde. — Vim aqui para conversar com você sobre assuntos bem mais importantes, que dizem respeito à sua reputação e a da empresa.

— Que seria...?

— Você já está à procura de uma esposa?

Bufo audivelmente, esfregando a têmpora enquanto despejo uma dose de Whisky no copo e levo à boca.

— De novo esse assunto?

— Você nunca nos deu uma resposta.

— Não tem o que dar. — Engulo em seco. — Ainda não achei ninguém.

— Da alta sociedade, você quer dizer? — Alça uma sobrancelha, deitando a cabeça minimamente para o lado, me analisando.

Arranho a garganta.

— Isso... Da alta sociedade, como vivem exigindo.

Logan emite um estalo com a língua, assentindo.

— Você nunca se relacionaria com alguém de uma classe mais baixa que a nossa, não é, Aiden?

Troco o peso das pernas, de repente incomodado com o rumo que essa conversa está tomando.

— Não estou entendendo aonde quer chegar, Logan.

— Apenas me responda, Aiden — exige, a voz dura. — Você nunca se relacionaria com alguém de uma classe muito inferior da nossa e correndo o risco de desonrar o nosso nome, certo?

Eu permaneço calado, e isso, para ele, é resposta o bastante.

Ele começa a balançar a cabeça lentamente, sua língua estalando contra o céu da boca fazendo ruídos que martelam em meu cérebro. Fico tenso, tentando de todas as formas não deixar meu medo transparecer.

— Filho, filho... Não cometa essa desonra contra nós...

— Não estou cometendo desonra nenhuma, pai — digo firme, pois amar Faith nem de longe pode ser considerado uma desonra.

— Não? Uh, que alívio. — Aquiesce. — É bom saber que eu criei um CEO, não um idiota que se deixa ser guiado pelos sentimentos... Imagine só a afronta que seria para o nosso legado ter um herdeiro que

preferiu ir contra todas as nossas cláusulas para namorar uma funcionária, hum? Percebe como isso não soa bem? Um homem rico, influente e poderoso sendo visto com uma garçonete. — Meu coração para de bater por um segundo e o ar é arrancado dos meus pulmões. — Só um exemplo, claro, não estou dizendo que você tem um casinho secreto com sua garçonete. — Me lança uma piscadela. Se eu não o conhecesse, até pensaria que se trata de um exemplo, só que... droga, eu sei que não.

Molho os lábios, uma veia pulsando no meu pescoço descontroladamente.

— Eu viver infeliz em um casamento sem amor não importa?

Ele gargalha. Em alto e bom som.

— "Amor", Aiden? Você ainda acredita que isso existe? O mundo não funciona assim, filho. Nunca funcionou. Somos guiados pelo poder, pelo dinheiro, pela fama, não pelo amor. Seu coração vai te levar para a cova antes do que imagina: seu legado, ao contrário, vai permanecer para sempre.

É hilário como eu nunca tinha me preocupado com essas exigências da minha família. Nunca liguei para o fato de eu, futuramente, ser obrigado a me casar com uma mulher rica qualquer, ter filhos com uma mulher que nunca iria amar, dividir uma vida meia-boca, com noites regadas a sexo sem sentimento ou, se eu tivesse sorte, me envolver minimamente com essa pessoa para nossa convivência não se tornar um fardo. Nunca liguei cem por cento para ideia de eu ter alguém que só se importaria para o status de estar dormindo na mesma cama que a minha. Eu vivia no automático, só ligava para trabalho, porque fui criado para ser assim, e contanto que nossa empresa crescesse e crescesse, foda-se se eu teria que me sacrificar um pouco.

Mas não agora. Não depois *dela*.

Quero ter a oportunidade de exibir a mulher que eu amo em um jantar de família, casar com ela em uma festa luxuosa e vê-la entrar de vestido branco, com um buquê em mãos. Quero beijá-la com paixão e luxúria na frente de todos os convidados para que saibam que nunca irei amar alguém como a amo. Quero fazer amor com ela vestida de noiva. Quero andar de mãos dadas com Faith pelas ruas. Quero noites regadas a sexo apaixonado e alucinante com a única que desperta esses anseios em mim. Quero dormir e acordar ao seu lado. Quero, se for seu desejo, cuidar do nosso filho. Ver sua barriguinha crescer, acompanhar todos os nove meses ao seu lado, ver de perto o nascimento da extensão do nosso amor. Eu quero... Ah, merda... Eu quero dançar Bon Jovi na sala de estar. Rodopiá-la no ar e beijá-la como se o mundo pudesse acabar a qualquer momento.

Meu Deus, eu quero Faith. Apenas Faith.

— É por isso que seu relacionamento com a mamãe é fracassado? Você nunca se importou com o bem-estar conjugal dos dois?

O homem faz um som de desdém com a boca.

— Nos casamos para criar laços. O problema não é meu se ela se apaixonou no meio do caminho.

Meu sangue ferve. Sua indiferença com minha mãe me destrói. Odeio essa merda, odeio presenciá-la triste pelos cantos. Os olhos verdes são tão opacos, tão sem vida, e eu só queria que ela achasse alguém que valorizasse a mulher incrível que ela é.

— Sai da minha casa, Logan — ordeno, tremendo de ódio.

— Não se preocupe, eu já estava planejando fazer exatamente isso — diz, um sorriso nojento repuxando seus lábios. — Espero que nossa conversa tenha sido clara, Aiden.

Não respondo, trincando a mandíbula.

Logan balança a cabeça em deboche e, sem dizer mais nada, se retira.

Eu o conheço mais do que gostaria, e isso me apavora.

Isso não foi um aviso, foi uma ameaça. Logan não vai titubear em fazer da minha vida um inferno para conseguir o que quer.

40

Faith Mackenzie



Lizandra, com muito esforço, conseguiu me convencer a ir jantar em um restaurante no centro da cidade, anulando todas as possibilidades de eu chegar em casa, me afundar na cama e chorar descontroladamente a noite inteira.

Assim que desci da sala de Aiden, os burburinhos começaram. Minha aparência estava péssima — ainda está —, então todos deduziram que eu havia levado *aquela* bronca do chefe e que ele me humilhou de todas as formas possíveis. Não respondi a nenhum questionamento, simplesmente fiquei na minha e confirmei quando Lizandra perguntou se eu e ele tínhamos brigado. Ela compreendeu que não foi nada agradável e me deu uma folguinha dos poucos clientes que estavam chegando, alegando que eu poderia descansar no vestiário.

No término do expediente, Aiden não apareceu, e fiquei grata por isso. A última coisa que eu queria era que ele visse as bolsas abaixo dos meus olhos de tanto chorar.

Quando chegamos ao restaurante popular, sentamos na mesa mais afastada da porta e um garçom logo veio nos atender. Liz me mostra o cardápio e eu apenas murmuro que ela pode escolher qualquer coisa. Não estou com fome e aérea demais para prestar atenção nos tipos de comida disponíveis.

A garota suspira e fala algo para o garçom, que anota o pedido no seu bloquinho, agradece e ruma por entre as mesas.

— Quer me contar o que aconteceu? — Ela gira o corpo na minha direção. Preocupação preenche seus olhos conforme os viaja pelo meu rosto.

— Não tem o que contar — sussurro, abaixando a cabeça.

— Faith, não minta pra mim. Essa sua carinha está me deixando triste — balbucia, pegando minha mão. — Vocês terminaram?

Rio, camuflando o quanto estou triste por dentro com minha postura indiferente.

— Não há o que terminar o que nunca começou. Nem namorávamos.

Ela solta um xingamento baixinho.

— Você não disse isso pra ele, disse?

— Não, mas deveria.

— Faith — exclama, sem acreditar. — Como pode dizer uma coisa dessas? Não é só porque ele não te pediu em namoro que o tempo que passaram juntos deve ser invalidado. Tá escrito na sua testa e na dele o quanto se amam.

— Já te disseram que nenhum namoro, noivado, casamento, amizade, seja lá o que for, sobrevive apenas com amor?

Seu semblante cai.

— O que ele fez?

Nego com a cabeça, liberando a respiração melancólica pelo nariz.

— Mentiu.

Liz arregala os olhos.

— E-ele t-te traiu...?

— O quê? Não! Não nesse sentido. — Só de imaginar Aiden com outra mulher uma súbita vontade de vomitar me atinge. — Ele não faria isso.

— Então que mentira foi?!

Passo a língua nos lábios.

— Na verdade... Foi mais uma omissão — confesso. — Faz um tempo que venho recebendo e-mails anônimos de alguém da empresa, mas não fazia ideia de quem era. Até que um dia eles pararam e eu pensei o pior, né? O cara tinha se declarado e tudo mais, então achei que ele estava tirando uma com a minha cara. — Um bolo se forma em minha garganta. De lágrimas, certamente. — Eu contei isso a Aiden e ele agiu como se... — dou risada — como se estivéssemos falando de alguém completamente desconhecido.

— Não vai me dizer...

— Sim, o tal anônimo era ele. — Mergulho os dedos no cabelo, exasperada. — Discutimos sobre isso na semana passada. Aiden teve a oportunidade de revelar a verdade, dizer que se tratava dele, e tudo que fez foi ficar calado. Não é o fato de ele ter parado de enviar aquelas merdas que tá me incomodando, e sim ele ter agido como se... cacete. — Puxo o ar trêmulo, querendo chorar de novo. — Pode parecer besteira, Liz, mas não é. Não pra mim. Parece que todo mundo que cruza meu caminho tem que, de alguma forma, me enganar ou fazer coisa pior. Não quero mais tolerar esse tipo de coisa.

Em vez de julgar, dizer que não é bem assim ou que estou exagerando, Lizandra rodeia meus ombros com seu braço e me puxa para perto, aterrissando a bochecha no topo da minha cabeça. Estou tão frágil que até isso ativa a cachoeira que meus olhos parecem ter se transformado.

— Não é besteira, Faith. Suas dores nunca serão. Você está no seu direito de ficar com raiva — alega, o tom suave e calmo.

— Lizandra... — choramingo. — Tá doendo tanto...

— E é completamente normal. Você o ama, certo?

Assinto, limpando minhas bochechas.

— Mais do que eu gostaria.

— O estranho seria se não estivesse doendo. — Passa a mão no meu braço, em um gesto de conforto. — Mas, hum... Você pensa em... sabe?

— Perdoar?

— Também.

— E voltar com ele?

— Uhum.

Eu nego.

— Não estou com cabeça pra pensar nisso, Liz. Estou magoada, triste, com raiva, e mesmo que eu esteja um poço de tristeza com o que aconteceu, não pretendo voltar com ele.

— Faith... Tem certeza que essa é a melhor decisão a se tomar?

— Você estava do meu lado até cinco minutos atrás.

— E ainda estou! — Bufa. — Só acho que, amanhã, você deveria tirar um tempo pra pensar nisso. Ou na próxima semana, não sei. Tanto faz. Só não quero que fique cega pela mágoa. Aiden errou, isso é óbvio, mas tem certeza que quer jogar tudo fora por conta de um erro? O faça sofrer se for te deixar melhor, o trate com indiferença, ou xingue ele de todos os

nomes possíveis, só não te puna por medo. Não deixe que o erro dele interfira no que você sente, Faith.

— Lizandra... E quem garante que ele não fará mais isso de novo?

— Você, certamente. Enquanto brigavam, o que mais esteve presente no rosto dele?

— Arrependimento — murmuro.

— Viu só? E se fomos analisar a situação, ele não mentiu por mal, ele só teve medo.

— Mas antes de engatarmos nessa relação eu pedi que não fizesse isso. Que contasse o que tivesse que contar.

— Sim, sim, sim, Faith, eu imagino, por isso não tiro sua razão e nem quero que vá correndo atrás dele para perdoá-lo, só peço que pense melhor e que não tome nenhuma atitude equivocada. Vocês se amam, é nítido, e não se encontra isso o tempo todo.

Sua fala me leva de volta ao escritório, à declaração de Aiden e tudo o que me fez sentir. Lembro de quase ter transbordado, o amor superando a raiva que eu estava naquele momento. Lembro de ter pedido para que não continuasse porque estava morrendo de medo de me deixar levar. Ele foi tão sincero, tão... Ah, merda, se eu gostasse um pouquinho menos dele, essa situação toda seria mais fácil de lidar.

— Estou um caco, Liz. Não sei o que pensar.

— Não pense em nada agora. O tempo irá dizer por si só. Reserve um momento para si, pondere melhor, analise as possibilidades e o que você acha que vale mais a pena.

Balanço a cabeça em concordância.

— Quando ficou tão sábia?

Ela gargalha.

— Estou no último ano de psicologia, Faith — informa e eu esbugalho os olhos. — Se eu não soubesse o que dizer em situações como essa, estaria falhando enquanto aluna e futura psicóloga.

— Desculpa, eu não fazia ideia. — Me corrijo quando me dou conta do que falei: — Q-quer dizer, não que eu te veja como uma psicóloga e tal, é só que você é tão...

— Engraçada? — completa, risonha. — Ah, eu sei. Insistente e um pouco perturbada também. Acho que preciso de terapia.

Eu rio alto.

— Seus estudos não se aplicam a você?

— Não sou um robô... Tenho meus defeitos, muitos, e coisas que preciso melhorar. Sou ansiosa, choro por tudo, gosto de falar mal das pessoas, enfim. Só reconheço que preciso melhorar. Além do mais, sempre vejo o lado mais bonito das coisas e pessoas, embora às vezes seja um pouquinho difícil.

— Tipo quando falou mal do Aiden? — lembro, divertida.

— Ah, sim, eu tive uma recaída. Peço perdão desde já — devolve, cutucando meu braço com o cotovelo. — Ele é um bom homem. Tenho certeza de que sua frieza não vem do acaso.

— Não, ela não vem — afirmo baixinho. — Ai, que merda de saudade! Sabia que nesse exato momento estaríamos indo para a casa dele e eu estaria sentadinha em seu colo enquanto janto?

Ela faz um biquinho com os lábios.

— Desculpa não conseguir suprir a presença do seu ex-alguma-coisa.

Que facada.

— Cala a boca — resmungo.

Liz ri.

— Desculpa, estou tentando deixar o clima menos pesado.

— E você com certeza conseguiu lembrando que Aiden é meu ex-alguma-coisa — ironizo, deprimida.

— Ele pode voltar a ser só o “Alguma Coisa”, sem a parte do “ex”, se você quiser.

Sorrio, meus olhos enchendo de lágrimas.

— Não é tão fácil.

— É, eu sei que não — lamenta. — Mas torço por vocês, espero que tudo dê certo. Não quero te ver tristinha pelos cantos e com certeza não quero ter que aturar o gênio três vezes mais azedo do nosso chefe só porque ele está de coração partido.

— Você é cruel — zombo, lá no fundo pensando em como ele está agora.

— Cruel nada, só prezo pela minha saúde mental — retruca. — Ele estava tão legal esses dias...

Exponho um sorriso forçado, tentando afastar essa droga de sentimento.

— Meus pêsames.

— Sonsa — acusa. — Nossa comida está vindo ali.

— O que você pediu?

— Bife com purê de batatas e legumes, você gosta? — Ela não obtém uma resposta. — Faith?

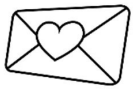
É como se a merda da realidade me atingisse.

Aiden não vai mais preparar bife com purê de batatas e legumes para mim, não vai cozinhar toda noite comidas saudáveis porque está

preocupado com a minha alimentação, não vai me puxar para o colo dele e me incentivar a tomar aquelas gororobas que ele insiste em chamar de suco.

— Faith, você está bem?

Um soluço irrompe pela minha garganta e eu desato a chorar.



1 semana depois

Conviver no mesmo ambiente que a pessoa que você ama e não poder ir correndo lhe dar um abraço, beijá-lo ou simplesmente dar um “oi” fere pra caralho. Trabalhar no mesmo lugar que Aiden, ter que ver seu rosto todo dia e fingir que nem nos conhecemos está sendo a coisa mais difícil a qual já fui submetida. Sério. Eu não fazia ideia do que era sofrer por uma pessoa até dar um fim no que eu tinha com Aiden, que nem chegou a ser algo oficializado ou duradouro.

Esqueçam as vezes que eu disse que o término com Hawking foi dolorido. Eu não sabia o que estava falando.

Dois dias atrás eu contei a Thomas o que aconteceu. Ele chorou, me xingou e me culpou por ter tirado dele a única coisa que estava o deixando alegre nesse caos todo que estava a sua vida. Eu não sabia se ria ou se me debulhava em tristeza. Acabei optando pelo primeiro. Minha cabeça estava doendo e acho que nem existia mais lágrimas a serem derramadas.

Depois do mini-surto, Thomas se acalmou e compreendeu a situação pela minha visão. Assim como Lizandra, ele pediu para eu repensar sobre tudo, mas sempre aconselhando, acima de qualquer coisa, que eu deveria prezar pela minha felicidade, independente se fosse ao lado do Aiden ou não. Eles estão falando tanto isso, pedindo para que eu pense mais, pense

melhor, pense com mais calma, que reservei o fim de semana inteiro nessa intenção.

E sempre chego à mesma conclusão.

Meu lugar é com Aiden.

O problema é que ainda estou muito chateada e nada pronta para lhe dar outra chance.

Prendo meu cabelo em um rabo de cavalo, enquanto preparo meu quinto café do dia, para me ajudar a enfrentar a preguiça e estudar todas as matérias acumuladas da faculdade. Já pensei tanto na possibilidade de trancar o curso só esse ano que a ideia me parece bem tentadora nesse momento.

Não me entenda mal, eu amo enfermagem, amo o que escolhi fazer, mas que saco! O que dá na cabeça dos professores na hora de passar tantas atividades?

Escuto a cafeteira apitar. Deixo o livro de lado, pego a mesma caneca que utilizei nas outras cinco vezes e despejo o café fumegante dentro dela. Estou me dirigindo ao meu quarto novamente quando ouço a campainha soar.

Franzo o cenho, estranhando. Não costumo receber visitas que não seja do meu irmão, que está na casa dos nossos avós paternos em outra cidade uma hora dessas, e praticamente ninguém, além dele, sabe meu endereço. Coloco o livro e a caneca na mesinha de centro, ajeito meu cabelo e me dirijo à porta. Um olho mágico faria tão bem agora.

Limpo a garganta, um tanto nervosa — a ansiedade que adquiri quando pequena dando leves sinais —, e giro a maçaneta, minhas mãos pegajosas.

Não há ninguém.

Um arrepio gelado sobe à minha espinha e meus pelos se eriçam.

Olho para os lados, porém não há ninguém além de um casal de velhinhos saindo de seu apartamento.

Estou quase fechando a porta quando ouço um miado arrastado.

Minha visão voa para baixo, de onde vem o som.

Eu ofego, levando as mãos à boca, quando me deparo com um gatinho pequeno dentro de uma cesta, envolto de um laço frouxo para não machucá-lo, como se fosse um presente.

Tudo ao meu redor embasa e eu sinto a primeira lágrima derramada ao me agachar ao seu lado, levando os dedos tremidos para a sua pelagem. Ele mia mais alto. Temendo que alguém apareça, pego a cesta, levanto e fecho a porta.

Com a luz irradiando da janela, agora posso ver com clareza. Ele não deve ter mais que cinco meses. Assim que levanta a cabecinha, olhando ao redor, noto que ele não possui um olho. Sua penugem é alaranjada e a textura dela mostra que ele está bem tratado. Pego-o no colo, com toda a cautela, e o viro para cima. Além de estar com a barriguinha cheia, se trata de um macho.

Não chore, não chore, não chore.

Disse Faith Mackenzie fazendo exatamente o contrário.

Eu coloco o gato no chão, já que parece tão sedento para explorar a sua casa nova. Tiro a fita vermelha que o envolve e me atento à cesta que ele veio. Há uma embalagem de ração pequena e brinquedos próprios para o bichano.

Além de um papelzinho, que mesmo de longe eu reconheço a caligrafia.

É claro que seria ele. Quem mais infringiria as regras do condomínio para me ver feliz?

Com o coração a mil por hora, apanho o bilhete, me recostando no sofá para começar a ler. Enxugo meus olhos, pois do jeito que estou não conseguirei enxergar nada, e de soslaio vejo o gatinho farejando o sofá.

Um pequeno sorriso repuxa minha boca.

Ah, Aiden...

Inspirando fundo, começo a ler.

"Essa é a primeira vez que faço isso — escrevo um bilhete, digo —, então me perdoe se eu não souber me expressar direito. No primeiro dia que eu fui para a sua casa, cozinhei para você e dormi ao seu lado, você me confessou que se sentia sozinha. Eu perguntei a razão do seu irmão não morar com você, você explicou seus motivos, entendi todos, mas logo depois disse algo que, bem, ficou marcado em mim — como todas as outras coisas que diz, aliás. Você confessou seu desejo de ter um gatinho, mas que nunca havia tomado uma providência quanto a isso por causa das regras do condomínio e o medo de não ser uma boa mãe de gatos. Eu ignorei completamente essa última parte, porque não faz o menor sentido, e me concentrei em fazer seu pedido se tornar realidade. Síndicos carrascos nunca me deram medo, muito menos regras idiotas, então eu passei por cima dessas duas coisas, disposto

a arrancar esse sentimento de você. Em partes porque eu estaria aí, contigo, e não

permitiria mais que pensasse assim, mas a última semana não correu exatamente do jeito que eu estava planejando. No mesmo dia em que brigamos, eu saí do cartório com Lance e encontrei esse bicho próximo aos escombros de uma construção que estava em andamento. Na mesma hora, você e seu sorriso me vieram à mente, e eu não hesitei nenhum segundo antes de pedir licença para o meu irmão e resgatá-lo. Digo de antemão que

não foi fácil. Mesmo magrinho, pequeno e cheio de feridas, ele corria como ninguém, e eu posso ter tropeçado uma ou duas vezes no processo e ter sido obrigado a pegá-lo debaixo de um caminhão — por isso a roupa cheia de terra. Bem, não importa, o esforço valeu a pena. Logo em seguida eu o levei para o veterinário e descobri que ele iria passar um tempo lá para tratar dos ferimentos do corpo e do olhinho, que, como você viu, foi retirado. Além de cuidar da desnutrição, é claro. Os médicos foram muito competentes e cuidaram do gato como se fosse filho deles. Agora ele está mais gordinho e as feridas estão sarando. Entretanto, para mantê-lo assim, um enfermeiro me recomendou comprar essa ração, que é própria para gatinhos que passaram recentemente por uma cirurgia e estão em tratamento. Certo, creio que não há mais o que contar além de dizer que ele acabou de sair do veterinário, tomou um banho e veio todo arrumado para a real dona.

Espero que tenha gostado e que essa sensação suma por completo. Queria estar aí, com você, presenciado seu rosto cheio de lágrimas e o sorrisão estampado nele.

Ah! E não se preocupe com o síndico. Não há nada nesse mundo que uma boa quantia em dinheiro não possa comprar. Menos a vontade descomunal de te abraçar agora e implorar pelo seu perdão.

Eu te amo, princesa. E se antes eu tinha medo de confessar isso, hoje eu quero gritar aos quatro cantos do mundo.

ps: esse gato veio miando o caminho inteiro e só se aquietou quando o deixei na sua porta. Acho que não via a hora de se livrar de mim.”

Abraço a carta contra o meu peito enquanto choro copiosamente. O bichano deve ter percebido algo errado, pois veio até mim e agora está esfregando a cabeça na minha coxa, como se soubesse que algo está errado.

Eu o pego no colo, abraçando-o com cuidado, estrangulada de tanta saudade, tanto amor, tanta vontade de voltar para os braços dele.

— Seu pai é um i-idiota — soluço, beijando suas patinhas. — M-mas é o melhor homem que eu já c-conheci.

Ele mia, como se me entendesse e concordasse.

— Que saudade d-dele — sussurro, acariciando sua cabeça e ouvindo-o ronronar. — Deus do céu, que saudade...

O felino se esfrega em mim e se aconchega no meu pescoço. Dou um risinho choroso, meu peito jorrando de emoção.

— Qual vai ser seu nome, hein? — pondero. — Aiden Bellini é uma boa, hum? Não, não é. Não quero ter que chorar toda vez que for te chamar. Seria tortura — contraponho, pensando em outras opções menos tristes. — Que tal Thomas? Hum, não. Ele se acharia muito se soubesse que coloquei o nome dele em um gato e levaria isso pro sentido literal. Então, deixe-me ver... Ah! — Uma lâmpada se acende acima da minha cabeça. — Edward Cullen, isso. Nada mais justo do que colocar o nome da minha primeira paixonite em você, certo?

Outro miado. Outra confirmação.

— Bem-vindo ao lar, Edward Cullen. — Ergo-o no ar, beijando a pontinha do seu nariz. — Você vai ser o gatinho mais amado do planeta.

41

Aiden Bellini



Conversar com minha mãe é sinônimo de terapia, no sentido mais figurado e literal da expressão.

Antes de conhecer meu pai e ser obrigada a casar-se com ele, Melissa estava no último ano — dos quatro — de psicologia. Em razão dos deveres como primogênita, que desde pequena estava destinada, ela nunca teve a oportunidade de terminar o curso e obter o doutorado da área que tanto sonhava. Depois de virar uma Bellini, minha mãe meio que teve que abrir mão de tudo para servir ao meu pai e ser uma esposa invejável, de modo que todos os seus prazeres enquanto *pessoa* foram tirados dela.

Essa é uma das poucas histórias reveladoras sobre o casamento dos meus pais que eu e Lance sabemos. Ela não gosta de expor a realidade deles como casal e Logan muito menos. É como se, mesmo que estivesse nítido que não há nenhum afeto entre os dois, minha mãe ainda quisesse fazer parecer que eles não são um casal de fachada, infeliz.

De qualquer forma, arranjar um tempo para simplesmente sentar ao seu lado e ouvir o que ela tem a dizer é como ir à praia depois de um dia estressante. Acalma, revigora, e se não fosse pela rotina fatigante que tenho, faria isso mais vezes.

— Nunca imaginei que estaríamos discutindo sobre a sua vida amorosa por livre e espontânea vontade, filho — comenta, juntando os cabelos castanhos para um só lado e pousando as mãos no colo.

Ela tem a voz serena, melodiosa, baixa. Me pergunto se sempre foi assim. Me p se não houve um momento onde sua voz era potente, daquelas que chamavam a atenção de todos pela alegria contida ali.

Me questiono se meu pai e sua família tiraram isso dela.

Comprimo os lábios, sem graça.

— Tenho certeza de que orou muito para isso acontecer.

— Não posso negar. — Sorri. — Estava mesmo ansiosa para o dia que veria esses olhos brilharem por alguém.

— Sem esses papos melosos, mãe. — Dispenso-a com as mãos e ela solta uma risada mais alta dessa vez.

— Na terapia nós devemos deixar todo o nosso escudo fora do consultório e ser transparente com a terapeuta, querido. — Ela se inclina um pouco para frente e sussurra: — Prometo que não vou revelar nada que sair daqui.

Gargalho baixinho. Eu daria o mundo para ela. Daria qualquer coisa para vê-la feliz.

Me endireito na poltrona acolchoada de tom vermelho, daquelas tipicamente encontradas em filmes de realeza — ideia do meu irmão, mas isso não é novidade.

— Promete que não vai me julgar? — questiono, receoso.

— Como eu poderia julgar o que te arranca sorrisos tão lindos, filho?

Dou uma suspirada profunda, assentindo, e endireito a gravata. Nem em instantes como esse eu consigo me livrar das roupas formais, isso porque eu sei que, daqui a pouco, algum trabalho irá surgir.

— Eu... eu estou apaixonado — começo, assistindo-a sorrir como se já soubesse. — Há muito tempo.

— Mesmo? Por quem?

Tomo uma espiralada profunda.

— Pela minha…garçonete. — Umedeço os lábios, odiando ter que me referir a ela assim. — Faith Mackenzie, o nome dela.

— É um nome lindo. Como ela é?

Encrespo a testa.

— Não vai dizer nada?

— Eu disse: É um nome lindo. Como ela é? — devolve, segurando o riso.

Reviro os olhos e sorrio.

— A senhora entendeu...

Ela suspira.

— Realmente não há nada a dizer, Aiden. Estou bem longe de ser o tipo de pessoa que acha que hierarquia social significa alguma coisa. — Cruza as pernas. — Agora me diga o que eu quero saber: como ela é?

Se Lance e eu tivéssemos sido criados apenas pela mulher à minha frente, tenho certeza de que teríamos crescido com uma mentalidade completamente diferente.

— Ela é incrível, mãe. A garota mais linda que eu já vi. — Mordo o interior da bochecha, sentindo meu peito apertar. — Ela tem aqueles

cachinhos que eu adoro enrolar nos dedos, um sorriso que se destoa de tudo quando ela o abre, os olhos mais sinceros e transparentes que já vi. Ela tem uma alma maravilhosa, está sempre pronta a ajudar os outros e é uma ótima amiga. Ouso dizer que tem um coração que não cabe no peito. Gosta de ler e seu livro favorito é “O Pequeno Príncipe”, assiste aqueles filmes de vampiros sempre que está triste ou estressada, dança Bon Jovi comigo e me faz o homem mais feliz do mundo. — Meu rosto arde. — Sou encantado por Faith desde o dia que ela começou a trabalhar conosco. Algo nela me chamou a atenção, me fisgou por completo. E depois que a conheci de verdade... Nossa, mãe, meu mundo virou de ponta a cabeça. Eu não sabia que era tão possível amar alguém como eu a amo, e é um sentimento tão... tão...

— Libertador?

— Isso. Libertador. — Aquiesço. — Amar ela me faz livre. Nunca pensei que esse sentimento pudesse ser assim.

— O amor real nos liberta em vez de aprisionar, Aiden — diz, e sei que ela entende do assunto por viver isso diariamente.

Cruzo as mãos, sentindo-as suadas.

— O problema é que é a primeira vez que eu... a senhora sabe, me relaciono com alguém *sério.* Eu quero que dê certo, mas tenho medo de falhar, de não a tratar como merece. Faith já sofreu muito em namoros antigos e eu não quero ser só mais um. Quero ser diferente. Quero que ela me olhe e veja alguém com quem possa contar, que possa amar sem medo.

Os olhos de Melissa marejam.

— Não estava pronta para isso — comenta, enxugando o canto dos olhos. — Meu filhinho apaixonado.

— Mãe... — Rio. — Para com isso.

— Desculpa! — pede, se recompondo. — Algo duradouro... É isso o que você quer, Aiden?

— Eu quero ficar com ela até estarmos bem velhinhos. Nossa, eu quero tantas coisas com ela, mas tenho medo de estragar tudo no meio do caminho. — *Se é que já não estraguei.* — Não quero presenciar ela indo embora e decidir que não damos certo só por causa de algo que fiz.

Melissa anui, então limpa a garganta e começa:

— Seja o melhor namorado do mundo. Aquele que ela vai contar sobre você para as amigas e elas vão ficar com inveja e chamá-la de mentirosa. — Eu franzo o cenho, lutando para não rir, enquanto ela continua, séria: — Abandone a necessidade de estar sempre certo. Não tente mudar quem ela é, mas isso não significa que você não pode incentivá-la a melhorar. Só não a force para que seja outra pessoa. Faith é quem é, não quem você quer que ela seja. — *E eu a amo desse jeitinho.* — Não desconfie dela nem dê motivos para que desconfie de você. Se Faith te escolheu, faça ela se sentir s*egura. — Porra, que tapa na cara!* — Saiba do que ela gosta ou não, apesar de isso eu já achar que você saiba, mas irei reforçar porque pouca coisa passa mais segurança do que Faith saber que você se importa com ela e com as coisas dela. — *Eu presto atenção em cada mínimo detalhe.* — Você vai errar. Os dois vão. O importante é o que vocês irão fazer *depois* do erro. — *Viu só, Faith? Pelo amor de Deus, me perdoa logo!* — E o mais importante: não é o amor que sustenta o relacionamento, é a forma de amar que sustenta o amor.

Enquanto fala, é como se Melissa tivesse sido transportada para outro lugar. Seu timbre se torna nostálgico e é a primeira vez que vejo suas íris brilharem com tanta intensidade.

— Por que algo me diz que há muito mais do que anos de estudo nessa história? — instigo, curioso para saber o que a deixou tão

emocionada.

Minha mãe abre um sorriso. É pequeno, quase imperceptível, porém de alguma forma consegue ser o mais bonito que ela já deu.

— Houve... houve alguém — revela, mordendo os lábios. — Houve alguém, há muito tempo, que me ensinou tudo o que eu sei sobre o amor. Mais do que a psicologia foi capaz.

Arregalo os olhos.

Isso, sim, me pega de surpresa.

— Mesmo? Quem?

— Aiden... — Ri. — Acho que é um pouco inapropriado falar sobre isso agora.

— O quê? Não, claro que não. Eu quero saber. Me conte tudo.

— Filho, seu pai...

— Não quero saber do meu pai, mãe, quero saber sobre a senhora e o seu... e o seu amor real.

Suas bochechas coram ao fitar as próprias mãos no colo. Há um sorriso dançando nos seus lábios e suas feições estão tomadas de ternura.

— O nome dele era Henry — inicia, e eu até aproximo a poltrona para escutá-la melhor, ouvindo sua risada. — Nos conhecemos aos dezessete anos. Ele era bolsista na escola que eu estudava e eu fiquei responsável por apresentar as dependências do lugar para ele. Mesmo naquela época, as coisas ocorriam de forma bem clichê, então não se surpreenda se eu disser que nossa primeira conversa foi *tão* legal que, com o decorrer dos dias, eu só queria saber mais e mais sobre Henry e ele sobre mim. Foi tão natural, filho, tão... único. Quando pensei que não, estávamos nos beijando debaixo das arquibancadas da escola e matando aula para passarmos mais tempo juntos.

— Me poupe dos detalhes, mãe, por favor — peço e ela sorri. — Mas se ele era bolsista, quer dizer que...

Infelicidade contorna os traços de Melissa antes felizes. Me arrependo imediatamente da pergunta.

— Sua família não possuía dinheiro como as outras da escola, como a *minha,* e era por isso que nós não podíamos nem *sonhar* em ficarmos juntos. — Engole em seco. — Mas, filho... Ele era tudo o que eu sempre quis. Henry não se assemelhava nem um pouco com os garotos que vieram antes dele. Ele era meu fã número um, me apoiava em todas as decisões e me repreendia nas que não eram tão boas assim. Quando eu estava mal, ele sabia antes mesmo que eu precisasse dizer alguma coisa. Ele me abraçava, com aqueles braços enormes, e dizia que estaria sempre, em qualquer circunstância, comigo. Quando contei a situação da minha família, que estava mais próximo o dia que eu seria obrigada a me casar com um completo desconhecido, ele simplesmente virou para mim e disse: “Então eu vou juntar bastante dinheiro pra mostrar a seus pais que eu posso te dar uma vida muito, muito boa! Assim você não vai precisar casar com alguém que não ama, não é?”.

Minha mãe está rindo, mas a primeira lágrima espessa escorre dos seus olhos.

— Ah, Aiden... Como eu queria que fosse fácil assim — sussurra. — Eu sabia que isso nunca aconteceria, que meus pais nunca aceitariam um garoto de classe média para se tornar meu esposo, por isso aproveitei o máximo de tempo que pude ao lado dele. Fizemos todas as coisas de casais possíveis, tudo às escondidas, o que era ao mesmo tempo bom e triste. Eu gostaria de ter tido a oportunidade de andar de mãos dadas com ele em todos os lugares sem medo de nos encontrarem. De beijá-lo na pracinha

sem temer que meus pais nos vissem. De simplesmente... amar sem que houvesse um prazo de validade.

— Mãe...

— O dia chegou no ano de 1980. Tínhamos vinte e dois anos e, a essa altura, toda a inocência de que conseguiríamos ficar juntos havia se acabado por completo. — Respira fundo. — Um ano mais tarde eu estava grávida dele, mas... acabei perdendo após uma briga com seu avô. — Seu tom tremula e meu estômago afunda, sem acreditar no que estou ouvindo. Ela está lutando para não desabar, e isso me destrói. — Eu... eu perguntei, sabe, sobre a possibilidade de me casar com alguém que eu realmente amasse, e seu avô ficou tão possesso que... — faz uma pausa. Não resisto e me levanto, sentando ao seu lado para embalá-la em meu abraço quando seu corpo começa a tremer. — Ele ficou tão possessivo que me bateu. Muito. De alguma forma, ele sabia que aquilo não se tratava de uma mera pergunta, e a ideia de eu me casar com alguém que eu amasse era mais inadmissível do que me casar apenas por dinheiro.

Me faltam palavras. Todas elas estão entaladas na minha garganta e eu não faço ideia do que dizer. Por isso, simplesmente a aperto mais forte, pois noto que minha mãe está precisando disso. Colocar tudo para fora como parece nunca ter feito.

— Eu i-implorei para que ele parasse, f-filho, tanto, tanto. Não porque estava doendo, mas porque tinha uma vida nascendo dentro de mim que não iria resistir àquilo. E-eu e H-henry estávamos tão felizes, mesmo desesperados. Era nosso filhinho — balbucia, apertando minha camisa. — Henry ficou arrasado quando eu contei, mas, m-mesmo assim, ele não me deixou. Eu lembro de ele prometer que ficaria tudo bem, que não era culpa minha, que, seja lá onde nosso anjinho estivesse, ele estava muito feliz de ter tido pelo menos aqueles poucos meses comigo.

— Mãe... Eu sinto tanto — sussurro, compartilhando da sua dor de uma forma surreal.

— No casamento com seu pai... Eu nunca me senti tão infeliz. Eu e Henry tentamos de todas as formas fugir daquilo, mas era impossível. Afinal de contas, eu sou uma mulher, certo? Mulheres no nosso mundo nunca possuem direito de fala. Nunca possuem direito nenhum. Então eu fui obrigada a assistir enquanto todos ditavam o meu destino, desejando desesperadamente cruzar as portas, correr alguns quilômetros e ir atrás do único que me deixava livre para ser quem eu era.

— Ele era um homem incrível — falo, acariciando seus cabelos.

Ela sorri, os lábios vermelhos.

— Aiden... Ele foi o homem mais incrível que conheci. E o mais persistente também, porque mesmo com o meu destino selado, aquele teimoso não desistiu!

— Como assim?

— Pouco antes de eu engravidar de você, ele teve a ideia mais louca da vida dele: fugirmos juntos.

Sou preenchido por tristeza.

O plano não deu certo. Claro que não. Se tivesse dado, minha mãe, aos sessenta e um anos, não continuaria sendo mantida em cativeiro pela família e pelo meu pai.

Se tivesse dado certo, eu a veria feliz com muito mais frequência.

— E... e o que aconteceu? — indago, com muito medo da resposta.

Melissa solta o ar pelo nariz, limpa o rosto e se desvencilha do meu toque, limpando o rosto ao deixar a coluna ereta no sofá.

— Nunca paramos de manter contato, sabe? — admite, meio envergonhada. — Não me orgulho do que eu fazia, estando casada com seu

pai, mas também não me arrependo. Eu estaria mentindo se dissesse que sim. Nós ainda nos encontrávamos escondido a cada duas semanas e Logan nem desconfiava, graças a Deus. Em um desses encontros, Henry me fez essa proposta louca, e eu... Ah, filho! É claro que eu aceitei. Ainda que fosse perigoso, *muito* arriscado, eu queria tentar, pelo menos mais uma vez. Não se desiste do amor tão facilmente assim, sabe? E não estávamos dispostos a desistir um do outro sob qualquer hipótese. — Melissa funga, seus olhos solitários aparecendo novamente. — Mas você deve imaginar que não deu certo.

Assinto, revoltado com a situação por ela. Revoltado com o futuro que ela poderia ter tido e não teve por conta da ganância, da ambição, da busca desenfreada por mais e mais.

— Estava tudo pronto para a fuga, tudo mesmo. Eu já tinha separado minhas malas e minutos antes ele havia me ligado de um celular descartável para avisar que eu já poderia ir ao nosso esconderijo que ele passaria logo lá para me buscar. — Outra pausa, dessa vez mais longa, mais agoniante. — Ele nunca chegou.

O que estou escutando parece irreal demais.

Ele... ele nunca chegou, porra. *O que isso quer dizer?!*

— O que aconteceu? — pergunto baixinho.

Novas lágrimas voltam a cair.

E não preciso de uma resposta verbal para isso.

Abraço-a de novo antes que seu corpo desmorone.

— Esperei lá por horas, Aiden. Horas e horas. Eu liguei para ele inúmeras vezes, mas a ligação só caía na caixa postal. — Um soluço escapa de seus lábios. — Começou a chover, e foi quando eu escutei sons de ambulância vindo de vários lados e alguém gritando que havia ocorrido um acidente a poucos metros com uma vítima. Ah, filho... Eu soube, sem

precisar ir perguntar, que havia sido ele, porque uma parte do meu coração morreu naquele dia. Eu senti. Senti quando minha metade se foi, que o amor da minha vida não poderia mais cumprir todas as promessas que me fez. Que os nossos devaneios onde estaríamos juntos no futuro não passariam de lembranças. As melhores do mundo.

Não me dou conta de que estou chorando até sentir o gosto salgado das lágrimas na minha boca. Intensifico os braços ao redor de seu corpo, trazendo-a para mim, porque, de todas as razões que eu poderia imaginar para ela ser como é hoje, a perda do homem que amava ser a principal delas nunca passou pela minha cabeça.

— Meu Deus, eu sinto tanto, mãe — repito, como se isso pudesse aplacar pelo menos um pouco da dor que ela sente até hoje. — Eu sinto tanto...

— A primeira vez que eu sorri desde que ele se foi, foi quando você já estava com seis meses de vida aqui, na minha barriga. Foi quando eu aprendi a conversar com você. — Ela tenta abrir um sorriso, que sai trêmulo. — Antes disso, minha vida estava vazia, sem sentido. Eu não podia viver meu luto, pois ninguém lá fazia ideia de que o "cara que morreu na Avenida 234" era meu namorado, amante, *amigo.* Eu era obrigada a cumprir o papel de esposa perfeita quando tudo o que eu queria era deitar na minha cama e chorar por tudo o que nunca viveríamos. Eu estava sendo pressionada a deitar com outro homem para gerar herdeiros quando eu repudiava o toque de outra pessoa que não fosse o de Henry.

É incrível como eu os odeio muito mais agora do que antes. Meu pai, meus avós, todos que, de alguma forma, contribuíram para que isso acontecesse. Não entendo como eles podem ser tão desumanos, tão doentes por bens materiais ao ponto de não ligarem para o que, de fato, importa.

— Queria ter tido a oportunidade de conhecê-lo — digo.

— Você iria adorá-lo — divaga. — Nunca conte ao seu pai, por favor! Mas “Aiden” era a principal opção de Henry se nosso filho fosse um menino.

Felicidade genuína me invade.

— É mesmo? — Ela anui. — Henry tinha um ótimo gosto, então.

— Você gosta do seu nome?

— Pra caralho.

Melissa rola os olhos, sorrindo um pouco.

— Eu fico feliz — diz, pegando minhas mãos. — Mas eu não contei essa história toda só para que você soubesse que eu também vivi um “romance proibido” como o seu e da Faith. Eu contei para te dizer que, se tiver que escolher, escolha *ela,* sem pensar duas vezes. — *Isso a senhora não precisa nem pedir.* — Tudo isso aqui — ela meneia as mãos para os móveis de luxo — é passageiro. Amanhã alguém pode dar um golpe na nossa empresa e tudo ruir, e do que vai ter valido tanto sacrifício? Mas um verdadeiro amor... Ah, Aiden, ele nunca se vai. Um amor verdadeiro permanece até depois da morte. Ele permanece sempre com você. Anos se passaram, e eu ainda sinto os abraços de Henry quando estou no meu quarto, sozinha, à noite. Ainda ouço a voz dele na minha mente garantindo que eu não sou difícil de ser amada, que tudo isso vai passar, que ele sempre, independente de qualquer situação, irá me amar.

Pela primeira vez desde que começou a contar, Melissa levanta o rosto para o meu, segura meus dedos nos seus e continua:

— Você não sabe o que faria por mais cinco minutos com ele. Só mais cinco minutinhos para deixar claro que eu o amava, ainda amo. Por favor, não perca tempo com besteiras no seu relacionamento com Faith. Não hesite em dizer o quanto a ama, o quanto ela está linda hoje. Faça carinho, abrace, aguente os surtos que toda mulher tem, assista àquele

seriado horrendo que ela ama, não durmam brigados e nem deixe o orgulho falar mais alto. O amor é para ser algo leve, não pesado, mas também entendam que nem tudo será flores. Vocês passarão por dificuldades, mas não deixe que a tempestade seja mais forte que vocês. Lembrem-se: são vocês contra o problema, e não um contra o outro.

Reflito sobre cada vírgula de suas palavras sábias. De uma mulher que, um dia, soube o significado de tudo o que está falando.

— A senhora ama o meu pai?

— Amor é sobre conexão e intimidade, filho... — Pondera. — Eu não tenho isso com Logan.

Balanço a cabeça.

— Há uma semana eu fiz uma besteira enorme, e acho que Faith não quer mais... você sabe.

— Ah, ela quer, sim. Tenho certeza. Ela só está muito magoada. Você já mostrou a ela que está arrependido? — Faço que sim. — Então pronto, faça a sua parte como namorado e ela vai saber que você está arrependido. Dê tempo ao tempo. — Minha mãe semicerra os olhos. — A não ser que tenha sido algo muito grave...

— Não! — me apresso em afirmar. — Não, não foi nada *nesse* sentido de grave.

— Hum, eu espero. Eu estou te dando todos esses conselhos, moleque, mas se você a magoar de verdade...

— Eu nunca faria isso, mãe. Não sou doido o suficiente. — Beijo o topo da sua cabeça. — Depois dessa conversa, sinto que estou prontíssimo para casar e ter cinco filhos com ela.

Melissa gargalha.

— Pelo amor de Deus, ela não é uma máquina de reprodução.

Faço um bico com os lábios.

— Poxa, eu queria tanto várias crianças correndo pela casa...

— Não quer, não. No momento que você descobrir que o número de relações sexuais de vocês irão descer drasticamente depois do primeiro filho, eu duvido que vá querer outros.

Arregalo os olhos.

— Que horror, esqueça o que eu disse. — Gesticulo com as mãos. Minha mãe ri alto. — Não quero pensar nessa possibilidade.

— Palhaço — resmunga. — Aliás, quando irei conhecê-la?

— Quando nos reconciliamos...

— Hum, espero que seja logo. Não vejo a hora de conhecer o rostinho da pessoa que te deixou na coleira.

Ergo uma sobrancelha.

— Que me deixou em quê?

— Meu Deus, às vezes eu penso que você é mais velho do que eu. — Rola os orbes. — Chorar me deu sono, saia daqui.

— Nossa, a senhora vai se desfazer do seu filho assim?

— Uhum — murmura, esfregando os olhos. — É sério, estou cansada.

— Tá, tá bom. — Me coloco de pé e estalo um beijo na sua testa. — Bons sonhos, mãe.

— Obrigada, filho.

42

Aiden Bellini



Lance entra afoito no escritório, sem ao menos bater na porta, e eu não tenho oportunidade de perguntar o que diabos está acontecendo antes que as palavras despejem para fora de sua boca.

— Estamos fodidos, porra.

Meu irmão está nervoso, e ele nunca fica nervoso. Isso é suficiente para enrijecer meus músculos e eriçar os pelos da minha nuca em mau presságio.

— O que aconteceu, Lance? — inquiro, o timbre tenso.

Ele começa a andar de um lado para o outro da sala, passando as mãos no cabelo, o que me deixa mais preocupado. A última vez que o vi assim foi há dez anos, quando Logan ameaçou bloquear seus cartões de crédito se ele continuasse gastando com mulher. Mas depois de adulto? Cacete, eu não quero nem imaginar o que aconteceu.

— O-o nosso pai... — Resfolega, parando, e volta os olhos aflitos para os meus. — Você soube da reunião que ele organizou de última hora?

Arqueio uma sobrancelha.

— Reunião? Não... Não fiquei sabendo de nada — murmuro, abrindo minha pasta e procurando a folha que eu sempre anoto todos os meus compromissos, em busca de algo que mencione uma reunião na segunda-feira de manhã. — Não fui notificado de nada.

— Puta merda — balbucia, arrastando a mão pelo rosto.

— Porra, você está me assustando!

Ele balança a cabeça, resmungando xingamentos ininteligíveis.

— Logan organizou uma reunião de última hora com praticamente todos os sócios, incluindo eu, para adicionar uma nova cláusula ao contrato da Bellini&Co — diz, umedecendo os lábios. — E...

— O que diz essa nova cláusula, Lance? — interrompo, perguntando provavelmente o que ele já ia falar, mas estou incrédulo e desacreditado o suficiente para pensar antes de dizer.

Lance suspira.

Eu não acredito que ele fez o que eu acho que fez. Não quero acreditar nisso.

— Estamos terminantemente proibidos de nos relacionarmos amorosamente entre si, com direito a destituição do cargo se infringirmos a lei — revela. — Foram vinte e cinco votos a favor e cinco contra, ou seja, sua presença lá não iria fazer a mínima diferença, deve ser por isso que...

— *Ele não fez isso.*

— ... Logan não te comunicou. E, sim, ele fez.

Esmurro a mesa com força, sobressaltando Lance. Apoderado de uma fúria descomunal que há tempos eu não sinto, repito os gestos anteriores do meu irmão, perambulando de um lado para o outro da sala como se isso fosse me impedir de cometer a merda de uma besteira.

— *Porra* — esbravejo, levantando de uma vez da cadeira. — Ele não podia fazer isso sem me comunicar, caralho!

— Não, ele não podia, mas você sabe que “escrúpulos” não combina com o nosso pai.

— Aquele filho da puta. — Ranjo os dentes. — Ele contou o motivo de ter tomado essa decisão?

— Sua justificativa foi que estava ocorrendo muitos escândalos de garçons se envolvendo com cozinheiras casadas, falta de profissionalismo em ambiente de trabalho, clientes desconfortáveis pela troca de carinho entre eles... — Enumera, debochado. — Mas nós dois sabemos que não foi por causa de nada disso que ele teve essa ideia.

Solto um riso de escárnio.

— É, nós dois sabemos. — Esfrego a barba, fitando-o com desconfiança. Lance estreita as pálpebras. É incrível como nós nos entendemos sem precisarmos dizer nada. — Você votou contra, certo?

— Ai, eu sabia que iria perguntar isso. — Revira os olhos. — Óbvio que votei, idiota. Acha que é o único que gosta de viver uma aventura bem quente no escritório?

Torço o nariz.

— Eu não vivo nenhuma aventura bem quente no escritório, Lance. É meu lugar de trabalho.

— Ah, tá. Sei. Quero só ver quando a Faith te pegar desprevenido aqui dentro — caçoa e eu fuzilo com o olhar. — Falando sério, Aiden... O que você vai fazer? Eu realmente não me importo com isso. Não nutro nenhum tipo de interesse amoroso por alguém aqui e, além do mais, regras foram feitas para serem quebradas. Estou pouco me fodendo de ir contra as ordens dele e *agradeceria* se me chutasse para fora do cargo. Mas você... Nós dois sabemos que o que sente por Faith não é passageiro e que a

opinião de quem não deveria importar possui um peso enorme sobre suas costas.

Cacete, parece que acabei de levar um soco.

— O que acha que eu devo fazer?

— Eu não acho nada, mas seja sincero comigo: você gosta disso, dessa vida? Comandar uma empresa, dormir três horas por dia, passar o dia enfurnado nesse lugar, não ter liberdade para amar a pessoa que *ama* e ser ameaçado só porque escolheu dividir uma vida com alguém que "não faz parte do nosso mundo"? — Faz aspas no ar. — O que deve fazer vai depender das suas respostas.

E elas estão na ponta da língua.

Nunca gostei de nada disso. Nunca apreciei a ideia de seguir uma carreira que não gosto. Nunca fui a favor da imposição deles de me obrigarem a largar o surfe e seguir para uma vida que não me interesso. Nunca me senti bem com a certeza de que eu teria que escolher alguma das filhas mesquinhas dos colegas do meu pai só para crescer, crescer e crescer.

Nesse quesito eu e Lance puxamos a minha mãe. O problema é que ela não teve o direito de escolha.

Eu e ele, por outro lado, temos, e não acho que seja justo deixar a oportunidade escapar pelas minhas mãos.

Pigarreio, me empertigando.

— E... e se eu desistir? — sussurro.

Os olhos de Lance brilham.

— Desistir da sua prisão? — Anuo, constrangido. — Desistir para ir conquistar a porra do mundo?

Eu rio, a região ao redor dos meus olhos pinicando.

— É, porra. Desistir para finalmente ser completo.

— É assim que se fala, filho da puta! — exclama, dando passos largos na minha direção e me puxando para um abraço. Eu retribuo, sem jeito. — Me diz que você não está só divagando sobre essa possibilidade, e sim *certo* sobre ela.

— Você sabe que se eu desistir disso aqui quem vai ocupar o cargo será você, não é, meu sucessor?

— Ah, vai se foder! — Bate nas minhas costas com força, me arrancando uma risada. — Para você ver o quanto eu te amo, ingrato. Aceito até ser essa merda de CEO pra te deixar aproveitar a vida, seu idoso. Sua sorte é que eu irei fazer as minhas regras e dane-se o mundo!

Abro um sorriso contido. Há tantos sentimentos misturados que eu não sei qual predomina.

— Não quero te ver passando pelo que eu passei, Lance.

— Até parece que eu vou virar um bicho do trabalho igual você, Aiden. Adoro minha juventude e pretendo aproveitá-la muito bem.

— Juventude? Com trinta e três anos?

— Calado, idoso.

— Você só é quatro anos mais novo.

— Até que eu comece a ter cabelo branco, posso ser considerado um jovem.

— Sonhar é de graça — debocho. — E eu não tenho cabelo branco.

— Minha bunda que não.

— Não quero falar da sua bunda.

— Que pena, ela é tão linda.

Solto-o na mesma hora e o empurro para longe.

— Eu deveria ter sido mais convincente quando pedi para nossa mãe te doar.

— Como se você conseguisse viver sem mim. — Afasta uma mecha de cabelo que cai na sua testa. — Supera, Aiden. Nós dois sabemos que você me ama.

— Como eu disse, sonhar é de graça. — Dou um longo suspiro. — Então é isso, cara? Eu vou desistir do cargo, você vai assumir...

Lance põe uma mão no coração enquanto a outra se ergue, pedindo que eu pare.

— Tópico extremamente sensível. — Contorce a face em uma careta de dor. — Mas, sim, esse é o plano.

Sento na cadeira novamente, tamborilando os dedos na mesa, pensativo. Pensativo *demais*.

— Promete que não vai colocar fogo nessa lanchonete?

— Só se for com aquela morena gostosa lá embaixo.

— Que morena gostosa? — indago, franzindo o cenho.

— A Lizandra... — Deita a cabeça para o lado. — De quem achou que eu estava falando?

— Hum, de ninguém. — Cruzo os braços. — E a Savannah?

Lance resmunga.

— Acho que ela enjoou de sentar no meu colinho gostoso.

Manifesto uma expressão de nojo.

— Ou o marido dela descobriu essa palhaçada entre vocês.

— Nah, acho que não. Ela continua flertando descaradamente comigo, mas quando chego perto demais... — Ele afrouxa a gravata no pescoço. — Argh, mulheres.

— Estou esperando o dia que você vai aquietar essa sua bunda e virar gente, Lance.

— Pois espere sentado, do jeito que está agora. Não sirvo pra essa coisa de relacionamento, cara. Pode acreditar quando eu digo que nenhuma mulher vai ser capaz de colocar meu coração de joelhos.

— Engraçado, eu também dizia isso.

— Somos bem diferentes, irmão. Você sempre sonhou em ter uma família e eu sempre adorei andar em festas, pegar várias, voltar para casa só no dia seguinte...

Dou um riso anasalado.

— Lance, Lance... Isso está com papo de quem futuramente vai ficar gamadão em alguém.

— “Gamadão”? Desde quando conhece essa palavra? — pergunta. — E pode ir tirando seu cavalinho da chuva, Aiden. No dia que eu me apaixonar por alguém, eu irei mudar meu nome.

Estalo a língua no céu da boca.

— Vamos ver então, Lance. Quero ver quanto tempo você leva para cair nos encantos de alguma mulher.

Gargalhando, ele balança a cabeça.

— Aposto todos os livros da sua estante.

— O caralho.

— Com medo? Isso é papo de quem sabe que vai perder.

— Não, mas só a ideia de te imaginar tocando na minha estante me dá ânsia.

— Te odeio — resmunga, sorrindo, e espirala profundamente. — Então é isso? Você vai falar com nosso pai e se demitir?

Meu peito agita. Há uma fagulha de esperança, lá no fundo, que está me dando coragem para dar continuidade nessa ideia maluca. A esperança de finalmente poder me livrar dessas amarras e viver a vida que eu não tive

durante todo esse tempo que estive aprisionado nos mandos e desmandos da minha família.

— Ele não vai aceitar tão fácil — digo, porque é óbvio.

— Mas ele não pode fazer nada pra te impedir, Aiden. Você é adulto, milionário e independente. O máximo que ele pode fazer é te humilhar com palavras e te persuadir a não fazer isso, mas creio que você já seja grandinho demais para cair nessa.

— Tem razão — balbucio, respirando fundo. — Eu... Porra. Eu vou confrontá-lo e... me livrar dessa cadeira que deixa minha bunda quadrada.

— Que nada, ela continua redondinha. Certeza que a Faith adora apertar.

Não menciono que Faith e eu ainda não chegamos a essa etapa porque não quero ter que explicar os motivos. De certa forma, eu e Lance temos visões diferentes de mundo, e eu não estou a fim de explicar, mais uma vez, o meu para ele.

— Já acabou? Preciso fazer a minha rota lá embaixo para verificar se está tudo em ordem.

— Precisa, né? Sei... — Me lança o olhar de julgamento, porém confirma com a cabeça. — Espero que essa rota culmine em você e Faith namoradinhos de novo!

Ele faz um sinal de força com a mão e sai, batendo a porta.

Eu afundo na cadeira. Finalmente me permito abrir um sorriso leve, esperando que meus próximos dias sigam dessa mesma forma daqui para frente.

Faith Mackenzie

Estou com uma séria vontade de matar seja lá qual foi o arquiteto que teve a brilhantíssima ideia de colocar o único banheiro para funcionários no primeiro andar, porque, se não fosse por isso, eu não seria obrigada a passar pela sala do CEO e correr o risco de cruzar com ele assim que giro o corredor.

Que, no caso, é o que acontece agora.

Estou enxugando as mãos na saia quando a porta da sua sala abre e Aiden, arrumando as lapelas do terno, sai. Por pouco nós não tropeçamos um no outro, mas é a primeira vez que chegamos tão perto desde a nossa briga.

Minha respiração perde o compasso e eu me pergunto se seria uma boa ideia correr agora. O pomo de adão dele se remexe, como se tivesse acabado de engolir em seco. Nenhum de nós se move, como se estivéssemos presos um no outro ou como se esperássemos por algo.

— Hum... — Ele pigarreia. — Oi.

— Oi — sussurro, esfregando o braço. — Tudo bem?

— Nem tudo — responde baixinho, sem tirar os olhos dos meus nem por um segundo. — E com você?

Quero chorar, porque esse não é o tipo de diálogo que teríamos em dias normais. Eu sinto que voltamos à estaca zero, a sermos dois estranhos cheios de lembranças maravilhosas, mas que duraram tão pouco.

— Nem tudo também. — Limpo a garganta, falando mais baixo que os sons dos clientes conversando no térreo, e luto para não deixar as

emoções extravasarem. — I-inclusive... eu recebi o... gatinho. Muito obrigada, eu amei.

— É? — Anuo, querendo enchê-lo de beijos por conta da sua expressão surpresa. Tenho certeza de que ele não esperava os meus agradecimentos. — Fico feliz.

— Sim, hum... — Brinco com as pulseiras no meu pulso. — Você deve ter gasto um dinheirão, né? Quanto foi? Prometo que vou juntar dinheiro e te pa...

— Não quero seu dinheiro, Faith — corta, a voz mansa apesar da fala séria.

— Mas...

— Sem “mas”. Não resgatei aquele gato e te dei esperando algo em troca. Considere como um presente — garante. — Aliás, qual o nome dele?

Passo a língua nos lábios, comprimindo-os em seguida.

— Edward Cullen.

Ele une as sobrancelhas, confuso. Mordo o interior das bochechas para não rir.

— Edward *o quê?*

— Cullen. É o personagem principal de Crepúsculo, meu...

— Filme favorito.

— Não me insulte, Aiden. Ele não é meu filme favorito.

— Não? — Sorri, e juro que só isso é capaz de me desnortear. — Você o assiste o tempo todo.

— Bom, porque... Porque o filme é tão ruim que me distrai dos meus problemas. — Fecho a cara, fazendo um bico emburrado. — Isso não quer dizer que ele seja meu favorito, ok?

Aiden gargalha baixinho. As borboletas arrombam a porta da gaiola que eu as havia trancado e batem asas desenfreadas pelo meu estômago.

Sem pensar, estou rindo também.

— E creio que ter botado o nome do nos... do *seu* gato em homenagem a alguém desse filme não signifique nada, certo?

— O olhinho dele parece com o do Edward! — protesto, sem citar que antes disso eu estava cogitando botar Aiden Bellini, como se eu adorasse me torturar e fosse adepta ao masoquismo.

Não é como se adiantasse alguma coisa. Todos os dias eu choro por causa desse infeliz mesmo.

— Entendo — ironiza, semicerrando os cílios. — Ele está se adaptando bem?

— Está, ainda bem. Pensei que ele fizesse o tipo de gatinho recluso, mas ele é bem arteiro.

— Jura? — Ele sorri de lado. — É reconfortante saber que os maus-tratos não o afetaram completamente.

— Pois é — balbucio. Em dado momento, noto que Aiden guarda as mãos agitadas no bolso, como se controlasse o desejo de me tocar. Isso me ressurge para a realidade. — Eu... eu quase ia esquecendo, mas algumas de suas roupas e objetos ainda estão lá em casa — informo, a contragosto. — Quando vai passar lá para pegar?

Ele não esperava que eu dissesse isso, e, sendo sincera, nem eu. Não estou com vontade de recebê-lo em minha casa só para vê-lo retirando seus produtos de beleza e suas roupas do meu quarto. Porra, não estou a fim *mesmo*. Eu só queria ter coragem para dar um fim logo nessa angústia, me jogar em seus braços e dizer que o amo.

— Ah, claro, eu acabei esquecendo. — Balança a cabeça. — Posso passar lá depois de amanhã. E por falar nisso, suas coisas ainda estão lá em

casa também.

Claro que estão. Meus produtos de cabelos essenciais estão no seu banheiro e estou há duas semanas sem finalizar meus fios por causa disso.

— Você vai estar lá amanhã à noite?

— Provavelmente.

— Ok, posso passar lá depois do expediente.

— Certo. — Aquiesce, nada contente. Assim como eu também não estou nem um pingo animada. — Então... Eu já vou. Fazer a rota de sempre lá embaixo.

Um sorriso minúsculo faz presença em meus lábios ao acenar com a cabeça.

— Boa inspeção, Aiden.

— Obrigado, Faith.

Dessa forma, eu espero que ele desça primeiro para que, depois, eu faça o mesmo caminho, torcendo para que chegue o dia que a gente precise se esconder porque estamos juntos outra vez.

43

Aiden Bellini



— Preparado? — Lance questiona, escorado à porta do meu quarto.

— Nem um pouco. — Suspiro, vestindo o terno. — Só de pensar no que terei que ouvir...

— Você é mais forte do que isso, Aiden. Não deixe ele te afetar assim.

Olho para ele através do espelho, vestido com uma bermuda e camiseta, ambas de cor preta. Os cabelos desgrenhados e a cara inchada de tanto dormir. No fundo, eu sinto inveja. Não lembro da última vez que me permiti vestir roupas casuais e dormir até não sobrar mais uma gota de cansaço no meu corpo. Nem mesmo com Faith. Embora eu tenha dormido como nunca quando estive com ela, a insônia me acompanhou em boa parte do tempo, e enquanto ela adormecia nos meus braços, eu olhava para o teto, emocionalmente exausto.

— Ele nunca mais vai querer olhar na minha cara.

— Não que vá fazer falta.

Rio, concordando, e me viro em sua direção.

— Nossa família vai ficar feliz quando souber que você vai virar CEO.

— Eles que se fodam. Não estou fazendo isso por eles.

Ficando ao lado dele, espalmo a mão em seu ombro.

— Se precisar de alguma ajuda, é só me gritar.

— Acho que eu vou gritar muito — resmunga.

Abro um sorriso.

— Você vai, e estarei pronto para te auxiliar em todas elas.

Seus músculos relaxam.

— Eu sei que sim. Conheço o irmão por quem estou me sacrificando.

Prendo o lábio inferior entre os dentes, emocionado.

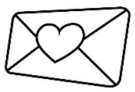
— Eu te amo. Não sei o que seria de mim sem você aqui.

— Eu também te amo, cara. É um prazer ser o seu irmão.

Dou batidinhas fracas nas suas costas, balançando a cabeça, e me despeço. Ele deseja sorte, alegando que irá tacar fogo na empresa se eu der para trás.

Sorrio durante o caminho todo, com as janelas do carro abertas e meu braço apoiado em uma delas, sentindo a brisa forte atingir meu rosto e refrescar minha mente.

Quanto mais próximo eu chego, mais tenho certeza de que o fim da manipulação que faziam contra mim, se aproveitando da obsessão que eu tinha em agradá-los, está chegando.



Eu piso na Bellini&Co e todos automaticamente começam a correr de um lado para o outro, desesperados, prontos para ficarem a postos e se curvarem respeitosamente. Caralho, como eu odeio isso. Como eu odeio ser temido dessa forma.

Antigamente, eu sustentaria a pose de arrogante e daria mais motivos para me temerem, me odiarem, mas agora? Eu não tenho mais nada a perder. Não estou mais à procura de validação. Por isso, pela primeira vez desde que esses funcionários me conhecem, eu abro um sorriso e cumprimento a todos. Alguns — a maioria — não reagem, atônitos. Outros, ficam desconfiados, porém mesmo assim retribuem o sorriso. E ainda, há aquela parcela que simpatizava comigo mesmo na minha versão babaca, que sorriem largo e desejam um bom dia.

Cacete, eu me sinto tão mais pleno agora.

Entro no elevador, aperto o botão do último andar e busco controlar minha ansiedade. Quando as portas se abrem, caminho até o fim do corredor e, de acordo com uma placa enorme e bem clara, há a sala do meu pai, isolada de todas as outras como se ele fosse a merda da estrela.

Bato duas vezes antes de entrar.

Logan levanta os olhos dos papéis em mãos, e assim que me vê, um riso de escárnio destila dos seus lábios ao retirar os óculos e se encostar na cadeira giratória.

— Eu estava mesmo esperando que viesse... — Emite um estalo com a língua. — Seu irmão foi correndo te contar, imagino.

Todo o comportamento controlado que eu estava treinando desde que acordei vai por água abaixo no momento que capto o sarcasmo emanando dos seus gestos.

— O que passou na sua cabeça quando decidiu não me informar daquela merda? — questiono, a cólera controlando cada sílaba.

Ele dá de ombros.

— Eu sabia que seria contra, então não me dei ao trabalho de te incluir. — Gira a caneta que estava segurando entre os dedos. — Sua presença não fez a menor diferença, afinal. Vinte e cinco contra cinco são, de fato, bem discrepantes.

Eu rio, cético.

— Você não poderia ter tomado aquela decisão sem mim, Logan.

— Tanto podia quanto tomei — diz. — Aliás, por que está tão irritado? Qual o motivo de tanta fúria? Veio aqui só para contestar uma cláusula que nem deve afetar tanto a sua vida assim?

— Deixa de ser cínico, porra! Você não criou essa merda sem motivo! — esbravejo, cansado de joguinhos. — Por que fez isso? A troco de quê?

Ele encrespa a testa, estranhando minha reação. Nunca o confrontei antes, sempre aceitei tudo o que ele queria calado. E isso acaba hoje.

Logan cruza as mãos sobre a mesa, deitando a cabeça para o lado em arrogância, seus olhos viajando por toda a extensão do meu rosto.

— Você quer ser sucinto, é isso? — Ele anui, coçando a barba. — Tudo bem, então vamos ser sucintos: eu estava esperando que entendesse quando fui conversar com você, mas percebi que continuou sendo teimoso e arredio às minhas ordens, por isso tive que tomar medidas mais drásticas, certo de que não teria mais escapatória. — Solta o ar pelo nariz. — A questão é que eu descobri sobre seu relacionamentozinho nojento com a garçonete. Faith, não é? — Logan dá risada quando minha mandíbula retesa. — E você sabe que eu nunca iria tolerar isso...

— Quem te contou? — pergunto, a voz carregada de fúria e medo. Não por mim, mas por ela. Medo do que esse filho da puta pode fazer contra Faith.

— Ela não me disse o seu nome, entretanto, era alguém interessada em ferrar com a vida da garota tanto quanto eu sou em te afastar dela. O azar de quem me contou é que não tenho um pingo de interesse em mexer com Faith. — Tamborila os dedos no queixo, sorrindo. — Só com você.

Eu não sei como ainda consigo me surpreender até onde meu pai pode chegar para conseguir o que quer. Já tentei, inúmeras vezes, entender como alguém que me viu nascer, cresceu comigo, é capaz de não possuir um pingo de amor pelo próprio filho. Como ele consegue amar mais a sua carreira do que alguém que tem seu próprio sangue.

— Você me dá nojo, Logan — discorro, enojado.

— Não quero seu amor, Aiden. Quero que siga as minhas ordens.

Eu nego.

— Não irei me separar dela.

Ele pisca, sem entender.

— Como é?

Respiro fundo.

— Pensando melhor, eu te agradeço por ter tido a ideia de criar essa nova cláusula. Finalmente você está me dando uma razão para dar o fora disso aqui. É incrível como não me conhece, Logan, porque deveria saber que eu escolheria Faith antes de tudo — despejo, meu timbre aumentando alguns decibéis conforme vou tirando tudo o que estava guardando há tempos. — Eu *nunca*, me escute bem, *nunca* irei escolher a empresa a ela. Cansei de ser a sua marionete. Cansei de fazer as suas vontades. Se você se importasse um pouquinho comigo e olhasse para as pessoas ao seu redor, em vez do seu próprio umbigo, se daria conta de que *odeio* essa merda. Odeio tudo o que esse cargo me tirou. Já passou da hora de eu viver a minha vida e finalmente eu me dei conta disso.

Ele levanta de uma vez da cadeira, batendo com tudo na mesa de vidro com as duas mãos em punho, os olhos transbordando em uma ira descomunal.

— Você não vai fazer isso, Aiden. Eu te proíbo de fazer uma merda dessas! — ladra, apontando o dedo na minha direção.

Não me deixo abalar.

— Não há nada que possa fazer para me impedir, pai. A decisão já está tomada.

— Tem ideia da desonra que vai causar à sua família, imprestável? Largar tudo pra viver com a garçonete? Que porra você tem nessa sua cabeça?!

— Eu não poderia me importar menos com o escândalo que estou fazendo tomando essa decisão. Você não faz ideia do que eu seria capaz de fazer por Faith.

— Louco, louco, louco, louco — ele repete, mais para si do que para mim. — Eu deveria ter escutado eles antes. Deveria saber que você realmente não era o certo para o cargo, imprestável de merda. Tenho dois filhos que não servem para porra nenhuma. Quanto desgosto!

Obrigo as palavras de Lance a repetirem em *loop* no meu cérebro. Eu não sou o que Logan diz que eu sou. Enquanto CEO, eu fiz o meu melhor, dei tudo de mim, me doei para que aquele lugar crescesse e consegui. Antes de mim, a lanchonete nunca havia recebido tantos clientes, tantos elogios e franquias espalhadas em todos os Estados Unidos e mundo.

Estou orgulhoso de tudo o que realizei sendo seu diretor, e espero que Lance consiga alcançar mais feitos do que eu fui capaz. Que fiquem felizes por ele, como não ficaram comigo.

— Nenhuma de suas palavras irão me fazer mudar de ideia. Eu a amo mais do que a mim mesmo, e se hoje estou tendo coragem para te

confrontar é porque eu tive ela e meu irmão para me apoiarem, já que isso nunca veio de você ou da minha família. — Um gosto amargo se alastra pela minha língua. — Hoje eu enxergo o quanto eu perdi sendo quem vocês queriam que eu fosse, e eu estou me sentindo tão bem me livrando de tudo aquilo... Eu espero que um dia você seja capaz de tirar essa venda dos seus olhos e veja o que realmente importa.

Não dou permissão para que ele continue essa conversa. O aviso está dado, a partir de hoje, aquele lugar não me verá mais como um líder. Viro e caminho até a porta, os seus grunhidos inconformados me acompanhando no trajeto.

— Aiden, porra, volta aqui! — grita, batendo na mesa. — Aiden, volta aqui, seu filho da puta de merda!

Ele permanece jogando suas ofensas e chamando pelo meu nome, porém eu não dou ouvidos. Saio do seu escritório e ando pelo corredor, escutando, ao fundo, algo ser quebrado em seu acesso de raiva. Ainda assim, eu nunca me senti tão realizado e feliz como agora.

É o primeiro passo que dou em direção à minha autossuficiência, e ser um pouquinho ousado nunca foi tão bom.

44

Faith Mackenzie



A lanchonete está um caos.

Clientes, garçons, cozinheiros, auxiliares de limpeza, todos, sem exceção, estão segurando os celulares em mãos, estampando horror em seus semblantes. Há um burburinho intenso que se segue em todos os cômodos da lanchonete, e é nesse momento que eu me odeio por ter viciado a bateria do meu celular e ele ter desligado com trinta e cinco por cento de carga.

Por sorte, há um anjo na minha vida chamado Lizandra, que sai do vestiário com seu Iphone em mãos, vindo até mim. Sorrio igual uma criança por saber que não serei deixada de fora da fofoca.

— Faith, você viu a notícia que acabou de sair no Business News? — indaga, em tom de alarme.

O sorriso some do meu rosto.

— Não, meu celular descarregou... Liz, você está me assustando.

Seus lábios se tornam uma linha fina antes de me entregar o celular e eu pegá-lo rapidamente, diminuindo o brilho da tela.

Meu queixo cai.

“Aiden Bellini, filho de Logan Bellini e conhecido por ser um dos empresários mais novos dos Estados Unidos, renuncia o cargo de Diretor Executivo de um dos estabelecimentos mais renomados do país, a Bellini 's Café.”

Se eu dominasse o meu próprio corpo, teria deixado o celular de Lizandra cair no chão tamanho o baque. Minha garganta está seca e posso ouvir as engrenagens do meu cérebro trabalhando a todo vapor.

— Meu Deus — sussurro, aturdida. — Ele veio hoje?

— Pelo que disseram lá dentro, apenas Lance — informa, pegando o aparelho de volta. — Eu... Eu não faço ideia do que pensar...

— Por que ele fez isso? — inquiro baixinho, perdida nos meus pensamentos.

— Eu não sei, mas estão falando lá dentro que ontem ou anteontem, não sei, uma nova cláusula foi implementada pelo sr. Logan, pai dele.

— Cláusula? — Um ponto de interrogação nasce no meio da minha testa. — Que cláusula?

Lizandra suspira.

— Olha, eu não sei se é verdade, mas... Algo que proíbe relacionamento entre o pessoal da empresa aqui, sabe? *Aquele* tipo de relacionamento.

Como um quebra-cabeça, as peças começam a se encaixar.

— Porra, porra, porra — balbucio, com os olhos em algum ponto do chão enquanto minha mente trabalha. — Você acha que...

— Que ele desistiu... Por isso? — Liz engole em seco. — Puta merda, eu falaria com ele se fosse você.

— Lizandra...

— Não venha com essa, Faith. Há grandes probabilidades dele ter desistido do cargo por sua causa e você ainda está relutando? Tem ideia do que é isso? Pelo amor de Deus, ele te ama!

Suas palavras me acertam como um soco bem dado no meio da minha cara.

Se for o que eu estou pensando, não há mais razões para empurrar com a barriga o óbvio. Duas semanas se passaram, minha raiva se dissipou e eu já tive tempo o suficiente para entender o lado de Aiden e compreender o porquê de ter feito o que fez. Estou postergando a minha felicidade por puro egoísmo, sendo que eu poderia estar nesse exato momento lhe enviando uma mensagem para perguntar como ele está e garantindo que tudo ficará bem.

Nossa, como você é tonta, Faith!

— Vou falar com Lance — aviso ao começar a me afastar. — Me deseje sorte.

— Vai lá, amiga.

Eu giro sobre os calcanhares e subo as escadas correndo. A porta, por estar entreaberta, me permite observar Lance empacotando os pertences do irmão, que não está com ele. Enxugo as mãos suadas na saia e dou batidinhas na madeira, anunciando minha entrada. Lance levanta o olhar, que se ilumina ao perceber que sou eu.

— Oi, Faith. Pode entrar.

Assim faço, deixando a porta encostada, e junto as mãos nervosas à frente do corpo.

— H-hum... Oi, sr. Lance, tudo bem? Eu queria saber sobre...

— Aiden? — Eu faço que sim, aflita. — As notícias correm rápido, não? — Assinto novamente e ele ri. — Ele está em casa, aproveitando seu primeiro dia de folga eterna, depois de eu ter lhe obrigado. Como pode ver, agora sou oficialmente o CEO desse lugar.

Arregalo os olhos, mesmo que essa informação fosse bem lógica.

— Eu dou parabéns ou sinto muito? — brinco, mordendo o cantinho do lábio inferior.

Lance gargalha.

— Os dois, eu acho. Vou ter que abdicar de bastante coisa para fazer isso daqui com excelência, mas estou me sentindo até mais responsável! — Passa a mão nos cabelos, me fitando. — Quer vê-lo?

Desesperadamente.

— Muito, na verdade. Eu fiquei sabendo que ele abdicou porque...

— Pergunte isso a ele, boneca. Essa informação é pessoal demais para ser exposta por mim.

— Sim, claro. — Balanço a cabeça. — Eu entendo completamente e... acho que vou passar lá depois do expediente pra... hum... conversar.

— Não quer ir lá agora?

— O quê?

Ele revira os olhos.

— Não quer passar na casa dele agora? Aiden está em casa e uma conversa assim não pode esperar, se é o que eu estou pensando.

Eu coro.

— Não tem ônibus passando agora...

— Deixa de ser tonta, Faith — exclama, e logo em seguida cobre a boca com as mãos. — Cacete, não fala pro seu irmão que eu te chamei de tonta, ele vai me matar.

Estreito os olhos.

— Vou pensar no seu caso.

— Mas falando sério, eu posso te deixar lá. Vai ser rapidinho.

— Não quero incomodar...

— E não vai. O quanto antes você tirar aquela cara triste do meu irmão, melhor. Ele está insuportavelmente legal comigo esses dias e eu não aguento mais.

Dou risada.

— Ué, isso é um problema?

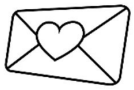
— Sim? — confirma, como se fosse óbvio. — Aiden estar legal significa que ele não está bem, e ele não estar bem significa um Lance muito, muito triste.

Sorrio.

— A relação de vocês é uma graça — pondero, coçando a nuca. — Bem, então eu aceito a carona.

— Você não tinha outra opção, de qualquer forma. — Saca as chaves do bolso e as joga no ar. — Vem, e só saia de lá quando os dois estiverem resolvidos.

— Pode deixar.



Um friozinho na barriga me atinge quando chego na porta enorme de Aiden e encaixo meu polegar no leitor biométrico. Quando estávamos juntos, ele me concedeu a experiência de abrir a porta apenas assim e eu fico feliz que ele não tenha tirado. Espero que isso não seja considerado uma invasão.

Destrancada, eu giro a maçaneta devagar e coloco a cabeça para dentro, só não contava que Aiden estivesse, literalmente, prestes a abrir a madeira junto comigo.

— Puta merda! — ele grita, pulando para trás, e eu me assusto junto. — Puta merda, Faith. Quer me matar de susto?

— Não! — Resfolego, tendo que me escorar no batente para regularizar minha respiração. — Você tinha que aparecer bem agora?!

— Que eu saiba, eu estou na minha casa e a porta estava sendo aberta *do nada*.

— Não foi *do nada* — murmuro.

— É, agora eu sei. — Mergulha as mãos nos fios loiros. — Oi.

Reprimo um sorriso.

— Oi.

— Veio pegar suas coisas?

— Defina “coisas”...

Aiden encrespa o cenho.

— Suas roupas e uns objetos que deixou aqui...

— Hum... — divago. — Na verdade, não. Eu vim pegar algo, mas não isso.

A confusão intensifica o vinco entre suas sobrancelhas.

— Você está bêbada?

— Nem perto disso. Estou muito, muito sóbria... — Passo a língua nos lábios. — Vim conversar com você.

Ele, por fim, parece compreender, pois balança a cabeça e espirala profundamente.

— Viu as notícias?

Anuo.

— Por que fez aquilo?

Aiden esfrega o peito, parecendo sem jeito, e desvia o olhar para outro lugar que não o meu rosto.

— Meu pai criou uma nova cláusula com o intuito de me afastar de você, Faith... Eu não ia deixar isso acontecer.

Meu coração se aquece e todas as minhas barreiras caem por terra nesse exato momento.

— Ele descobriu sobre nós? Como?

— Alguém lhe contou. Uma mulher, na verdade. — Me encara, como se soubesse da resposta. — Acho que nós dois sabemos quem é.

Sloane.

Claro que seria ela.

Eu rio anasalado, balançando a cabeça.

— Não esperava menos, para ser sincera. — Dou um suspiro profundo, levando as íris às suas. — Seu pai... ele não surtou?

— Claro que surtou. — Ri. — Mas eu não me deixei abalar. Estou me sentindo inegavelmente mais leve agora. Nunca gostei dessa vida, de comandar uma empresa, ser sucessor e todas essas merdas, agora eu finalmente achei a oportunidade de sair por completo disso. Se ele achava que eu iria botar o tal do nosso legado acima da mulher que eu amo, ele estava muito enganado.

Meu estômago se agita em conjunto ao meu coração.

“Mulher que eu amo.”

— Ainda não estou acostumado com você dizendo essas coisas — admito, quase inaudível.

— Pois deveria, é a frase que mais saiu da minha boca nessas duas semanas distantes.

Me derreto toda, um sorriso ínfimo contornando meus lábios.

— Eu nunca tive interesse de reatar um relacionamento, então não faço ideia de como faz isso — falo, chegando mais perto dele, rindo da sua cara surpresa. — É sério, Aiden! Como faz isso?!

Se dando conta de que não estou brincando e que isso não é uma miragem, ele limpa a garganta, estremecendo ao sentir a ponta dos meus dedos nos seus braços.

— E-eu também não sei...

Bufo.

— Nossa, somos mesmo péssimos nisso. — Finjo pensar. — Mas, bem, eu posso começar dizendo que eu te amo em níveis absurdos e que essa distância estava me matando, né?

Ele arregala os olhos.

— O que você disse?

Colo o meu corpo ao dele, sorrindo.

— Que eu te amo em níveis absurdos e que essa distância estava me matando. — Coloco a palma acima do seu peito para sentir seu coração acelerado. — Que eu te perdoo pelo que fez e peço perdão por ter sido tão impulsiva. Que eu sou completamente louquinha por você e que não gosto de imaginar uma vida sem tê-lo nela. Que, além de meu homem, você é meu melhor amigo, a melhor pessoa que eu conheço e em quem eu confio tudo de mim.

— Princesa... — chama, a voz embargada.

Lágrimas se acumulam em meus olhos.

— Não quero mais passar um segundo longe de você, meu amor. Sem te beijar, sentir seu cheiro, te abraçar apertado e ouvir a sua voz. — Ergo a mão para acariciar o seu rosto. — Nossa, seu ogro... Só Deus sabe o

quanto eu senti sua falta enquanto uma batalha ocorria dentro de mim. Eu tinha certeza de que te amava o suficiente para perdoar o que fez, mas o outro, o diabinho, insistia em me fazer recuar.

Aiden segura meu pulso e leva minha mão aos seus lábios, beijando a palma carinhosamente. Tremo todinha, morrendo de saudade disso.

— Me perdoa por aquilo, por favor. Eu juro que não fiz por mal e que nada mais do gênero vai acontecer...

— Eu já te perdoei, meu amor. — Fico na ponta dos pés e beijo seu queixo. — Podemos recomeçar? Sem medo, sem mentiras, apenas eu e você.

— Porra, *sim*. É o que eu mais quero. — Sela os lábios na minha testa. — Agora diz aquilo de novo.

— O quê?

— As palavrinhas que começam com E, T e A.

Gargalho, abraçando seu pescoço.

— Eu te amo, grandão.

Aiden suspira.

— Eu te amo mais, princesa.

— Uhum, eu sei, é bem nítido — provoco, cutucando seus gominhos, quando uma névoa lasciva cruza seus orbes azuis. — Agora, por gentileza, podemos pular para aquela parte em que...

Suas mãos fortes em meus cabelos e sua boca poderosa contra a minha quebra a linha de raciocínio de qualquer besteira que eu estava querendo dizer.

Vou de surpresa a gemidos de saudade em questão de segundos, abrindo meus lábios para que sua língua possa se apossar do pouquinho de sanidade que ainda me resta. Eu suspiro em sua boca conforme suas mãos

vagueiam por meu corpo, como se estivesse louco para tocar tudo de uma vez, e eu me agarro em seus ombros quando Aiden me ergue do chão, com minhas pernas rodeando a sua cintura.

Mesmo com dificuldade, eu tateio sua camiseta em busca da barra e puxo-a para cima, interrompendo o beijo por um milésimo de segundo para que ela passe por sua cabeça. Ele arqueja, rouco, o que me deixa ainda mais louca.

— Deveríamos ir mais devagar? — pergunta, a boca a um centímetro da minha.

— Com certeza não. Já esperei demais por isso aqui — respondo, tornando a beijá-lo.

Ele concorda e começa a andar comigo em seu colo, me guiando para o lugar que tenho certeza se tratar de seu quarto. Não estamos enxergando nada além de nós dois nesse beijo incrível, então eu não me surpreendo quando ele tropeça na escada e minhas costas colidem forte contra a parede. De alguma forma, isso torna nosso toque ainda mais selvagem e delicioso.

Seus dedos deslizam pela frente de minha blusa , rasgando-a. Aiden para apenas um momento para me observar, o colo dos seios saltando no sutiã. Ele ergue o olhar, e algo em minha expressão faz ele gemer e puxar meu pescoço, sua língua exigindo mais atenção da minha, ao passo que sua outra mão aperta minha cintura com possessividade. Meus dedos deslizam para cima e se firmam em seu cabelo, inclinando sua cabeça para que eu possa devorá-lo da maneira que eu quero.

Em um movimento surpreendente, ele me puxa de volta e sobe o restante das escadas, abrindo a porta do seu quarto e me jogando na cama. Eu me apoio nos cotovelos enquanto assisto-o retirar a calça, as feições ferinas.

Tudo isso serve como um incentivo para me levar a fazer o mesmo. Deslizo as mãos para o zíper na lateral da minha saia e arrasto para baixo, a peça deslizando por minhas pernas e uma minúscula calcinha de renda preta sendo revelada.

— Faith... — Seus olhos, brilhando de desejo, caminham até as minhas coxas abertas, mais especificamente para o que está no meio delas. — Você vai me matar antes que eu possa dar continuidade.

Um sorriso lento curva meus lábios.

Até nessas horas ele gosta de uma formalidade.

Me coloco de joelhos, rastejando em direção a ele, e suas pupilas dilatam. Quando o alcanço, me inclino para frente e passo a língua contra a pele firme do seu abdômen, me concentrando no vão entre seus gominhos e no V pecaminoso que possui. Um som excitado escapa dele, e eu não consigo conter a satisfação quando sua mão vai para o meu cabelo e, com um puxão forte, Aiden força minha cabeça para trás enquanto abaixa o rosto e encontra meus lábios novamente.

É áspero, bruto e faminto. Exatamente como eu gosto, porém diferente de tudo o que já experimentei.

— Você me enlouquece, princesa — diz contra meus lábios, me fazendo sorrir enquanto me empurra para baixo, caindo em cima de mim.

Aiden afasta a cueca. Suas mãos descem pelos meus quadris, coxas e joelhos. Ele aprecia tudo como se fosse uma obra de arte. Como se eu fosse a sua musa.

Ele retira meu sutiã enquanto nos beijamos, o que o faz se afastar para admirar uma parte do meu corpo que eu sei que estava bem ansioso para conhecer.

— Meu Deus, Faith — sopra, antes de afundar sua boca em um dos meus mamilos.

Eu gemo, em alto e bom som, para quem quiser ouvir. Aiden passa os melhores minutos saboreando um e, em seguida, vai para o outro. Apertando, lambendo, chupando. Fazendo todo o tipo de coisa que me deixa implorando por mais.

Seus beijos descem, exploram outros lugares, e eu estou lambendo meus lábios em antecipação quando ele começa a puxar minha calcinha para baixo. Seus olhos caem sobre a pele nua quando ele a remove completamente. No segundo que sinto sua respiração me atingir, meus quadris se erguem e puxo seu cabelo, forçando-o a subir no meu corpo.

— Aiden, eu preciso de você dentro de mim agora — digo assim que meus lábios encontram os dele novamente.

Sem discutir, ele empurra dentro de mim em um impulso rápido que me faz separar meus lábios para respirar. Ele move os quadris, e noto que há muito mais do que eu imaginava, porque ele vai cada vez mais fundo, me enchendo mais. Aiden me encara, luxúria, lascívia e paixão transbordando de seus olhos conforme ele mantém o contato visual. Minhas unhas cravam em seus ombros enquanto ele se deleita das minhas expressões de puro prazer, impulsando mais forte. Ele desliza a língua em minha pele, aumentando o fogo dentro de mim.

Quando eu grito e me debato embaixo dele descontroladamente, seu ritmo muda, tornando-se mais urgente. Eu seguro enquanto ele me leva ao clímax de uma maneira que eu não sabia que era possível. Aiden grunhe e eu grito seu nome, abrindo mais as pernas para que ele vá mais fundo.

E então, o ápice de Aiden chega e ele desaba contra o meu corpo, afundando o rosto em meu pescoço, seu coração batendo acelerado contra o meu.

Abraço-o com força, sentindo o líquido viscoso escorrer em nossas pernas, mas estou tão cansada que nem ligo para isso.

— Segundo round? — murmura contra a minha pele, claramente esgotado.

Gargalho.

— Eu não sabia que você era o Super-Homem da vida real, lindo — escarneço e ele belisca minha cintura.

Sorrio, me contorcendo contra ele.

— Me dê só alguns minutos e eu garanto que farei você suplicar por isso o dia inteiro — alega, beijando meu ombro.

Um sorriso feliz curva meus lábios.

— Agora que eu sei como Aiden Bellini é na cama, quero fazer isso o tempo inteiro.

— E na mesa de jantar, sofá, debaixo do chuveiro... Eu sou espetacular em todos os móveis e cômodos.

Rio, socando suas costas.

— Seu prepotente. Agora sai de cima de mim! Você está me esmagando. — Empurro-o para o lado.

— Como você é insuportável, amor, puta que pariu. — Aiden sai de cima de mim a contragosto, deitando ao meu lado.

Dou um sorrisinho.

— Eu fico toda besta quando você me chama assim.

— Como? De insuportável?

— Não, babaca! — Bato no seu peito. — De “amor”.

Ele ri, me puxando para deitar no seu peito.

— Eu também fico todo besta quando me chama assim.

— Como? De “babaca”? — repito sua fala, irônica.

— Exatamente.

Gargalhando, eu o xingo mais algumas vezes e me aconchego no seu calor, passando a perna ao redor da sua cintura.

— Eu te odeio.

— E eu te amo.

Estalo a língua no céu da boca.

— O último romântico.

— Quê?

Bufo, risonha.

— Às vezes eu esqueço que namoro um cara de trinta e seis anos... “O último romântico” é uma gíria da internet que usamos para nos referir a alguém que tem atitudes super... românticas, literalmente.

— E por que chama de último?

— É uma boa pergunta, não faço ideia. — Pondero. — Vou pesquisar depois.

— Por favor, agora eu também fiquei curioso.

Eu viro o corpo totalmente em sua direção, realizando círculos invisíveis no seu peitoral enquanto ele acaricia os fios do meu cabelo, distraído.

— Vai mesmo deixar de ser CEO? — indago, cautelosa.

Aiden libera um suspiro longo.

— Uhum — murmura. — Não quero mais aquilo pra mim.

Pinto um sorriso terno em meus lábios ao assentir.

— Estou orgulhosa de você por ter tomado essa decisão, mas confesso que vou sentir sua falta.

— Vai, é? — Ergue uma sobrancelha. — Pensei que repudiasse a minha presença.

— Ah... Isso faz muito tempo. — Deposito um beijo casto na sua boca. — Vai demorar para eu me acostumar, principalmente porque eu estava adorando dar uma passadinha na sua sala todos os dias...

— Droga, nem me fale. — Roça o nariz na minha testa, beijando o local em seguida. — Quer tomar um banho comigo?

— Ai, graças a Deus! Pensei que não fosse me chamar. — Salto da cama imediatamente, abrindo seu guarda-roupa e pegando uma toalha. — Quero. Agora que você me viu pelada, podemos fazer aquelas breguices de casal no banho! Lavar o cabelo um do outro, ensaboar o corpo...

Aiden ri enquanto se levanta da cama, recebendo a toalha que eu lhe entrego.

— Vou poder finalizar seu cabelo também?

Fico boba.

— Só se tiver muita paciência...

— Eu tenho de sobra, princesa.

— Tudo bem! Eu deixo você fazer. — Puxo-o para o banheiro, mais animada do que nunca. — Posso te dar banho?

Aiden cerra os olhos.

— Faith, entra logo nesse banheiro.

— Por favor!

— Banheiro. Entra — frisa, apontando para o cômodo com o queixo.

Rolando os olhos, eu faço o que ele manda.

— Não vai deixar eu te banhar?

Ele suspira, entrando no box e segurando minha mão.

— Não é como se eu tivesse opção.

Abro um sorriso enorme, ligando o chuveiro e pegando o sabonete líquido.

— Não, não tem mesmo.

45

Faith Mackenzie



Aiden é insaciável.

Assim como eu.

Já faz duas horas ininterruptas que estamos nesse quarto, testando todos os tipos de posições, desbravando novos lugares e dando curtas pausas para descansar, e eu ainda tenho a coragem de seduzi-lo, pedindo por mais quando ele ameaça se afastar. Estamos fisicamente exauridos, mas nem os nossos pulmões implorando por ar são suficientes para nos parar.

Isso, quer dizer, até Aiden desabar na cama e dar um fim indeterminado em nossos rounds por, no mínimo, duas semanas. Com uma risada cansada, me jogo ao seu lado, suada e grudenta, os cabelos colando na minha testa e pescoço.

— Chega — ele diz, sem ar.

— Isso, chega — concordo, com dificuldade para fazer as palavras saírem. — Guloso — acuso.

Ele dá uma risada fraca.

— Não posso negar, mas não lembro de ter sido eu a pedir por “mais” sempre que terminávamos.

Bom, Aiden tem um ponto.

— *Shiu*, calado. Você tinha a opção de recusar.

— Até parece que eu vou perder a oportunidade de desfrutar desse seu corpinho — provoca, beijando minha mandíbula. — Agora é sério, Faith. Vamos tomar banho, pela maldita quarta vez, e descansar, tudo bem?

Mordisco os lábios.

— Fica difícil prometer esse tipo de coisa se você sussurra todo autoritário desse jeito no meu ouvido — ronrono, passando a mão no seu braço.

— Faith... — Ele ri, se contendo. — Para com isso.

— Eu adoro te ver tentando se controlar — digo, tirando o lençol do nosso corpo e fincando os pés no chão, saindo da cama. — Tudo bem, lá vamos nós de novo.

— E a culpa é toda sua.

Dou de ombros.

— Não é como se fosse um sacrifício. — De pé, eu me inclino um pouquinho sobre ele, colocando as mãos nos seus ombros. — Os cabelos molhados, esse corpo brilhando...

— Se está tentando me seduzir, sinto informar, mas não está dando certo.

Sorrindo, meus olhos voam para o meu mais fiel companheiro muito bem acordado lá embaixo. Eu gargalho quando Aiden segue meu olhar e bufa.

— Desisto, porra.

— Acho que alguém aí está viciado na minha sentada.

— Dois, na verdade, mas um sabe esconder melhor que o outro — resmunga.

— Se esse “um” for você, sinto informar que também não está conseguindo esconder muito bem.

Aiden bufa, porém longe de estar chateado, levanta, pega uma toalha e a põe no ombro, estendendo a mão para que eu a segure como o perfeito cavalheiro que é.

— O que eu posso fazer se minha namorada é linda e gostosa pra caralho?

Me contenho para não rir feito uma abobalhada.

— Namorada, é?

— Ainda resta dúvidas?

— Tsc, de jeito nenhum... É ótimo que eu possa finalmente me referir a você assim.

Ele entrelaça nossos dedos, anuindo.

— Prometo que farei melhor no pedido de casamento.

Meu coração erra uma batida.

— Casamento? — sussurro, afetada.

Aiden franze o cenho, escrutinando cada pedacinho do meu rosto.

— Por que o choque, meu amor? Não é óbvio que eu quero te fazer minha esposa? — Ele arregala os olhos. — Ou... Ou você não quer se cas...

— O quê? Não! É claro que eu quero — interrompo de imediato e ele suspira de alívio. — Meu Deus, sempre foi um dos meus maiores sonhos me casar, formar uma família, ter vários filhinhos — percebo que as íris de Aiden faíscam quando cito a palavra “filhinhos” —, só que... todos os caras que namorei... e-eles, como eu posso dizer... não me viam como esposa, sabe? Quando eu mencionava o assunto, Hawking, por exemplo, ou

ignorava ou dizia que era melhor namorarmos eternamente porque surtaria em viver no mesmo ambiente que eu para sempre. — Eu rio, contudo, quando percebo, a mágoa do passado toma conta da minha fala, tornando-a mais chorosa do que deveria. — Então... eu comecei a achar que ninguém veria um futuro comigo, sabe? É bobo, só...

Aiden pousa um dedo sobre meus lábios, me calando da maneira mais doce possível.

— Nenhum desses caras tem noção da mulher incrível que perderam, da vida espetacular que teriam se tivessem você com eles — diz, sem tirar os olhos dos meus. — Mas, sendo sincero, eu acho que nenhum desses relacionamentos deram certo porque você já estava destinada a ser minha, princesa, e eu prometo, que mesmo sendo falho pra cacete, vou te tratar como merece e nunca te fazer duvidar do quanto eu sou louco por você. É uma promessa, Faith.

Chorando, eu levo as duas mãos para o seu rosto, beijando cada uma de suas bochechas.

— Você me tem por inteira, Aiden — digo, afagando a maçã do seu rosto. — Meu corpo, minha alma, meu coração. Tudo aqui é seu.

— E você me tem por inteiro, há mais tempo do imagina. — Se inclina em direção ao meu toque. — Lembra quando eu te chamei na sala porque, supostamente, haviam reclamado da sua “interação amorosa” com um cara que, mais tarde, descobri ser seu irmão?

— Hum... Eu lembro. — Dou risada. — Thomas e eu rimos até hoje dessa história.

— Pois é. — Suas bochechas ficam vermelhas. — Ninguém reclamou de vocês coisa nenhuma. Eu que fiquei cheio de ciúmes daquilo — balbucia, envergonhado.

Eu paro o que estava fazendo, explodindo em gargalhadas, após passar alguns segundos perplexa. Lágrimas começam a escorrer dos meus olhos e eu não consigo evitar, ainda mais quando Aiden me fita contrariado, com seu orgulho ferido.

— É sério? — Minha barriga começar a doer. — Eu não... eu não acredito!

— Acredite — resmunga. — Me amaldiçoei por, sei lá, um mês inteiro depois de descobrir aquilo.

— Amor, mas nós somos quase gêmeos! Como você confundiu?

— Os ciúmes deixam a gente cego, beleza? E você estava sorrindo, toda feliz com ele... Não consegui evitar.

Parando de rir, pois eu compreendo esse sentimento de sentir que nunca seremos suficientes para alguém, eu rodeio seu pescoço com os braços e espalho beijinhos no seu rosto.

— Agora todos os meus sorrisos mais lindos são destinados a você. — E, para provar, abro um sorriso largo. — Não precisa mais ficar com ciúmes porque não há nada e nem ninguém capaz de me afastar de você.

— Não sabe quanto tempo eu esperei para ouvir isso — cicia. — Eu te amo tanto.

— Eu também te amo. — Puxo seu lábio inferior entre os dois, arfando. — Aliás, estou morrendo de fome. Depois de tomarmos banho, você topa fazer aquelas suas comidas deliciosas?

— Com prazer — responde. — E por falar em comidas deliciosas *e* saudáveis, o que andou comendo na minha ausência?

— Hum... — Dou um sorriso amarelo. — Você não vai querer saber.

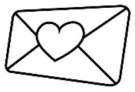
Aiden esfrega as têmporas, como se estivesse lidando com uma garota de dez anos que não sabe se alimentar de forma saudável e dar valor

às coisas calóricas e que os nutricionistas vivem alertando sobre os perigos.

— E lá vai eu ter que te ensinar de novo sobre uma boa base alimentar para viver, no mínimo, uns oitenta anos na terra.

Gargalho, puxando-o para o banheiro enquanto ele faz mil reclamações diferentes sobre a minha teimosia e a falta de senso da maioria da população de se deixarem levar por essas propagandas “mortais”, como ele diz, e não ligam para uma boa alimentação.

Eu finjo não estar gostando, mas a verdade é que eu o escutaria reclamando e se mostrando preocupado com a minha saúde o dia inteiro.



Vestindo nada além de uma camiseta de Aiden, que vai até os joelhos, eu o assisto cozinhar legumes, verduras e umas gororobas estranhas no fogo, trajando nada mais do que uma cueca e deixando sua bunda redondinha e perfeita à minha disposição para apertar e desferir uns tapas de vez em quando.

Aiden ameaça me matar sempre que faço isso, mas eu sei que o sorrisinho que nasce no seu semblante deixa claro como ele está feliz de estarmos assim, tão íntimos.

— Na próxima vez que fizer isso eu vou te chutar para fora — ameaça, apontando a colher de madeira na minha direção.

— Há poucos minutos, na sua cama, você estava fazendo o mesmo comigo e eu não lembro de ter reclamado! — protesto, cruzando os braços.

Ele fica em silêncio, estreitando os olhos.

Eu sorrio, prepotente.

Faith 1.000 x 0 Aiden.

— Vai se ferrar — murmura, por fim, voltando a mexer na panela.

Rio, abraçando seu corpo.

— Não estou te incomodando mesmo, estou?

— Não, só quero ser chato.

— Então quer dizer que eu posso continuar? — questiono, descendo minhas mãos travessas pela base da sua coluna.

Aiden dá risada.

— Qual é da sua obsessão com a minha bunda, Faith?

— Ela é linda e durinha! — argumento, apertando uma de suas nádegas. — Acho que estou viciada.

— Você é louca.

— E você me ama justamente por isso.

Ele sorri, virando o rosto só para me dar um beijo rápido e cheio de carinho.

— Por esse e muitos outros motivos, na verdade.

— Eu sei que sim. — Encosto a cabeça em seu braço. — Está perto de terminar?

— Um pouco. Com fome?

— Muita — afirmo. — Eu comi bastante agora pouco, mas, sabe como é, minha barriga é um buraco sem fundo...

Aiden morde o cantinho dos lábios, luxurioso.

— Ainda não está satisfeita, linda?

— Nem um pouco.

— Droga, acho que podemos resolver isso?

Sim, sim, sim, sim!

Coloco os cabelos para o lado, escorregando minhas mãos inocentemente para as minhas coxas.

— Eu acho, sim. — Me encosto na bancada e dou impulso para sentar em cima dela, afastando minhas pernas, de modo que o que há entre elas fique bem exposto. — Por favor?

Um gemido gutural escapa de sua garganta ao largar a colher, abaixar o fogo, e ficar entre minhas coxas.

— Cacete, Mackenzie... Pedindo assim...

Eu vejo estrelas quando sua boca encontra minha intimidade pulsante e sua língua faz mágica ao me penetrar. No entanto, o momento não dura muito, porque enquanto estou gemendo e gritando seu nome, com os dedos em seus cabelos para impedi-lo de sair, a campainha toca, reverberando em toda a mansão.

Se esse lugar não tiver isolamento acústico, me considere uma mulher morta.

— Puta merda! — chio, pulando da bancada. — Aiden, por Deus! Por que não me avisou que alguém viria?!

Desnorteado, ele passa a mão no cabelo, se perguntando quem é e o que diabos essa pessoa queria nos atrapalhando.

— Porque eu não sabia, merda! — Ele vai até a porta e olha através do olho mágico, xingando mil nomes diferentes. — É a minha mãe.

Me desespero, colocando as mãos nos rostos.

— Quais são as chances da sua mãe ter ouvido o que aconteceu aqui?! — grito, histérica.

Ele sorri, embora esteja tão preocupado quanto.

— Bom, pelo barulho...

— *Filho, sou eu!* — A voz da sua mãe soa do outro lado.

Quero chorar de vergonha.

— Ai, merda. Eu vou te matar, Aiden.

— O que eu fiz? — pergunta, indignado.

— Eu não sei! — Me obrigo a respirar fundo, tentando me acalmar. — Sua mãe... ela é legal?

— A melhor do mundo.

— Ela sabe sobre mim?

— Sabe.

— Ela aprova?

— Com tudo dentro dela.

É o bastante para o nervosismo ir embora da minha mente e apenas o constrangimento permanecer. Paro de tremer tanto e caminho em direção ao quarto de Aiden, a fim de me vestir adequadamente e trazer ao menos uma calça para ele.

Voltando para a sala, com um blusão de Aiden e a minha saia, num *look* bem bizarro, eu lhe entrego uma bermuda e uma camiseta, pois seria bem vergonhoso se sua mãe testemunhasse os chupões de diferentes tons, formatos e tamanhos no seu dorso.

— Não é possível que alguém fique linda até vestindo esse tipo de roupa — diz, indicando minha saia, ao passo que reprime um sorriso.

— Ah, vai se foder, quadro do Pablo Picasso.

Aiden gargalha com o apelido, mirando o próprio corpo.

— Era para ser uma ofensa? Porque, na verdade, eu adorei essa obra de arte que fez aqui.

Revirando os olhos, espero-o se vestir e me preparo psicologicamente para conhecer sua mãe. Espero que minha aparência acabada não denuncie que eu estava fazendo coisas +18 até pouco tempo atrás.

— Pronta? — questiona ao terminar.

— Não — sou sincera.

— Ela já te ama antes de te conhecer. Fica tranquila, meu amor. — Aiden passa por mim e beija minha testa. — Não há ser vivente neste mundo que não seja capaz de te amar.

Forço um sorriso, querendo mesmo acreditar em suas palavras.

— Certo, pode abrir a porta.

Fazendo o que peço, ele põe sua digital no leitor biométrico e a porta destrava. Sem esperar que se abra por completo, sua mãe solta alguma reclamação sobre a demora e entra, abraçando seu filho. Ela ainda não me viu, pois está muito sorridente, o que acho que vai mudar drasticamente quando me olhar e...

Ela me olha.

Minha garganta trava violentamente, de um jeito que não passa nem saliva. Melissa, se não me engano, me encara de cima a baixo, e por mais que não haja nada de julgador em suas feições — pelo contrário, há um belo sorriso — eu sou do time de que ela está falando mal de mim horrores na cabeça dela.

— Mãe, essa é a minha namorada, Faith — Aiden me apresenta, vindo para o meu lado e segurando a minha mão. — Amor, essa é a minha mãe, Melissa Bellini.

— P-prazer — gaguejo, curvando a cabeça em sinal de respeito.

— O prazer é todo meu, querida — diz, e eu sou surpreendida quando, em passadas largas, ela me alcança e passa os braços ao redor do meu corpo em um abraço acolhedor. — Como você está? Tudo bem? Nossa, que garota linda, Aiden! — elogia, espalmando meu rosto. Fico vermelha. — Você parece uma princesa.

— Obrigada — sussurro, sem jeito, porém indiscutivelmente mais relaxada. — A senhora também é linda, a cara do seu filho.

— Muita gente diz que ele se parece mais com o pai, mas eu discordo! Aiden é a minha cara mesmo. — Sorri, enganchando o braço no meu. — Meu amor por você agora triplicou de tamanho só por ter reconhecido isso.

Libero uma risada, acompanhando os lábios de Aiden se projetarem em um: “eu disse”, antes de plantar um beijo casto em nossas cabeças e retornar para a cozinha.

Me deixando sozinha com sua mãe.

Que traíra!

— O que meu filho está fazendo? — pergunta, sentando no sofá, e eu, como uma boa nora, a acompanho.

— Ele não disse, mas algo que envolve muitos legumes e verduras.

— Aiden e sua alimentação riquíssima de proteínas. — Ela ri. — Ele está te obrigando a comer, não está?

— Está. — Sorrio. — Mas eu não me incomodo. Aiden é um cozinheiro tão bom que eu às vezes me esqueço que estou comendo planta.

Melissa gargalha, aquiescendo, e eu a acompanho, me libertando das travas. Não há nada em sua fisionomia que denuncie que escutou a baixaria de alguns minutos ou que me leve a acreditar que ela me odeia, então vou dar um fim nessas paranoias sem sentido e cativar a minha sogra para que não tenhamos problemas no futuro.

— Ele puxou isso de mim. Quando mais nova, adorava fazer comidas saudáveis e frisar a importância delas. Depois de velha, no entanto, eu larguei de mão. Como tudo o que vejo pela frente e não ligo se estou com uns dez anos de vida a menos. — Ri. — Aiden, porém... Não vai largar isso tão cedo.

— Eu gosto, faz dele alguém mais único do que já é. Não são muitas pessoas que eu conheço que ligam tanto para a saúde assim.

Ela concorda.

— Meu menino é especial. Os dois são — fala. — Lance, meu caçula, é arteiro desde criança, o alívio cômico da casa, e só de pensar que ele vai virar um CEO ocupado que vai me visitar de vez em nunca, dá vontade de chorar.

Conforto-a, segurando sua mão.

— Não fique assim, tenho certeza de que Lance não deixará o trabalho ocupar o tempo que seria da família. Só conversamos uma ou duas vezes, mas dá para ver que ele é bem ligado ao irmão e que valoriza muito o que tem. Com certeza não é diferente com a senhora.

Melissa mostra um sorriso sereno, cobrindo minha mão com a sua.

— Vejo que também é uma menina muito preciosa, Faith.

— Ah... — Meu rosto arde. — Só estou sendo aquilo que meus pais desejavam que eu fosse.

Ela nota os verbos conjugados no passado, pois seu cenho franze e tristeza nubla suas íris.

— Eles...

— Morreram em um acidente de carro há dez anos. — Engulo em seco.

— Menina... — sussurra, me puxando para um abraço. — Eu sinto muito.

— Não precisa, faz muito tempo.

— Mas não quer dizer que doa menos. Eu já perdi duas pessoas que eu amava muito, e sei que a dor, embora aprendamos a suportar, não desaparece.

Quero perguntar quem são, mas não seria respeitoso e eu não quero invadir sua privacidade assim. Por isso, somente balanço a cabeça.

— A senhora tem razão, porém tenho a impressão de que, quanto mais o tempo, apenas as memórias boas sobram. Sabe, em vez de chorar pela perda deles, hoje eu sorrio com alguma lembrança boa. Torna tudo mais leve.

Ela bate as pestanas, como se nunca houvesse pensado por esse lado.

— Você tem razão, querida. — Sorri. — Nossa, e em pensar que eu passei mais tempo me martirizando do que qualquer outra coisa.

— Bom, ainda há tempo de mudar essa realidade. — Cutuco-a de leve. — Tenho certeza de que a senhora deve ter muitas lembranças boas com essas duas pessoas.

Melissa sorri. É um sorriso fraco, triste, nostálgico. Seus olhos brilham pelas lágrimas, porém ela não as deixa cair. Limpando o canto de seus olhos, a mãe de Aiden pigarreia e faz que sim.

— Ah, querida... Eu tenho, sim, muitas memórias boas com elas — responde, girando o pescoço para trás na tentativa de fitar o filho. — Já está terminando?!

— Só mais dois minutos — avisa, desligando o fogo e arrumando os pratos, cada verdura, legume e carne posicionados em seu devido lugar, como o verdadeiro perfeccionista que é.

Meu coração não aguenta tanto amor, por Deus!

— E então. — A mulher coloca uma perna em cima da outra. — Como você e meu filho se conheceram?

Um sorriso gigante enfeita minha boca.

Como eu e Aiden fomos do ódio ao amor?

Bem...

Essa é uma história que irei adorar contar para os nossos filhos.

46

Faith Mackenzie



Lizandra não tira os olhos semicerrados de mim desde que entrei pelas portas da lanchonete.

O motivo? Sabe Deus.

— Faith? — ela finalmente me chama, cruzando os braços.

— Hum? — Viro para ela, terminando o laço do avental atrás das minhas costas.

Suas pálpebras se estreitam ainda mais, e ao descer os olhos para o meu pescoço, um sorriso enorme cresce nos seus lábios.

Ai, droga.

— Você e Aiden se resolveram?! — quase grita e eu dou um tapa no seu braço. — Ai!

— Cala a boca, Lizandra! — murmuro entredentes, ficando vermelha. — E, sim, nos resolvemos.

Ela abre um sorriso malicioso.

— Sua pele está perfeita.

— Hum... Obrigada?

— Sabe o que isso significa?

Suspiro.

É claro que eu sei.

Porém antes que uma frase formule na minha boca, Liz já está gritando a plenos pulmões:

— Que você deu o dia todo, sua safada! — Eu arregalo os olhos, olhando para o lado e vendo Stacy, nossa auxiliar de cozinha, me encarando como se eu tivesse cinco cabeças. — Que desgraçada sortuda!

— Pelo amor de Deus. — Belisco sua barriga. — Você ficou doida?! — sussurro-grito.

— Eu? Não. Agora você... — Aponta para o meu pescoço com o queixo. — Tenho certeza de que sim. Agora me fala, como foi? Ele é bom de cama?!

Faço um "O" com a boca, escandalizada, e puxo Lizandra para outro canto. Um onde eu sei que as pessoas não poderão ativar seu modo fofoqueira e prestar atenção em tudo que está sendo dito.

— Acho que você deveria fazer um cursinho de como ser mais discreta, Lizandra — observo.

— Ai, Faith! Não ligo! Eu quero saber como foi ontem.

Nego com a cabeça.

— Não vou te contar essas coisas.

Ela abre a boca, ultrajada.

— *COMO É?!* — exclama. — Eu passei o dia inteiro ontem pensando em te perguntar isso e, quando tenho a oportunidade, você me nega essa informação?!

Estreito os olhos.

— Por que quer tanto saber? Não é como se fosse experimentar um dia.

Não é como se ninguém mais fosse experimentar, aliás.

Os lábios da garota se curvam para o lado.

— Ciumenta. — Emite um estalo com a língua. — Se serve de conforto, não estou nem um pingo interessada no seu homem, eu só quero saber se, sabe... ele está tratando minha amiga como merece na cama e fora dela.

Um sorriso inevitável cresce no meu rosto e é difícil contê-lo. Só de lembrar que Aiden me possuiu em todos os cantos daquela casa, incluindo na cozinha, contra sua estante de livros, na varanda, chão da sala e banheira de hidromassagem, eu quero largar tudo o que estou fazendo só para voltar à sua mansão e explorar os lugares que não fizemos.

Céus, como aquele homem pode ser tão bom em tudo?!

Lizandra deve ter notado as claras feições de prazer que tomam meu rosto, pois abre um sorrisinho.

— Não, depois dessa... Nem precisa você ser mais específica.

Suspiro, buscando retirar os acontecimentos da noite passada da mente. Quero me concentrar e, se continuar pensando nisso, não irei fazer um bom trabalho.

— Ele é ótimo, e me trata com uma rainha fora da cama *e* dentro dela, em todos os sentidos possíveis — respondo seus questionamentos. — Aiden me faz a mulher mais feliz do mundo, e não é de ontem.

— Até imagino a forma que ele te trata como uma rainha — divaga, brincalhona. Minhas bochechas são tomadas por carmesim, porque ela não está nada errada em seu achismo. — Mas, ei?

— Hum?

— Eu estou feliz por você.

Seus olhos brilham ao falar, e algo estranho acontece no meu peito.

— Mesmo?

— Uhum. — Assente. — Eu sei que não nos conhecemos há tanto tempo e que eu meio que entrei de intrusa na sua vida, mas... eu te considero uma amiga, Faith, e fico imensamente feliz quando meus amigos estão felizes. E você... Nossa! Você está transbordando felicidade.

Acho que ninguém, além dos meus pais, Thomas e Aiden disseram isso para mim, nem mesmo Sloane. Em todos esses anos, eu me prendi a amizades tóxicas que não eram exatamente amizades, que me consumiram e me colocaram mais para baixo do que para cima. Eram pessoas que não ficavam felizes pelas minhas conquistas e nem me ajudavam quando eu precisava — sendo que o oposto sempre ocorria. Entretanto, com Lizandra, algo me diz que ela está sendo verdadeira quando diz isso. Depois de conhecer só o lado ruim das pessoas, você aprende a detectar as boas, e talvez isso seja o que está quebrando as muralhas que construí ao redor do meu coração.

Confiar ainda não é fácil, mas acho que posso chamá-la de *amiga.*

— Você não chegou há muito tempo mas já me arrancou mais risadas do que qualquer outra amizade minha, além do mais, me auxiliou como se nos conhecêssemos há anos — declaro, com um sorriso. — Olha, eu acho que já te contei, mas desde o que aconteceu com Sloane eu adquiri um ou outro problema de confiança. Ela era uma amiga em quem eu acreditava muito e, do nada, as coisas desandaram e ela se provou pior que um inimigo. — Pressiono os lábios. — É passado, no entanto, ainda deixou marcas, mas saiba que, mesmo que demore um pouquinho para eu compartilhar tudo o que acontece na minha vida e sempre te manter atualizada de tudo, eu te considero uma amiga também.

O sorriso de Liz é estonteante.

E, quando menos espero, ela passa os braços em volta do meu corpo e me puxa para um abraço.

— Eu estava morrendo de medo de você me odiar depois da nossa primeira interação ter sido eu falando mal do seu namorado — murmura.

Retribuo o gesto, acariciando suas costas, e solto um riso abafado.

— Eu te odiei um pouquinho, na verdade, mas você recompensou depois. — Dou de ombros. — E espero que sua opinião sobre ele tenha mudado, aliás.

— Ah, não se preocupe, mudou, sim. Eu ainda o acho um velho chato e... Ai! — grita quando eu belisco sua cintura com força, rindo. — Tá bom, tá bom! Ele é o ser humano mais gente boa do mundo e eu estou muito feliz que ele esteja te fazendo bem.

Meu coração vibra.

— Ele me faz muito bem, Liz — sussurro, a voz embargada. — Depois de tantos anos sofrendo na mão de homens que pouco se importavam comigo, me traíam quando bem entendiam e achavam brechas para me manipular como se eu fosse uma boneca, eu finalmente encontrei alguém que ama cada pedacinho meu e faz questão de ressaltar sempre que pode. Não apenas com palavras, mas com ações. — Fungo. — Ai, merda! Eu amo aquele idiota.

Lizandra gargalha.

— Já disse a ele?

— Claro, ontem foi o dia em que fomos totalmente sinceros um com o outro, e eu não podia esquecer de falar o que mais clama aqui, dentro de mim.

— Meu Deus, como são melosos — reclama, se desvencilhando do abraço. — Odeio vocês, tá? Isso não se faz com uma pobre solteira.

Franzo o cenho.

— E o Lorenzo?

— Ah. — Ela gesticula com as mãos. — Nós duas sabíamos que não ia dar em nada, amiga. Sabe, ele vive em festas, é mulherengo, bebe, se droga... Não que eu seja uma santa e nunca tenha feito isso, mas... Ah — sopra. — O excesso dessas coisas estava me fazendo mal, e ele não queria um compromisso sério. Não duvido nada de que, enquanto estava comigo, também estava com mais outras quinze nas baladas que ele ia, e ainda vai, mesmo quando eu pedia para que não fosse.

É impossível não me sentir triste por ela, pois realmente achava que os dois iam dar em algo.

— Poxa, Liz... Que droga — balbucio. — Mas você se *livrou*, ele quem perdeu uma mulher incrível. Tenho certeza de que irá encontrar alguém que te ame.

— Ah, que nada. — Passa a mão nos cabelos longos e pretos. — Estou começando a duvidar dessa história de amor, príncipe encantado e essas baboseiras. Inclusive, tenho sério medo do tipo de psicóloga que serei. O que eu vou dizer quando alguém vier reclamando que o namorado a traiu ou...

— “Acontece, a fila anda”, “Seja três vezes pior e pegue o amigo dele”, “Por que tá chorando por alguém que não te merece, perturbada?”. — Imito sua voz, sarcástica, e uma risada contagiante escapa dos lábios de Lizandra. — Te imagino dizendo coisas do gênero.

Ela balança a cabeça, ainda rindo.

— Não é mentira, mas eu vou ser demitida na primeira semana se isso acontecer — fala, colocando as mãos na boca. — Cacete, eu tenho que

parar de ser assim.

— Pede ajuda ao Freud.

Lizandra contorce a cara em repulsa, estremecendo.

— *Argh*, aquele velho asqueroso.

Rio mais ainda.

— Por que escolheu o curso de psicologia então, Liz? — indago, em séria dúvida.

Ela dá de ombros.

— Eu digo essas coisas, mas... no fundo eu gosto disso, entende? Da ideia de poder ajudar as pessoas, oferecer meu conhecimento em prol do bem-estar de alguém. Claro, ainda há muito da Lizandra Collins *jovem* falando por aqui, no entanto, em breve será a Lizandra Collins *psicóloga* discursando. Sério! Ninguém está preparado para o evento que será.

Sorrio do seu entusiasmo.

— Serei sua primeira paciente.

— Por favor! E volte sempre. Quero mostrar aos meus pais que não irei virar uma desempregada porque o que mais tem no mundo são pessoas com probleminhas na cabeça.

Gargalho, sem me aguentar.

— Meu Deus, Lizandra. — Meus olhos enchem d'água e minha barriga dói. — Você é louca.

— Verdade, eu sou, e é por isso que marquei com um terapeuta na próxima semana porque não dá pra ajudar os outros se não estou conseguindo ajudar nem a mim mesma e me identificando com todos os problemas que os professores dizem em aula. — Dá uma suspirada profunda. — Enfim, o dever nos chama!

Não deixo de notar que há muito mais em Lizandra do que sua máscara de felicidade o tempo inteiro permite mostrar. Ela é humana, afinal, há problemas como todos nós, mas eu me pergunto se não há algo mais acontecendo dentro dela.

Bem, agora somos amigas, não somos? Uma hora ou outra iremos desabafar sobre tudo aquilo que nos aflige e ser o suporte uma da outra.

— Liz? — chamo.

Ela se vira.

— Meu nome.

Mostro um sorriso pequeno.

— Você sabe que pode contar comigo, né? Para tudo.

Seu semblante se suaviza.

— Eu sei, Faith. — Anui. — E você? Sabe que pode contar comigo para tudo, né?

Umedeço os lábios com a língua e aquiesço, sem sentir nenhuma pontada de apreensão.

— Eu sei, Liz. — Sorrio. — Eu sei.

47

Aiden Bellini



5 meses depois

Estou cogitando se seria uma boa ideia sumir com esse gato e evitar que ele faça mais estragos na minha casa. A partir do dia que chegou, eu não sei mais o que é um sofá impecavelmente arrumado e um chão livre de cacos de vidro.

Quando Faith veio morar comigo, há três meses, eu já devia ter imaginado que o filhote de satanás viria junto, mas eu estava contando com a ideia de que poderia dar um fim nele sem deixar rastros e distraí-la com um animal mais quieto, tipo, sei lá, uma cacatua. Eu só não imaginava que Faith iria querer dormir com esse bichano todos os dias.

Esse é o preço que eu pago por tentar ser cavalheiro demais e por ter um filho ingrato.

— Desce daí! — grito quando, de um jeito extremamente satânico, ele pula do sofá para o balcão e chega a um milímetro de distância de

derrubar a merda do bolo que preparei para ver se acalmava Faith da TPM.
— Puta merda, eu vou te...

Ele bate o rabo enorme no pedestal que sustenta o bolo, enrolando-o ali, e levando o bolo ao chão quando, em um ato desesperado, tenta se soltar.

O pedestal *e* o bolo se espatifam no chão.

Menos o gato.

Eu. Vou. Matá-lo.

— Eu espero que alguma gata quebre seu coração do mesmo jeito que acaba de fazer com o meu — grunho para ele, que mia de volta, entendendo a ameaça velada no meu timbre.

Me agacho para arrumar a bagunça que esse desocupado fez, sem antes lhe dar um susto e ser obrigado a prender a risada quando ele pula, sobressaltado, e levanta as patinhas para me arranhar.

Abro a boca para revidar o afronte quando Faith, toda descabelada e com cara de sono, aparece no corredor. O gato vai para ela feito um jato, bagunçando o caralho do tapete que eu tinha acabado de arrumar, e escala seu corpo até alcançar seu colo.

Ela abre um sorriso enorme, fazendo voz dengosa e acariciando sua cabeça.

Dou um riso amargo.

E eu fui bobo de acreditar que todos os seus sorrisos mais lindos seriam só meus, até esse gato endiabrado aparecer.

— Boa tarde, Faith. Dormiu bem? — pergunto, seco.

Ela, sem parar de aninhar a porra do Edward-alguma-coisa, me encara, enrugando a testa.

— Eu fiz alguma coisa?

— Além de dar mais atenção pra esse gato do que pra mim? Não, claro que não. — Termino de limpar a sujeira do chão, colocando tudo dentro de um saco de lixo, e levanto. — Como pode ver, eu fiz um bolo para você, já que estava pedindo tanto, mas essa *coisa* derrubou — acuso, amargo, fitando a bola de pelo laranja claro.

Faith faz um biquinho descontente ao me assistir jogar o lixo fora.

— Não chama ele de "coisa" — repreende. — Ele é apenas uma criança com problemas motores.

— Como é?! — quase grito. — É sério que está defendendo esse... esse...

— "Esse" nada, Aiden. Já passou da hora de aceitar que Edward Cullen Mackenzie Bellini é o seu filho também. — Faith deixa o animal no chão e caminha até mim, vestindo apenas um blusão que a deixa irresistível. — Boa tarde, meu amor — cumprimenta, toda cínica, rodeando meu pescoço com seus braços.

Batalho para não parecer fraco demais com as suas investidas e cruzo os braços.

— Interessante você ter lembrado que eu existo.

— Meu Deus, eu namoro com um dramático. — Descruza meus braços, fazendo força, e se infiltra no meio deles em um abraço. — Você viu o jeitinho que ele veio correndo? Não consegui resistir!

Reviro os olhos tão intensamente que, por um segundo, acho que eles não voltarão mais ao normal.

— Faz favor, Faith...

— Ei, para de me chamar assim — reclama. — Parece que está bravo.

— Mas eu estou.

— Por causa de um animalzinho?

— Porque faz uma semana que você escolheu dormir com ele e não deu a mínima quando eu disse que fiz um bolo pra você.

Ela dá uma gargalhada gostosa, jogando a cabeça para trás, estalando em seguida um beijo demorado próximo à minha boca.

— Homens, tão dramáticos… Perdoa, lindo, eu me distraí com Edward e ainda estou grogue de sono — argumenta, acariciando os fios curtos da minha nuca. — Prometo que vou dormir agarradinha com você de agora em diante. E, aliás, não deu para salvar nenhum pouquinho do bolo? Poxa, eu estava com tanta vontade...

— Tive medo de ter ultrapassado a regra dos cinco segundos e achei melhor não arriscar — falo, descendo as mãos para a sua cintura. — Quer que eu faça outro?

— Não, dá muito trabalho. Sua companhia aqui já é mais do que suficiente.

Afio os olhos.

— Isso é só pra fazer minha raiva passar?

— Eu sei que você não consegue ficar com raiva de mim por muito tempo, amor, só estou adiantando o processo...

Cara de pau do caralho, penso. *E linda demais.*

— Sua dor passou? — questiono, dedilhando sua região pélvica com os dedos. Vi em um site que isso ajuda a aliviar a dor da cólica, e é verdade, pois mesmo que não suma totalmente, Faith reclama bem menos do que antigamente, quando começamos a morar juntos e eu não fazia ideia do que fazer.

— Um pouco — confirma. — Quando estou em pé, ela piora. Não estava sentindo quase nada deitada na cama.

Desse modo, eu a guio para o sofá, colocando suas pernas em cima das minhas coxas e massageando seus pés, como eu sei que ela adora.

— Nossa, era exatamente disso que eu estava precisando.

O gato intrometido não pode ver Faith deitada que já quer fazer o mesmo, só que em cima dela, escorado ao seu pescoço, como faz agora. Quase não consigo ver seu rosto, porque o bichano encapetado toma todo o espaço.

Só que, merda... Ao mesmo tempo em que quero esfolá-lo, eu tenho que admitir que ele, junto com a dona, trouxe vida para esse lar. Eu não sei mais o que é passar o dia sem sentir a barriga doer de tanto gargalhar, sendo recepcionado por uma mulher maravilhosa quando chego em casa e um gato mal amado que só esfrega a cabecinha na minha perna quando lhe convém. Não sei mais o que é dormir mal, porque todas as noites a mulher que eu amo acaricia meu cabelo e canta Bon Jovi até pegarmos no sono. Nem lembro mais o que significa *não ter tempo*, porque agora eu e Faith temos o nosso horário sagrado do dia para aproveitarmos a presença um do outro enquanto lemos um livro e debatemos sobre ele. Além dos dias em que visitamos a casa dos meus pais, quando somente minha mãe está, e passamos o dia inteiro com ela.

Nunca mais falei com meu pai, não realmente. Nos cumprimentamos vez ou outra, porém agora que parei de dirigir a Bellini 's Café, ele não precisa mais de mim, portanto... Sem contato. Tirando o fato de ele repudiar cada dia mais meu namoro com Faith e fazer questão de destilar seu ódio em todas as oportunidades, principalmente nos jantares de família — os quais faço questão que Mackenzie não compareça —.

O problema é que eu não me importo. Não mais. Porque horas depois, quando chego em casa, é minha namorada que me recebe de braços abertos e faz questão de saber como foi o meu dia e perguntar até os

mínimos detalhes. Eu não sou nada diferente dela, pois quando pego Faith na faculdade e a vejo passar o dia estudando, quero saber o que aprendeu, quais são as suas dificuldades e como eu poderia ajudá-la.

São meus momentos favoritos do dia, porque junto da explicação da matéria, ela ainda tira um tempinho para contar sobre a nova fofoca que está rolando na universidade e me pede opinião sobre. Ela quase nunca gosta do que eu falo, até porque é a opinião de um cara de trinta e seis anos, não de vinte e um, e divergimos em certos pensamentos. Entretanto, mesmo assim, ela continua me atualizando de tudo, o que me dá liberdade para ser exatamente quem sou ao seu lado.

Talvez seja isso o que eu mais gosto no nosso relacionamento: a facilidade de eu ser quem sou ao seu lado e a naturalidade em que Faith simplesmente é... ela. Porra, foi exatamente por isso que eu pedi antes de sonhar em tê-la.

Eu posso dizer, com toda certeza, que a minha vida nunca mais foi a mesma desde que Faith entrou nela. E eu, que nunca fui um amante do caos, me vejo o amando todos os dias.

— Seu celular está tocando — ela avisa, me arrancando do vórtice de pensamentos. — É seu irmão.

Recebo o celular e olho o visor, estranhando por não se tratar de uma chamada de vídeo — como o desocupado costuma fazer — e, sim, de uma de voz. Olho para Faith, receoso, pois ela também sabe dessa mania irritante do meu irmão. Ela me incentiva a atender logo, curiosa.

Inspirando fundo, atendo.

— Aconteceu alg...

— *Eu vou matar aquele filho da puta do Logan!* — ele brada do outro lado da linha. Pressiono as pálpebras. Cacete, eu sabia que algo estava

errado. — *Caralho, Aiden, eu vou matar ele e toda essa corja que a gente tem a pachorra de chamar de família!*

Ponho a ligação no viva voz a mando de Faith.

— O que aconteceu, Lance?

Ele quebra alguma coisa, de modo que só ouço o barulho do objeto se estilhaçando no chão, e solta um grunhido de ódio alto. Não duvido que ele tenha arrancado vários fios de cabelo e que seu quarto esteja uma zona.

— *Eu estou noivo, porra!* — anuncia, o timbre carregado de tanto ódio que ficaria difícil de reconhecer, para qualquer outra pessoa, que é ele quem está falando. Faith leva as mãos à boca, em completo choque. — *A merda do jantar de oficialização será dado amanhã à noite e eu fiquei sabendo dessa palhaçada hoje de manhã, caralho. Hoje! O que aquele filho da puta tem na cabeça? ME CASAR, PORRA? Eu não quero! Quantas vezes eu tenho que dizer isso até aquele inútil entender?!*

Há algo errado. Eu sei que tem.

Lance não faz o tipo que surtaria por algo assim. Eu o conheço e sei, desde sempre, que casar, para ele, não seria um exato problema. Todas as suas pretendentes conhecidas lhe agradavam muito aos olhos e ele tinha plena consciência de que poderia fazer um acordo com a esposa para permitir que cada um saísse com quem quisesse.

Meu irmão, definitivamente, não estaria quebrando as coisas e com pensamentos homicidas em relação ao nosso pai só porque está sendo obrigado a se casar, visto que isso é algo que estamos esperando desde que entendemos nosso lugar nesse mundo.

Então... Há outra coisa que ele não está me contando.

— Lance... — chamo, olhando para Faith. — Quem é ela?

Uma risada colérica irrompe da sua garganta.

— *A porra da Shaylla Leblanc* — cospe o nome. — *A ruiva maldita que, como se não bastasse ter sido meu inferninho particular durante a vida toda, agora será obrigada a se casar comigo.*

Eu não tenho outra reação além de rir, em completo choque.

Shaylla Leblanc, a sua inimiga de infância e a única capaz de fazer meu irmão perder a sua calmaria e paciência infinita em questão de segundos.

Eles, que sempre arranjaram maneiras de ferrar com a vida um do outro, virarão homem e mulher no papel.

Carma... Você tem mesmo um senso de humor muito impressionante.

Epílogo

Faith Mackenzie



3 anos depois

A vida com Aiden é maravilhosa demais, e eu juro que não estou dizendo isso porque ele me trouxe para conhecer o lugar que sempre idealizei, e sim porque cada dia ao seu lado parece mais como um sonho.

Tipo o de hoje.

Estamos na Turquia, país que, há três anos, eu disse que sonhava em conhecer. Agora, estou realizando esse desejo com o amor da minha vida ao lado.

É maravilhoso. Com certeza um dos lugares mais lindos do mundo. Tenho pena de quem troca uma viagem para a França em vez disso.

Eles não sabem o que estão perdendo.

Seguro as mãos de Aiden, com os dedos entrelaçados, enquanto subimos uma enorme montanha e vemos o mundo daqui de cima. Por Deus, eu nunca vou parar de me encantar com isso.

— Estou apaixonada — sussurro, olhando para o céu em tons de rosa, laranja e amarelo, devido ao entardecer. — O que são aquilo?

Aiden fita na minha direção, encontrando vários pontinhos coloridos, em várias nuances diferentes.

— São balões — responde, mirando o alto da colina. — Olha ali, parece que está acontecendo um Festival de Balonismo.

— Sério?! — Puxo-o para cima, para subirmos mais rápido, até conseguirmos chegar no fluxo intenso de pessoas. Vários balões se preparam para voar, cada um, em sua maioria, com um casal dentro.

— Parece que sim — diz, apertando minha mão. — Quer participar?

— Quê? — Olho-o rapidamente. — Não, Aiden... Se esqueceu de que tenho medo de altura?

— Você sobreviveu a uma viagem de mais de doze horas, princesa — contra-ataca.

— Sim, mas... eu dormi a viagem inteira — resmungo. — Aqui não teria como escapar.

— Amor... — Me puxa pela cintura. — Vamos, por favor? Estarei com você. Não vai acontecer nada.

— Aiden... — Suspiro. — Olha a altura que eles estão! Eu não vou aguentar.

Ele segura meu queixo e ergue meu rosto. É incrível como eu posso encontrar o meu lugar de conforto nesses olhos azuis.

— Eu não vou te deixar cair. Nunca.

— Mas...

— Shhh. — Pousa os dedos nos meus lábios. — Vou segurar a sua mão e contar todas aquelas histórias vergonhosas da minha infância de novo só para te distrair.

— Oferta tentadora — falo, abrindo um sorriso.

Ele se anima.

— Isso é um “sim”?

Rolo os orbes.

— Vai parar de insistir?

— Só se aceitar.

Olho mais uma vez para o céu, os balões, os casais voando, e um arrepio percorre minha espinha. Contudo, prendo minha atenção em Aiden, porque se ele disse que não vai me deixar cair, eu confio plenamente.

— Tá bom. — Ele comemora com um sorriso largo. — Mas se cairmos, é bom que saiba que iremos morrer juntos.

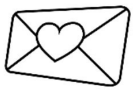
— Antes nós dois juntos do que algum ir primeiro. — Dá de ombros e eu desfiro um soco no seu peito. — Ai!

— Para de falar besteira — ordeno, o puxando para cima antes que eu desista da ideia. — Nossa, eu te odeio por falar essas coisas justo agora.

Ele gargalha alto, correndo para acompanhar o meu ritmo.

Após mais alguns metros, chegamos ao topo da colina, onde vários turistas e moradores estão alugando seus balões e animados com a ideia de ficar a milhões de quilômetros de distância do chão. *Loucos.* — Tá, e o que a gente faz agora?

— Agora a gente espera chegar a nossa vez.



Eu vou morrer.

A náusea me atinge com força e eu sinto que vou cambalear, cambalear, cambalear até meu corpo esbarrar nessa cesta enorme e cair do céu, literalmente.

Tá, talvez eu esteja exagerando. Aiden nunca permitiria que isso acontecesse, visto que estou sendo amparada por seus braços ao redor do meu corpo enquanto nos encontramos a uma altura assustadora.

— Nunca mais caio na sua lábia. — Ofego. — Te odeio.

— Amor, se continuar passando mal, você vai estragar meus planos.

— Que planos? — murmuro, espalmando a testa. — Meu Deus, estou gelada. Será que isso quer dizer que estou prestes a morrer e...

— Você não está gelada nem prestes a morrer, Faith. — Ele ri. — Quanto drama.

— Não é drama! — alego. — Vai, fala. Estragar que planos?

— Agora você quer saber? Pensei que estivesse passando mal.

Acontece que a ansiedade é um bom remédio para me deixar boa rapidinho.

— Você está me estress... Ai, meu Deus — sussurro quando, sustentando meu olhar, ele se agacha sobre um dos joelhos.

Meus ossos se transformam em gelatina.

— Aiden... — Suo frio. — Você não vai fazer isso, eu estou literalmente prestes a ter um ataque cardíaco e...

— É provável que tenha um ataque cardíaco, mas não por causa do que está pensando — retruca, pegando meus dedos suados e trêmulos.

— N-não? — Encontro minha voz. — Por causa de que, então?

Aiden fica ali, se equilibrando em um joelho e os olhos em brasa enquanto me observa, com toda a sua expressão de quem está emocionado demais para formular uma frase e está dando um tempo para se acalmar.

Até parece que quem está passando mal aqui por um motivo duplo não sou eu.

Então, ele abre aquele sorriso de canto que deixa as minhas pernas bambas. A certeza de que esse é o homem com quem quero passar o resto da vida me atinge, porque sei que nenhum outro é capaz de me fazer sentir o que Aiden faz.

— Eu te digo isso todos os dias porque sempre faço questão de lembrar que não há felicidade maior no mundo, para mim, do que acordar e você ser a primeira coisa que eu vejo antes de dormir e ao amanhecer. Em todo o momento, eu tento achar uma razão para Deus ter sido tão bom comigo ao ponto de me conceder os meus desejos mais secretos, me dando uma mulher maravilhosa igual você, mas como nunca acho uma resposta, o que me resta é agradecer e aproveitar todos os segundos que temos juntos. — Ele puxa uma caixinha aveludada do bolso da calça, abrindo-a devagar, revelando aos poucos um anel de diamante, com um aro prateado, combinando com a pulseira que eu e Aiden estamos usando. — Esses três anos de uma vida inteira juntos me mostraram que eu estarei eternamente sintonizado em você, princesa. E que nada, nem ninguém, pode mudar isso.

Pisco várias vezes para desobstruir a visão, e dezenas de lágrimas escorrem pelas minhas bochechas, mas não dou a mínima para enxugá-las. Inspiro e expiro, concentrada no homem à minha frente. No homem que amo com toda a minha alma.

— Por isso, meu amor, se você sentir o mesmo em relação a mim, se deseja passar o resto dos dias ao meu lado...

— Sim.

— ... você aceita... O quê?

— Eu disse “sim”.

— Mas eu não terminei de falar!

— Não me importo, homem! Eu sei que você vai me pedir em casamento e eu quero logo ser a sua noiva. Eu te amo demais, mais do que qualquer mocinha literária amou seus parceiros, e quero viver eternamente ao seu lado. Em você eu encontrei afinidade, ternura, amor, respeito, assim como todas as coisas loucas que eu achei que nunca mais sentiria: o frio na barriga, as borboletas no estômago, os sorrisos bobos que só você arranca e todas essas coisas que me fazem parecer uma adolescente. — Puxo o ar. — Você é a idealização do real significado de se estar apaixonado por alguém, e é por isso que eu não tenho dúvidas de que você é o meu homem. Agradeço todos os dias a Deus por meus relacionamentos passados não terem dado certo, porque eles me trouxeram até você.

Puxo-o suavemente, me estico na pontinha dos pés e entrelaço os dedos em sua nuca.

— E, só para constar, eu quero um casamento luxuoso. Não estou casando com um rico à toa — brinco, descontraída.

Uma gargalhada rompe dos lábios de Aiden. Novas galáxias devem ter explodido em algum lugar conforme ele se curva para me beijar com uma urgência tão violenta que tira meus pés da superfície.

— Porra, eu amo você e prometo que nosso casamento vai ser o evento mais luxuoso do mundo.

— Eu amo você, lindo, e não vejo a hora de ser a de branco — sussurro contra seu lábios, afastando com a pontinha do indicador uma mecha loira que cobre seus olhos tão lindos, mais cintilantes do que jamais vi. — Fui pedida em casamento nas alturas. Já posso me gabar?

— Só depois que eu colocar a aliança no seu dedo.

— Então põe logo! — mando, me desvencilhando do seu abraço e estendendo os dedos.

Aiden sorri, pega minha mão, deposita um beijo suave no meu dorso e, antes que a aliança chegue na metade do meu anelar, ele me olha e pergunta:

— Pronta para ser uma Bellini, princesa?

— Pronta para ser a sua esposa, amor.

Ele abre um sorriso que condiz com a euforia de seus olhos e termina de encaixar a aliança em meu dedo. Acomodando uma das mãos em minha nuca e a outra na minha cintura, ele me puxa para perto e me beija com toda a paixão que queima em seu coração.

Me perco em seus lábios, no seu sabor.

Em breve irei me casar com o homem responsável pelo final feliz que mencionei em minhas orações.

FIM.


SKET
CHES
ANMIN
INSTAGRAM

Agradecimentos

Quero começar isso aqui agradecendo a Deus, por permitir que eu concluísse mais uma obra e por ser tão bom comigo, embora eu não mereça. Ele continua me sustentando dia após dia e todo meu sucesso eu devo a Ele. Eternamente.

Aos meus pais, por me apoiarem.

Ao bookgram, por tornar meus sonhos reais.

À todas as minhas amigas que tiveram participação no tempo em que passei escrevendo este livro: Emilly Keid, Marilene, Luana Oliveira, Ana Clara, Lovely Loser, Vitória Lima, Shay e muitas outras!

Ah! E eu não posso deixar de agradecer à Maria Paula e Danielly Cardoso, por terem sido tão maravilhosas na revisão e leitura crítica de SEV respectivamente. Duas pessoas que simplesmente não quero largar nunca mais!!!!

E meu último agradecimento, mas não menos importante, a vocês, leitores, por terem chegado até aqui e me darem a chance de contar a história de Faith e Aiden. Espero, de coração, que tenham gostado.

Minha DM está aberta para surtos. <3

Amo vocês, e até o meu próximo projeto!

[1] A hiperidrose **é** o **suor** excessivo, mais que o necessário para a função de regular a temperatura, e costuma ser uma condição primária (não o sintoma de outra **doença**) e localizada em algumas partes do corpo.

[2] Uma das comidas típicas mais populares dos Estados Unidos é a carne de panela. Esse cozido de carne bovina geralmente acompanha batata, cenoura e outros legumes.